

ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA

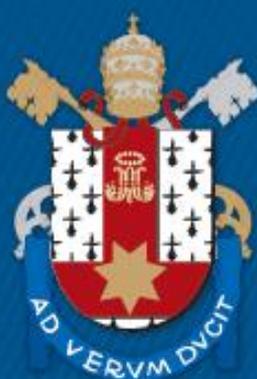
RAIMUNDO CÉZAR VAZ NETO

“DE TECELÃ DE FATO À ‘HORA DO PATO’, EU FIQUEI SEU FÃ”: A
TRAJETÓRIA DE ÂNGELA MARIA, DE CROONER A CANTORA CONSAGRADA
ATRAVÉS DA REVISTA DO RÁDIO

Porto Alegre

2023

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

RAIMUNDO CÉZAR VAZ NETO

**“DE TECELÃ DE FATO À ‘HORA DO PATO’, EU FIQUEI SEU FÃ”: A
TRAJETÓRIA DE ÂNGELA MARIA, DE CROONER A CANTORA CONSAGRADA
ATRAVÉS DA REVISTA DO RÁDIO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, na Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História, na área de concentração de História das Sociedades Ibéricas e Americanas.

Orientador: Prof. Dr. Charles Monteiro

Porto Alegre

2023

RAIMUNDO CÉZAR VAZ NETO

**“DE TECELÃ DE FATO À ‘HORA DO PATO’, EU FIQUEI SEU FÃ”: A
TRAJETÓRIA DE ÂNGELA MARIA, DE CROONER A CANTORA CONSAGRADA
ATRAVÉS DA REVISTA DO RÁDIO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, na Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História, na área de concentração de História das Sociedades Ibéricas e Americanas.

Aprovada em: ____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Charles Monteiro (PUC-RS) - Orientador

Prof.^a Dr.^a Márcia Ramos de Oliveira - UDESC

Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos - UFU

Porto Alegre

2023

Ficha Catalográfica

N469d Neto, Raimundo César Vaz

“De tecelã de fato à ‘Hora do Pato’, eu fiquei seu fã” : A trajetória de Ângela Maria, de crooner a cantora consagrada através da Revista do Rádio / Raimundo César Vaz Neto. – 2023.

217f.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Charles Monteiro.

1. Ângela Maria. 2. Revista do Rádio. 3. Rádio Mayrink Veiga. 4. Rádio Nacional do Rio de Janeiro. I. Monteiro, Charles. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da PUCRS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Bibliotecária responsável: Clarissa Jesinska Selbach CRB-10/2051

AGRADECIMENTOS

Sou muito agradecido pela oportunidade de desenvolver meu trabalho no Programa de Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, por toda celeridade e atenção. Ao meu orientador, professor Charles Monteiro, por tantas conversas, sugestões, e-mails, acreditando, sugerindo novas leituras, pesquisas, modos de fazer e melhorar, sempre.

Paulo, meu amigo/marido e incentivador, por estes quase 08 anos juntos, ouvindo Ângela Maria, Dalva, Carmélia Alves, Helena de Lima e grande elenco, indiretamente.

Dona Tina, minha mãe e Rafael, meu único irmão, meus agradecimentos de sempre. Ele tem uma frase antiga e certa de quando morávamos na mesma casa: “Acho que a única casa no Brasil onde se escuta Babalú e Ângela Maria, antes das 6 horas da manhã, é a nossa”.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em História (PPGH), que entenderam minhas limitações enquanto aluno e minha vontade de permanecer com minha pesquisa, amparado por professores e professoras gentis e atenciosos/as. Professoras Marlise e Mônica; professores Luciano, Hélder, Luis Carlos e Édson, sou grato por tanto aprendizado, pela celeridade nas avaliações, sugestões, sempre com muita delicadeza.

A Capes, pela bolsa necessária nas compras dos livros físicos para minha pesquisa.

A Amanda, pós-doutoranda da PUC/RS, corrigindo meu artigo, conversando, tendo paciência e incentivando através da disciplina do professor Luciano.

Agradecer a nossa secretária do PPGH, Daniela, sempre solícita e eficiente nas minhas dúvidas e regras desconhecidas para um recém-chegado na instituição.

A Noêmia e meu professor de graduação, Eduardo, incentivadores do meu projeto para seleção da PUC/RS.

Embora distantes geograficamente nas nossas aulas remotas do PPGH, aos meus colegas Francisco, Alyssa, Maria, Hagner e Ricardo.

Para os saudosos e saudosas, que foram morar com Deus no tempo de pandemia e barbaridades públicas, vistas e ouvidas. Com a distância, as saudades entre a Bahia, minha terra e o lugar onde moro. Quando agradeço, eu que não sei chorar, choro. Saudade de tudo, vontade de estar na casa de Dona Arlinda, com ela, neste domingo pós-almoço, em que escrevo essas linhas.

“A saudade é o revés de um parto”, disse o compositor...

Não nasci em casa de artistas, mas, invariavelmente, ouvi muitas músicas antigas e marchas, e o interesse pelas vozes femininas no rádio surgiu em 1999, quando vi uma fala de

Ângela Maria dizendo que cantora não era bem-vista, pois seus pais eram contrários a sua carreira musical.

De lá até aqui, com momentos mais intensos e outros nem tanto, me debrucei sobre a carreira dela e de outras cantoras populares do Brasil, esquecidas ou silenciadas. Não sei se faço um bom trabalho, mas seus nomes me causam interesse e suas histórias ampliam minha curiosidade. Vamos tentando, aprendendo, escrevendo.

“Ângela foi, sem dúvida, o fenômeno de popularidade derradeiro da era do rádio”

(Alcir Lenharo, 1995, p. 182).

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo problematizar a trajetória profissional da cantora popular do rádio e brasileira Ângela Maria (1929-2018), tendo como fonte a extinta Revista do Rádio do Rio de Janeiro, entre os anos de 1951 a 1970, consultando o acervo na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Nossa metodologia se baseia nos teóricos da Nova História Cultural, através de pesquisa bibliográfica, situando a imprensa ilustrada no Brasil, para chegarmos à Revista do Rádio e como ela alimentava a curiosidade dos fãs da cantora, além dos shows, viagens, programas de rádio e televisão, insinuando, informando e provocando a trajetória expandida da artista em suas diversas fases. Sobre o repertório, compositores/compositoras, programação de rádio e TV, dialogamos com os historiadores Alcir Lenharo (1995), Lia Calabre (1996; 2002; 2004), Adalberto Paranhos (2005) e Maria Izilda Santos de Matos (1996). Sobre a imprensa brasileira, suas evoluções, heranças, contornos, mudanças e fracassos, construímos paralelos com os estudos de Pâmela Keiti Baena (2016), Marialva Barbosa (2016), Thomaz Souto Corrêa (2013), Newton Dângelo (2013), Doris Fagundes Haussen (2001), Tania Regina de Luca (2008), Ana Paula Goulart Ribeiro (2006), entre outros/as. Nas questões raciais e a forma como a Revista do Rádio falava da cor da pele de Ângela, aproximamos as discussões com Renato Ortiz (1985), Adilson Moreira (2019), Silvio Almeida (2018) e Sueli Carneiro (2011).

Palavras-chave: Ângela Maria; Revista do Rádio; Rádio Mayrink Veiga; Rádio Nacional do Rio de Janeiro.

ABSTRACT

This research aims to problematize the professional trajectory of the popular singer of radio and Brazilian Ângela Maria (1929-2018), having as its source the extinct Revista do Rádio do Rio de Janeiro, between the years 1951 to 1970, consulting the collection in the Digital Library Of the National Library. Our methodology is based on the theorists of the New Cultural History, through bibliographic research, situating the press illustrated in Brazil, to get to Revista do Rádio and how it fueled the curiosity of the singer's fans, in addition to shows, trips, radio programs and television, insinuating, informing and provoking the expanded trajectory of the artist in its various phases. About the repertoire, composers/composers, radio and TV programming, we dialogue with historians Alcir Lenharo (1995), Lia Calabre (1996; 2002; 2004), Adalberto Paranhos (2005) and Maria Izilda Santos de Matos (1996). About the Brazilian press, its evolutions, heritages, contours, changes and failures, we built parallels with the studies of Pâmela Keiti Baena (2016), Marialva Barbosa (2016), Thomaz Souto Corrêa (2013), Newton Dângelo (2013), Doris Fagundes Haussen (2001), Tania Regina de Luca (2008), Ana Paula Goulart Ribeiro (2006), among others. In racial issues and the way Revista do Rádio spoke about the color of Angela's skin, we approached the discussions with Renato Ortiz (1985), Adilson Moreira (2019), Silvio Almeida (2018) and Sueli Carneiro (2011).

Keywords: Angela Maria; Radio Magazine; Radio Mayrink Veiga; National Radio of Rio de Janeiro.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	Layout do 1º capítulo da biografia <i>Tôda Vida de Ângela Maria</i>	61
Figura 2 -	Duas imagens da cantora: uma de 1956 e outra menor, em 13 de maio de 1952	62
Figura 3 -	A cantora com vestido longo	64
Figura 4 -	Ângela ao lado de Francisco Carlos à esquerda e Cauby Peixoto à direita. Na imagem menor, ao lado do apresentador César de Alencar, da Rádio Nacional	66
Figura 5 -	“Ângela já é milionária”	67
Figura 6 -	Coluna <i>Correio dos Fans</i>	70
Figura 7 -	Coluna <i>Mexericos da Candinha</i>	72
Figura 8 -	<i>Mexericos da Candinha</i>	73
Figura 9 -	<i>Bilhete ao leitor</i>	74
Figura 10 -	Ângela sentada em uma das apurações, no canto direito, com a mão no queixo.....	80
Figura 11 -	Ângela, a terceira sentada, da esquerda para a direita. Em cima, as fãs das artistas	81
Figura 12 -	Apuração nominal com votos para as cantoras que concorreram ao concurso de Rainha do Rádio, em 1954	82
Figura 13 -	Momento do anúncio da vitória de Ângela no concurso de Rainha do Rádio, em 1954	83
Figura 14 -	Ângela enxugando as lágrimas no anúncio da sua vitória, ao lado de Carmem Déa	84
Figura 15 -	Entrada de Ângela Maria em sua festa de coroação como Rainha do Rádio, em 1954	85
Figura 16 -	Ângela Maria é coroada por Emilinha Borba como Rainha do Rádio, em 1954	87
Figura 17 -	Visita de Ângela à empresa J. Isnard S/A Comércio e Indústria, em 1954	90
Figura 18 -	Ângela na Rádio Jornal do Comércio, visitando o fã-club de Dea Soares	91
Figura 19 -	Coluna <i>Flagrantes do Rádio</i> , em 1954	92
Figura 20 -	Da esquerda para a direita: o apresentador José Messias; de branco, a fã, Neide e Ângela ao centro	93
Figura 21 -	Ângela no auditório do seu programa na Rádio Mayrink Veiga	94
Figura 22 -	Ângela Maria com o presidente JK no Palácio do Catete, no Rio de Janeiro	96
Figura 23 -	Ângela Maria se apresentando para General Trujillo, ao centro, e seus convidados	98
Figura 24 -	Da esquerda para a direita: Craveiro Lopes, o cantor João Dias e Ângela Maria	100
Figura 25 -	Ângela Maria e César de Alencar	106
Figura 26 -	Da esquerda para a direita: Ângela Maria, Zoelzer Poubel e Emilinha Borba	108
Figura 27 -	Ângela Maria à esquerda, ao lado de Carmen Miranda, no Rio de Janeiro, em 09 de fevereiro de 1955	109

Figura 28 -	Da esquerda para a direita: Isaurinha Garcia, Renato Consorte e Ademilde Fonseca; sentadas, Elizeth Cardoso, Ângela Maria e Elza Laranjeira, na Rádio Record de São Paulo, em 1955	110
Figura 29 -	Ângela aponta uma arma para a cantora Marlene	114
Figura 30 -	Ângela Maria e Carmélia Alves fantasiadas, no carnaval de 1966 ..	115
Figura 31 -	Ângela em seu apartamento no Rio de Janeiro	118
Figura 32 -	Reportagem fotográfica com Ângela	120
Figura 33 -	Ângela Maria entre crianças	121
Figura 34 -	Ângela Maria em sua casa, provando comidas	122
Figura 35 -	Da esquerda para a direita: Elizeth Cardoso, Milton e Ângela Maria	124
Figura 36 -	Ângela Maria e Rodolfo Valentino Aleksitch	127
Figura 37 -	Ângela Maria e Kléber Toledo	132
Figura 38 -	Ângela e seu namorado, Luís Adolfo	134
Figura 39 -	Ângela com Antonio Aguillar e o garoto brasileiro, Antônio Carlos Pereira	158
Figura 40 -	No centro, Dalva de Oliveira, à esquerda, abraça Ângela Maria no Teatro João Caetano	162
Figura 41 -	Dalva de Oliveira, à esquerda, canta com Ângela Maria, na Rádio Mayrink Veiga	163
Figuras 42 e 43 -	Dalva de Oliveira, à esquerda e Ângela Maria, à direita, em reportagem sobre a indiferença das duas	166
Figura 44 -	Da esquerda para a direita: Dalva de Oliveira sendo entrevistada por Dircinha Batista, Ângela Maria e Kléber Lisboa, no baile de carnaval do Clube Sírio Libanês	167
Figura 45 -	Da esquerda para a direita: Dalva, Dircinha e Ângela	169

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Lista das canções do repertório de Ângela Maria em <i>Vamos Cantar</i> , na coluna <i>Discos</i>	140
--	-----

LISTA DE SIGLAS

ABR - Associação Brasileira dos Radialistas

IBOPE - Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística

JK - Juscelino Kubitschek

RR - Revista do Rádio

DIP - Departamento de Imprensa e Propaganda

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	O RÁDIO ANTES DE ÂNGELA MARIA	21
2.1	O PÚBLICO NOS AUDITÓRIOS	30
2.2	A REVISTA DO RÁDIO E SEUS EDITORIAIS	40
2.3	OS ARTISTAS DO RÁDIO E O SURGIMENTO DA TELEVISÃO	51
2.4	A TRAJETÓRIA DE ÂNGELA MARIA NA REVISTA DO RÁDIO	59
3	A CARREIRA MUSICAL DE ÂNGELA MARIA E A PUBLICIZAÇÃO DA VIDA PRIVADA	70
3.1	A RAINHA DO RÁDIO	78
3.2	A ARTISTA E O PODER.....	95
3.3	AS COLUNAS <i>FLAGRANTES</i> E A <i>FOTO DA SEMANA</i>	105
3.4	A VIDA PRIVADA DA CANTORA	116
4	DESDOBRAMENTOS NA CARREIRA DE ÂNGELA MARIA ALÉM DO RÁDIO	137
4.1	A ARTISTA E A VOZ COMO INSPIRAÇÃO	146
4.2	ÂNGELA NO CINEMA	150
4.3	DALVA E/ <i>VERSUS</i> ÂNGELA	161
4.4	O GOLPE MILITAR DE 1964 SOBRE O RÁDIO, OS NOVOS ÍDOLOS E O FIM DA REVISTA DO RÁDIO	170
5	CONCLUSÃO	181
	REFERÊNCIAS	186
	ANEXO 1 - Menção para os discos mais vendidos no repertório de Ângela Maria, na coluna <i>Discos</i>	195
	ANEXO 2 - Repertório e/ou voz com menção para Ângela, em <i>Meus cinco favoritos</i> , na coluna <i>Discos</i>	213
	ANEXOS 3 e 4 - Capturas de tela de uma conversa com Rodrigo Giglio, moderador da página <i>Ângela Maria Oficial</i> no <i>Facebook</i>	216

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa problematiza a trajetória de Ângela Maria, através dos aportes teóricos da Nova História Cultural. Como metodologia da pesquisa, realizamos um levantamento bibliográfico para chegarmos à *Revista do Rádio (RR)* como fonte, através da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. A partir dela, ressaltamos algumas mudanças editoriais desse periódico conservador, com direção de Anselmo Domingos, surgido no Rio de Janeiro em 1948, e que encerrou suas atividades em 1970. Através da *RR*, fizemos um levantamento da trajetória profissional de Ângela Maria em todas as edições de 1951 a 1970, separando por números, datas das publicações, as primeiras notas, passando por reportagens mais importantes, coroações em concursos ou não, capas da *RR*, viagens nacionais e internacionais. Sem nos esquecermos da *RR* dentro de um enquadramento das revistas de consumo, inspirada em *O Cruzeiro*, que, por sinal, inspirou-se na *Life*. A *RR* foi a primeira focalizando estritamente os artistas do rádio, de acordo Thomaz Souto Corrêa (2012).

Ângela Maria foi uma menina pobre, cuja carreira se iniciou nos programas de calouros, na então capital do Rio de Janeiro, ganhando prêmios. Em princípio, contra a vontade da família evangélica avessa à carreira artística da menina. Antes da sua estreia como famosa, as emissoras de rádio eram amadoras nos anos 1930 e 1940, seguido para uma fase de produção própria em crescimento, melhorando sua programação, a exemplo da Rádio Nacional do Rio de Janeiro, uma referência para as demais emissora. Ângela lançou seu primeiro disco de sucesso em 1951, seu primeiro contrato na pioneira Mayrink Veiga do Rio de Janeiro. Como ela era iniciante, os compositores do seu primeiro disco eram desconhecidos, pois os mais consagrados davam suas músicas para Emilinha Borba, Marlene, Linda Batista e Dalva de Oliveira, entre outras. Ângela inspirou-se em Dalva e venceu muitos desses programas de calouros, imitando a veterana.

Nosso problema geral de pesquisa são as representações de Ângela Maria na *RR* e, dessa questão maior, vamos a outros problemas, tais quais: como se encaminhou a contradição entre pertencer a uma família evangélica e se tornar cantora? Quais foram as limitações enfrentadas por uma mulher para seguir esta carreira? Ela foi atrapalhada por maridos ou namorados machistas? Como eram realizados os concursos de Rainha do Rádio e como se deu a vitória de Ângela, em 1954, pouco depois do início da sua carreira? Qual propaganda publicitárias a artista fez na *RR*? Como sua família reagiu quando descobriu ela cantando fora do espaço da igreja? Qual a relação de Ângela com os políticos da época, em quais festas oficiais ela esteve e ao lado de quem foi fotografada? Qual o papel dos fã-clubes na carreira dela e de outras cantoras? Como se deu a convivência e afastamento entre as cantoras Dalva de Oliveira e Ângela Maria?

Parte do título da nossa pesquisa, que está entre aspas, faz menção ao trecho do enredo *Sapoti*, da escola de samba paulistana *Rosas de Ouro*, vencedora com o mesmo tema no carnaval do grupo especial da cidade, em 1994. Nas representações do mundo social e como elas são construídas, dialogamos com Roger Chartier (2002), pensando a manipulação da RR na construção do discurso conservador envolvendo a figura da cantora. Em cada subcapítulo, com seus respectivos temas, nossa cronologia avança e se esgota até os anos finais da década de 1960 ou ao ano de 1970, para depois voltar aos anos iniciais de cada subtema proposto. Fizemos uma revisão de literatura sobre a imprensa ilustrada, RR e os artigos sobre Ângela, além de relações com a biografia da cantora, escrita por Rodrigo Faour (2015).

Nesse percurso, vamos ao pioneirismo de Edgar Roquette Pinto, pensando o rádio para educar as massas, com palestras, seminários e música clássica em sua programação, resgatando a historiadora Regina Horta Duarte (2010), o jornalista e pesquisador Sérgio Cabral (1990), mencionando a baixa audiência da Rádio Sociedade de Roquette. Ainda a partir de Cabral (1990), falaremos de Almirante, do pioneiro *Programa do Casé*, contornando a censura com criatividade, criando histórias para o enredo de uma publicidade.

Na mesma fase dos anos iniciais do rádio e sua solidificação enquanto meio de comunicação, vamos ao ano da criação do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) do governo Getúlio Vargas, em sua fase do Estado Novo (1939-1945), órgão de censura considerado implacável, entretanto não tão imbatível assim, como veremos em historiadores como Lia Calabre (2002), que destaca a falta de funcionários para essa censura em um tempo do rádio ao vivo, e Adalberto Paranhos (2005), ao citar o repertório das canções driblando os censores. Se fosse assim tão refratário com as letras subversivas, em um tempo de gravações não tão fáceis, as canções não teriam saído para as ruas, no período do Estado Novo.

Antes da chegada de Ângela, a Rádio Nacional estava na dianteira da audiência, e assim permaneceu, quando Emilinha Borba era a mulher que mais recebia cartas, fazendo o jogo da imprensa na época, de acordo com o historiador Alcir Lenharo (1995). Neste jogo de preferência, quando Emilinha era a favorita ao concurso de Rainha do Rádio de 1949, promovido pela Associação Brasileira dos Radialistas (ABR), lembraremos a vitória da iniciante Marlene, patrocinada pelo Guaraná Antártica e como a ira dos fãs das duas cantoras foi, e ainda é lembrado por testemunhos dos seus fãs em vídeos e artigos. Não foi a última que o concurso foi vencido por desconhecidas ou que houve patrocinadores por trás da imagem das cantoras.

Nesse meio, surge, em 1948, a RR, dirigida por Anselmo Domingos, insinuando ter correspondentes internacionais para suas assinaturas, um blefe de propaganda para a época.

Calabre (2002) lembrou que a maior parte dos leitores da *RR* estava na classe C, no entanto, em suas memórias, a cantora Marlene disse a Faour (2002), que as patroas também liam a revista, não apenas suas empregadas e isso é citado no periódico através da pesquisa Ibope (Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística), em 1955 e 1959. Dentre os teóricos e pesquisadores para construirmos o perfil, discutimos as características, as ausências, os esquecimentos das colunas e matérias na *RR*, nos baseando nos estudos de Lenharo (1995); Maria Marta Picarelli Avancini (1996); Doris Fagundes Haussen (2001) e Haussen e Bacchi (2001); Ana Maria Mauad (2005); Newton Dângelo (2013), além de outros nomes.

No primeiro capítulo abordamos o rádio brasileiro em seu início, quem o fez e alguns personagens fazendo e aprendendo a fazer esse veículo de comunicação, além do surgimento e fechamento de emissoras. No alcance dos programas de auditório, os preconceitos e a desconstrução daqueles espaços não tão festivos assim, onde ocorriam agressões entre os fãs de Emilinha e de Marlene, além das negligências da Rádio Nacional com a repressão aos fãs. Relembramos as memórias dos fãs daquela época; o contexto da efervescência política do país, durante, depois e no retorno de Getúlio Vargas, até seu suicídio; o levante popular contra os opositores do presidente, como Carlos Lacerda e a Rádio Globo, de acordo com Calabre (2004) e a imprensa no mesmo período, citando a revista ilustrada *O Cruzeiro*.

Além disso, relembramos também, através de Cabral (2009), o mercado fonográfico, antecedendo a chegada de Ângela, os discos e os contornos para tocar em assuntos espinhosos para a publicidade da época. O uso político das imagens feitas pelos chefes de estado da modernidade, no Estado Novo de Vargas, tentando criar de certa forma o cidadão virtuoso, por Baczko (1985). Do samba captado para construir uma unidade nacional, no tempo da política cultural de Vargas, contrapomos Cabral (1996), com Calabre (1996) e Paranhos (2005). A formação do grupo *Revista do Rádio Editora Ltda* e uma breve menção para os demais periódicos lançados por eles, além da *RR*, partindo das premissas de Doris (2001). A TV no Brasil, seus primeiros programas e o governo Juscelino Kubistchek, não como um censor, mas como uma figura moderna, de tom conciliador e capacidade de conviver com intelectuais, além da inauguração da nova capital, Brasília, em 1960, a partir dos estudos de Cedro (2019).

Nesse meio tempo, voltamos aos anos 1940 e seguimos para a próxima década, citando Ângela Maria, Cauby Peixoto e Maysa, nas emissoras, turnês e programas de TV em São Paulo, no Rio, em Minas Gerais, seja apresentando programas próprios ou participando como artistas convidados, além de alguns diretores como Victor Berbara e Maurício Sherman. Para fecharmos o capítulo, mostrando alguns trechos das quatro matérias divulgadas na *RR*, através do *TÔDA VIDA DE ÂNGELA* (Maria), situando a história da sua família por um viés religioso

e cristão, com várias referências à Bíblia e às preces de Albertino Cunha, pai de Ângela, entre o depoente e o jornalista narrador, contando a infância, a pobreza, os maus tratos em casas de terceiros, os programas de calouros e o estrelato predestinado para Ângela, com fotos de sua fase estrela e antes da fama, sendo ela a primeira a figurar nessa série de matérias *TÔDA VIDA*, amplamente divulgada pela RR e, em seguida, anunciando outras artistas e suas vidas nesse tipo de matéria.

Entramos no segundo capítulo discutindo a miscigenação, as questões raciais a partir de Weschenfelder e Silva (2008), avançamos para a interpretação das terminologias utilizadas na RR, abrindo um ligeiro espaço para o *Correio da Manhã* e a revista *O Cruzeiro*, pois em suas notas encontramos termos preconceituosos, como *colored*, *semi-colored*, *pretinha*, *moreninha*, para Ângela e/ou os artistas negros do seu tempo, entre os quais citamos Grande Otelo, Elizeth Cardoso, Léa Garcia. Para problematizar as premissas racistas de Nina Rodrigues, de certa forma endossando esses discursos nas décadas de 1950 e 1960, usamos Weschenfelder e Silva (2008) e Ortiz (1985). Para o “racismo recreativo”, pensamos a democracia racial segregando e acentuando preconceitos contra a população interna, pensando a partir das afirmações de Almeida (2018), Moreira (2019) e Carneiro (2011). Neste capítulo recuperamos algumas canções citando a RR e outras para a coluna mais popular do periódico, os *Mexericos da Candinha*.

Desde a sua eleição como Princesa do Rádio, em 1953, até tornar-se Rainha, em 1954, contamos a movimentação da artista e os meios, os patrocínios e os articuladores homens para a campanha vitoriosa da artista, sem nos esquecermos dela ao lado dos e das fãs. Outro momento importante dessa fase inicial de Ângela foi a volta de Carmen Miranda e o encontro das duas. Os patrocinadores tinham força de decidir e sugerir, veremos com Almirante no capítulo um, e no dois, como a empresa Colírios Moura Brasil exigiu da Mayrink Veiga liberação de Ângela para defender suas músicas no programa *Parada dos Maiores*, na Rádio Nacional, apresentado por César de Alencar, quando as 10 canções mais tocadas da semana eram apresentadas ao vivo.

Os usos e abusos dos namorados, dos maridos de Ângela, além da sua vontade de ser mãe, de uma primeira adoção amadora, com o reaparecimento da mãe biológica da menina, os golpes financeiros, as acusações dos ex-companheiros em quase todos os relacionamentos, com a diferença dela poder recomeçar, diferente das mulheres do seu tempo. Para situar o papel da mulher das classes pobres trabalhando fora de casa, assim como Ângela trabalhou, recorreremos a Izilda (1996), falando das domésticas, cozinheiras. Para não parecer a mulher focalizada apenas nas páginas da RR, recorreremos ao trabalho de Silva (2010) falando da revista *Lady: a*

companheira da mulher, falando de polêmicas como superexposição das artistas de cinema, divórcio, pondo-se como neutra, entretanto dona de um discurso tradicional.

Ao repertório da artista, suas gravações, com elogios e/ou críticas, além do embate com um compositor muito interpretado por ela, Adelino Moreira, em reportagem com ele, para responder o apresentador Flávio Cavalcanti, o qual disse, em reportagem da RR, que das doze músicas do compositor gravadas em um disco por Ângela, nenhuma se aproveitava. Ainda falando do apresentador, menção para sua posterior alfinetada ao verso da canção *Mamãe*, gravação da cantora, para letra de David Nasser e Herivelto Martins. O primeiro respondeu de maneira contundente em outra matéria da RR. Em anexo deste trabalho temos as canções mais vendidas e qual posição a cantora estava; além das menções por outros artistas do rádio e TV, para sua voz ou suas gravações em *Meus cinco favoritos*, onde as pessoas respondiam em qual ordem elas preferiam esse e/ou essa artista, dentre eles, Ângela. No texto do trabalho, uma pequena menção para algumas letras inteiras do repertório da cantora naquele momento, na coluna *Vamos Cantar*, depois, mais um periódico do grupo Revista do Rádio Editora Ltda.

No terceiro capítulo vamos à participação de Ângela no cinema, sua atuação nos filmes feitos fora e no Brasil, discutimos com Ana Carolina de Moura Delfim Maciel (2011), falando do pioneirismo da produtora Vera Cruz e suas nuances de produção, ao fracasso financeiro, bem como toda sorte de carências e amadorismo na administração dos seus interesses e como os filmes eram importantes para solidificar a imagem do artista do rádio, quando a TV ainda era um artigo para poucos, através de Lenharo (1995). Sobre a produção cultural brasileira deste momento, além dos filmes de Amácio Mazzaropi, dos quais Ângela participou, dialogamos com Marcos Napolitano (2001). Saindo do cinema, vamos para a proximidade, indiferença de anos e reaproximação de Ângela e Dalva de Oliveira através das notas, reportagens e fotografias entre as duas, dentro da RR.

Em um dos momentos do governo dos militares, a coluna final da RR criticou o decreto presidencial que fechou em definitivo a Rádio Mayrink Veiga, em 1965, apelando para a “boa vontade” da administração central em resolver o caso, revertendo o fechamento. O que não ocorreu, mesmo ventilando a possibilidade de a emissora voltar ao ar, com transmissão precária por três meses. Do vício de Anselmo Domingos com as drogas, vamos ao fim da RR, em 1970, através das suas próprias linhas, para a mudança de direção nos últimos anos e a recapitulação do pioneirismo do periódico e como ele foi copiada ao longo da sua existência. Este fim para os jornais e revistas no país, entre o fim da década de 1950 e 1960, fazem parte de uma nova configuração de mercado jornalístico e uma correlação de forças em seu interior, reduzindo em mais da metade esses números de periódicos, por circunstâncias próprias, ou pela má

administração dos seus diretores, através de Ana Paula Goulart Ribeiro (2006), mesmo não citando a RR, enquadrada e fechada definitivamente no mesmo período.

2. O RÁDIO ANTES DE ÂNGELA MARIA

No início do século XX, Fred Figner inaugurou a *Casa Edison*, em homenagem ao fundador do fonógrafo, no Rio de Janeiro. Em 1902, ele ousava com as gravações mecânicas nos discos de cera, conhecidas pelo nome de “chapas”. O gramofone passa a ser o aparelho para reproduzir esses discos, mesmo de forma precária, o som era mais alto e de melhor qualidade. O princípio da indústria fonográfica brasileira, daria, em 1904, um novo salto, com a *Casa Edison* trocando a marca pela Odeon, multinacional alemã no país, sócia da Figner, que apesar de estrangeira ainda usava o selo da *Casa Edison*. O material dos discos de cera quebrava com facilidade e a velocidade dependia da gravadora e um dos discos disponíveis era de 76 rotações por minuto, eram exemplos da *Casa Edison*, Odeon e Zon-O-Phone, variando entre 18 centímetros (7 polegadas) ou 25 e 27 cm (10 polegadas) e 30 cm (12 polegadas), chegando a uma série de 35 cm. Contudo, o comum da *Casa Edison* eram os de 27 cm, com uma música em cada lado, A e B, uma nacional e outra estrangeira, importada da Europa até 1904, depois disso, traziam duas canções nacionais, como no máximo 3 minutos e meio de duração (FAOUR, 2021, pp. 46-47).

No Brasil, a radiodifusão teve sua primeira transmissão pública e oficial em 1922, na Exposição Nacional comemorativa do Centenário da Independência do Brasil. Estes eventos serviam de vitrine para os outros países e, para o nosso país, o momento de mostrar-se moderno, frente aos países europeus. Esta transmissão ocorreu no alto do Corcovado, Rio de Janeiro, com equipamentos importados pela *Westinhouse*, transmitindo o discurso do então presidente Epitácio Pessoa e a ópera *O Guarany*, de Carlos Gomes, diretamente do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. A Europa e os Estados Unidos tiveram problemas com o número desenfreado de estações e receptores, discutindo-se o papel do novo veículo de comunicação de massa, como os conteúdos deveriam ser transmitidos, se educativos, informativos ou apenas por diversão. O ano de 1923 foi inaugural para a radiodifusão no nosso país, e em 1930 o Brasil contava com 16 emissoras, um número simplório pelo tamanho do nosso território (CALABRE, 2002, pp. 47-48).

A Rádio Sociedade do Rio de Janeiro foi inaugurada em 1923, por Roquette Pinto e Henrique Morize, quando ainda era um investimento caro e o único país com número de aparelhos naquela época era os Estados Unidos, com sua crescente indústria de aparelhos de rádio e estações. Neste país e na Europa havia uma discussão sobre esse novo meio de comunicação de massa e como deveria ser sua programação, se educativa, informativa ou simplesmente de diversão (CALABRE, 2002, pp. 48-49). Pelo lado educativo, a Rádio

Sociedade era a menos ouvida, por sua programação com palestras e música erudita. Roquette Pinto não aguentou manter a emissora por muito tempo e três anos depois a transferiu para o governo (CABRAL, 1990, p. 115).

Para entendermos um pouco de como os aparelhos de rádio eram vendidos na época da Rádio Sociedade, o compositor Almirante pegava uma lista telefônica, escolhia as casas mais bonitas de uma rua, se dirigia para elas com 10 aparelhos da Philips, pegos para vender na Casa Lux. Ele habitualmente perguntava pelo dono da casa, atendido pela esposa, negando a presença do marido, Almirante deixava um aparelho sintonizado na Rádio Sociedade, a melhor transmissão da época, prometendo voltar em dois dias. Dos 10 aparelhos levados, vendia 05 e, por isso, acabou conhecendo o diretor da Philips, o engenheiro Augusto Vitorino Borges, responsável pela recém-inauguração da Rádio Philips do Brasil. Ele convidou Almirante para fazer um programa na sua emissora, na condição de Almirante mantê-lo (CABRAL, 1990, pp. 93-94).

Por essas vendas avulsas, Almirante ganhava um dinheiro extra, além de montar receptores galena para os amigos, nos anos 1920. Ele fez um curso rápido na Vila Isabel, Rio de Janeiro, trabalhando em contabilidade, inclusive no rádio. Almirante lembra das únicas estações sem audições (programação) para o dia todo. Segunda, quarta e sexta, uma emissora transmitia; terça, quinta e sábado, a outra; aos domingos não se ouvia rádio. Como manter, melhorar e diversificar a programação, melhorando o amadorismo daquele veículo de comunicação? Existiam os colaboradores que contribuía com 5 mil réis por mês, o comércio ajudava, entretanto não era o suficiente e outros ajudavam com discos oferecidos por seus ouvintes mais ricos, como Dr Arnaldo Guinle (CABRAL, 1990, pp. 35, 36).

A fundação da Rádio Sociedade não foi iniciada no Museu Nacional do Brasil, mas por intermédio da Academia Brasileira de Ciências, através de alguns membros do Museu. Imagine-se o início da emissora naquele espaço, mas foi principalmente pela direção de Roquette Pinto, negociando com autoridades políticas a oportunidade de efetivar seus projetos, em um interesse pessoal dele por questões fisiológicas. Em 1926, a Rádio Sociedade tinha uma biblioteca com livros catalogados, além de revistas internacionais sobre o rádio e periódicos científicos. Buscava-se sócios como patrocinadores para publicidade no rádio e revistas, além de fazer a mediação com o Ministério da Viação, fornecedor do atestado de idoneidade, como exigência aos interessados em comprar e instalar um aparelho receptor de rádio em seus lares (HORTA DUARTE, 2010, pp. 77; 79; 81).

A regulamentação da publicidade no rádio se atribui ao Decreto nº 21.111, assinado pelo então presidente Getúlio Vargas, em março de 1932, sendo esta uma razão para o veículo se

afastar da sua linha educacional e consolidar sua profissionalização e consolidação. Outro Decreto mais restritivo do passado, nº 16.657, de 1924, no governo de Artur Bernardes, dava ao governo a exclusividade da regulamentação, o que permitia apenas a criação de rádio sociedades. O Decreto de 1932 serviu de base para a regulamentação até 1962, quando implantaram o Código Brasileiro de Telecomunicações, e, o 21.111, dava às emissoras a liberdade de usar 10% de cada programa para divulgação de propagandas comerciais. Antes, isso era feito de maneira tímida ou disfarçada em forma de agradecimentos ao patrocinador, para tornar-se a fonte principal dos ganhos financeiros do rádio (CALABRE, 2002, pp. 54; 62-63).

Ademar da Silva Casé estreou seu *Programa Casé* na Rádio Philips, em fevereiro de 1932¹, e contou como teve que driblar as adversidades iniciais da rádio, buscar patrocinadores e fazer publicidade para manter-se no ar. Ele seria mais um nordestino, saído do Recife, chegando ao Rio, fazendo parte do princípio do rádio, em uma época na qual os jornais e revistas eram preteridos para publicidade, Casé foi atrás de anunciantes que acreditassem no rádio. Mas, apesar da audiência do seu programa, isso não foi fácil. A primeira publicidade foi conquistada por Casé não por crença do anunciante, mas por sua insistência com o português, proprietário da Padaria Bragança, em Botafogo, no Rio de Janeiro. Casé fez o primeiro jingle comercial cantado da história do rádio brasileiro. Depois da descrença do dono da padaria, a propaganda funcionou tão bem que ele passou a patrocinar um quarto de hora no *Programa do Casé*, aos domingos. Mesmo diante dessa sorte, o patrocínio não era suficiente para manter as despesas de produção e Casé comunicou o fim do Programa. Todos ficaram tristes, principalmente seu apresentador. E agora, como fazer para continuar com o *Programa do Casé* no ar? (CABRAL, 1990, pp. 94, 95).

Casé tinha pedido muitos anúncios pela Avenida Rio Branco, no Rio de Janeiro. Ele saiu andando e pensando como faria para contornar a situação e não terminar seu programa definitivamente. A oportunidade veio com a loja F.R. Moreira, do Doutor Brito, a quem ele tinha oferecido anúncios e não conseguira nada, chamando Casé de “pé-de-boi”, por sua insistência com as publicidades. Doutor Brito discordava do valor de 40 mil réis, porém acabou

¹ Ademar Casé lembrou a Revolução Paulista de 1932, com a Rádio Philips como única emissora chegando até São Paulo com uma melhor transmissão. Por isso, a censura mandava um policial armado, com revólver à mostra, para observar a apresentação ao vivo do Programa *De babado*. Casé ainda citou Noel Rosa, na falta de espaço da emissora, sugeria ao policial observar tudo do lado de fora, mas ele se recusava, dizendo ser o seu dever observar se eles não faziam sinais para os “revoltosos paulistas” (CABRAL, 1990, p. 101). Mais adiante, em meio ao Estado Novo de Getúlio Vargas e seu Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) veremos que a censura surgida tempos depois não era tão implacável assim.

acordando, pois seria uma propaganda com Francisco Alves, Carmen Miranda e Sílvia Caldas, recebendo 50, 40 e 30 mil réis, respectivamente, todos com cachês altos. O assistente de Casé tinha recebido outro homem em sua ausência, o qual seu assistente imaginava falar em publicidade. Era um homem de São Paulo, apresentando-se como fabricante, buscando através da audiência do *Programa do Casé*, propaganda para o *Purgativo Marion*. Como tocar nesses temas censurados no rádio? Novamente o valor era 300 mil réis, com os mesmos artistas do outro jingle. Ele protestou, como o Dr. Brito, entretanto terminou aceitando. Casé criou uma história de um rapaz que brigava com a noiva. Arrependido, dias depois, tentou voltar, no entanto ela não quis, mesmo sendo presenteada com um casaco de peles, uma joia, nada fez efeito. Então o rapaz deu-lhe o *Purgativo Marion* e ela aceitou. Nada mais figurativo e improvisado, mas funcionou (CABRAL, 1990, pp. 96-97).

A publicidade daquela época não permitia falar em cuecas, cintas modeladoras, medicamentos para hemorroidas ou remédios para sífilis. Assim, criar a história recém citada, foi a maneira encontrada por Almirante para driblar a censura e não perder os valores da publicidade. De outro lado, ainda falando sobre temas proibidos na década de 1930, agora em canções, Paranhos (2005, pp. 129-130) diz que o nome de Deus era proibido nos títulos das músicas, citando o exemplo de *Tenha pena de mim* (Babaú e Ciro de Souza), primeiro sucesso do carnaval do Estado Novo, em 1939, conhecido na voz da cantora Aracy de Almeida.

Apesar das menções ao purgativo e nomes que não poderiam ser ditos nas publicidades, e isto não pode ser negado, o rádio era educacional. Mas nem sempre as barreiras da regulamentação publicitária estavam tão rígidas assim. Antes dos anos 1930, na década anterior, Trescentti (2022, pp. 28-29) traduz a afirmativa do historiador James Woodard, em que ele diz que desde 1924 a emissora estatal do Rio fazia publicidades com música marcial, com bandas emprestadas das forças armadas e, no caso paulista, a Rádio Educadora vendia medicamentos desde setembro de 1927 e, pouco depois, oferecia programação musical patrocinada para as demais emissoras da cidade.

A gênese do rádio brasileiro, pensado por Roquette Pinto, era educacional, nada de samba ou música popular na programação e ele defendeu essa programação até o fim da sua vida, quando doou, em 1936, a Rádio Sociedade ao governo. Para ele, a programação não deveria ser o desejo do povo, mas a necessidade, com boa música e educação. Roquette chegou a transmitir um jornal direto da sua casa, consistindo na leitura das notícias publicadas pelos noticiários, comentadas por ele. A exploração do rádio não foi uma coisa surgida no Brasil, porém, em 1927, a Rádio BBC de Londres apresentava um programa de notícias, com testemunhas e acontecimentos relevantes. No ano seguinte, em 1928, um jornal inglês, o Rádio

Times, vendia mais de um milhão de exemplares e contava os segredos dos bastidores da rádio (CABRAL, 1990, pp. 35-36).

Voltando ao Brasil na década de 1920, surgiram mais duas emissoras de rádio: a Mayrink Veiga, em 06 de março de 1926 e a Rádio Educadora, em 11 de janeiro de 1927. As siglas e prefixos dados a elas e às demais surgidas, eram feitas de acordo com a antiguidade de cada uma, assim, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro era a PRA 2 e a Rádio Clube do Brasil era PRA 3. Assim surgiram outras estações, até 1934, como Rádio Sociedade da Bahia, Clube de São Paulo, Educadora Paulista, Clube de Ribeirão Preto, entre outras (CABRAL, 1990, pp. 37-38). Na mesma década, em setembro de 1936, surgiu a Rádio Nacional do Rio de Janeiro, com os transmissores adquiridos da extinta Rádio Philips, funcionando no edifício do Jornal *A Noite*.

Em 1940, a emissora foi absorvida pela União, no governo de Getúlio Vargas, em uma posição de liderança na audiência, antes dessa incorporação. Gilberto de Andrade foi nomeado como diretor da emissora e muito do seu profissionalismo e do avanço profissional das transmissões se deram a partir da sua gestão, entre 1940 e 1946. Depois, ele foi para a Rádio Tupi e suas Emissoras Associadas, rivais da Nacional, dirigida por Assis Chateaubriand, que pretendia levar vários membros da Nacional e obter os bons índices de audiência dela (CALABRE, 1996, pp. 102-104).

As ondas curtas permitiam maior abrangência das transmissões da Rádio Nacional e foram instaladas em dezembro de 1942, com 08 antenas e 50 kilowatts, tornando-se a emissora mais potente da América Latina. Mesmo fazendo parte do governo, não se encontra nenhuma dotação orçamentária do governo de Vargas, entre 1942 e 1943. A historiadora Lia Calabre afirma que o progresso da Nacional se deu por seu profissionalismo, orçamento próprio e não apenas pela proximidade com o governo. As ondas de transmissão tinham sido oferecidas ao Brasil, mas o governo não fazia uso delas e os acordos internacionais obrigavam o país a utilizá-las dentro de um período específico. Se isso não ocorresse, ele perderia o direito de usar. Um dos objetivos era internacionalizar as transmissões da Nacional, aos moldes da BBC de Londres. Internamente, a emissora brasileira alcançava mais localidades, com uma programação diversa em horários e programas estrategicamente escolhidos para integrar o Brasil (CALABRE, 1996, pp. 105-106).

Algumas das jovens cantoras da época começavam cantando nos cassinos ou no *dancings*, na noite, como Ângela Maria. Outra artista estreante nesses ambientes noturnos foi Elizeth Cardoso, no programa *Clube do Samba*, transmitido da boate *Big Rio*, no subsolo do edifício *Dark de Matos*, sede da Rádio Guanabara (CABRAL, 2009, p. 76). As dançarinas dos

dancings, embora socialmente malvistas pela sociedade da época, por dançarem com homens estranhos, não podiam namorar os clientes no espaço e, se o fizessem, fosse longe de onde trabalhavam. Segundo o pesquisador e jornalista Sérgio Cabral, no *Dancing Avenida*, diferente das gafieiras, não se permitia ingressos de mulheres e quando, tempos depois, permitiram, cobravam um ingresso bem mais caro. Para gastar o dinheiro, os homens poderiam fazê-lo de três maneiras. A primeira, na entrada, pagando os ingressos; a segunda, nas mesas, comendo ou consumindo bebidas; a terceira, na pista de dança, onde eram perfurados o cartão de cada moça, correspondente ao número de músicas dançadas, observadas pelo picotador e encarregado da casa, observando o momento exato quando os clientes começavam a dançar.

O pioneiro Roquete Pinto pensava o rádio como uma escola e um livro para os que não sabiam ler. A radiodifusão, por seus cálculos, em cada lugar distante onde as pessoas se reunissem ao redor de um alto falante para ouvir a programação, não o fazia sozinho, mas acompanhado de outras pessoas, chegando aos milhares de ouvintes diários, aprendendo sobre conferências, músicas, história do Brasil, conselhos úteis à agricultura, notas de ciência. Regina Horta Duarte (2010, pp. 81-82) exemplifica sobre a diversidade da programação da Rádio Sociedade. Além da música clássica citada e das palestras, tinha programa infantil, músicas diversas, cursos de história, inglês, francês, química, física, questões agrícolas e higiene. Existia um plantão de uma comissão técnica para os necessitados de informações sobre construção, concertos e defeitos nos aparelhos de rádio, funcionando de segunda a sábado.

O presidente Getúlio Vargas tinha uma relação de proximidade com muitos contratados da Rádio Nacional, como Emilinha Borba, Linda e Dirce Batista, Marlene e uma breve convivência em festas particulares e oficiais com Ângela Maria. Foi o presidente quem apelidou a cantora de *Sapoti*, por sua “pele morena” e sua voz doce. Os artistas do rádio tinham alcunhas pelos ritmos que cantavam, por suas estaturas e eram coroados de diversas formas, em muitos reinados, sempre com a participação entusiasmada e eufórica dos fã-clubes, com muita movimentação nos meios de comunicação. Em sua fase áurea, a Nacional foi nos anos 1940 e 1950 o que a TV Globo igualmente foi para o país. A história que punha o presidente como popular, humilde, “pai-dos-pobres”, era uma construção bem pensada para associá-lo ao povo e comover a população por meio de ritos e festas cívicas, ao lado dos artistas do rádio, em seus dois governos. Isso não foi inaugurado por Vargas, mas foi o uso político da sua imagem, como muitos chefes de estado da modernidade fazer, induzindo um modelo formador de cidadão virtuoso (BACZKO, 1985).

Juscelino Kubitschek era o presidente “Bossa Nova”, uma referência ao ritmo musical surgido no fim dos anos 1950, época do seu governo. Ele conviveu com estes artistas,

principalmente com Herivelto Martins, Dircinha Batista e Ângela Maria por conta das inaugurações em seu governo, além das recepções a chefes de estado e condecorações em jardins de embaixadas na então capital do país, o Rio de Janeiro. Em Vargas ou em JK, as representações escolhidas, mais ou menos, estavam para organizar e exercer comando sobre as práticas. Os governos citados faziam isso para os símbolos e nem tanto para as coisas. Antes de eleito, 200 artistas do rádio entregaram uma carta a Juscelino, assinada por Ângela Maria e César de Alencar, dentre outros, pedindo anistia geral aos presos de Vargas (FAOUR, 2015). JK era o “novo”, a modernização se avizinhava, contudo, no contexto coletivo, o comunismo ainda era uma ameaça e essas representações coletivas eram ameaçadas, dentro de um suposto perigo ou violência interna. O símbolo não é apenas para introduzir classificação, mais valores, modelando os comportamentos individuais e coletivos, como moldou Vargas, ao encomendar marchinhas e canções exaltando o trabalhismo, contra a vadiagem (BACZKO, 1985).

Assim como o desenvolvimento artístico da Rádio Nacional foi um alcance da direção própria da emissora, o cerceamento da censura instaurada pelo DIP, criado em 1939 e dirigido por Lourival Fontes, no período Ditatorial do Estado Novo, no governo Vargas, terminando suas atividades em 1945, no fim da gestão do presidente. Defendido por Cabral (1996, pp. 77-80) falando da Música Popular na era do rádio, lembra o governo em busca de um samba positivo entre os compositores, exaltando o trabalho, capitando compositores, intelectuais produtores de sambas com temas do trabalho, não apenas pela censura, mas por agenciamento desses citados, bem como impedindo letras denunciando as injustiças sociais. Da mesma forma, Santos (2016, pp. 03-04), ao falar de Carmen Miranda e do sistema de radiodifusão, defende a ideia do DIP censurando e fiscalizando os meios de comunicação, sem aprofundamento como isso ocorria, enveredando por outros exemplos, como o da modernização das gravadoras e de Carmen.

Contra esse DIP implacável no controle e censura, aos modos do governo do Estado Novo, a autora não nega, porém relativiza como a historiografia tratava esse período como um todo, coeso. Não havia censores para todas as emissoras de rádio na época, com suas programações ao vivo, era um sistema falho, até pela falta de pessoal para designar em suas funções. Em outros estados, a autora lembra que o DEIP (Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda) sequer funcionava. A função principal da Divisão de Rádio do DIP era produzir o jornal *Hora do Brasil*. Ademais, em 1942, Felinto Müller deixou de ser chefe de polícia e Lourival Fontes, diretor do DIP, deixou o governo, abrandando o sistema repressivo como um todo. Em uma radionovela de Raymundo Lopes, *Três homens maus*, havia um tipo engraçado, um subdelegado de uma cidade do interior. Ele era um incompetente para descobrir pistas sobre

os crimes, em uma novela transmitida sem qualquer embate com a censura (CALABRE, 1996, pp. 66-67; 197-199).

Afirmando o mesmo para as canções gravadas no período DIP, Paranhos (2005, pp. 130-134; 141-142) lembra que algumas canções exaltavam a orgia, como *Abre a janela* (Arlindo Marques Jr. e Roberto Roberti), do carnaval de 1938; *O trabalho me deu o bolo* (Moreira da Silva e João Golo), de 1937, regravada em 1939, glorificando a orgia, na voz de um trabalhador escaldado pelo batente. Para o autor, o órgão sabia das funções de censura que podia e devia exercer sobre a música popular, principalmente sobre o carnaval, mas outra coisa é pensar a corrente dos silenciamentos desmedidos. Segundo ele, essas afirmativas estão inseridas em depoimentos de pessoas envolvidas com o DIP, sem a possibilidade de reconstrução dos rastros de como ela foi aplicada. Não há de se falar em hegemonia, confundida com dominação ou imposição absoluta, isso se aplicando a todos os campos, inclusive o cultural; nem podemos entrar no coro da unanimidade nacional da ordem unida, para não incorremos no erro de pensar a sociedade brasileira como mero reproduzidor do eco estatal.

No período de crise do autoritarismo no Brasil, após o fim do Estado Novo, em 1945, no ano seguinte, o Grupo Música Viva tinha por objetivo, segundo eles, lutar contra o marasmo musical do Rio de Janeiro. Segundo seus propósitos, eles acabariam com a ignorância e a incompreensão do povo em relação às produções mais avançadas de música moderna e, para isso, eles seriam educados para rupturas e revoluções estéticas. Pensando através do pensamento marxista, eles estabeleceram uma consciência musical para as gerações futuras. O Grupo Música Viva tinha um programa semanal na emissora oficial do Ministério da Educação e Saúde, em um período de janeiro a junho de 1946, no qual apresentaram uma programação com 68 obras, sendo 18 gravações e 50 em estúdios, apresentando compositores do passado, nas diversas tendências estéticas. A atuação do Grupo não se resumia aos programas de rádio, pois fizeram também festivais e audições experimentais, como um concerto dedicado ao maestro, compositor e violonista alemão Paul Hindemith. O *Manifesto Música Viva*,² publicado em novembro de 1946, buscava uma renovação técnico-estética da linguagem musical e lutava em prol de uma sociedade mais justa, baseada na interpretação do marxismo-leninismo e nos ideais da revolução socialista (CONTIER, 1991, pp. 17-18).

No início de 1944, o jornal *Folha Carioca* noticiava a volta de Almirante para a Rádio Nacional, em razão da falta de apreço sentida por ele, em seu programa, na Rádio Tupi. Segundo

² Os signatários desta versão publicada em novembro de 1946 foram: Cláudio Santoro, Heitor Alimonda, Oriano de Almeida, Aldo Parisot, Edino Krieger, Eunice Catunda, César Guerra Peixe e H. J. Koellreuter (CONTIER, 1991, p. 18).

ele, a Nacional saberia prestigiar seu programa, como nos tempos passados da sua passagem pela emissora. Almirante ainda ficou na Tupi depois dessas declarações, até o fim do seu contrato, participando do programa *Pequena história do samba*, em 11 de fevereiro, na inauguração dos novos estúdios da Rádio Educadora, que passaria a se chamar Rádio Tamoio, parte dos Diários Associados da Rádio Tupi, conglomerado de Assis Chateaubriand (CABRAL, 1990, pp. 220-221). Dez anos depois, em 1954, a cantora Ademilde Fonseca deixava a Tupi, pela Rádio Nacional, levada por Paulo Tapajós, em razão dos atrasos salariais³ recorrentes (AGUIAR, 2010, p. 72).

Entre todas essas emissoras citadas, a Rádio Nacional do Rio de Janeiro tornou-se a mais ouvida em virtude das suas ondas curtas. Falando da audiência da Nacional, entre homens e mulheres, através do Ibope de 1948, Calabre (2002, p. 210) trouxe a audiência por sexo, sendo a Nacional a preferida entre homens e mulheres, seguida pela Tupi, Continental, Jornal do Brasil, Tamoio, Mayrink Veiga, Rádio Globo e outras. Esta mesma tabela pode ser vista na RR, na informação para *AS EMISSORAS MAIS OUVIDAS NO RIO* (Nº 13, p. 12, março de 1949).

Ao passo que o rádio se aperfeiçoava, os periódicos também passavam por transformações e a revista *O Cruzeiro* se punha na linha editorial das revistas frívolas e a imprensa, segundo essa revista, iria depurar os fatos para educar os leitores, enquanto os jornais, julgavam. Três anos depois do seu lançamento, os Diários Associados investiram na modernização dos equipamentos, buscando uma melhora na imagem da qualidade fotográfica em termos de linha editorial, se estendendo até 1960, com a inclusão de cores nas fotos da revista. Mesmo que até 1930 *O Cruzeiro*, em sua primeira fase editorial, como as demais revistas ilustradas contemporâneas, mas com seu caráter cosmopolita, utilizou-se dos serviços das agências de notícias internacionais. Seu padrão de qualidade viria na década de 1940, com a especialização dos seus serviços em vários departamentos, em uma época de tiragem com 120 mil exemplares, seguindo os moldes das revistas internacionais *Life*, *Look*, *Paris Match* e outras. Segundo a autora, *O Cruzeiro* foi a primeira revista a conceder crédito às fotografias publicadas, inclusive com um departamento de fotografia especializada (MAUAD, 2005, pp. 154-155).

A partir de agora conheceremos a história de algumas cantoras populares, como Emilinha Borba, Marlene, Dalva de Oliveira e Ângela Maria. Veremos o meio de comunicação

³ O compositor baiano Dorival Caymmi não quis lembrar os maus momentos da sua época de contratado na Rádio e TV Tupi, nos Diários Associados de Assis Chateaubriand. Dori Caymmi, filho de Dorival, lembrou como o dono da Tupi gostava do seu pai, no entanto, quando era para dar aumentos salariais, fazia para outros artistas e não para ele. Era a ideia do bom artista, que não precisava ganhar dinheiro (CAYMMI, 2001, p. 383).

além da função transmissora, induzindo, provocando os fãs, dando mais notoriedade a alguns artistas, em detrimento de outros, o que repercutia diretamente nas vendas e publicidades através dos ídolos. Entretanto, quando a situação dos fãs que se agrediam saiu do controle, perdeu parte do prumo sobre as agressões nos corredores das emissoras, auditórios e ruas.

2.1 O PÚBLICO NOS AUDITÓRIOS

Situando a emissora mais popular do Brasil, a Rádio Nacional, é preciso lembrar seu surgimento, em um momento propício para a radiodifusão popular e que, neste ínterim, surgiam artistas iniciantes, tendo alguns que se estabeleciam mais que os outros, alimentando suas carreiras através da radiodifusão, que, nos anos iniciais do veículo de comunicação, através das onda sonoras, era o meio mais rápido de alcance para ser reconhecido.

Citamos anteriormente o profissionalismo e aperfeiçoamento da Nacional através do seu diretor e aproveitando os transmissores da Rádio Philips. A emissora mais popular entrou no páreo das transmissões com um passo à frente em relação às outras, pois a Philips tinha participação estrangeira. Por isso, a Nacional permaneceu por muito tempo com a maior audiência no Brasil, entre 1945 e 1955, se tornando inspiradora para as demais, com sua programação privilegiada, servindo de modelo até a década de 1960, ancorada em uma diversidade de profissionais em quatro frentes: música, dramaturgia, jornalismo e programas de variedades (CALABRE, 2004a, pp. 32-33).

Não vamos nos ater aos demais pontos do rádio, para nos centrar na música popular. Para um artista daquela época, cantar ao vivo, com público, nos auditórios da Nacional, da Mayrink Veiga, da Tupi, era um ápice, em virtude do alcance em maior ou menor grau para cada emissora. Lançar músicas populares, entre elas samba, marchinhas carnavalescas, testando essas canções, notando a aceitação pelo público e os milhares de ouvintes que acompanhavam as programações em seus lares, em espaços públicos. Os auditórios eram locais de disputas por prêmios entre os calouros e as cantoras, quando famosas, chegavam ao topo quando venciam o conturbado e contestável concurso de Rainha do Rádio, permitindo à artista ganhar um programa próprio e exclusivo, além de participações em filmes e contratos para shows em outras regiões do Brasil, recebendo licenças, sem vencimentos para essas turnês (CALABRE, 2004a, pp. 39-40).

E as cantoras, antes de serem “Rainhas”, onde estavam nessas emissoras? As cantoras brasileiras pioneiras foram as irmãs Carmen e Aurora Miranda. A primeira foi artista consagrada da Rádio Mayrink Veiga, não tinha grande voz, todavia misturava malícia e

ingenuidade em uma boa dicção. Carmen gravou 24 canções do baiano Assis Valente, e ambas gravaram a marchinha *Cantores do rádio*, em 1936, cena do filme *Alô, alô carnaval*, de Wallace Downey. Aracy Cortes, a sambista Aracy de Almeida, foram outras pioneiras. As irmãs Linda e Dircinha, filhas do ventríloquo Batista Júnior, começaram a cantar incentivadas pelo pai (FAOUR, 2021, pp. 94-102).

Dircinha cantava desde pequena, Linda fazia curso de violão e começou na adolescência, quando a irmã forjou um mal-estar, para não ir ao programa de Francisco Alves, na Rádio Cajuti. Linda foi a substituta de Carmen no Cassino da Urca, quando ela foi para os Estados Unidos, em 1939. Apenas para citar outros nomes de cantoras da época: a gaúcha Eliza Coelho, Marília Batista, Alzirinha Camargo, Odete Amaral, Heleninha Costa, Isaurinha Garcia, Ademilde Fonseca (FAOUR, 2021, pp. 94-102). O pesquisador cita, em outro momento da sua obra, a cantora Carmélia Alves, no período do apogeu do Baião, mas esquece de Violeta Cavalcanti, artista que gravou o primeiro disco em 1940, de acordo com o Instituto Memória Musical Brasileira (IMMuB).

Essas artistas faziam parte da corte imaginária das “Rainhas”, eleitas ou não, surgidas no rádio. Sempre seguidas por seus súditos, os fãs-clubes lotavam os auditórios, as seguiam, escreviam para as revistas especializadas como a pioneira *Revista do Rádio e Radiolândia*. Apesar delas, de forma específica, falaremos mais adiante. Em tempo de imagem escassa, é preciso entender a força publicitária desses periódicos, para um público, em sua maioria, conhecendo seus artistas apenas por suas vozes, através dos discos e das ondas do rádio. Os ouvintes queriam saber qual aparência tinham seus ídolos, como dormiam, onde moravam, com quem andavam. Alimentados por essa imprensa, os fãs faziam parte do jogo midiático, conscientes e inconscientes, para elevarem o nome dos seus ídolos eleitos Reis ou Rainhas do Rádio. Emilinha, Marlene, Dalva era destaque nos anos 1940 e 1950; Ângela e Cauby, na década seguinte, sem esquecermos que a grande rivalidade do rádio foi entre Marlene e Emilinha (CALABRE, 2004a, pp. 40-41).

Emilinha começou cantando ainda adolescente, se apresentando em programas de calouros, escondida da mãe. Ela fez dupla com a cantora e compositora Bidú Reis, chamada *As Moreninhas* e, incentivada por Carmen Miranda, fez um teste e passou. Foi contratada da Rádio Mayrink Veiga até ser chamada pela Rádio Nacional, em 1943, ficando lá por 27 anos. Emilinha era a artista que mais recebia cartas na emissora⁴ (LENHARO, 1995) e sua carreira foi marcada

⁴ A coluna *Radio em Revista Rio* informava sobre estas correspondências da Rádio Nacional no primeiro trimestre do ano de 1955, na subseção *EMILINHA AINDA NA FRENTE*, na qual ela ocupava o 1º lugar, seguida de Marlene, Ângela, Nora Ney e outras mulheres (Nº 295, p. 44, 07/05/1955).

pelas apresentações no *Programa César de Alencar*, aos sábados, na mesma Nacional. A preferência por Emilinha no fim dos anos 1940 era enorme e continuou, contudo o surgimento da cantora paulista Marlene, no Rio de Janeiro, fez nascer a maior rivalidade da década de 1950. Marlene era de família evangélica e posteriormente fugiu da cidade onde nasceu para cantar. Iniciou sua carreira em 1941, na Rádio Tupi, em São Paulo, porém sua primeira apresentação foi no programa *Hora do Estudante*, na Rádio Bandeirantes, aos 13 anos (ARAGÃO, 2012, p. 197).

Marlene estreou no disco em 1946, mas, antes, passou pelos Cassinos da Urca e Icaraí, além de ser crooner no Copacabana Palace. Ela chegou à Rádio Nacional no *Programa Manoel Barcelos* e Emilinha, era do *Programa César de Alencar*. A eleição de Rainha do Rádio não era coisa recente e vinha desde os anos 1930, com uma grande repercussão quando, em 1949, Emilinha, a favorita ao título, perdeu para Marlene, que tornou-se vencedora com o apoio do Guaraná Antártica, que pretendia lançar um novo refrigerante, usando a imagem da cantora. Emilinha ficou em terceiro lugar, em segundo, Ademilde Fonseca, e isso atizou a ira dos fãs de Emilinha. Dali em diante, o fervor dos auditórios e os atritos entre “emilinizistas” e “marlenistas”⁵ seria uma constante (AGUIAR, 2010, pp. 125-131). Os votos eram distribuídos pela Associação Brasileira dos Radialistas (ABR), para a construção do Hospital dos Radialistas e podiam ser comprados na sede da ABR ou vendidos pelos artistas. A eleição das mulheres era mais midiática e publicizada, mas existia também o concurso dos Reis do Rádio, um dos eleitos foi o cantor Jorge Goulart, em 1952 (LENHARO, 1995, p. 84).

Por conta da euforia das fãs, surgiu o termo *macacas de auditório*, em referência a histeria por seus ídolos. Aguiar (2007, pp. 28-31) lembrou a criação do termo por Nestor de Holanda, sem especificar a data. Mas traz duas fotografias das fãs entusiasmadas, além de trecho da marchinha de carnaval, *Fanzoca do Rádio* (Miguel Gustavo), gravação de 1958. Ainda no mesmo ano, Floriano Faissal tentou proibir a histeria dando ordens, o que não deu em

⁵ Goldfeder (1980, pp. 180-181) chama atenção para essa repressão dentro da Rádio Nacional. Ela não encontrou em sua pesquisa uma crítica antirepressiva, pois no jogo de manifestação dos fãs para seus ídolos, eram poucas as defesas na época, tornando a questão dúbia para justificar a repressão nos auditórios. A despeito disso, em que pese o uso das narrativas de cada um, entre os fãs de Marlene e Emilinha, ainda hoje se mantém a memória e a defesa das suas artistas. Para citar dois exemplos, os depoentes falaram com Rodrigo Faour, na série de entrevistas *ARQUIVOS DA CENA LGBTQI+ CARIÓCA*, em 2021, com César Sepúlveda, o Cezinha, parte 01, ele recupera sua proximidade com Marlene e a defesa dela aos seus fãs e gays. Outro vídeo com as fundadoras da Turma OK, do Rio de Janeiro, parte 01, desde 1961, as entrevistadas resgataram suas memórias de infância e do rádio, entre usos do masculino e feminino para contarem suas histórias. Elaine Parker (César Amâncio, presidente da Turma Ok) ainda se diz “emilinizista” (fã de Emilinha) e Lady Bynydyditcha, “marlenista”, da “Sempre Marlene, Rainha do Samba”, de acordo com ela. A Lady relembra que conheceu a Rádio Nacional aos 15 anos, intitulado-se macaca de auditório.

nada, pois ninguém seguiu. Por sua vez, Napolitano (2010, p. 04) vai mais adiante ao afirmar a criação do termo por Nestor, no fim dos anos 1940. No entanto, Monteiro (2018, pp. 168- 169), em sua dissertação em Comunicação Social, focalizando a carreira de Marlene e Emilinha, diz que a expressão foi criticada por Marlene (ARAGÃO, 2012). A dissertação nominou a ocupação das "macacas" em domésticas, estudantes e donas de casa.

É importante notar que dentro dos periódicos dos anos 1940 e 1950, para aproximar a curiosidade do público em relação aos seus ídolos, apenas para citar um exemplo, existia a coluna *Diário da Emilinha*, na *Revista do Rádio*, mas não para nesse exemplo. Outras revistas, como a *Radiolândia*, forjavam escritas e notas das cantoras, como se elas as escrevessem. Os sinais emitidos por estes textos, pensando o horizonte de expectativas dos leitores, produzindo efeitos não dependentes apenas delas, contribuía plenamente para modelar as antecipações do leitor, face ao texto e para atrair novos públicos, ao destacar a vida da cantora mais midiática do rádio brasileiro, Emilinha Borba, criando expectativas sobre os diários semanais, postos pela RR.

Os auditórios foram mudando ao longo dos anos e não se pode falar mais do rádio dos tempos de Almirante, no início do rádio e dos programas de Paulo Gracindo, Manoel Barcelos e César de Alencar, na década de 1950. Os auditórios mudavam os programas, em seus ritmos e dinâmicas, com os prêmios oferecidos, além dos espetáculos musicais. Os apresentadores se desdobravam, ao vivo, para manter o público sob controle, em um tempo de programação entre três e cinco horas. As fãs se encarregavam de ajudá-los, com gritos, vaias, palmas e lágrimas, para seus ídolos, induzindo e tentando manter vívido o nome dos artistas que defendiam. A história de apenas as classes C e D serem as frequentadoras dos auditórios é desmistificada por Aguiar (2007, p. 30). Entre as classes, as canções citavam a RR da mesma forma, era o caso da marcha *Fanzoca do Rádio* (Miguel Gustavo), de 1958, que em tom de ironia e histeria, trazia em sua letra os trechos:

Ela é fã da Emilinha
 Não sai do César de Alencar
 Grita o nome do Cauby
 E depois de desmaiar
 Pega a **Revista do Rádio**
 E começa a se abanar (...)

O próprio clipe da marchinha traz uma fã entusiasmada, gritando, desmaiando, abanando-se depois do desmaio, com uma RR. Assim, as fãs faziam circular as engrenagens das mídias, os valores financeiros nos programas de auditórios, comprando ingressos para shows individuais e/ou comemorativos, além das revistas especializadas e de repente estavam

incluídas em uma circulação de estereótipos, internalizando as percepções negativas das *macacas de auditório*, apesar dos inúmeros benefícios financeiros para os homens e de popularidade para os artistas.

A primeira dimensão dos estereótipos dá atribuições aos grupos minoritários, em qualquer momento, em todas as situações. Os de ascendência asiática têm inclinação para as ciências, as exatas; as negras, como eram referenciadas as *macacas*, vinham da classificação dos africanos, logo, menos inteligentes. A segunda dimensão pertence aos homens, tidos como mais inteligentes e as mulheres não possuíam capacidade de comando, assim, deveriam ser comandadas (MOREIRA, 2019, p. 43). Os fãs frequentadores dos auditórios quase sempre eram mulheres, assim, deveriam ser comandadas pelos seguranças e apresentadores dos programas mais populares do rádio.

A letra de *Fanzoca do Rádio* cita três das pessoas mais importantes para o rádio e a mídia: César de Alencar, Emilinha Borba e Cauby, sem esquecer a fã que era fanática. Nesse tempo do rádio como principal veículo para sintonizar seus programas preferidos, Mário Lago retroage em sua história para lembrar sua mãe, Dona Francisca, interessada pelo rádio a partir do momento que ele foi trabalhar no veículo. Assim, a mãe chamava as vizinhas para escutá-lo e, desse público feminino distinto, dividia-se em duas partes, a citar: a dona de casa, que ouvia o rádio, sintonizada com o mundo, e a fanzoca, vivendo direto nos auditórios, inspirando fantasias de carnaval, geralmente usadas por homens, simulando gritos, desmaios. Os programas de auditório viviam lotados e foi dessa ausência nos lares da classe média, a razão pela qual o autor da marcha, Miguel Gustavo, lamentava o ocorrido (VELLOSO, 1997, pp. 139-140).

Outra canção chamada *Revista do Rádio* (Mauricio Tapajós e Hermínio Bello de Carvalho) foi feita em 1974, para o show *TE PEGO PELA PALAVRA*⁶, da cantora Marlene. Dentre outras, a letra dizia:

Bons tempos aqueles
Em que a gente votava
Na Rainha do Rádio

⁶ A cantora Marlene disse que o show estreou na Boate *Number One*, com os músicos do Hermínio Bello de Carvalho. A cantora viajou o Brasil com esse show e a cantora Elis Regina quis patrocinar o espetáculo com sua empresa, a Trama. Marlene fez alguns shows em alguns estados, entretanto não lhe pagaram. Anos depois, Elis Regina mandou um cheque de sete mil e poucos (cruzeiros) para Marlene, pela dívida passada. Na cronologia de Marlene, há uma referência para a apresentação deste show de volta a Boate *Number One* e no Teatro Senac, ambos no Rio de Janeiro, em 1974; Teatro do Tuca, em 1975; Teatro Castro Alves, em Salvador, e João Caetano, do Rio de Janeiro, em 1978 (ARAGÃO, 2012, pp. 145; 147; 201-202).

Havia campanha
 E se penduravam
 As faixas nas ruas
 Com voto direto
 Sucesso, sincero, secreto
 Mostrava-se a predileção
 Hoje não tem mais concurso
 Não se faz mais eleição
 Como a *Revista do Rádio*
 Vai publicar a coroação?
 Teremos de novo a revista
 Queremos de novo a rainha
 Mas, tem que ser na conquista
 Se não, vai dar na pista⁷.

Fazendo referências ao entusiasmo provocado pelas votações, através das faixas nas ruas para defender sua cantora “favorita” ao título de Rainha do Rádio. A predileção ficou no passado, sem eleição, não permitiria a RR publicar e especular sobre as concorrentes ao título desde o primeiro momento, ou quando se punham a divulgar a comissão da ABR para o concurso. A apuração, a coroação e o Baile do Rádio veremos adiante neste capítulo. Naquele ano de 1974 não havia mais o concurso, nem o periódico, nem o tom saudosista e entusiasta dos tempos da eleição. É arrematado com ironia, a vencedora deveria levar o título na “conquista”. Algumas vezes, como vimos, Marlene levou o título patrocinado pela empresa Antártica, como em 1949, e foi esta mesma empresa que ajudou Ângela Maria a conquistar o título, em 1954. Carmélia Alves transferiu votos e colaborou com a vitória de Mary Gonçalves, em 1952⁸. Todas elas, deram muito “na pista”, ao longo dos concursos das cantoras mais populares, mesmo com a vitoriosa não tão reconhecida ou aclamada⁹.

⁷ Encontramos essas duas canções interpretadas pela cantora Maria Bethânia, no show *Estranha forma de vida*, de 1981.

⁸ Esses atritos e inconformismo com as manobras no concurso de Rainha do Rádio, quando Mary foi eleita, estavam na reportagem *As sensações do rádio de 1952*, em suas três páginas para os artistas em destaque naquele ano. Uma das notas citou Carmélia e Renato Murce, o atrito entre os dois e a não reconciliação por ela não ter dado os votos a Adelaide Chiozzo, apoiada por Murce (Nº 177, p. 25, 27/01/1953).

⁹ Nesse universo da RR, encontramos outras duas canções falando da *Candinha*: uma marcha de 1962, interpretada por Moacyr Franco, composição de José Costa, Fernandinho e Lair Moreira e a outra, cantada por Roberto Carlos, com letra dele e Erasmo Carlos, de 1965. A primeira no singular e a segunda, como a coluna da RR *Mexericos da Candinha*, em letras e ritmos diferentes.

O artigo de Comunicação Social de Abreu e Bertolini (2010, p 147-151) apresenta quatro depoimentos de ouvintes septuagenários do rádio na Região Metropolitana do Rio de Janeiro, contando suas memórias sobre a popularidade do rádio e como aprendiam e ouviam as estações. Um deles era Sérgio Luiz Loureiro Pacheco, 64 anos, maquiador de Emilinha Borba na Rádio Tupi, na década de 1960, função exercida por 40 anos. Fã declarado da artista, lembrou os admiradores de determinada época sendo chamados de cafonas por idolatram o artista do rádio. Sérgio pontuou os muitos fãs de Emilinha, de professores a advogados, de juiz a empregada doméstica. Mesmo sem mostrar as fotos no artigo, ele dizia ter fotos de moças com chapéus e luvas de pelica, entre as frequentadoras dos auditórios. Sérgio não deixou de citar o protagonismo da Nacional em suas memórias de infância. Sendo o rádio um aparelho caro, era comumente ouvido pelo vizinho com o volume alto, assim, os demais, sem condições, também ouviam a Rádio Nacional, em alto e bom som. Sérgio lembrou a derrota de Emilinha, levando o terceiro lugar no concurso de Rainha do Rádio, em 1949, quando a favorita era ela (ABREU e BERTOLINI, 2010, pp. 147-151).

No mesmo trabalho, Maria Olívia Gouveia, 70 anos, relembra seu aprendizado das músicas de carnaval, através do rádio. As recordações da radionovela *O Direito de Nascer* (1951-1952)¹⁰, ouvida ao lado da sua mãe, sem nomeá-la e da programação bem-feita, segundo ela. O hábito de ouvir rádio era dos seus irmãos mais velhos, ela, filha mais nova, aprendeu a gostar de ouvi-lo por intermédio deles. Outro ponto inusitado na quebra do imaginário de fã foi a decepção por notar o rosto feio da atriz Ísis de Oliveira, quando apareceu sua imagem. Maria Olívia não tomou lado de nenhum dos defensores, seja de Emilinha ou Marlene, embora gostasse de muitas das músicas românticas do repertório de Emilinha e suas atividades eram

¹⁰ A novela *O Direito de Nascer* teve 314 capítulos e ficou quase 03 anos no ar, em um momento de descrédito no formato, com sua linguagem para sensibilizar os ouvintes, induzindo o consumo do mundo imaginário. Lia Calabre menciona cartas dos ouvintes sensibilizados ou indignados com o destino dos personagens. Essa novela gerou debates entre advogados, psicólogos, membros da igreja e ginecologistas. No final da sua transmissão, o comércio fechava mais cedo e as sessões de cinema começavam mais tarde. Depois, essa e outras novelas foram para a TV, mas *O Direito de Nascer* não teve a mesma audiência quando foi transmitida na TV Tupi, entre 1964 e 1965 (CALABRE, 2002, pp. 37-38). Mencionando essa falta de audiência na TV, em sua coluna final com o mesmo nome da novela, Anselmo Domingos lembrou o sucesso anterior, nacional, e agora, regional. Era transmitida pela Rádio Tupi e estava com a mesma audiência. Ou seja, para ele ainda havia o interesse pela transmissão da novela nas estações de rádio, enquanto na TV, não (N° 834, p. 56, 11/09/1965). Como o tempo passa e as coisas iam mudando aos poucos para o rádio e seus contratados, por outro lado, em momento anterior, Anselmo afirmou que as pessoas não tinham perdido o interesse pelas novelas do rádio, pois às segundas, quartas e sextas, a *Novela das 20 horas* da Nacional do Rio, era a maior de audiência (N° 624, p. 50, 02/09/1961). Sobre *O Direito de Nascer*, Napolitano (2001, p. 55) diz que a produção hipnotizou os lares brasileiros em 1964, mas nem tanto, como no passado.

feitas ouvindo rádio. Sua mãe era fã de Carlos Galhardo e assim desenvolveu o gosto por “músicas antigas”. Os filmes da Atlântida misturavam seus enredos com os cantores como Marlene, Emilinha e Francisco Carlos. (ABREU e BERTOLINI, 2010, p 145-147).

Em 1950, depois que Marlene “ganhou” de Emilinha em 1949, não houve concurso e Marlene permaneceu no posto. Em 1951, a eleita seria Dalva de Oliveira. Intérprete pioneira do rádio, fez parte da *Dupla Preto e Branco*, depois do *Trio de Ouro*, com seu marido Herivelto Martins e Nilo Chagas, até o fim do seu casamento, no fim dos anos 1940, quando o antigo casal entrou em uma batalha sonora, enriquecendo a música popular brasileira, mas expondo os dois. Além disso, o jornalista e compositor David Nasser começou a atacar Dalva no *Diário da Noite*, com Herivelto, compondo músicas para atingi-la; da mesma forma, outros compositores como Aaulfo Alves e Nelson Cavaquinho defendiam Dalva, através das suas letras. Era a chance de Herivelto destilar sua ira e inconformismo, ao saber que Dalva era uma artista, para além do seu machismo e dos seus domínios (DUARTE e RIBEIRO, 2009, pp. 127-134).

Depois de Dalva, a nova Rainha foi a desconhecida Mary Gonçalves, apoiada pela Rádio Clube. Ela não era a favorita, no entanto levou o título, quando Carmélia Alves, vendo-se derrotada, transferiu seus votos para Mary. Sim, era possível transferir votos, ser patrocinada e toda sorte de manobras. A eleita ganhou um carro jaguar e Adelaide Chiozzo, apoiada por Joaquim Guilherme da Silveira, dono da Fábrica de Tecidos Bangu, foi vencida (RODRIGUES, 2012, p. 84). Carmélia lembrou em outro momento que a derrota de Adelaide não foi por conta dos votos transferidos para Mary, mas porque a Tecidos Bangu não deu um cheque em branco, em referência à possibilidade de comprar o título (HUPFER, 2009, p. 210). Entreveros à parte, foi a primeira inexpressiva até aqui, como Rainha do Rádio.

Fazendo justiça ao seu nome, por fim, Emilinha Borba, a mulher que mais recebia cartas na Rádio Nacional, ganhou o concurso de 1953. Nas cortes do rádio, onde tem Rainha, existe princesa, e a segunda colocada naquele momento foi Ângela Maria, cantora surgida em 1951 que em pouco tempo estava entre as artistas mais importantes do país. No ano seguinte, contratada da Mayrink Veiga e da Rádio Nacional, apoiada pela Rádio Record de São Paulo, pelo então ministro do Trabalho de Vargas, João Goulart e mais uma vez pelo Guaraná Antártica, Ângela foi eleita a Rainha do Rádio de 1954. Neste ano, apoiada pelos bicheiros, a segunda colocada seria Vera Lúcia. Depois, o concurso teve mais três Rainhas: em 1955, Vera Lúcia; em 1956 e 1957, Dóris Monteiro¹¹ e, por fim, em 1958, Julie Joy. Todavia, não eram

¹¹A eleição de Dóris foi comprada por Assis Chateaubriand. A cantora estava em terceiro lugar na véspera. Ele mandou comprar todos os votos e a fez vitoriosa com larga margem de vantagem (CALABRE, 2002, p. 244).

mais as cantoras populares de antes e a TV fazia frente, com seus novos ídolos, ao pessoal do rádio, como veremos em outro momento (AGUIAR, 2010).

Na eleição de Vera, a rainha do ano anterior, Ângela tinha apoiado Nora Ney¹², que foi vencida na apuração final, ficando com o título de princesa. Em março de 1955, Vera foi coroada por Carmen Miranda, que estava no Brasil para cuidar da sua saúde abalada. Nora estava frustrada e Vera Lúcia não era uma típica representante do rádio, pois apesar de ser da Rádio Nacional era conhecida como artista de cinema e teatro. A derrota de Nora teria sido armada por Armando Louzada, conselheiro da ABR, acusado de não negociar a venda de duas publicidades em dois programas, as quais iriam converter o dinheiro em votos para Nora. Esse material foi cedido pela Record de São Paulo, emissora pela qual Nora também era contratada. Louzada se justificou dizendo que tentou vender, no entanto as estações do Rio não mostraram interesse. Nora não aceitou as desculpas e Ângela Maria estranhou o resultado. Revistas da época e leitores acompanhavam de forma parcial a rivalidade entre as cantoras, em um momento de esvaziamento do concurso anual (LENHARO, 1995, pp. 180-181).

Um pouco além dos auditórios, com seus reinados e gritos dos fãs, no fim de 1945 o Brasil vivia a deposição de Vargas e seu governo autoritário do Estado Novo. Como dito anteriormente, era a crise do autoritarismo. Apesar disso, esse período de transição democrática, mesmo que a vontade política exigisse a continuidade de Vargas no poder, o governo do presidente se preparava para uma transição democrática desde 1942, mas as coisas se precipitaram no início de 1945, com a entrevista de José Américo de Almeida, acelerando esse processo. A Lei Constitucional nº 9 revogou os atos repressivos da Constituição autoritária de 1937, marcando em 90 dias o estabelecimento de novas eleições, em 28 de fevereiro, como primeiro ato do governo. Em maio de 1946, o governo decretou o código eleitoral, marcando para 2 de dezembro as eleições de deputados estaduais e governadores. Vargas poderia concorrer nas eleições, saindo do cargo três meses antes. O movimento queremista pedia a continuidade do seu governo, através das movimentações, sendo a primeira realizada no dia 20 de agosto, no Rio de Janeiro (FERREIRA, 2019).

O impasse político do fim do Estado Novo, a briga na imprensa, a luta contra a censura, a união da UDN com a extrema direita e a direita, onde o autor pontua o movimento queremista contribuindo para a união do PTB e do referido movimento, fossem tomados pela mesma coisa,

¹² O fã-clube Canone (Clube dos admiradores de Nora) se apresentou à cantora, no entanto ela desejava um movimento com atividades culturais, trabalhos de alfabetização, não o espetáculo e os embates dos outros grupos. Nora gostava deles, de fazer amizades e, depois da sua derrota no concurso de Rainha do Rádio, notou-se a dificuldade do seu nome para esses tipos de eventos e acordos (LENHARO, 1995, p. 141).

uma vez que, para os dirigentes e fundadores do PTB, como Segadas Viana de um lado, o líder queremista Hugo Borghi e os desconhecidos do outro, não tinham nomes de expressão na vida política, o que não era causal. O autor pontua a impossibilidade do suporte ideológico do trabalhismo, para o queremismo se tornar possível. O PTB se fragilizou e os embates entre os fundadores do partido estava desorientando os trabalhadores, projetando no ex-presidente Vargas a garantia das leis sociais e trabalhistas (FERREIRA, 2019).

Borghi era empresário e queremista e foi ele quem ouviu o discurso do brigadeiro Eduardo Gomes falando não desejar o apoio dos desocupados, apoiadores do ditador (Getúlio Vargas). Eduardo usou a palavra “Malta” em seu discurso para se referir a multidão que compareceu ao movimento queremista nas ruas, recebendo dinheiro do Ministério do Trabalho para isso. Borghi leu no dicionário o significado do termo “Malta” para dizer agrupamento de lobos, conglomerado de marmiteiros. Por sua sensibilidade política, ele percebeu em ‘marmiteiro’ um contexto mais vantajoso que Malta e isso foi a chave para acender a guerra de narrativas. Borghi acionou uma cadeia de 150 rádios, mencionou Eduardo como candidato das elites e acusou sua fala de não precisar dos votos dos trabalhadores, gente simples e pobre (FERREIRA, 2019).

A partir desse jogo discursivo, as camadas populares compareciam aos comícios dos candidatos do PTB com panelas e marmitas, os quais batiam com talheres. A onda de boatos e intrigas ganhou fôlego. A Liga Eleitoral Católica queria subornar os candidatos ao Vaticano e a campanha de Eduardo Gomes, que já estava fraca naquele momento, piorou. Não se garantia a vitória de Eurico Dutra, todavia ele selou um acordo com Vargas, se as leis trabalhistas e sociais do Ministério do Trabalho fossem mantidas. Em 02 de dezembro, Dutra foi eleito, com 55,39% dos votos. O PTB, partido de Getúlio, o “puxador de votos”, ficou em terceiro lugar na Câmara. O ex-presidente dividiu os votos populares e urbanos com Carlos Prestes (FERREIRA, 2019).

As leis trabalhistas do governo Vargas eram tidas como um avanço nas questões trabalhistas. Em 1942, o ministro do trabalho, Marcondes Filho, transmitia no rádio uma programação para trazer os operários para os sindicatos, transformando o trabalhismo e o Getulismo numa mesma coisa. O Partido Comunista do Brasileiro (PCB), longe do poder, comandou levantes operários no ano de 1946 e 1947 e, na tentativa de manter diálogo com outras correntes sindicais, essas discussões quase sempre se apresentavam impossíveis. No entanto, na eleição de janeiro de 1947, o PCB se tornou a terceira maior bancada da Assembleia Legislativa de São Paulo e em maio já se encontrava com mais de 180 mil filiados em todo o país. Em janeiro de 1948, os deputados comunistas foram cassados, levando-se ao fim a união

de política nacional e acusação por parte do PCB ao governo Dutra como traidor (NEGRO E SILVA, 2019).

Para nos situarmos nesses embates do campo social e político, avançamos na década de 1950, para lembrarmos as greves operárias, sacudindo as fábricas, fazendo reagir os patrões e o então ministro do trabalho, João Goulart, do governo Vargas, pedindo demissão em fevereiro de 1954, pressionado pelas críticas recebidas na imprensa, em função do projeto de duplicação do salário mínimo e a paralisação no início daquele ano. Esse período de greve se estendeu, conforme disseram os autores, até 1964, com preocupação da ala direita dos patrões e empresários e do corpo diplomático americano, atentos à incapacidade dos presidentes sucessores de Vargas no combate ao comunismo e das ideias socialistas espalhadas pelo Brasil. Essa capacidade de articulação dos comunistas vinha desde a década de 1940, com sua capacidade de organizar e mobilizar dezenas de Comitês Populares e Democráticos, envolvidos nos problemas dos bairros, discutindo moradia, gastos com gêneros de primeira necessidade, além da criação de comitês profissionais, para destacarem-se na atuação junto aos sindicatos, voltados para as categorias onde havia problemas locais de trabalho (NEGRO e SILVA, 2019).

Avançaremos na década de 1950 e no Golpe Militar de 1964, contudo esse paralelo ao espetáculo do rádio, ao embate de Marlene e Emilinha, capitaneado por seus admiradores, nas ruas e nos auditórios, nos mostra como o Brasil vivia para além da vida forjada pelo sonho de algumas/alguns de serem estrelas do rádio. É nessa agitação social que surge a *Revista do Rádio*, no Rio de Janeiro, em 1948. Sobre isso, levantaremos os seguintes pontos: quem a fez em determinados períodos e quais as mudanças nos seus editoriais? Quais erros nas fotos das personalidades em suas capas? Como os cupons de votações para os fãs aparecem e se alteram nas eleições dos “melhores”? Em que momento surgiu internamente a palavra TV? O que antecedeu a coluna *Mexericos da Candinha*? Quando houve alternância da folha editorial? Houve desenho em capas, mesmo tendo começado com fotografia? veremos essas informações no próximo ponto, baseadas em trabalhos acadêmicos e na fonte da RR.

2.2 A REVISTA DO RÁDIO E SEUS EDITORIAIS

A marcha *Fanzoca do Rádio* homenageou a RR nos seus 10 anos de lançamento, para lembrarmos a direção de Anselmo Domingos, na maior parte de existência do periódico, tendo Borelli Filho como chefe de redação, passando pelo auge e descambando no vício inofensivo, na crença da época, por lança perfume, depois éter e cocaína, não sem antes passar a chefia para seu irmão, o que não deu certo. Anselmo era um homem correto em suas finanças, pois a

mudança de sede do periódico, em 1965, para a rua São Luís Gonzaga, no bairro de São Cristóvão, no Rio de Janeiro, foi paga à vista. Contudo, depois não lhe atendiam mais, em parte das lembranças da sua antiga secretária Ilka Nora, a qual tem duas fotos ao lado do diretor e proprietário. Há quem lembre que a revista estava decadente desde os anos 1960, mas em 1965, com a mudança da nova sede e a festa oferecida, não poderia ser tão ruim financeiramente (FAOUR, 2002, pp. 14-15; 29-30; 151-153). O autor cita o endereço do gabinete de Anselmo (FAOUR, 2002, p. 15), Rua de Santana, 136, Rio, assim como a segunda mudança para uma sede mais avançada. O endereço foi informado na folha editorial das edições nº 86 e 87 de 1951.

Lenharo nos situa nos anos 1940 e 1950 e fala da imprensa da época, seja em *O Cruzeiro* ou as futilidades da *Revista do Rádio*. Essa última falava muito mais dos contratados da Rádio Nacional, citando outros artistas, estados e emissoras, em notas mais curtas, pondo as mulheres, quase sempre, em mensagens, reportagens e capas exaltando a feminilidade por meio da maternidade, dos cuidados com a casa, pois era assim que a imprensa da época induzia comportamentos, mesmo em futilidades. Ele vai falar das capas e reportagens com as particularidades de Emilinha, Marlene, Dalva, Ângela Maria e outras mulheres como Nora e Carmélia Alves (LENHARO, 1995, pp. 168-174).

Dentro dessa construção de representações do mundo objetivo (Espig, 1998), embora não seja o retrato fiel da vida particular das mulheres representadas, elas eram modelos, ligadas às tradições, formas culturais e às estruturas mentais antes e depois delas. Mesmo com os novos ritmos musicais balançando as tradições, ou compositoras femininas assinando duas autorias, como Dolores Duran e Maysa, no universo antes dominado pelo masculino. Os indivíduos daqueles anos 1940 e 1950, trazendo para o contexto da autora recém citada, não apreendiam o mundo de forma científica, mas por meio de representações falsas ou alienadas, dentro do possível e aceitável no contexto cultural, devendo obedecer, se quisessem algo que não a marginalidade. Quando essa imprensa queria falar de mau comportamento, como dito, escondia os amores de Elizeth Cardoso com homens casados e condenava, na maioria das vezes, Elvira Pagã e Rosina Pagã, como mau exemplo da época.

Essa manipulação das mulheres e fãs das artistas do rádio, consumidoras dos produtos, dos modos de vida mesmo forjados, divulgados na imprensa, reflete mais uma vez o imaginário social de uma sociedade ou grupo, no exercício de poder que vinha da imprensa, do rádio, da recém-criada televisão, distribuindo papéis sociais e funções, quando possível, expressando crenças comuns e modelos fixos. Pois o comportamento machista dos anos 1940 era ventilado para os artistas homens e solteiros, mostrando-os cada um como disponível ao casamento, assim como as mulheres, em representações maternas das cantoras veteranas como Carmélia Alves,

Dalva de Oliveira, Nora Ney. Esse imaginário cria uma ordem social para os homens e mulheres artistas, mesmo que manipulado, falso, fazem parte da ordem social daquela época, como dispositivo de controle e exercício do poder. Assim, quem induzia os meios de comunicação eram os homens, controlando-os, e a Igreja Católica, outra força de fator social no Brasil naquele contexto dos primeiros cinquenta anos do século XX. Os dois manipulavam e os dominados, o público, em grande parcela sentia ou não a manipulação (ESPIG, 1998).

Maria Marta Picarelli Avancini, em sua dissertação em História, na UNICAMP, discute muitas passagens da RR, nas quais os fãs ultrapassaram a mera adoração de seus ídolos do rádio, não mais com as irmãs Batista, Emilinha e Dalva pelas ondas sonoras, todavia com os novos modelos de exposição das estrelas através da imprensa, na RR e na *Radiolândia*. A autora cita a rivalidade de Emilinha e Marlene, com os fãs não as concebendo no mesmo lugar ou mesmo aceitando uma vitória da outra (referindo-se ao concurso de Rainha do Rádio, que Marlene ganhou em 1949) e outra eleição de Emilinha, como cantora mais querida na Rádio Clube, associada da Rádio Nacional, não tendo o mesmo peso de ser Rainha, como a eleição mediada pela ABR. Era preciso aferir a popularidade dos artistas através dos fãs-clubes, levando em conta sua importância, tanto quanto a vendagem de discos (AVANCINI, 1996, pp. 78-80).

A RR trazia esses preparativos dos fãs, os quais, para homenagear seus ídolos preferidos, pagavam qualquer preço para engajar o nome dos seus artistas, assegurando o lugar no Olimpo radiofônico. Não havia momento certo para homenagear seu ídolo e transformavam esses momentos de adoração em uma festa, muito pelo espaço de euforia. Aqui não concordamos com os termos alegria e liberdade postos pela autora, pois como mencionamos nas páginas anteriores, os gays e as fãs eram chamadas de *macacas de auditório*, além do fato dos seguranças tirarem os ouvintes dos auditórios, das filas, mesmo eles comprando os ingressos. Bem verdade, os fãs demonstravam a maioridade da sua artista sobre as demais através do número de faixas, da vibração da plateia e do auditório quando sua favorita entrava ou as vaias para as cantoras tidas como rivais. As revistas especializadas da época traziam os artistas, sendo os auditórios os lugares de fabricação dos artistas radiofônicos (AVANCINI, 1996, pp. 84-85).

As narrativas da RR versavam sobre o mundo das estrelas vindas da pobreza e chegando à fama, da vida anônima a ser estrela. Seu público leitor era a maior parte da classe C e D, focando, principalmente, nos artistas da Rádio Nacional. Certamente, as artistas com colunas na RR não as escreviam, é o caso do *Diário da Emilinha*¹³, na *Revista do Rádio*, citada por Lia

¹³ Na mesma linha do citado diário, contando o dia a dia da cantora, encontramos o *Álbum de Emilinha* (RR, nº 217, p. 15, 07/11/1953).

Calabre. Os ouvintes queriam ficar perto dos seus ídolos, conhecer seus hábitos, isso inflamava os fãs-clubes e fazia crescer as vendas do periódico. De outro lado, em questão de leitores, *O Cruzeiro* era das classes A e B (CALABRE, 2002, 96-97; 243-244). É interessante observar que, apesar da repercussão maior aos artistas da Nacional, citava-se contratos e contratados de outras estações¹⁴, bem como as alternâncias de programação, estreias, shows, apresentações coletivas. A operação da RR sobre os fãs não foi prevista, quando saiu do controle as agressões entre os fãs de Marlene e de Emilinha. O artista estava em evidência e mais que ouvidos, os fãs tinham olhares atentos, tudo era motivo de interesse, curiosidade e atenção (LENHARO, 1995, p. 173).

Sobre a classe C como maior parte das leitoras da RR, o próprio periódico mencionou a pesquisa Ibope de 1955, na qual 32% deste segmento lia a RR; 25% na classe B e 10% na classe A, em um total de 27% do público leitor. Na mesma classe A, 91%, lia *O Cruzeiro*. A RR estava em segundo lugar geral entre as revistas semanais, seguida pela *Manchete*, *Grande Hotel*, *Mundo Ilustrado*, *Radiolândia* e outras, até a 15ª posição (Nº 304, p. 20, 09/07/1955). Quatro anos depois, no mesmo Ibope, o público leitor da RR estava em 23%, contra 51% de *O Cruzeiro*, ainda como segunda revista semanal do país. Na classe A, para a RR, houve um aumento de leitores para 15%, segundo a coluna *Notícias*, na qual foi dada a informação, comprovando “a penetração desta revista entre os leitores de maior nível de recursos” (Nº 531, p. 63, 21/11/1959).

Aos poucos, durante a década de 1960, a RR deixou os artistas do rádio para falar dos novos ídolos do Brasil, a Jovem Guarda (FAOUR, 2002, p. 151). Todavia, essa afirmativa deve ser trazida para o início da década e não durante, a citar um dos muitos concursos promovidos pelo periódico, “com o voto dos fãs”, quando apareceu a novata Celly Campello, entre os veteranos Cauby Peixoto e Emilinha Borba, na 3ª apuração de *OS MEUS 10 ARTISTAS MAIS QUERIDOS*, com a seguinte chamada “AGNALDO (RAYOL) EM 1º LUGAR!”. Havia uma lista e posição de cada artista, a citar: Agnaldo Rayol, Nelson Gonçalves, Ivon Curi, Cauby Peixoto, Emilinha Borba, Anísio Silva, Ângela Maria, Celly Campello, Leny Eversong e Sílvio Caldas, além da posição dos demais votados, até a 20ª posição, com cupom na mesma página, para o leitor escolher os *10 ARTISTAS MAIS QUERIDOS* e enviar a RR (Nº 565, p. 58, 16/07/1960). Além disso, Celly foi capa bem antes de ser arrolada nessa nota entre os 10 mais, ao lado de Tony Campello (nº 540, 23/01/1960). A RR era uma revista mensal, nos dois primeiros anos,

¹⁴ Apenas para citarmos duas artistas da mesma emissora, a Mayrink, capa com a cantora Nancy Wanderley nº 192, de 12/05/1953; a primeira capa com Ângela Maria, nº 196, de 09/06/1953.

depois tornou-se semanal, com medidas de 19 por 27 centímetros (FAOUR, 2002, p. 19). Entretanto, Doris (2002, p. 02) afirma que a RR se tornou semanal com menos de um ano de funcionamento, o que não aconteceu.

Sem mencionar um ao outro, os pesquisadores falam do mesmo período, em 2002, confirmando a numeração de páginas da RR em 50, geralmente. Eles citaram as colunas mais reconhecidas, mas nós acrescentamos mais informações sobre elas, a citar: *Mexericos da Candinha*¹⁵ com suas fofocas, informações e insinuações; *Buraco da fechadura*, de Amauri Vieira, com perguntas e respostas rápidas de Amauri Vieira; *24 horas na vida do seu ídolo*, com o fã “acompanhando” o dia a dia do/da artista, como era sua casa, o que ele fazia ou gostava de fazer, ao acordar, à tarde, antes de dormir, além dos trabalhos domésticos corriqueiros, outros em aprendizado; *Tudo é Brasil*, sobre o rádio nos demais estados, seus contratos, contratados, os artistas nacionais, admirados por outros em suas localidades regionais, em pequenas biografias, além das festas comemorativas, às vezes, contando com a participação de artistas do Rio de Janeiro e São Paulo.

(A) *Pergunta da semana* quando os artistas respondiam sobre vários temas, em pequenas citações atribuídas a eles/elas, a política, vida cotidiana, polêmicas do momento; *Correio dos Fans*, divulgava cartas de leitores, pedindo fotos, capas, reportagens, insinuando mal-estar entre os artistas, respondidos sobre as inimizades inexistentes, ocultando as existentes, negando endereço particular dos artistas, orientando mensagens endereçadas para as respectivas estações pelas quais os artistas eram contratados, quando as perguntas eram bem específicas, entre outras notas¹⁶.

Dentro do periódico havia espaços para o satírico e inusitado, posto pela coluna *Feira de Amostras*, do René Bittencourt, com ele sugerindo falas, discussões, conversas aleatórias, encontros entre Ângela, Emilinha Borba, Nora Ney, além de certa vez, uma presença de Dalva e Ângela na mesma mesa, quando elas estavam afastadas. Os assuntos variavam de economia, namorados, esposos, contratos, com diálogos algumas vezes entre Ângela e Zé Veneno, personagem fictício da coluna. Se a RR informava e contrainformava sobre os artistas do rádio, a coluna se repetia em uma vez, 11 anos depois, para mencionar a subseção *Problema resolvido*,

¹⁵ A coluna *Mexericos da Candinha* começou como *Segredos da Candinha*, em 17 de fevereiro de 1953 (FAOUR, 2002, p. 123), mas há um *Filhos de Candinha* (RR nº 29, p. 30, em 01/04/1950) falando do desquite da vedete portuguesa Beatriz Costa, lembrando as mesmas notas cheias de insinuações, como sua mãe ou tia personagem, faria três anos depois.

¹⁶ Como periódico de um tempo longo, a grafia das palavras mudava ou acontecia erros entre a reportagem e o texto da matéria em si, mas para o *Coluna dos Fans* houve uma ausência de publicações sobre a coluna, entre as edições 679 e 680, substituindo *fan* por *Correio dos fãs* (Nº 681, pp. 42-43, 06/10/1962).

com Ângela e Emilinha, na mesma discussão de como guardavam seu dinheiro, agora com a presença de Ema D'Ávila.

Os trocadilhos e ironias da coluna mencionavam os amores, as questões financeiras entre as cantoras, o modo como elas se vestiam, as canções do repertório, cruzadas com acontecimentos sociais do momento, a decoração do apartamento da cantora, onde os seres inanimados como as moscas, observavam e conversavam sobre as coisas vistas. Dentre outras menções, algumas delas em diálogo imaginário de Ângela com o personagem Zé Veneno. Em uma das referências, sem subseção, menção para a música *Fósforo Queimado*, canção de sucesso de Ângela no momento, em que ela cantava: “Eis um fósforo queimado/Atirado no chão”, por outro lado, o personagem da coluna, Zé Veneno, rebatia, dizendo: “Agora *êle* era fósforo queimado, mas antes era fósforo benzinho (suposto relacionamento)” para falar da sua antiga relação amorosa (Nº 224, p. 36, 26/12/1953), o namoro recém terminado em julho do mesmo ano¹⁷ com Othon Russo, e isto era uma reafirmação para a notícia, encaixando o repertório da cantora.

A escrita da RR era conservadora, muito embora, Anselmo Domingos, seu diretor, fosse um gay católico, não assumido, em um tempo de muito preconceito (FAOUR, 2002, p. 154). O mesmo autor afirma (2002, p. 31) que as matérias tidas como grandes têm duas páginas, ainda assim este dado é contestável, por haver reportagens com mais páginas, a citar: “As sensações do rádio de 1952”, com 03 páginas, uma das fotos com Ângela, Dóris Monteiro e Nora Ney, as novas estrelas do rádio no ano anterior, além de sucessos de outros artistas e compositores do passado (Nº 177, pp. 22-25, 27/01/1953); reportagem com Rogéria, Princesa do Rádio, uma das fotos com Ângela, em 04 páginas (Nº 186, p. 22-25, 31/03/1953); “A RAINHA QUE TODOS QUERIAM”, com Emilinha sendo coroada Rainha do Rádio, ao lado dos fãs e demais artistas, 06 páginas (Nº 181, pp. 03-09, 24/02/1953); casamento de Marlene com Luiz Delfino, reportagem com 06 páginas, uma das fotos com Ângela, Rogéria, Nora Ney (Nº 206, pp. 04-09, 18/08/1953).

Outra afirmação de Faour (2002), sobre o periódico não falar abertamente em gays (aqui abrimos a menção para os artistas) em suas matérias, ou quando o fazia, quase sempre era no período de carnaval e nos bailes do Teatro João Caetano Faour (2002, p. 102). Em partes sim, contudo a coluna *Flagrantes*, com fotos e pequenos textos de vários momentos citando Mendez, transformista imitador da cantora Leny Eversong, citando quatro exemplos, o primeiro: com

¹⁷ Reafirmamos isso no capítulo dois, através da coluna *Discos*, subseção *BRIGAS E COISAS* (Nº 200, p. 35, 07/07/1953).

ele travestido de Leny (Nº 453, 17/05/1958), na coluna citada; o segundo: uma reportagem de duas páginas, com Mendez, mencionando sua história e de onde ele passou com seus shows (Nº 531, 21/11/1959); o terceiro: na coluna *A foto da semana*, de Mendez com Norma Bengell, Elza Soares e Gilberto Alves (Nº 648, p.25, 17/02/1962), o quarto: reportagem de duas páginas, alfinetando os gays “forçados” em suas interpretações, chamando-os de “bonecas” (RR 835, pp. 43-44, 18/09/1965).

Havia espaço para o cinema na RR, pois os artistas participavam dos filmes em números musicais, e muitas cantoras os faziam, após eleitas Rainhas, quando seus cachês saltavam significativamente e aumentavam as possibilidades na imprensa e nas produções cinematográficas. Os comentários sobre as produções em início, com busca de elenco, direção, mudança de elenco, andamento ou encerramento das filmagens, podia vir, da mesma forma, por menções, nos *Mexericos da Candinha*, na coluna *Flagrantes*, em *A foto da semana*, entre outras.

Doris (2001, pp. 69-70), ao estudar a relação do rádio e da imprensa nos tempos de Vargas e Perón na Argentina, lembra que a organização desses fã-clubes em nome dos seus artistas preferidos, impulsionou o consumo de informações no Brasil, e o que era feito nas transmissões radiofônicas passou para as revistas. Na década de 1930, ela cita periódicos sobre o rádio, dentre os quais: *Pavone*, *Carioca*, *Vida Doméstica*, *A Voz do Rádio*, *Cine-Rádio-Jornal*, *Cinelândia*, destacando o aparecimento da RR e a posterior *Radiolândia*. De acordo com a autora, outras menos importantes foram a Guia Azul (1939-1948) e Radar (1951-1953).

Para ela, na Argentina, a imprensa em rádio existia desde a década de 1930¹⁸ e tinha um grande público consumidor. A autora fala da maior parte das leitoras como empregadas domésticas, donas de casa, costureiras, embora tenhamos visto um dos fãs de Emilinha negando, na seção anterior deste trabalho, que o público dos auditórios não era tão humilde assim. Por outro lado, Marlene lembra as patroas como leitoras da RR (FAOUR, 2002, p. 65). Talvez o fã que fez contraponto e Marlene, capa e reportagem no periódico, por suas habilidades artísticas para além do rádio, no mesmo período, torne-se, aqui, um ponto de inflexão para não categorizar as leitoras como sendo apenas de uma classe social.

Voltando ao texto da jornalista Hupfer (2009, pp. 134-135), ela comete algumas falhas sobre a imprensa especializada do rádio. A primeira foi sobre a criação da RR, em 1949, quando foi no ano anterior; a segunda, que a *Radiolândia* encerrou em 1957, mas a duração da revista

¹⁸ A autora recupera, em outro momento, as revistas que existiam na Argentina, na capital Buenos Aires, como a *Canción Moderna*, de 1924, que na década seguinte, em 1934, seria vendida por Dante Lineyra a Julio Korn, um próspero homem de negócios, passando a se chamar *Radiolandia* (DORIS, 2002, p. 06).

não foi tão curta assim. Quem acerta é Doris (2001, p. 70), ao afirmar o fim da *Radiolândia* em 1963; a terceira foi a transformação da RR, em 1969, para *Revista do Rádio e TV*¹⁹, quando na verdade foi 10 anos antes, na edição nº 532, 28/11/1959.²⁰ O livro não deixa de ser interessante pelo tempo percorrido em seu levantamento, com suas fotografias e tabelas de filmes e do público leitor da RR, de *O Cruzeiro*, com as devidas referências, citações dos periódicos, além de entrevistas no fim da obra com Marlene, Carmélia Alves e Dóris Monteiro.

Fernandes e Dias (2022, p. 171) usam a mesma foto de Faour (2002, p. 122), da coluna *A pergunta da semana*, e nenhum dos três autores citam o livro de Haussen (2001) e o artigo de Haussen e Bacchi (2001) sobre a RR. As autoras também erram ao reafirmarem o número de capas de cada artista, com texto de 20 anos atrás, citando Faour (2002, p. 56): “Emilinha apareceu cerca de 75 vezes em suas capas, seguida de Ângela Maria (52 vezes) e Marlene (37 vezes). Na seara masculina, Cauby apareceu pelo menos 40 vezes, seguido do apresentador César de Alencar (19 vezes) e do cantor Ivon Curi (17 vezes)”, quando na verdade alguns desses números são maiores, principalmente pela correção (FAOUR, 2021, p. 168), recontando as 90 vezes de Emilinha nas capas. No entanto, contamos as capas e Emilinha pode ter aparecido mais de 90 vezes, por sua exposição constante nos números disponíveis. Não podemos esquecer as ausências da Hemeroteca Digital, quando, diante das edições apresentadas no mesmo local, aproveitamos para recontar Marlene, 45 vezes, e Cauby, em 40 capas.

Talvez as autoras tenham pretendido escrever na introdução, página 156, que suas análises seriam entre os 1950 a 1961, pois as colunas, capas e reportagens citadas cobrem essa temporalidade. O texto traz novas imagens e colunas da RR, exemplificando suas possibilidades de pesquisa, entretanto ao falar do *Diário de Ângela Maria*, assim como o de Emilinha, deixam transparecer a continuidade, como a da última, porém não foi assim. Na edição nº 476 (p. 47, 01/11/1958), os *Correios dos Fans* informavam o quanto adorariam a volta do *Diário de*

¹⁹ A autora não cita Faour (2002, p. 12) em suas referências no livro, mas ele fez essa afirmação da década de 1960, na mudança para *Revista do Rádio e TV*, contudo, se corrige na mesma obra (2002, p. 151). Apenas para nos situarmos, a RR não era tão refratária com a TV. Nas edições nº 86 de 01/05/1951, três menções para o novo veículo de comunicação, entre mudanças de gente do rádio e anúncio comercial, a primeira, (p. 06) o sonoplasta Djalma Ferreira, da Rádio Ministério de Educação, fora contratado pela TV Tupi; a segunda (p.37) Túlio de Lemos deixava o rádio para trabalhar na televisão; (p. 43) a terceira, anúncio publicitário da J. Isnard oferecendo televisores, discos, refrigeradores à prazo, com plano, além de descontos para mecânicos e montadores. Por coluna, encontramos *Aqui, Televisão*, citando programações, porém não especificando os canais (Nº 217, p. 43, de 07/11/1953). Contudo, nos momentos do rádio, com os artistas saindo para a TV, dividindo público com os novos ídolos, não tenha surgido críticas a programação do novo meio de comunicação e ao desinteresse do público, como veremos adiante.

²⁰No mesmo ano as capas traziam na parte inferior do nome *Revista do Rádio*, a inscrição “**a primeira em rádio e televisão**” (Nº 498, 04/04/1959).

Ângela, pois ele estava encerrado porque a cantora não tinha tempo para escrever. O mesmo se deu na coluna RR nº 491 (p. 55, 14/02/1959), mas o *Diário* não voltou, enquanto o de Emilinha foi bem mais extenso. Como os “escritos” de Emilinha eram além das demais cantoras na RR, ela ainda teve um jogo de perguntas e respostas curtas, em página inteira, na coluna *Emilinha responde*²¹ (Nº 448, p. 19, 12/04/1958), na mesma temporalidade dos exemplos trazidos pelas autoras.

Gianelli (2016), falando da história do tempo presente, usa a RR como fonte, através do acervo Digital da Biblioteca Nacional, para exemplificar as possibilidades de pesquisa, trazendo imagens para facilitar o entendimento das suas ideias, não sem antes tocar na história da imprensa. No entanto, deixa de citar o uso de miniaturas de capas e ocorrências dentro da Hemeroteca, facilitando as buscas para alguns conhecedores da história do rádio. No nosso caso, pesquisando *Ângela Maria*, precisamos de mais atenção, pois seríamos induzidos ao erro, quando o buscador duplica a palavra na mesma página em alguns momentos, sem se referir a artista pesquisada. O autor pontua o citado periódico, através dos estudos de Doris Fagundes e Rodrigo Faour, como outros estudiosos do rádio. Gianelli (2016) foi um dos poucos a não dar periodicidade semanal errada para a RR, pondo-a no momento certo, na edição nº 25, de 1950.

Trescenti (2022) faz considerações sobre a publicidade na RR em sua dissertação, levantando nomes das empresas, artistas que aparecem nas propagandas comerciais dentro do periódico, coisa que o fez em um artigo (2020) preliminar, com algumas considerações da publicidade RR, quem eram os maiores patrocinadores em razões sociais e nomes, para aqueles que apareceram mais de 100 vezes²². Voltando ao texto de Oliveira (2014), para ser reportagem ou menção na RR, ela lembra Mozart Régis, contratado como comediante pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro. Talvez Oliveira (2014) não tenha tido acesso ao artigo Dângelo (2013) ou lido os trabalhos de Lenharo (1995), Avancini (1996) e a tese de Calabre (2002), pois todos, ao seu modo, citaram a RR. Voltando a Dângelo (2013), ele faz um estudo das revistas radiofônicas, desde o início do século XX, antes da RR e depois dela, passando pelo pioneirismo do meio de comunicação por Roquette Pinto, além de criticar o DIP imbatível, incapaz de controlar no espaço ritmos e gêneros como samba, maxixe e marchinha.

²¹ O cantor Cauby Peixoto também teve seu *Caubi responde*, na RR. Posteriormente, encontramos referências sobre a criação dessa coluna para os dois artistas, em Goldfeder (1980, p. 148).

²² Um exemplo de trabalho ainda não publicado sobre a RR, é a tese em Comunicação de Lucia Carvalho Moreira Dias, intitulada “A REVISTA DO RÁDIO ENTRE 1953 E A CULTURA DO ESPETÁCULO”, de 2020.

No artigo de Dias, Adami e Sande (2021), eles citam Dângelo (2013), falando das revistas especializadas no Brasil, entre 1920 e 1950, ampliando o foco do espetáculo de um lado e a banalização da cultura, por outro. Citam a RR, entretanto, em suas páginas, trazem para cada década uma revista e sua respectiva capa. Em alguns momentos, como ao citar a revista *Escândalo*, eles o fazem apenas por menção textual, o que não empobrece o referencial proposto. Para os anos 1950, traz a imagem da revista *Radiolândia*, com Emilinha Borba na capa, em edição de 1955, material do acervo particular do pesquisador Pedro Vaz. Do mesmo trabalho de Dias, Adami e Sande (2021), em outro momento, Dias e Fernandes (2022) recuperam uma menção textual à cantora Maysa “EU NÃO QUERO ME SUICIDAR”, página 12, para usarem a imagem da reportagem da RR, na página 161, situando o tema corrente dos alarmes dos artistas, seus salários e tudo aquilo vendido na imprensa.

Pela frequência da sua publicação a partir de 1950, a RR errava os nomes dos artistas nas capas, a numeração, dentre outros casos. Nas edições 83 e 84, dizendo ser Ivete Garcia quando na verdade era Bibi Ferreira, mas prontamente corrigido na edição posterior, na folha editorial da nº 84, com Bibi na capa; posteriormente, uma mulher aparece na capa, dizendo ser o cantor Ruy Rey (nº 106), quando na verdade ele estaria na edição seguinte, a nº 107. Sem justificar o erro, como na de Bibi, repetem o texto nos dois fascículos, apresentando-o, como era comum, da seguinte maneira: “NOSSA CAPA - Rui Rei é artista exclusivo da Rádio Nacional onde atua com destaque há vários anos. Suas gravações, que são disputadíssimas entre seus milhares de fans, trazem a etiqueta Continental”. A folha editorial tem sua posição alterada, sai das primeiras páginas nas edições nº 95 e 97, para as últimas folhas, nas edições 98, 99 e 100, no mesmo ano de 1951.²³

Outro fator interessante de se mencionar são as capas com desenhos de Zé Luiz, com Linda Batista e Heleninha Costa, nas edições de nº 189 e 210, de 1953, apesar da maioria das capas trazerem fotografias dos artistas. Apenas a título de comparação, todas as 10 edições do

²³ Como a RR não foi alheia aos novos ritmos musicais e isso lhe daria retorno financeiro, Baena (2016) traz o papel do periódico na difusão do rock. Ao citar o nome de Nora Ney como primeira cantora a gravar um rock no Brasil, a letra de *Ronda das Horas*, entre os discos mais vendidos no Rio de Janeiro, em 1957, mas não na defesa do ritmo ao longo da carreira. A autora não cita Lenharo (1995) e os vários momentos dele, fazendo a biografia de Nora, falando do ritmo musical em si, nos Estados Unidos. Baena (2016) resgata o princípio da RR, tendo em sua primeira capa a cantora Carmen Miranda, ela também põe duas páginas de *A pergunta da semana*, onde se pergunta: QUE ACHA DO “ROCK AND ROLL”? e “SAMBA OU ROCK’N ROLL”?, nas quais os/as artistas respondem se o novo gênero musical se sobressairia aos ritmos nacionais, em uma época que não existiam produtos para o público jovem e eles não eram vistos como consumidores potenciais. A autora é outra a não cometer o erro primário de mencionar a RR como semanal, antes do fato, em 1950.

ano inicial de 1948 trouxeram fotografias nas capas e não desenhos²⁴. Em algumas delas, acreditamos na presença de nomes e fotos dos artistas nas capas, servindo para situar os leitores, como no caso do apresentador César de Alencar, nº 08, do mês de outubro; e Luiz de Carvalho, nº 10, do mês de dezembro. Ser capa não significava ter reportagens significativas na mesma edição, como no nº 367, de 22/09/1956, Ângela dividiu a capa com Cauby Peixoto, com algumas notas no *Correio dos Fans* e nos *Mexericos da Candinha*; edição nº 702, no aniversário de 15 anos da RR, em 02/03/1963, oito anos após a morte de Carmen Miranda, com a cantora Carmélia Alves na capa, homenageando a primeira, sem foto de Carmélia na festa em homenagem na reportagem interna (pp. 50 e 51).²⁵

Desde a sua primeira edição, em 1948, a RR oferecia assinatura anual no valor de 40 CR\$, dizendo ter representantes no Brasil, em Buenos Aires, Montevideu, Hollywood, Lisboa e Paris. Essa afirmação de tantos representantes nos causa estranhamento, pois quando Ângela Maria foi fazer uma turnê em Portugal a RR supostamente enviou Manoel Domingos, remetendo várias notas para as edições, na coluna *Aqui, Portugal* (Nº 746, p. 41, 04/01/1964). Então, onde estavam os representantes internacionais da RR? Como tê-los, se entre 1948 e 1962, com a imprensa nacional avançando, com a facilidade das transmissões e informações para o Brasil?

Pensamos, a partir dessa afirmação inicial, que os correspondentes internacionais foram para tentar credibilizar o nome da RR e refiná-la como *O Cruzeiro*, com suas reportagens sobre o cenário mundial, através de outros veículos de informação. No início de 1950, continuavam os supostos representantes internacionais, além dos internos, em São Paulo: Neno Nino; Belo Horizonte, Wilson Ângelo; Manaus, Lynéa Braga; Recife, Linvaldo Linhares; Porto Alegre, Tulio Amaral, em uma tiragem de 50.000 exemplares, no mesmo valor de 40 CR\$ (Nº 23, p. 03, janeiro de 1950).²⁶

²⁴ Além de fotos e desenhos, como mencionado, encontramos recortes de fotos de artistas nas capas com Zilá Fonseca, cantora da Rádio Tupi, da gravadora Colúmbia (Nº 251, de 03/07/1954); Anselmo Duarte com Ilka Soares, ambos da Rádio Record (Nº 265, de 09/10/1954); Francisco Carlos, melhor cantor de 1954, artista da Rádio Nacional, gravadora Victor (Nº 275, de 18/12/1954).

²⁵ Há menção à Carmélia na folha editorial, falando sobre a capa a qual ela aparece e menção por seu aniversário, no dia 14 de fevereiro, além de outros/outras artistas (p. 36).

²⁶ Ao longo da sua trajetória a RR variou de preços e de formas como era distribuída. Alguns desses ajustes anunciados na coluna final de Anselmo Domingos, na qual ele justificava à imprensa que as revistas e jornais eram financiadas pelo governo, entretanto agora viviam pagando papel em dólar; outros valores, apenas nas capas, sem menção do motivo de 3 para 4 cruzeiros, citando a alta de preço de papel, caneta e impressos, lembrando as duas alterações em *O Cruzeiro* e *Grande Hotel*, afirmando “resistência” aos ajustes (nº 112, p. 50, 30/10/1951). Outras alterações dos custos da RR, de 4 para 5 CR\$ (nº 288 para 289, 26/03/1955); não teve alteração de 5 para 6, mas de 5 para 7 CR\$ (nº 374 para 375, 17/11/1956); de 7 para 8 CR\$ (nº 410 para 411, 27/07/1957); de 8 para 10 CR\$ (nº 444 para 445, 22/03/1958); de 10 para 12 CR\$ (nº 498 para 499, 11/04/1959); de 12 para 15 CR\$ (nº 521 para 522,

Na edição nº 24, de fevereiro de 1950, desaparecia o nome dos correspondentes nacionais e internacionais, na folha editorial (p.03), mantendo-se o mesmo valor da assinatura anual. Na posterior, nº 25, mês de março, a venda avulsa continuava a 3 CR\$, a atrasada, 4 CR\$,²⁷ entretanto com outras possibilidades de assinaturas, que eram três: a primeira era a trimestral, por 40,00 CR\$; a segunda, semestral por 75,00 CR\$ e a anual, por 150 CR\$. Esse tipo de assinatura trimestral logo teria fim, na edição nº 32, quando a folha editorial não trazia mais mensagem sobre essa assinatura (p.03), mas apenas os valores dos números avulsos/atrasados, além de uma espécie de sumário com páginas das reportagens, informações e colunas, em uma página seguinte, uma mensagem de três parágrafos chamada *Fatos em Foco*,²⁸ no mesmo local, telefones das estações de rádio no Rio de Janeiro; os valores das assinaturas semestral e anual estavam fonte maior, em destaque, uma jogada de marketing da RR para conseguir assinantes.

O grupo *Revista do Rádio Editora Ltda* também publicava o *Álbum do Rádio* anualmente, com cupom e anúncios de quando seria disponibilizado para compra; mensalmente, as revistas *Vamos Cantar*,²⁹ com letras das músicas, as mais vendidas e *Vamos Rir* (Doris, 2001, p. 02), revista de humor. Duas revistas foram esquecidas como parte do grupo *Revista do Rádio Editora Ltda*. Na fala final de Anselmo Domingos há menção a uma *Revista do Esporte* (Nº. 544, p. 66, 20/02/1960), na época comemorando um ano de existência. Outro periódico esquecido foi a *Revista dos Fans*, que, ao que parece, ocupava-se de biografias específicas de artistas, como menção do *Bilhete ao leitor*, lembrando uma edição próxima com Ângela Maria (Nº 407, p. 04, 29/06/1957). Na biografia da cantora escrita por Faour (2015), não há menção a essa *Revista dos Fans*, sendo ela a primeira artista representada.

2.3 OS ARTISTAS DO RÁDIO E O SURGIMENTO DA TELEVISÃO

19/09/1959); de 15 para 20 CR\$ (nº 605 para 606, 29/04/1961)²⁶; de 20 para 25 CR\$ (nº 625 para 626, 16/09/1961); de 25 para 30 CR\$ (nº 637 para 638, 02/12/1961); no ano seguinte, de 30 para 40 CR\$, (nº 677 para 678, 08/09/1962); em 1965, de 250 para 300 CR\$, (nº 849 para 850, 01/01/1966).

²⁷ Nas edições 23 e 24 percebemos um erro da RR em sua folha editorial, pois as revistas atrasadas custavam 5 CR\$. Apesar disso, nas edições seguintes, 25 e 26, o valor retorna para 4 CR\$.

²⁸ Não sabemos se a mensagem futuramente seria assinada por Anselmo Domingos, com três parágrafos, em várias discussões curtas com alertas, cobranças sobre o rádio, a TV, suas programações e contratados, dentre outros assuntos. Ainda assim, nessa mesma página, há uma mensagem chamada *Bilhete Aberto* (p.03), assinada por ele.

²⁹ A revista *Vamos Cantar*, inicialmente, trazia várias letras em uma página (Nº 38, p. 31, 30/05/1950), em seguida, tornou-se uma pequena coluna com uma canção destaque, no repertório de Ângela, além de outros artistas. Por fim, tornou-se periódico, aumentando a publicidade das músicas e os ganhos do grupo RR.

Depois do clima constante de rugas e embates nos auditórios, ruas e nas cartas para a imprensa, com a rivalidade entre os fãs de Marlene e Emilinha, vimos algumas memórias dos fãs defendendo, tempos depois, suas preferidas. Entraremos agora na história dos artistas surgidos no fim dos anos 1940, ganhando notoriedade na década de 1950, como: Ângela Maria, Elizeth Cardoso e Maysa, situando suas trajetórias artísticas na noite, nos auditórios, nas emissoras de rádio e televisão. Dos artistas citados, os de maior destaque, com seus fãs-clubes fervorosos, foram os artistas Ângela e Cauby, pois além de colegas de trabalho, muitas vezes deram casamentos e noivados para os dois. Para ele, com a finalidade de construir uma imagem viril e machista forjada, na mentalidade da época, obrigando o homem a casar, sem esquecermos da linhagem tradicional e conservadora na *RR* de Anselmo Domingos.

Neste período de Reis e Rainhas do rádio, com eleição da ABR ou não, as alcunhas dos artistas eram diversas, a lembrar algumas tais quais: Ademilde Fonseca, a *Rainha do Chorinho*; Ângela Maria, a *Sapoti* (apelido dado por Getúlio Vargas) ou a *Estrela do Brasil*; Dalva de Oliveira, a *Estrela Dalva do Brasil*; Emilinha Borba, a *Favorita da Marinha*; Carmélia Alves, a *Rainha do Baião*; Neusa Maria, *A voz doçura do Brasil* ou a *Rainha do jingle*; Marlene, a *Incomparável*, a *Favorita da Aeronáutica*, a *Mulher que Canta e Samba Diferente*; Almirante, *A Maior Patente do Rádio*; Ruy Rey, *o Rey do Mambo*; Manezinho Araújo, *o Rei da Embolada*; Luiz Gonzaga, *o Rei do Baião*; Francisco Alves, *o Rei da Voz*; Déo, *o Ditador dos Sucessos*; Cyro Monteiro, *o Cantor de Mil e Uma Fãs* e tantos outros artistas. Algumas dessas alcunhas eram dadas pelos apresentadores nos auditórios, os cronistas da época ou os fãs (AGUIAR, 2007, p. 169).

Entrando nas primeiras transmissões da televisão no Brasil, das quais alguns artistas, diretores e gente do rádio fazia parte, é oportuno lembrar a TV Tupi, de São Paulo, como a primeira emissora do país e quando ela estava no ar, inauguraram a TV Tupi do Rio de Janeiro, no mesmo prédio onde funcionava a Rádio Tupi, na Avenida Venezuela. Ela entrou no ar em 20 de janeiro de 1951, com uma série de programas, dentre os quais *A Tupi e a Televisão*, escrito por Antônio Maria, com participação de Dorival Caymmi, as irmãs Dirce e Linda Batista, Almirante, Aracy de Almeida, o ator Mazzaropi. A emissora fez a primeira transmissão de carnaval em 04 de fevereiro, com sua unidade móvel na Cinelândia, em frente à Rua Santa Luzia, nos três dias de carnaval. Almirante do rádio também foi da TV e um dos tranquilizadores aos poucos proprietários de televisão, dos erros, da paciência e experiência daquele momento ainda em construção, no qual as pessoas mudavam de canal, os fios, em busca de sinal, com transmissões apenas às segundas, quartas e sextas, incluindo o telejornal, com promessa de transmissão diária (CABRAL, 1990, pp. 257-259).

A arte e a cultura na República de 1946 passavam por abalos no período da democracia pós-Estado Novo, no qual os artistas e intelectuais buscavam uma representação moderna da nossa sociedade e nós ainda éramos marcados por uma herança social de tradição patriarcal e tradicional, apesar da modernização socioeconômica, industrialização e urbanização em estágios avançados. Essa consciência dos intelectuais dividia espaço com a visão patriarcal e a Quarta República (1946-1964), na época de expansão do cinema, do rádio, com o auge deste último, entre os anos 1940 e 1950, por sua maior capacidade de alcance. O cinema, nas cidades médias e grandes, tornou-se popular, muito por seu baixo curso. A TV, chegada ao Brasil em 1950, pelas mãos de Assis Chateaubriand, ganharia relevância na década seguinte, por uma massificação cultural, atingindo em cheio as camadas populares, sendo porta de entrada para a descaracterização da identidade brasileira, muito influenciada pela cultura de massa norte-americana (NAPOLITANO, 2019).

O setor cultural do Brasil, no fim do Estado Novo, buscava uma identidade nacional e popular, o estado e as alas culturais da direita e esquerda, mesmo as duas com uma visão patriarcal sobre setores da cultura popular. A tradição oral não era apenas uma presença, mas inspiração para obras de cultura erudita e de vanguarda, capitaneado pelo cinema e rádio. O autor vai dizer do clichê dos historiadores ao afirmar o fim do Estado Novo de Vargas, começando no Primeiro Congresso de Escritores Brasileiros, realizado em janeiro de 1945. Para ele, parte dos escritores presentes, críticos do governo, estavam ao lado dele em um passado recente. Vivíamos um contexto de êxodo rural como fenômeno social recente, entre os anos 1940 e 1950, momento o qual o rádio atraía verbas publicitárias para sua programação, destacando-se a Rádio Nacional do Rio de Janeiro com suas novelas e programas de auditório, que capitanearam este público. Os intelectuais eruditos se preocupavam com a falta de qualidade dessa programação, com o alcance que o rádio tinha sobre os populares e sua massificação (NAPOLITANO, 2019).

Na ideologia e na estética esses grupos reuniam eruditos, direita e esquerda em suas oposições, com vários projetos culturais, pensando o nacional e o popular. A esquerda estava no auge do prestígio político com seus artistas comunistas, convivendo com a direita em muitos momentos do movimento folclorista da época e essa última não se manteve passiva ou reativa em relação aos intelectuais de esquerda. Entre 1948 e 1954, o realismo socialista desse último grupo impactou a literatura, a música, as artes visuais, posicionando-se contra o experimentalismo das linguagens de vanguarda, pelo qual o PCB (Partido Comunista do Brasil) atuou contra o lirismo, o subjetivo, o abstracionismo, reafirmando o realismo, pondo a arte engajada em pauta, em favor das denúncias e mazelas sociais.

O cenário artístico e cultural, às vésperas do Golpe Militar de 1964, gravitavam em trono do PCB, de forma plural e sofisticada e esses debates ocorriam no Centro Popular de Cultura (CPC) da União Nacional dos Estudantes (UNE), unindo jovens criadores que muitas vezes entravam em choque com seus princípios mais sectários. Napolitano avança até 1964 em alguns momentos para recuperar o teatro; o cinema engajado, as chanchadas arrastando multidões para as salas de cinema; a música popular nos momentos dos anos 1940 com Luiz Gonzaga; depois com Inezita Barroso, da nação caipira; a Bossa Nova de João Gilberto no contexto do governo JK; além da produção escrita para intelectuais, leigos ou cultos expandida nas universidades, que aglutinavam críticos criativos, em espaços onde os jovens tomavam como referência da vida cultural e artística brasileira (NAPOLITANO, 2019).

Voltando ao início dos anos 1950, é preciso situar o artista do rádio nas chanchadas, lembrando que Nora Ney e Jorge Goulart não sabiam ao certo quantos filmes fizeram ao longo dessa década. Ele acreditava em dezessete, ela, quatro, sendo as experiências externas dos estúdios, para eles, mais ricas. Era importante para o artista do rádio aparecer nesses filmes, em um momento de preparação intensa para o carnaval. Era importante cantar em um filme, assim como era ter uma boa gravadora, fazer boas excursões de shows e ser contratado por uma boa emissora, como a Rádio Nacional. No mundo de cenários fixos do cinema da época, o pouco movimento cênico ficava a cargo dos cantores e figurantes. Grande Otelo, Oscarito e Zé Trindade como atores, reutilizavam as experiências de vida das camadas populares e nos anos 1950, o malandro da chanchada criava situações para se opor à proletarização consumada (LENHARO, 1995, pp. 115-119).

Música e humor faziam parte das chanchadas e a presença dos artistas do rádio mostrava parte dessa fórmula, para levar ao espectador um pouco da vida artística do Rio de Janeiro. Dos anos 1940, nomes como Carmen Miranda, Chico Alves, Almirante, Marlene, Mário Reis, as irmãs Linda e Dircinha Batista e Emilinha. A veterana Dalva de Oliveira não fotografava bem, dizem, por isso fez poucos filmes. Mary Gonçalves, Vera Lúcia e Adelaide Chiozzo, vindas do rádio para o cinema, não se firmaram no topo do estrelato, mesmo as duas primeiras tendo sido eleitas Rainhas do Rádio. Por essas últimas não darem certo, outras tiveram maior notoriedade, como as vedetes carnavalescas Virgínia Lane e Anilza Leone, que encontraram no cinema e nos palcos um complemento artístico aos seus trabalhos. A maior parte dessas chanchadas eram produzidas nos estúdios da TV Continental, no Rio de Janeiro (LENHARO, 1995, pp. 120-123; 158).

A Rádio Nacional, líder de audiência, com mais de 70 cantores e cantoras, 46 locutores, 22 produtores entre seus contratados, com uma equipe numerosa e atuante, não imaginaria seu

canal de TV ameaçado, a TV-Nacional ou Nacional TV não decolou, embora fosse o esperado pela própria grandiosidade dos seus números. Essas ameaças foram concretizadas por Chateaubriand, dono da TV Tupi, contra o presidente JK se ele liberasse a criação da TV-Nacional. O novo veículo de comunicação iniciou suas operações de forma tímida, na então capital do Brasil, Rio de Janeiro, com 30 mil aparelhos em 1952 e em 1956 seria inaugurada a programação diurna da televisão, entre às 11h e 15h. Suas transmissões para regiões distantes dos grandes centros, até 100 quilômetros. Nem estávamos bem familiarizados com a TV preto e branco, falava-se nela colorida, nos Estados Unidos. Floriano Faissal, da Rádio Nacional, subestimou o alcance da televisão, pois para cada um aparelho do novo, vendia-se 100 de rádio. Muito subestimada no início, ainda assim, os artistas do rádio tiveram oportunidade na TV, no fim da década de 1950. Eles não estavam mais preocupados com as grandes estações de rádio, mas com a TV. Em seu princípio, a programação era parecida com a do rádio, nos enlatados, teatro ao vivo e artistas como Maysa, Cauby e Ângela faziam sucesso na TV nessa época (LENHARO, 1995, pp. 158-160).

Este período de início da TV era o mesmo do segundo governo de Vargas, iniciado em 1951, até seu suicídio, em agosto de 1964. O presidente estava associado ao desenvolvimento nacionalista com predomínio de capitais nacionais, estaduais ou privados. Embora o governo tenha flexibilizado sua política econômica, havia uma preocupação com as contas públicas, até o final de 1953, com a nomeação de Osvaldo Aranha, para o Ministério da Fazenda e a instrução 70 da Superintendência da Moeda e do Comércio (SUMOC). Contudo, a conturbada cena política de 1954 relegou a estabilidade ao segundo plano, a crise econômica, além da escalada inflacionária, não pode ser explicada de forma teleológica, mas balizando as conjunturas contingenciais dificilmente detecta-se as políticas de longo prazo desenvolvimentistas. Os autores criticam o uso do termo populista indiscriminadamente, pois é comum se afirmar populista ser comumente o outro (FONSECA e SALOMÃO, 2019).

Em seu segundo governo, Vargas alterou sua política econômica através da Lei do Mercado Livre (Lei 1.807), abrindo vias para atrair o capital estrangeiro, com liberdade cambial e afrouxamentos nos critérios de reinvestimento e essa mudança na política de câmbio mostrou-se agradável ao capital estrangeiro. Nesse ínterim de vai e vem, o presidente manteve uma relação dúbia com o governo americano, dentre outros fatores pelo acirramento de criação da Petrobrás, construindo uma empresa brasileira, estatal e monopolista, com a campanha de “O petróleo é nosso”, além da pressão induzida pelos americanos, em relação às contas internas do Brasil. A inflação estava na casa dos 20% no final de 1953, as despesas da União e o crédito do Banco do Brasil ao Tesouro Nacional aumentavam, em evidência as políticas expansionistas e

monetárias da época. Vargas, em seu posicionamento nacionalista, era contra o fechamento da CEPAL (Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe), de interesse americano (FONSECA e SALOMÃO, 2019).

Ao mesmo tempo dos seus programas nas rádios Mayrink e Nacional, do Rio e São Paulo, Ângela estreou na TV Paulista, canal 5, em 1954. Eram quatro programas semanais e a divisão entre a ponte aérea, fora os shows diversos e as temporadas em boates. Era o ano da sua vitória como Rainha do Rádio (FAOUR, 2015, pp. 156-157) e, tragicamente, o ano do suicídio do presidente Vargas. Para falar desse período e sua repercussão, recorreremos ao papel de oposição da Rádio Globo, criada em 1944 e apoiando o então candidato de oposição à Vargas, pelo partido UDN. Quando Vargas foi deposto, no fim do Estado Novo, em 1945, a emissora fez ampla transmissão. Avançando para 1953, a emissora deu espaço ao principal candidato de oposição a Vargas, Carlos Lacerda, e com a crise do jornal a *Última Hora*³⁰, ele passou a ocupar mais espaço na programação da emissora, não poupando o presidente em seus discursos acusatórios (CALABRE, 2004b, pp. 36-39).

A ira da UDN, partido conservador e liberal economicamente, vinha desde o resultado das eleições, quando eles contestavam a vitória de Vargas com 48,7% dos votos, lembrando a falta da maioria absoluta (FONSECA e SALOMÃO, 2019). Em 05 de agosto de 1954, Carlos Lacerda sofreu um atentado, que acabou matando o major Rubens Vaz, no conhecido caso da Rua Toneleros. Com a crise política, Vargas foi orientado a se afastar do governo. No dia 23, à noite, ocorreram reuniões para pensar no afastamento do presidente pelas vias jurídicas. Na madrugada do dia 24, a rádio Globo antecipava a renúncia de Vargas e na mesma madrugada o governo divulgou a carta de licenciamento do presidente. Apesar disso, no mesmo dia, às 9h, o país era informado sobre o suicídio de Vargas e a reação popular de fúria, contra a rádio Globo, queimando os carros de distribuição do periódico, além de atacar os demais opositores, não tardou. Antes do suicídio de Getúlio, Lacerda tinha feito declarações fortes contra ele e aos funcionários da equipe da rádio Globo. A reação popular no dia 24 surpreendeu e apenas o jornal *Última Hora* circulou no Rio de Janeiro (CALABRE, 2004b, pp. 40-42).

Abordando a estabilidade política e o desenvolvimento econômico no Brasil do Governo Juscelino Kubitschek (1956-1961), centrado na figura do referido presidente, não como homem de censura ou repressão (apesar das ressalvas e censuras do momento, que veremos

³⁰ A *Última Hora* foi um jornal criado em 1951, ligado a Vargas. Essa ligação incomodava Roberto Marinho, do jornal *O Globo*, e Assis Chateaubriand, de *O Cruzeiro* e dos Diários Associados e era do interesse deles a crise no jornal oposto. Na crise de 1953, Carlos Lacerda, por meio da *Tribuna da Imprensa*, acusava Samuel Wainer de favoritismo político, por sua proximidade com Vargas (CALABRE, 2004b, pp. 37-38).

adiante), mas como um homem ligado a modernidade, ao tom conciliador, a capacidade de se promover, a acessibilidade e proximidade perante o povo, convivendo com intelectuais, dando anistia para evitar conflito interno aos militares, participantes dos protestos contra o governo entre 10 de novembro de 1955 e 13 de março de 1956. O cinema, as peças de teatro, o consumo, a propaganda, bem como o endividamento externo, com a abertura ao capital estrangeiro, fizeram parte da administração de Juscelino; alguns problemas agressivos e difamatórios de jornais da UDN, vinculados a Carlos Lacerda, como o *Tribunal Imprensa*, trazia críticas orçamentárias, denúncias de escândalos e corrupção, possíveis ameaças comunistas, colocando a oposição udenista não simplesmente como acusatória, mas obstructionistas de modo a rejeitar projetos e impor condições para aprovar matérias do governo no legislativo (CEDRO, 2019).

As campanhas do governo nos impressos, rádio e televisão multiplicavam para persuadir o público a consumir e integrar suas vidas à modernidade, para crescimento interno. O Plano de Metas do seu governo era um projeto nacional de intervenção estatal e industrialização, contudo no governo JK isso foi ampliado à participação do capital externo, internacionalizando nossa economia. No penúltimo ano do governo JK, em 1959, a inflação estava crescendo, os gastos públicos eram grandes e os aumentos salariais oneravam a folha orçamentária, além dos subsídios estatais para o café, que foram prejudiciais para a vida econômica do país. Os empréstimos diretos internos e aos credores internacionais, como o FMI e o BIRD, endividou o país. Apesar disso, o presidente preferiu crescer, ao invés de resolver os desequilíbrios financeiros. Juscelino assumiu a presidência numa fase crítica da política brasileira, após o suicídio de Vargas, todavia, soube se valer da coligação PTB/PSD como sustentação política, dialogando com a sociedade, os trabalhadores, os sindicatos e tendo na figura de João Goulart um importante mediador e negociador do seu governo (CEDRO, 2019).

Muitos desses embates com os opositores de Juscelino se deram em oposição à construção de Brasília, com o objetivo de integrar o Brasil, através da nova geopolítica do Brasil e mesmo não estando dentro da 31ª Meta de investimento de Estado, foi incorporada posteriormente. Com isso, surgiram as críticas dos udenistas aos altos custos da construção de Brasília, a ameaça comunista, crises orçamentárias, denúncias de escândalos de corrupção. A nova capital foi inaugurada em 21 de abril de 1960, porém isso não se deu de forma rápida, pois na Constituição de 1891 havia esse propósito, como competência do Congresso Nacional. Juscelino encaminhou o projeto e teve aprovação em setembro de 1956. A construção e arquitetura da capital foram idealizadas por Lúcio Costa e Oscar Niemeyer e a capital representava a cidade do futuro e o princípio de uma fase de desenvolvimento para o país (CEDRO, 2019).

O princípio da TV, por outro pioneiro, Victor Berbara, lembrou a TV Tupi com 3 câmaras, em 1957, enquanto a TV Rio tinha apenas uma. Quando pifava, ao vivo, ele disse “se virar” com a situação inusitada, além de ter feito um curso de seis meses nos Estados Unidos, ensinando e aprendendo com os americanos como se fazia o novo meio de comunicação. Além dos recursos maiores da Tupi, ele lembrou com entusiasmo a criatividade da TV Rio. Victor dirigiu Ângela Maria na TV Paulista, em 1955, em São Paulo, o som era ruim, pois havia apenas um microfone para a cantora e outro para a orquestra. Victor mencionou o show *Ângela Maria in Concert*, com um palco, auditório e uma espécie de pedestal. Essa apresentação foi mais fechada, bem-comportada. Quando trabalhou na TV Rio, o diretor disse ter mais liberdade, entre os jovens como ele, os equipamentos para ousar e criar, na época inicial dos efeitos especiais. O diretor artístico da TV Paulista era Demerval Costa Lima, gente do rádio, como a cantora (FAOUR, 2015, pp. 226-228).

As artes plásticas, literatura, cinema e educação viviam essa fase de experimentação no Brasil. Guimarães Rosa publicava *Grande Sertão: Veredas*, em 1956; Jorge Amado, *Gabriela Cravo e Canela*, em 1958; Clarice Lispector, *Laços de Família*, em 1960. A peça teatral *Eles não usam black-tie*, em 1958, de Gianfrancesco Guarnieri, criticava as fragilidades do desenvolvimento pregado pela política, questionando seus avanços na área social e no mundo do trabalho. A realidade do país foi observada por filmes como *Rio, Zona Norte*, de 1957 e o curta-metragem *Pátio*, de 1959, de Nelson Pereira dos Santos e Glauber Rocha, expoentes do Cinema Novo no Brasil, mesmo o Plano de Metas de JK não criando projetos com foco artístico e cultural. Em seu governo se reconheceu o trabalho profissional dos músicos, através da Lei nº 3.857, de 22 de dezembro de 1960. Nele, também se pensou a criação da Universidade de Brasília, mediada por Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira, muito embora ela só tenha sido inaugurada na gestão João Goulart, em 1962 (CEDRO, 2019).

Falando das memórias da sua infância e vida com seus pais Herivelto Martins e Dalva de Oliveira, Pery Ribeiro lembra o contato do pai com Vargas, Ademar de Barros e JK. Sobre o contato com esse último, o presidente explicava a importância do projeto da nova capital para o compositor, o qual, internamente, não acreditava no projeto de Juscelino. Embora se pense nos interesses políticos partidários de Herivelto, algo comum para época, ele não os tinha. Seu interesse era pelos músicos, a classe a qual fazia parte (DUARTE e RIBEIRO, 2009, pp. 205; 225-226).

Vimos os muitos artistas do rádio indo para a televisão com programas próprios, em sua fase amadora, sem formação profissional, exceto para o caso de Victor Berbara estudando nos Estados Unidos, os demais, por força de seus contratos, iam e viam entre as emissoras e

programações. O aprendizado era ao vivo e o improvisado, coisa comum. Sendo assim, voltaremos ao início dos anos 1950, com o surgimento de Ângela Maria para uma das artistas mais fotografadas na época, em pouco tempo estaria ao lado de nomes como Marlene, Emilinha e Dalva de Oliveira. As fotografias com Ângela e Emilinha foram tantas em 1957, que a coluna final, chamada *ASSUNTOS*, do Anselmo Domingos, rebateu a queixa do humorista Leon Eliachar ao excesso das capas nas revistas especializadas com as duas cantoras, chamando-o de “Agripino Grieco das revistas de rádio” (Nº 429, p. 66, 30/11/1957).

2.4 A TRAJETÓRIA DE ÂNGELA MARIA NA REVISTA DO RÁDIO

Ao falar das revistas de consumo nos anos 1950, é preciso lembrar a liderança exercida pela revista *O Cruzeiro* no Brasil, criada em 1928 e como ela inspirou a *RR*. Em 1948, essa última, focava em suas publicações a área artística, por seus cantores e cantoras nas capas e colunas, focalizando a vida amorosa, fazendo intrigas permanentes. *O Cruzeiro* inspirou outras revistas, como a *Manchete*, do grupo de Adolfo Bloch, surgida em 1952. Ao falar de outras revistas de consumo, surge a revista mensal *Realidade*, em 1966, o autor põe as grandes reportagens, texto e foto que estavam restritas ao *O Cruzeiro*, *Manchete* e *Fatos & Fotos*, esquecendo-se de citar a *RR* e suas matérias ilustradas com fotos (CORRÊA, 2013, pp. 207-208; 214-215). Lembramos muitas coisas na *RR* forjadas para aproximar os fãs dos seus ídolos, as colunas “escritas” pelos artistas e as capas, importantes para o prestígio deles.

A *Sapoti* surge como cantora famosa no segundo governo de Getúlio Vargas. A primeira nota sobre a artista surgiu na coluna *Radiolândia* (não confundir com o periódico do grupo Globo surgido tempos depois, com o mesmo nome) da *RR*, que anunciava Ângela como a “nova cantora da constelação mayrinkiana” (Rádio Mayrink Veiga) além da nova programação da emissora (nº 79, p. 06, 13/03/1951). A biografia da cantora, escrita por Faour (2015), recupera outros momentos da artista na mesma fase, citando *O Globo*, *A Noite Carioca*. Todavia, nossa atenção se volta para a *RR*. Além do mais, o faz citando a gravação de Ângela, em *Quando Alguém Vai Embora*, samba (Ciro Monteiro /Dias da Cruz), e *Sou Feliz*, samba (Augusto Mesquita e Ari Monteiro), através da coluna *Chacrinha Musical* (Nº 97, p. 06, 17/07/1951).

Antes, a mesma coluna elogiava a voz da cantora, lembrando suas apresentações todas as noites no *Avenida Danças* (*Dancing Avenida*), como algo relevante para uma cantora em início de carreira (Nº 95, p. 07, 03/07/1951). Outra reportagem anterior, de duas folhas, escrita por Borelli Filho, com a chamada: "A MAYRINK AGORA VAI!", citava os novos rumos da emissora, os ajustes feitos por Gilsom Amado, superintendente da emissora, recém-empossado

na função, além de outros contratados como Zilá Fonseca, da Tupi, assinando contrato simultaneamente com a Mayrink; além de Ângela, “cantora revelação de futuro garantido” (Nº 81, pp. 14-15, 27/03/1951).

Tempos depois, uma notificação de 1956 lembraria aos leitores, através da coluna *Rádio em Revista Rio*, a publicação de *TÔDA VIDA DE ÂNGELA*³¹, levantando aspectos da sua infância, empregos, namorados, escrito por Armando Louzada, empresário e orientador da artista (Nº 364, p. 47, 01/09/1956). Na edição seguinte, em duas páginas, entre as colunas *Rádio em Revista São Paulo* e *Rádio em Revista Rio*, relembavam a história de Ângela a ser publicada por Louzada (Nº 365, pp. 46-47, 08/09/1956). A biografia da cantora, de Faour (2015), não faz menção a essa série de reportagens do *TODA VIDA DE ÂNGELA*, mas não deixa de ser importante para se ter uma noção da vida da artista em outros periódicos, com testemunhos dela, dos colegas de trabalho, outros programas de televisão, apresentadores e diretores nessa fase.

Quatro edições depois da RR, justificavam o atraso na divulgação de *TODA VIDA DE ÂNGELA*, pelo atraso de Louzada na escrita, por conta do aniversário da Rádio Nacional, comandada por ele. Livre da função, ele voltaria a escrever, lembrando-o como empresário e grande amigo da cantora (Nº 369, p. 10, 06/10/1956). Na edição nº 372, Ângela apareceu na capa com Ivon Curi, e em tom ufanista prometiam os “capítulos realmente emocionantes, as lutas, as emoções, as tristezas e as alegrias que Abelim Maria da Cunha viveu e vive, desde os seus tempos de menina (de Macaé) que sonhava com a glória — e até os dias em que a alcançou” (p. 47, 27/10/1956). Na mesma edição, a reportagem relatava o rompimento de Ângela com Louzada, falando de uma mágoa dele, quando ela mostrou o desejo de comandar sua carreira. Ele estava com a cantora desde o início da sua carreira, entretanto, em 1º de outubro, Louzada não era mais responsável pelos contratos da artista (pp. 08-09).

Ângela chegava no rádio em sua fase glamurosa, iniciada nos anos 1940, se estendendo para a década seguinte, quando o veículo de comunicação criava os sonhos e o sucesso do artista, fosse um contrato da Rádio Nacional ou de uma grande emissora do Rio ou de São Paulo, seria um passo para seu nome se fazer conhecido no resto do país. Desde a década de 1940 o rádio fazia os jovens sonharem com a vida de artista, assim como os de hoje sonham com a vida artística na televisão. A fase de ouro do rádio brasileiro compreende o período entre 1945 e os últimos anos da década de 1950, para justificar a fase o conjunto de elementos do

³¹Três anos antes dessa série resgatando a vida de Ângela encontramos a reportagem/biografia *A infância dos grandes artistas*, com texto de Eugênio Lyra Filho, contando a vida da apresentadora Yara Sales, com fotos da sua infância e da época em que fez teatro (RR, nº 196, pp. 22-23, 09/06/1953).

rádio em ascensão, enquanto meio de comunicação, por sua fase glamurosa em um ambiente todo especial. A Rádio Nacional do Rio de Janeiro era o espaço da Hollywood no Brasil, lugar capaz de realizar sonhos e transformar a vida em um conto de fadas. A autora não fala em “época de ouro do rádio” para o período, pois, para ela, é impossível dizer se havia mais ouvintes do rádio antes do que hoje, levando em consideração o crescimento populacional do país (CALABRE, 2016, pp. 129-130).

Depois de informar e contrainformar, repetir, insistir sobre o artista do rádio, lembrando o jogo com as imagens dos artistas do rádio, através da imprensa, como pontuou Lenharo (1995, p. 190), a biografia *TÔDA VIDA DE ÂNGELA* foi lançada na *RR*, com apenas duas páginas, uma textual e a outra com fotos da artista em dois momentos (Nº 373, pp. 44-45, 03/11/1956). A reportagem começou citando a cidade de Ângela, através do seu pai, Albertino Coutinho da Cunha, com seus outros filhos e filhas, “Abdnar, Abiezer, Abiail, Abeadina, Abigail, Hila³², Abdiel, Abmael e Abedil. Nove filhos. Viriam mais, depois. O dinheiro não era muito, mas dava”. Como se houvesse uma entrevista com depoimento de Albertino, contando sempre com a presença de criança, considerando uma distração para todos. O ano de 1929 não foi bom, ao citar as grandes queimas de café por conta da inflação. Não obstante, naquele ano, pedira um filho ou filha para o dia 13 de maio, com saúde, “que nascesse naquele dia, um dia glorioso que lembrava a abolição dos escravos”.

Figura 1 - Layout do 1º capítulo da biografia *Tôda Vida de Ângela Maria*.



Fonte: Revista do Rádio, nº 373, p. 44, 03/11/1956. Disponível em: memoria.bn.br/pdf/144428/per144428_1956_00373.pdf. Acesso em: 27 de maio de 2022.

Apresentamos apenas esse layout, entretanto, para as quatro edições na apresentação da vida da cantora, ele mudou em suas fontes e desenhos. A vontade do pai foi atendida, nasceu

³² O texto da *RR* erra, pois Hila era o apelido de Abiail, citado duas vezes na biografia da reportagem (FAOUR, 2015, pp. 13-14).

uma menina, chamada Abelim, mais uma para cantar no coral da Igreja Protestante. Ela era bonita, tinha uma bonita voz, a sétima menina da família, a 10ª entre as irmãs e, até maio de 1929, a caçula. O texto da RR era alegórico e narrativo, como se a cantora fosse predestinada desde criança, até seu choro era bonito e "se Deus não tivesse gostado daquela voz, que o pai achava "boa para o coro da Igreja Protestante". Sobre o ano em que nasceu, foi tão ruim para seu pai, que ele a registrou apenas no ano seguinte, em 1930. No conjunto das “glórias e acertos” da vida da décima criança da casa, a nota ainda mencionou que Deus fez Abelim Maria da Cunha (nome de batismo da cantora).

Em todos os parágrafos do primeiro capítulo de uma página havia referências a Deus, à Bíblia e ao coro da Igreja, local dos irmãos de Ângela e dela, posteriormente, ressaltando a religiosidade conservadora da família e o discurso cristão do periódico. Não se falava apenas em religiões cristãs, mas elas dominavam, de maneira forjada ou não, as declarações dos artistas e as reportagens. É notório a comparação das imagens de uma menina na imagem menor, para mostrar outra Ângela, artista predestinada desde criança, sonhadora com a vida artística e que conseguiu. O seu rosto sereno era semblante de uma vida que deu certo e estava dando certo, sem nos esquecermos do jogo midiático no periódico. Nesse primeiro bloco, mostram uma foto de 1956 e outra atribuída a seus pais, em seu aniversário, em 13 de maio de 1952.

Figura 2 - Duas imagens da cantora: uma de 1956 e outra menor, em 13 de maio de 1952.



Fonte: Revista do Rádio, nº 373, p. 45, 03/11/1956. Disponível em: memoria.bn.br/pdf/144428/per144428_1956_00373.pdf. Acesso em: 27 de maio de 2022.

O segundo capítulo da reportagem muda das páginas finais para iniciais (Nº 374, pp. 08-09, 10/11/1956) e começava o enredo citando uma enchente, que levou tudo da família, casa, pés de café da fazenda, plantação, gado, além de ter afastado a família da cidade de Conceição de Macabu e da relativa prosperidade da família, foram a miséria mais forte. Ângela, a menina mais nova, ao contrário dos irmãos mais velhos, não correu no terreiro de café, não teve amigos na cidade. Ao mudar de parágrafos, a narrativa não se centrou apenas na vida da família, apesar disso, fez referência religiosa ao Srº Albertino, pai da cantora, pensando como Deus estava testando os filhos, assim como fez com Jó, personagem bíblico. No contexto social maior do período, o texto ainda citou o fim de 1929, avizinando uma revolução vinda do Sul, comandada por Getúlio Vargas. Esse último ponto, pensamos nós, para não deixar de citar o verdadeiro amigo dos artistas, como a RR o chamava.

Nessa fase ruim, para piorar, chegou outra criança, Arlete. Os pais de Ângela foram para a casa da filha Hila, em São Gonçalo. Para o enredo contado, não haveria melhoras para aquela família pobre no momento, apenas quando o patrão aumentava o ordenado (salário) e enquanto isso não acontecia, o salário não se ajustava, a família passava mais provações. Ângela ficou na casa da irmã, Hila. Mesmo sem saber cantar, com a língua presa, e falando engraçado, ela cantava. No ambiente familiar, Ângela ajudava nas coisas de casa, nos trabalhos domésticos. Voltando ao relato, Ângela tinha supostos apelidos como "Lim", "Zim" e "Neguinha".

Tempos depois, Hila tirou sua irmã Ângela da sua casa e a entregou na casa de Joaquina, irmã de Pixinguinha. Ângela sabia cozinhar e lavar. Encerrava, mais uma vez, no mesmo parágrafo, revelando as qualidades de dona de casa da cantora. Tempos depois, ela foi morar com a tia (sem citar o nome), em Botafogo. No mesmo tempo, Albertino, pai da cantora, diante do olhar do Senhor (Deus), conseguiu uma vaga de operário no Arsenal da Marinha. O salário não era grande, contudo, os filhos estavam crescidos, podiam trabalhar e ajudar nas contas.

“Ele reuniu o rebanho”, em referência a sua família, e se mudou para o morro de São Carlos, próximo a uma Igreja Batista, onde mais tarde ele seria pastor e ensinaria as primeiras letras de canções à Neguinha (Ângela). A vida escolar da artista começou tarde, quando ela tinha 13 anos, estudando à noite, pois ajudava a família em casa. Depois desse relato da vida escolar, o *TÔDA VIDA DE ÂNGELA* lembrou Albertino chamando Ângela para cantar os salmos no "côro" da igreja. Para a menina, aquele local era difícil, contudo, logo ela estaria cantando entre senhoras, moças e rapazes. Falando baixo, entre os salmos e cantos religiosos, encerravam lembrando a cantora dizer: "Eu hei de ser cantora. Eu hei de saber cantar!".

A história da vida da cantora continuou no 3º capítulo, do qual ela também foi capa na mesma edição. Foram mantidas a posição das páginas da edição anterior, agora situando sua

voz em outros ritmos "profanos" como sambas, canções e marchas. Nos empregos, antes da carreira artística, lembraram a vida de operária têxtil³³, inspetora de lâmpadas na General Electric e, por fim, atendente em consultório dentário³⁴. Ângela cantava nos intervalos de almoço no trabalho, acreditando nascer para aquilo. Dos programas de calouros nos quais esteve, o primeiro foi o *Hora do Pato*, de Jorge Curi, na Rádio Nacional, ela não usava seu nome de Abelim Maria da Cunha, por vergonha dos pais ou medo de não dar certo, alterou para Marina Cunha, mas não dava certo, pois era o nome de uma ex-Miss Distrito Federal, desaparecida do cenário artístico logo em seguida, depois de fazer um filme.

Figura 3 - A cantora com vestido longo.



Fonte: Revista do Rádio, nº 374, p. 09, 10/11/1956. Disponível em: [per144428_1956_00374.pdf](https://per144428.1956.00374.pdf) (bn.br). Acesso em: 27 de maio de 2022.

Repetindo a mesma lógica do antes e depois da cantora no 1º capítulo, o 2º traz duas fotos da artista em dois momentos da sua vida, uma delas atribuída ao início da sua carreira e a outra afirmando a realização da artista em seu apartamento, no bairro de Copacabana. A cantora

³³ Em edição anterior, no espaço menor do *Correio dos Fans*, Valéria Maciel, do Rio (de Janeiro), perguntava por qual razão Ângela não fala do seu trabalho em uma fábrica de tecidos. Responderam com outra pergunta, se aquilo tinha tanta importância assim (Nº 239, p. 31, 10/04/1954).

³⁴ Nessa época, a cantora relembrou a pobreza, as mudanças de casa e que a dona da casa, a dentista, dava apenas os restos das refeições para Ângela, além de fazê-la escovar as escadarias de mármore, acesso para o consultório. Ela não reclamava, pois quando o fazia, mandavam ela se calar e terminar o trabalho. Anos depois, a irmã de Ângela, Abiadina (Dina), doméstica, soube dos maus-tratos da irmã, foi no emprego dela e a tirou de lá. Por sorte, na época, a patroa de Dina permitiu a Ângela morar com a irmã, onde foi tratada melhor (FAOUR, 2015, p. 20).

está vestida com vestido longo, luvas e casaco de pele, sendo observada por um animal de estimação. Ângela concorreu no programa *Calouros em Desfile*, de Ary Barroso, tirou nota máxima, 5, sendo aconselhada pelo apresentador a estudar música. No fim de 1949 e início de 1950, andou por outros tantos programas de calouros, dentre eles o *Pescando Estrelas* de Arnaldo Amaral, *Papel Carbono*, do Renato Murce e o de Celso Guimarães (sem citar o nome do programa) na programação do almoço, todos esses na Rádio Nacional.

As promessas de contratação foram muitas ao longo desse período, todavia ela não deixava seus empregos formais, até surgir o convite da Boate Flayer, em Copacabana, com contrato de seis meses, ganhando seis mil cruzeiros, uma fortuna para a época. A boate durou pouco tempo e fechou, depois dos seis meses. Então Ângela deixou os empregos e decidiu-se pela carreira artística, aceitando cantar no *Dancing Avenida*, com salário de 4 mil cruzeiros por mês. O relato disse como o convite pareceu não muito respeitável para os pais, contudo, eles acabaram cedendo e essa aversão se devia ao preconceito em relação a esse espaço. Sobre isso falamos em momento anterior, situando a cantora Elizeth Cardoso em início de carreira.

Mais uma vez, como se fosse fácil para ser cantora da noite, o destino da artista mudava em seu favor, por conta de Jaime Moreira Filho e Erasmo Filho, que a ouviram no *Dancing*. Jaime falou com Ciro Monteiro, ele foi ouvi-la e os dois procuraram Gilberto Martins, diretor da Rádio Mayrink Veiga, marcando um teste com a cantora. Ciro a acompanhou no dia do teste, dando-lhe um samba dele com Dias da Cruz. Aprovada, foi contratada para a emissora, ganhando menos que o *Dancing*, entretanto o contrato com a rádio era importante.

Figura 4 - Ângela ao lado de Francisco Carlos à esquerda e Cauby Peixoto à direita. Na imagem menor, ao lado do apresentador César de Alencar, da Rádio Nacional.



Fonte: Revista do Rádio, nº 375, p. 09, 17/11/1956. Disponível em: [per144428_1956_00375.pdf \(bn.br\)](#). Acesso em: 27 de maio de 2022.

Na imagem maior está Ângela com Francisco Carlos à esquerda e Cauby Peixoto à direita. Na imagem menor, a cantora está ao lado do apresentador César de Alencar, da Rádio Nacional. O texto das imagens dizia ser ela “querida pelos fans e companheiros de microfone”, sem citação para nenhum dos três, mas como prenúncio da prosperidade encontrada pela cantora ao insistir na sua carreira, apesar das muitas adversidades no passado. Ângela estreou em um sábado, tensa, com a orquestra dois tons acima do dela, a voz não saía, desafinou, quis chorar. Gilberto também estava nervoso, aproximou-se dela, disse não ser nada, encorajando-a, ao dizer que ela iria longe.

A quarta e última parte do *Tôda Vida de Ângela Maria* mudou a ordem das duas páginas, em relação às três biografias, acrescentando muitas fotos (nº 376, pp. 27-34, 24/11/1956). O uso de tantas imagens, para mostrar a prosperidade financeira da artista, com o texto lembrando seus primeiros passos na rádio Mayrink Veiga, a aproximação do compositor Othon Russo, compositor iniciante que lhe deu a canção *Sabes Mentir*, sucesso dos dois. Ele foi o responsável pela seleção do repertório dos discos da cantora, nos dois primeiros anos da sua carreira.

Em uma fala atribuída a Ângela, ela lembrou não ter repertório no início de carreira, interpretando músicas de outras cantoras, contudo gostava das canções de Dalva de Oliveira, e a imitava. A menina criada de forma severa, de repente estava só, cuidando de si e de sua

carreira, fazendo muitas excursões (turnês), ganhando muito dinheiro, vendendo muito. Lembraram o primeiro namoro da artista em início de carreira, com Milton, tendo ele se aproximado dela como fã. A história durou alguns anos, mas teve um fim e a matéria dizia que até hoje ele não tinha se recuperado. Antes desse relacionamento a cantora tinha entregado sua carreira para Armando Louzada, chamado de empresário, amigo, gestor de sua carreira e dos seus interesses financeiros.

Sobre as boas vendas da artista, os bons números de 100 mil discos com a música *Mamãe*, no espaço de 30 dias e, como a canção era executada por todo o país.³⁵ Os hábitos e penteados da cantora mudaram, contudo “ela era a mesma, reconhecendo os antigos amigos”. Para falar dos gastos financeiros, lembraram seus gastos de quase 20 mil cruzeiros em fotografias e flâmulas. Ela era, segundo a RR, a maior cantora da sua geração, pois ninguém tinha subido tanto em tão pouco tempo, mas para Ângela ainda lhe faltava algo, “pouco” e essa ausência era um relacionamento, um príncipe consorte para uma Rainha, encerrando com a pergunta: "Quanto aparecerá o seu?". A clara referência da mulher precisando de um homem, assim como faziam com os homens solteiros do rádio, como Cauby Peixoto e outros.

Figura 5 - “Ângela já é milionária”.



Fonte: Revista do Rádio, nº 376, p. 29, 24/11/1956. Disponível em: memoria.bn.br/pdf/144428/per144428_1956_00376.pdf. Acesso em: 27 de maio de 2022.³⁶

³⁵ Em nosso Anexo 1 há uma lista de notificações para a canção, entre *Os discos mais vendidos Rio*, entre os meses de maio e junho de 1956.

³⁶ Na nossa busca edição por edição da RR, entre à Hemeroteca e às consultas a biografia da cantora escrita por Faour (2015), notamos essa imagem no primeiro bloco de fotografias da artista, não com menção para a RR, mas como parte da “imprensa nativa”.

Das muitas imagens apresentadas no encerramento de biografia, citando o bom gosto na decoração do seu apartamento, selecionamos essa imagem com a inscrição “Ângela já é milionária”. Ao lado esquerdo dessa afirmação, a nota textual afirmava que a vida lhe deu glória e fortuna, além comprar um carro de 800 mil cruzeiros, muito sintomática para o texto que foi apresentado, das viagens, venda de discos. Segundo o texto, era a maior artista da sua geração, em fotos de Aymoré Marella e Hélio Brito, exclusivas para a RR.

O que percebemos no texto de *Tôda Vida de Ângela Maria*, faz parte de informações interessantes para as leitoras sonhadoras com o mundo da fama ou na ideia de prosperidade para a artista. Por outro lado, a RR via um meio de divulgar uma nova reportagem sobre a artista e vender periódicos dentro de uma lógica, para a cantora entre as mais populares do país. Dessa forma, nos parece oportuno Ângela, como um bom produto para a RR, induzindo as fãs que o mundo artístico era aberto para todas as “predestinadas”.

Familiarmente, a mãe de Ângela, Dona Julita, percebeu a carreira da filha como algo irreversível, ela não se tornou uma prostituta ou coisa do gênero, pois havia essa má fama do meio artístico. A artista lembrou em sua biografia que quando foi visitá-los foi bem recebida por sua família. Eles disseram sentir saudades e, depois daquele momento, passou a dar uma ajuda financeira a eles. Nessa mesma época, a cantora tinha vários horários na programação da Mayrink Veiga, além do seu programa às 18 h, três vezes por semana, ao lado de Jacob do Bandolim, Cyro Monteiro. A cantora era ouvida às 20h30 na mesma emissora, ao lado de El Cubanito, dividindo o horário. Ainda em junho de 1951, cantou na estreia do programa *Música, Sempre Música*, às 21h30 (FAOUR, 2015, pp. 48-49).

As canções *Sabes Mentir*, bolero (Othon Russo); *Não tenho você*, samba (Altamiro Carrilho/Átila Nunes), gravações de Ângela, foram uma das músicas do ano, ao lado de outras gravações, como: *Ave-Maria*, samba canção (Vicente Paiva/Jaime Redondo); *Calúnia* (Paulo Soledade/Marino Pinto); *Beijinho Doce*, valsa (Nhô Pai); *Papai Adão*, marcha de carnaval (Klecus caldas/Armando Cavalcanti); *Tome Polca*, polca (José Maria de Abreu/Luís Peixoto), ao lado de outras tantas canções em vários ritmos, antes e depois desse período de 1951. Em 09 de maio do mesmo ano, Ângela gravava as canções *Sou Feliz* (Augusto Mesquita/Ari Monteiro) e *Quando Alguém Vai Embora* (Cyro Monteiro/Dias da Cruz), pela gravadora RCA Victor (SEVERIANO e MELLO, 1997, pp. 285-288).

A letra de *Sabes Mentir* e sua história, composição de Othon Russo, dita por ele mesmo, foi feita quando houve uma briga com sua namorada. Ao fazer a letra, ele voltou até a moça, a apresentou e os dois reataram o relacionamento. Como ele não tocava nenhum instrumento, fez a letra da canção ali mesmo. No outro dia, foi à rádio Mayrink Veiga, cantou para o maestro

Pereira Silva, que aprovou a canção e fez uma melodia no piano. Um dia depois, mostraram a canção a Ângela, ela gostou e gravou. Era uma época quando o compositor ganhava apenas 40 centavos por disco vendido (FAOUR, 2015, p. 48). Apesar do relato da canção e da circunstância de inspiração, a letra ficou entre as mais representativas do ano de 1951.

Mesmo Ortiz (2007, p. 126) falando de maneira mais abrangente sobre o cenário internacional de consumo, forjado em referências da cultura mundializada, mencionando estrelas do cinema como Greta Garbo, Marilyn Monroe ou Brigitte Bardot, no imaginário coletivo e mundial, é possível trazer todas essas referências para nosso meio nacional, pensando Ângela, Marlene, Emilinha, Dalva e outras artistas do tempo delas, no cenário artístico nacional do rádio, da imprensa e do cinema, como parte do nosso imaginário de cultura. Ajustando as imagens de caricaturas, com a profissionalização das fotografias nas revistas, os jornais na imprensa ilustrada, importando os primeiros transmissores do rádio, e, posteriormente, os primeiros televisores, globalizando nossa cultura.

Esse resgate de vida continuou na RR com outros artistas, como no recado de *Bilhete ao leitor*, lembrando que depois da biografia de Ângela lançariam um relato duplo de Marlene e Emilinha juntas (Nº 378, p. 06, 08/12/1956), cheio de informações e curiosidades. Em outro momento desse texto veremos outras artistas do rádio, se dizendo inspiradas por Ângela, assim como ela foi por Dalva. O termo *colored*, para falar da cor da pele de Ângela e sobre ela, faremos no próximo passo do nosso texto e traremos as adjetivações de pretinha, moreninha, *colored* e *semi-colored* através de notas e reportagens e até mesmo a calúnia levantada, insinuando que Ângela não gostava de “gente de côr”, na coluna *Correio dos Fans*. Para isso, traremos outros exemplos como na revista *O Cruzeiro*, e no Jornal *Correio da Manhã*.

3. A CARREIRA MUSICAL DE ÂNGELA MARIA E A PUBLICIZAÇÃO DA VIDA PRIVADA

Na história dos censos no Brasil, é recente a ideia da população categorizada como parda. Esse termo apareceu em 1872, desapareceu em 1890 e foi substituído por mestiço. Ainda assim, voltou ao censo de 1940 e nunca mais desapareceu. Em todos esses levantamentos populacionais, o termo pardo foi considerado e seu crescimento foi bastante significativo, entre 1940 e 2010, pois dentro desses números a porcentagem saltou de 21.2% para 43.1% no último levantamento. Pardo não é cor, mas se pretende como uma, mesmo indefinida, quando se pensa a constituição da população brasileira. Havia uma concepção preconceituosa e pessimista em relação ao problema da miscigenação, entre os intelectuais brasileiros do final do século XIX e início do XX, dentre eles: Nina Rodrigues, Sílvio Romero e Euclides da Cunha (WESCHENFELDER e SILVA, 2008, pp. 313; 315-316).

Situando a questão do Brasil como espaço de miscigenação, na fusão das três raças com o branco, o negro e o índio, mesmo dando ao primeiro a dianteira na superioridade coletiva. Retomando os três intelectuais brasileiros, Sílvio Romero acreditava na figura do português; Euclides da Cunha na origem bandeirante do nordestino e Nina Rodrigues, na supremacia racial dos brancos. Essa último acreditava em raças superiores e inferiores e o contato interracial faria a “raça superior” vencer; a história é um lento e gradual aperfeiçoamento das atividades físicas, psíquicas e intelectuais. Da mesma forma, as premissas racistas de Nina Rodrigues, mesmo procurando compreender o sincretismo religioso, punha a cultura negra como inferior, por sua absorção incompleta dos elementos católicos da civilização europeia (ORTIZ, 1985, pp. 19-20).

As questões raciais e os adjetivos também permeavam as colunas e notas da RR, um exemplo abaixo é pergunta indefinida sobre Ângela, se termina o texto ressaltando a cor da cantora por adjetivação, com sua alcunha:

Figura 6 - Coluna *Correio dos Fans*.

AURELITA TO... (Florianópolis) — Quem? A Ângela Maria? É u'a morena bem bonita. Seu apelido é “Sapoti”.

Fonte: Revista do Rádio, nº 252, p. 29, 10/07/1954. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/144428/per144428_1954_00252.pdf. Acesso em: 03 de jul. de 2022.

Para forjar a ideia de democracia racial no Brasil, a miscigenação tornou-se a negativa do racismo, pois esse povo não poderia ser racista. Esse propósito eugenista de branqueamento da população, solidificou uma unidade nacional de harmonia racial forjada. Na democracia racial do país se acentua a concepção de “pardificação” do povo, no processo de subjetivização e nas peculiaridades raciais fraturadas. A miscigenação nega o racismo e serve para mostrar o branqueamento como ponto civilizatório. O proselitismo mestiço no país, incluindo os elementos da cultura africana da cultura, ao incluir o corpo negro, faz desaparecer no cromatismo, na personificação e a miscigenação regulatória, nega as polaridades, sobretudo, a negra (WESCHENFELDER e SILVA, 2008, pp. 319-320).

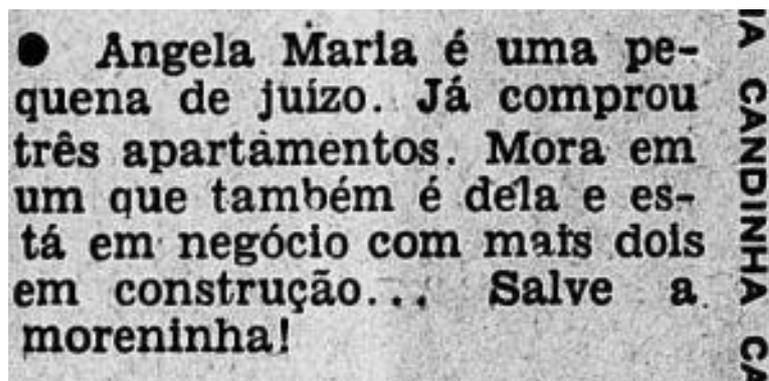
Nos anos 1930, o desenvolvimento econômico do país, aliado ao processo social, buscou transformar o conceito de homem brasileiro, sendo assim, a “preguiça” e “indolência” foram combatidas, por se associar a mestiçagem, em nome de uma ideologia trabalhista no Estado Novo de Vargas. Para Ortiz (1985, pp. 42-43), esse processo combativo contra a malandragem se deu na música, em uma transformação cultural profunda, todavia nós precisamos lembrar os contornos à censura musical, alcançado pelos artistas da época, através de Paranhos (2005), com as canções e as vozes dissonantes da dominação absoluta do cenário cultural da época, pois a sociedade não era um eco permanente de reprodução das regras estatais.

Trazendo esses preconceitos para o uso na imprensa brasileira se referindo aos/as artistas negros/negras do Brasil e fora do país, voltaremos para Ângela Maria, assentando a cor da pele da cantora e dos demais, principalmente nas pequenas notas da coluna *Correio dos Fans*, pondo a cantora como morena e na coluna *Mexericos da Candinha* como morena *mignon* e moreninha.

No primeiro capítulo vimos que os fãs poderiam escrever para a coluna *Correio dos Fans*, pedindo reportagens com artistas, capas, e citando atritos e desavenças entre eles. Lembramos algumas alcunhas dos cantores e cantoras do rádio, através de Aguiar (2007) e pontuamos a *Sapoti*, nomeada pelo então presidente Vargas, aqui, incluindo a cor da fruta “morena” e doce, como ele percebia a voz de Ângela. Tudo isso em um contexto de proximidade ao chefe de estado, no qual ele se valia da notoriedade da artista e ela, da influência política dele.

A coluna *Mexericos da Candinha* não ficaria de fora dessas insinuações à alcunha da artista e a cor da sua pele, como podemos observar ao citar o progresso financeiro da cantora, terminando por chamá-la de “moreninha”.

Figura 7 – Coluna *Mexericos da Candinha*.



Fonte: Revista do Rádio, nº 288, p. 10, 19/03/1955. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/144428/per144428_1955_00288.pdf. Acesso em: 03 de jul. de 2022.

Esse investimento da artista, mencionado em 1955, com a nota de *Candinha*, seria um contínuo em algumas reportagens e notas sobre a artista, sem nos esquecermos sua biografia *Tôda Vida de Ângela Maria*, de 1956, encerrando com uma imagem para ressaltar a prosperidade da artista, como milionária. Vimos em outro momento o termo preconceituoso *macacas de auditório* para as fãs entusiasmadas. Agora, em morena, moreninha e *colored* precisamos entender que este racismo recreativo daquela época tentava promover as falsas generalizações para convencer as pessoas que essas formas eram naturais da organização social. Embora Ângela e as demais artistas do rádio não tivessem a consciência ou espaço para uma luta por igualdade para si e as demais artistas negras das várias vertentes da arte do seu tempo, esses estereótipos se repetiam e se tornavam um conhecimento compartilhado, o que pode ser percebido nas produções culturais e no humor (MOREIRA, 2019, pp. 42-43).

As fotos do almoço foram feitas por Hélio Brito e publicadas na edição nº 456 (pp. 32-35, em 07/06/1958). A chamada da reportagem dizia: “O REI DO ROCK QUER LEVAR ÂNGELA” e em uma das imagens Ângela dava comida na boca de Bill Haley. Três edições adiante, *Candinha* citava o almoço oferecido por Ângela em sua casa, finalizando com a promessa de fotos para a próxima edição e, adicionado ao moreninha, o termo *mignon*, da língua francesa, que traduzido para o português quer dizer fofo/fofa.

Figura 8 – *Mexericos da Candinha*.

Angela Maria promoveu um almoço íntimo, em seu apartamento, para Bill Halley e seus Cometas. Uma gostosíssima feijoada foi “devorada” pelos poucos convidados. Eram poucos mesmo: Rodolfo, o noivo (com a família), Anselmo Domingos, dr. Mesquita, Caubi Peixoto, uma irmã de Angela... e um fotógrafo desta revista. Vocês vão ver uma porção de fotografias desse almoço gostoso na casa da morena “mignon”.

Fonte: Revista do Rádio, nº 453, p. 18, 17/05/1958. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/144428/per144428_1958_00453.pdf. Acesso em: 03 de jul. de 2022.

Esses termos dos anos 1950, morena e moreninha, podem ser pensados através da democracia racial, segregando e acentuando preconceitos, através do seu discurso, fazendo-o por conta do capitalismo brasileiro, comum a qualquer Estado capitalista, seja de forma interiorizada, contra a população interna; ou exteriorizada, ao falar da população de outros países como África do Sul, Brasil e Estados Unidos, não sendo o que são apesar do racismo, entretanto são o que são, graças ao racismo (ALMEIDA, 2018, pp. 141-142). Naquela época era comum, mas apesar de rica e bem-sucedida, acreditamos que o termo inferioriza Ângela, visto que poucos negros do seu tempo poderiam oferecer um almoço para um artista internacional e ser notícia na imprensa. Outro termo recorrente para artistas negros na RR era o *colored*, termo pejorativo para se referir a cor, mesmo não encontrando essa menção para Ângela no periódico.

Vimos menções para *colored* ao humorista Risadinha (Nº 04, p. 27, 1948), ao Orlando Batista (Nº 05, p. 21, 1948), além de menção para a atriz Lena Horne (Nº 09, p. 39), chamada de simpática atriz *colored*, quando o periódico ainda era mensal. Na década seguinte, o uso do termo continua, agora para Sarah Vaughan, na coluna *MÚSICA AMERICANA*, de Donald Columbo (Nº 43, p. 74, 06/02/1951); com Elizeth Cardoso, em reportagem (Nº 134, p.16, 01/04/1952). Para exemplificar outras terminologias para os artistas negros, reportagem com os *artistas de cor* (Nº 10, p. 24, 1948); o mencionado *preto de alma branca*, com Nilo Chagas, parte do grupo Trio de Ouro, formado inicialmente por ele, Herivelto Martins e Dalva de Oliveira (Nº 100, p. 24, 07/08/1951); ou reportagem com a chamada “*Grande Otelo barrado*

porque é preto!” (Nº 549, p. 57, 26/03/1960). Como vimos, os exemplos dos artistas são vários, em nacionalidades diferentes, apesar disso não encontramos o termo *colored* para Ângela.

Aquilo que era anunciado e feito, às vezes, a depender da notoriedade da artista, merecia nota de encerramento no *Bilhete ao leitor*, falando da biografia por *Tôda Vida*, dedicado à *morena Sapoti*, em suas quatro edições.

Figura 9 – *Bilhete ao leitor*.

te interessado ao público de rádio. Mas queremos ainda chamar sua melhor atenção, leitor amigo, para as oito páginas centrais desta sua revista. Ali está todo um grande espaço dedicado à morena Sapoti, essa extraordinária Ângela Maria, com o capítulo final de sua biografia, que por sinal foi plenamente aprovada pela cantora. Foi realmente um sucesso a vida de Ângela, desde sua infância, em nossas páginas. Por isso vamos sair para esta outra novidade: a biografia de Emília Borba publicada em conjunto com a biografia de Marlene. Que tal? Você vai ver como sur-

Fonte: Revista do Rádio, nº 376, p. 06, 24/11/1956. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/144428/per144428_1956_00376.pdf. Acesso em: 03 de jul. de 2022.

Essa dubiedade “carinhosa” dada por Vargas, envolve a questão racial da artista, para se referir a cor da cantora, em uma dubiedade de sentido. Dentro do meio artístico brasileiro, falando da produtora de filmes Vera Cruz e da atriz Eliane Lage, Ana Carolina de Moura Delfim Maciel cita a atriz Ruth de Souza como uma minoria de artistas negros na década de 1950, chamada na imprensa de *colored*, sem nunca ter desempenhado papel de protagonista nos filmes, sempre aparecendo como empregada (2011, p. 173).

No ano de 1952, o ator Grande Otelo, em sua fase como jornalista, reclamou em uma crônica escrita por ele, chamada “O negro e a publicidade”, lembrando a ausência de negros no segmento de eletrodomésticos ou como passageiros de avião, como se as coisas fossem pensadas apenas por pessoas brancas. O ator lembrava a única vez quando viu uma negra gorda, foi em propaganda de sabão, em anúncios de pasta de graxa ou negros motoristas dos brancos,

mesmo que a população negra quisesse fazer parte desse consumo (CABRAL, 2007, pp. 151-152).

A biografia de Ângela (FAOUR, 2015) fala do termo *colored* no *Diário Carioca*, em alusão ao tom de pele da artista, em 1953. Na mesma obra, cita-se Ângela não importando para o termo de forma pejorativa, pois ela tinha “traços de mulata clara”. Sem a possibilidade de se comprovar, Ângela o tempo todo imune a esses tipos de comentários, o termo mulata vem do embranquecimento atuante como indutor na ambivalência da classificação racial e as mulheres tidas como mulatas ou morenas, são postas nessa classificação por serem bonitas. Essa promoção de beleza, exige um sorriso envaidecido. Quem não quer ser negro, amarelo ou indígena, pode ser pardo, dentro da terminologia, ocultando sua origem, onde cabem os mulatos que não se consideram brancos, negros, amarelos ou indígenas (CARNEIRO, 2011, pp. 59-60).

Ao falar da imprensa e situar as revistas, Tânia Regina de Luca afirma que essas últimas tinham amplo espaço para as imagens e conteúdo diversificado, diversificando-se em crônicas, falando de outros países, da vida urbana e uma série de orientações (2008, p. 121). Quando a mesma autora fala em jornais, não nos impede de associarmos a RR, como manipuladora dos interesses para fazerem uma intervenção na vida social. No lazer e informação dos auditórios, gravações, viagens e contratações dos artistas do rádio, havia uma mensagem conservadora, não neutra dos acontecimentos, nem isolados da realidade político-social (LUCA, 2008, p. 118), perpetuando preconceitos, restringindo espaço para grandes transgressões que afrontassem os costumes da época.

Os estereótipos na RR e nos periódicos, referendados para os artistas negros/negras, fazem parte de um estigma para uma pessoa ou para um grupo. Ângela Maria poderia ser uma mulher milionária em pouco tempo e sua rápida ascensão ser vendida como coisa possível para qualquer jovem sonhadora, mas o grupo de negros e pardos estava em grande desvantagem e os sentidos negativos da raça quase sempre eram atribuídos a eles, pois seriam supostamente diferentes ou inferiores, dentro do mecanismo de atuação, o qual, por fim, gera tensões emocionais, sentimentos de conformidade e inadequação, impossibilitando uma mobilização contra esses estigmas sociais. Os traços negativos eram atribuídos às minorias sociais, acentuados e sempre repetidos pelos grupos dominantes. As minorias terminavam por internalizar esses preconceitos, formando uma visão negativa de si mesmos (MOREIRA, 2019, pp. 43-44).

O termo *colored* estava associado à Ângela Maria na revista *O Cruzeiro* e no jornal *Correio da Manhã*. Sobre esses periódicos, traremos mais adiante os trechos quando esses preconceitos foram mencionados. O primeiro trouxe uma matéria com Francisco Alves, ao citar

certa passagem dele com um amigo em um *Dancing*, quando ele conheceu uma "cantora *colored*", moreninha e tropicalíssima intérprete de sambas", dizendo notar na cantora uma capacidade e um talento singular (Nº 13, p. 86, 09/01/1954). Em que pese relativa ascensão de Ângela dos auditórios e *Dancing* para o ápice das mulheres do rádio, é preciso pensá-la não apenas como mulher, mas o jeito de falar da sua cor, há uma prática discriminatória para as minorias sociais, da qual até pouco tempo fazia parte, por sua origem pobre. Embora falando do racismo recreativo (MOREIRA, 2019, p. 115), os termos *moreninha* e *tropicalíssima* em nada melhorava a condição ou as discussões sobre a inclusão da mulher negra no cenário artístico da época, os adjetivos recorrentes nas matérias e notas, acentuados pela imprensa, mascarando a hostilidade generalizada em relação às minorias raciais.

Em razão do concurso de Rainha do Rádio de 1954, quando Ângela foi eleita, na festa de coroação do Teatro João Caetano, no Rio de Janeiro, *O Cruzeiro* fez uma grande reportagem sobre o evento, além de citações para a cantora, como “expressão cálida da raça”, ao colocar a história de Ângela e sua ascensão até aquele momento de festa, a matéria a chamou de "triumfal vida artística dessa cantora *semi-colored*" (Nº 22, pp. 63-64, 13/03/1954). O memorável da reportagem para Ângela faz parte de uma rede de memórias usadas em *O Cruzeiro*, dentro das estratégias de poder e do não dito no texto, reafirmando a essência do grupo, escolhendo quem faz parte dele. Poucas artistas negras nacionais em “triunfo” ali e antes desse momento, sabiam dos abusos cometidos pela memória, por uma pretensão totalizadora do passado. As práticas de memória devem ser construídas e negociadas, sem nos esquecermos das amnésias e tensões no contexto da cultura contemporânea (BARBOSA, 2016, p. 21).

Para citar outra notificação do adjetivo *colored*, uma nota do *Correio da Manhã*, na coluna *Esquina Sonora*, subseção *Miúdos*, Rossini Pinto diz:

Entrevistada pela Mayrink Veiga, a cantora "*colored*" Ângela Maria, desancou o pau nos cronistas fonográficos e radiofônicos, afirmando que todos eles estão morrendo de fome, e que ela não costuma sustentar jornalistas; de nossa parte a moça pode estar descansada, estará no "*gêlo*" para uma grande temporada (*Correio da Manhã*, nº 20969, p. 15, 03/08/1961).

Não vamos no ater ao repertório de Ângela neste momento em específico, contudo, pretendemos destacar um exemplo de *colored* fora da RR, lembrando essa nota na biografia da cantora (FAOUR, 2015, p. 376), em um momento no qual a crítica e a cantora estavam em franco atrito. Rossini Pinto não gostou e não iria mais falar o nome da cantora, pondo-a no “*gêlo*”.

Retornando às notas da RR, o *Correio dos Fans* desmentia Benedita de Castro, de São Paulo, chamando de maldade e ridículo a menção a Ângela, insinuando como se a cantora não gostasse de gente de *côr* (negros) (Nº 293, p. 39, 23/04/1955). No mesmo ano contundente, desmentiam que a artista não odiava gente pobre, em resposta a Ieda Pereira Araújo (sem cidade onde mora) falando que os boatos precisavam ser desmentidos e a cantora não tinha perdido sua simplicidade (Nº 304, p. 33, 09/07/1955). Entrando em uma escala maior dessas insinuações, com o passar dos anos, em 1962, quem respondia era a coluna final intitulada *Cosias do Chile*, do Anselmo Domingos, cidade sede da Copa do Mundo naquele ano. Inclusive com a defesa do diretor da RR quando ventilaram pela concentração dos jogadores brasileiros sua aversão a gente de *côr* (Nº 669, p. 50, 14/07/1962).

Trazendo fotos antigas dos artistas, não falando de acusações ou defesas de supostos preconceitos raciais creditados à Ângela, a matéria *Recordar é Viver*, com menção para vários artistas, dentre eles, a cantora em uma imagem supostamente do seu início de carreira, chamando-a de *brôto moreno*, e, quase sempre como essas matérias eram para resgatar imagens antigas, o texto encerrava da seguinte forma: "O que mudou na querida cantora? Recordar é viver... e por certo o retrato trará à Ângela e seu público gratas lembranças de bons tempos." (Nº 760, p. 38-39, 11/04/1964). Desde criança, vimos no capítulo 01, na sua família, um dos nomes pelo qual ela era chamada era "neguinha".

Não mais em notas, agora uma reportagem dizia: "*ÂNGELA MARIA INDIGNADA, DESMENTE: É MENTIRA! NUNCA FUI CONTRA GENTE DE CÔR*", imagens da cantora com a camisa da seleção, outra pegando uma figa, contra o "mau-olhado". A artista disse não saber os ganhos de uma pessoa com aquelas insinuações e agradeceu a defesa de Anselmo Domingos. Na legenda de uma das imagens, a cantora e Rodolfo olhavam para uma RR, afirmando ser o periódico o informante da "infâmia" contra ela. Na mesma edição, os *Mexericos da Candinha* disseram sobre o massagista Mário Américo "danado" (irritado) com Ângela, pois foram lhe dizer que ela não gostava de gente de *côr* (Nº 671, pp. 03-05; 30, 28/07/1962). Talvez essas insinuações acontecessem por conta do marido de Ângela, na época um homem branco, representado na imprensa com aspecto de galã e a cantora em uma vida de princesa, como veremos adiante neste capítulo.

Depois dessas demonstrações e adjetivações a cor da pele dos artistas negros em diversas notas e reportagens, principalmente da RR, indo até a década de 1960, voltamos a fase inicial da década anterior da carreira de Ângela. Vamos ao momento no qual ela ficou em segundo lugar no concurso de Rainha do Rádio, em 1953, sendo a princesa da votação, quando a vencedora foi Emilinha Borba, para situarmos a *Sapoti*, concorrendo mais uma vez e, agora

eleita, com a apuração das fotos de cada candidata, quando ela foi eleita Rainha do Rádio em 1954. Dissemos como os fãs defendiam seus ídolos, entramos no rádio das torcidas mais quentes e combativas de Marlene e Emilinha, contudo, não apenas elas, Ângela tinha e teve foto com seus fãs, em momentos importantes da sua carreira.

3.1 A RAINHA DO RÁDIO

Com a popularização do rádio e de seus ídolos, em 1948 o concurso de Rainha do Rádio passou a ser organizado pela ABR (Associação Brasileira dos Radialistas). Mesmo existindo desde 1937, com promoção do Iate do Laranjas, o grupo carnavalesco coroava a "Rainha" em pleno carnaval, entretanto foi com a gestão da ABR que o concurso se profissionalizou. Agora seria feito em forma de campanha, com o envolvimento das cantoras vendendo votos de forma individual, no intuito de conseguirem recursos financeiros para a construção do Hospital dos Radialistas, coordenadas por Victor Costa e Manoel Barcelos (CALABRE, 2002, pp. 95-96; 243). A ABR, por meio de apoio publicitário da RR na imprensa, queria fazer acreditar que associar-se seria uma coisa favorável aos artistas, além do tratamento integral futuro, oferecido pelo Hospital.

O projeto do Hospital se concretizou, com o apoio das cantoras Marlene, Emilinha Borba e Dalva de Oliveira (DUARTE e RIBEIRO, 2009, p. 167). Entretanto, esses últimos dois autores cometem um pequeno engano, ao dizer que o concurso surgiu no início dos anos 1950, quando na verdade ele existia desde a década de 1937, como afirma Calabre (2002). Ao abrir as reportagens falando do concurso de Rainha do Rádio em 1954, a RR noticiou: “COMEÇOU A LUTA PELA POSSE DA COROA DO RÁDIO”, com foto individual de Ângela, dizendo que ela esperava a coroa, bem como fazia menção às demais concorrentes, que eram: Irene Macedo, Vera Lúcia, Rogéria e Marion. A revista estampava uma foto da comissão organizadora do concurso, com algumas candidatas³⁷ (Nº 228, p. 17, 23/01/1954).

O trabalho de Goldfeder (1980, pp. 158-159) sobre a Rádio Nacional e a construção de mitos dos artistas, usando os fãs, no jogo empresarial, é importante, mas erra ao dizer que a *Revista do Rádio* promovia o concurso de Rainha do Rádio. A RR se valia do fervor da disputa, para vender, desde a nomeação, passando pela apuração, vitória, premiações e festa de coroação das vencedoras. Borges, em sua dissertação, (2017, pp. 134-135) ao falar das cantoras do rádio na década de 1950, tocando em nomes como Linda Batista, Dalva de Oliveira, Emilinha Borba

³⁷ Não podemos nominar quais cantoras estavam na foto com a comissão pela falta de nitidez na imagem digitalizada.

e Marlene ao longo do seu trabalho, vai no mesmo caminho de Goldfeder (1980) e erra ao falar da RR vendendo cupons para eleger a Rainha do Rádio, quando na verdade, era a ABR. Sobre isso, apenas em uma pequena nota mencionando o concurso, na coluna *Rua da Pimenta*, de Manezinho Araújo: “Mais um concurso da ABR em prol do nosso almejado Hospital do Radialista. Louvável o esforço das *cândidas* todas elas irmanadas na colaboração financeira da grande obra. Barcellos continua seu magnífico trabalho. Vivôooo...” (Nº 232, p. 10, 20/02/1954). Em outras eleições e outros concursos internos, a RR deixava os cupons para que os fãs votassem e remetessem às escolhas dos seus “queridos”, “preferidos” ou “maiores”.

O texto de Borges (2017) se assemelha muito ao de Hupfer (2009), embora a primeira não cite a segunda em seu texto ou nas referências, em seu livro no campo do jornalismo, com o mesmo recorte ao abordar as cantoras do rádio, citando a imprensa, a briga dos fãs, a eleição das cantoras como Rainha do Rádio, o cinema, o consumo através da publicidade, discutindo a associação das cantoras com um lado maternal, como o recorte para Emilinha, em foto da RR, em Hupfer (2009, p. 144). Borges o faz, com a mesma foto de Emilinha (2017, p. 120). Falando em salários dos artistas da Rádio Nacional, através da organização empresarial da emissora, Goldfeder (1980, p. 42) diz que era possível manter uma equipe grande, com altos salários e ainda reinvestir os lucros em sua organização. Sem se queixar da organização e profissionalismo dos diretores da Nacional, fazemos uma ressalva aos salários volumosos para todos os contratados/as, lembrando (CALABRE, 2002, pp. 126-127) que até 1952, quando foi inaugurada a Rádio Nacional de São Paulo, os artistas se dividiam entre Rio e São Paulo, buscando melhores ganhos financeiros. Apenas poucos exemplos, como o de Francisco Alves, ou uma pequena minoria, fizeram fortuna no rádio. O meio de comunicação era de muito trabalho e poucos ganhos para a maioria dos seus pioneiros.

Pensando a partir das afirmações de Calabre (2002, pp. 150-151), os locutores de rádio eram outro grupo que não ganhava bem, apesar da popularidade. Assim como os atores, esses locutores eram responsáveis pela apresentação de programas variados, leitura de anúncios e noticiários. Para manter exclusividade sobre as vozes mais destacadas, as estações davam percentual de participação para cada texto comercial lido. César Ladeira saiu de São Paulo para o Rio de Janeiro para ser contratado pela Rádio Mayrink Veiga, em 1941, com um salário de 2 contos e quinhentos réis. Bem, César Ladeira, César de Alencar e outros locutores deviam ter salários bons, diante da popularidade das vozes e dos seus programas, porém é preciso lembrar que nem todos ganhavam tão bem. Na mesma Mayrink, mas no ano de 1948, Mário Lago lembrou o abandono e a falta de investimentos na emissora, assim como os salários atrasados,

as desculpas sobre doença na família para receber. Mesmo a emissora sendo um ótimo lugar para trabalhar, ela estava em uma fase ruim (LAGO, 1977, pp. 148; 154-155; 165).

Avançamos para a década de 1950, com a RR noticiando mudanças e contratações na Rádio Mayrink Veiga, inclusive com a nota sobre a contratação de Ângela, em 1951, como a “cantora revelação de futuro garantido”. Ângela ficou em segundo lugar no concurso de Rainha do Rádio em 1953, quando a vitoriosa foi Emilinha. A Mayrink punha uma contratada ao lado da cantora mais popular do país, e o programa de Ângela na emissora passaria a ser *A Princesa Canta*, às 20h30. Na mesma época, no *Cotação da Semana*³⁸, o programa recebeu uma avaliação como ótimo na RR (Nº 232, p. 10, 20/02/1954).

Retornando ao ano de Ângela como Princesa do Rádio, em 1953, destacamos uma imagem da artista acompanhando a apuração, na reportagem intitulada “*Resultados imprevistos no concurso de Rainha do Rádio*”, uma foto de Ângela sentada em uma das apurações, no canto direito, com a mão no queixo e séria. Da esquerda para a direita, entre as quatro mulheres sentadas, a segunda, vemos a cantora Emilinha Borba de frente. As outras duas são Marly Sorel e Rogéria. Quase sempre o periódico fazia as mesmas chamadas, notas e, por vezes, reportagens com certos detalhes para o concurso feminino, o mais publicizado.

Figura 10 - Ângela sentada em uma das apurações, no canto direito, com a mão no queixo.



Fonte: Revista do Rádio, nº 176, p. 47, 20/01/1953. Disponível em: memoria.bn.br/pdf/144428/per144428_1953_00176.pdf. Acesso em: 05 de jul. de 2022.

³⁸ Nesse momento, o *Cotação da Semana* tinha quatro avaliações curtas sobre a programação do rádio em seus variados segmentos, a citar: ótimo, bom, regular e mau.

À frente das artistas vemos urnas e os homens contando votos. A apuração era feita na sede da ABR e escolhia a Rainha entre as cantoras da Rádio Nacional, de São Paulo e do Rio de Janeiro. Na vitória de Emilinha, a mulher mais popular do rádio naquele momento, em uma espera dos seus fãs desde 1949. Para Ângela, momento favorável para ser a segunda mulher do rádio. Não vamos trazer a tabela da votação de Emilinha, mas apenas os números de acordo com a RR, no momento do 6º Baile do Rádio, ela ganhou com 691.515 votos; contra 216.492 de Ângela, 1ª Princesa e Rogéria, com 188.488 votos, a 2ª Princesa (Nº 180, p. 50, 17/02/1953).

Na imagem com pessoas em pé, sejam os curiosos ou as fãs, eles estavam no momento dos mais importantes para o rádio e as artistas. A “Rainha” que antecedeu Emilinha, Mary Gonçalves, não era a favorita, ganhou por conta da transmissão de votos de Carmélia Alves. Embora a primeira não esteja na foto apresentada, o concurso de 1953 era um acontecimento esperado e o de 1954, com Ângela, a maior votação do rádio, como veremos. Para Emilinha, após a vitória, uma reportagem com a chamada “A RAINHA QUE TODOS QUERIAM”, com ela sendo coroada por Mary, como era comum ser feito de uma Rainha para outra, entre os fãs e demais artistas presentes na sua festa de coroação, com 09 páginas, algo incomum na RR. Todavia é compressível pelo apelo publicitário do nome da artista, além de algumas imagens de Ângela com as demais princesas, com faixas e outras duas da *Sapoti* com Emilinha e as demais, fora do ambiente da coroação (Nº 181, pp. 03-09, 24/02/1953).

Figura 11 - Ângela, a terceira sentada, da esquerda para a direita.



Fonte: Revista do Rádio, nº 178, p. 43, 03/02/1953. Disponível em: memoria.bn.br/pdf/144428/per144428_1953_00178.pdf. Acesso em: 05 de jul. de 2022.

Na matéria “*EMPOLGANTE O CONCURSO DA RAINHA DO RÁDIO*”, Ângela é a terceira, sentada, da esquerda para a direita. Em cima, as fãs das artistas. A RR dava apoio publicitário ao concurso desde o início, aos nomes indicados ou supostamente pretendidos pelas emissoras ao concurso de Rainha. Em janeiro de 1954, auge da propaganda para o concurso, destacamos apenas 3 ocorrências em edição, pela ordem, a primeira: coluna *Rádio em Revista*, subseção “*VAI CONCORRER!*” anuncia as concorrentes ao título de Rainha de 1954, sem foto das candidatas, dentre elas, da Rádio Nacional, as cantoras: Marion, Vera Lúcia, Rogéria; Ângela, da Rádio Mayrink e a radioatriz Jacira Gomes (p. 08).

A segunda, reportagem de uma página, “*COMEÇOU A LUTA PELA POSSE DA COROA DO RÁDIO*”, foto individual de Ângela, com a legenda: “Ângela Maria espera a coroa”, além das outras concorrentes (p. 17); como uma emissora de outro estado ou da mesma cidade poderia apoiar uma candidata que não sua contratada, a terceira menção foi a reportagem intitulada “*A RECORD APOIA ÂNGELA MARIA*”³⁹. A emissora de São Paulo declarava seu apoio a cantora para o concurso de Rainha do Rádio de 1954, e em uma das fotos da reportagem ela estava com Blota Júnior (Nº 228, 23/01/1954).

Com a vitória de Ângela, o periódico divulgou uma tabela com os nomes das artistas e a votação nominal de cada uma, algo comum nas apurações dos concursos próprios da RR e da ABR, organizadora do concurso de Rainha do Rádio.

Figura 12 - Apuração nominal com votos para as cantoras que concorreram ao concurso de Rainha do Rádio, em 1954.

RAINHA DO RÁDIO	
Com a expressiva votação de 1.464.996 votos (recorde absoluto na história dos concursos promovidos pela A. B. R.), Angela Maria foi eleita a Rainha do Rádio de 1954, sucedendo a Emilinha Borba. Vera Lúcia foi a primeira princesa, cabendo a Rogéria (como no ano passado) a terceira colocação. O certame rendeu, à ABR, a importância total de Cr\$ 3.691.017,00 — também superior às outras arrecadadas nos anos passados. A classificação das candidatas foi a seguinte:	
1.º	Angela Maria . 1.464.996
2.º	Vera Lúcia . . . 901.004
3.º	Rogéria 440.002
4.º	M. Matos 192.718
5.º	Carmen Dea 188.146
6.º	Marion 175.961
7.º	Lana Bit 175.000
8.º	Iris Delmar 30.950
9.º	Irene Macedo 29.956
10.º	Gilda Barros 26.818
e outras, menos votadas.	

Fonte: Revista do Rádio, nº 234, p. 09, 06/03/1954. Disponível em: memoria.bn.br/pdf/144428/per144428_1954_00234.pdf. Acesso em: 05 de jul. de 2022.

³⁹ Na mesma edição, o nome da cantora foi escrito Angela, sem acento, e agora, acentuada, Ângela.

A artista vencedora do concurso ganharia uma passagem para Paris. Por menção do desfecho da passagem para Paris, duas notas: a primeira, na coluna *Flagrantes do Rádio*, trouxe uma foto de Ângela recebendo a passagem para Paris, uma escritura de um terreno em Magé, Rio de Janeiro, além de uma coroa (essa última, apenas mencionada, sem imagem) como prêmio do concurso de Rainha do Rádio (Nº 247, p. 41, 05/06/1954); a segunda, na *Ronda das Estrelas*, Ângela iria usar a passagem de Paris para amortizar a dívida do seu apartamento (Nº 248, p. 33, 12/06/1954).

Vera Lúcia era um nome indicado da Rádio Nacional, entretanto ficou em segundo lugar. *Candinha* falou da sua decepção, ficando para morrer, depois da última apuração do concurso de Rainha do Rádio e, ao mesmo tempo, o trabalho de Armando Louzada para eleger Ângela (Nº 235, p. 48, 13/03/1954). Os demais prêmios para as princesas, foram: uma geladeira de luxo e um lote em Magé, para Rogéria; uma vitrola para Marlene Matos; uma enceradeira para Carmen Déa; um aparelho de rádio para Marion; um rádio portátil para Lana Bittencourt, Íris Delmar, Irene Macedo e Gilda Barros. Outras cantoras como Belinha Silva, Marilena, Marta Reis e Osvaldina Siqueira receberiam prêmios, mas não citaram quais (Nº 247, p. 06, 05/06/1954).

Figura 13 - Momento do anúncio da vitória de Ângela no concurso de Rainha do Rádio, em 1954.



Fonte: Revista do Rádio, nº 235, p. 06, 13/03/1954. Disponível em: memoria.bn.br/pdf/144428/per144428_1954_00235.pdf. Acesso em: 05 de jul. de 2022.

Essas imagens comemorativas com os fãs das eleitas, e toda sorte de interesse para midiaticizar o concurso e suas diversas fases, eram comuns na RR, embora não apareça no texto o nome do fotógrafo ou jornalista responsável pela matéria, coisa recorrente. Os fãs, como vimos, de tudo faziam por suas artistas e as defendiam em brigas e com acusações contra aquelas que, direta ou indiretamente, prejudicavam seu ídolo. Meses depois, no mesmo ano, a coluna *Opinião dos Fans*, supostamente com mensagem de Corina dos Santos, de Nilópolis, estado do Rio de Janeiro se dizia fã de Emilinha Borba e pedia o fim das brigas entre os fãs de Dalva de Oliveira e Ângela Maria, destacamos o trecho final “Encerro com meu *apêlo* a *tôdas* as fans da Rainha do Rádio e da favorita do Exército: sejamos amigas!” (Nº 258, p. 32, 21/08/1954). Relembramos Emilinha como a *Favorita da Marinha*, acrescentando que Marlene era a *Favorita da Aeronáutica* e Dalva de Oliveira, a *Favorita do Exército*.

Figura 14 – Ângela enxugando as lágrimas no anúncio da sua vitória, ao lado de Carmem Déa⁴⁰, candidata vencida da Rádio Tupi.



Fonte: Revista do Rádio, nº 235, p. 08, 13/03/1954. Disponível em: memoria.bn.br/pdf/144428/per144428_1954_00235.pdf. Acesso em: 05 de jul. de 2022.

Ângela Maria venceu o concurso, apoiada por João Goulart, pela Antártica, seus fãs e demais colaboradores do rádio em São Paulo e no Rio de Janeiro. Sendo da Mayrink, uma emissora importante em determinada época do Rio de Janeiro, ela venceu as concorrentes das

⁴⁰ Mais uma vez a RR troca letra no nome das artistas, para Carmem Déa ela escreve com “m” nessa matéria e na tabela da apuração do concurso de Rainha do Rádio de 1954, Carmen, com “n”.

estações maiores, como a Nacional e Tupi. A festa da coroação de Ângela foi dia 23 de fevereiro de 1954, dentro do Baile do Rádio, promovido pela ABR, no Teatro João Caetano, no Rio de Janeiro. A *RR*, em sua coluna *Rádio em Revista*, subseção *Baile do Rádio*, dava essa informação e prometia reportagem fotográfica da festa (Nº 235, p. 43, 13/03/1954).

A imagem de Ângela no trono e a seguinte, com a artista sendo coroada por Emilinha Borba, fazem parte da reportagem fotográfica prometida pela *RR*, com a seguinte chamada “Emilinha coroou Ângela - FOI O MAIOR BAILE DO RÁDIO”. Em 08 páginas de matéria, muitas fotografias de Ângela entre os fãs e demais artistas como Blecaute, Ismênia Santos, o Rei Momo com Ângela; Armando Louzada segurando a faixa de Rainha do Rádio de 1954, com a menção ao seu trabalho para Ângela ser eleita; além de outros famosos na época como Paulo Gracindo, Carmélia Alves, Jimmy (Lester) e Duarte de Moraes.

Figura 15 - Entrada de Ângela Maria em sua festa de coroação como Rainha do Rádio, de 1954.



Fonte: Revista do Rádio, nº 236, p. 03, 20/03/1954. Disponível em: memoria.bn.br/pdf/144428/per144428_1954_00236.pdf. Acesso em: 05 de jul. de 2022.

Ângela tinha um programa na Mayrink Veiga, chamado *A Princesa Canta*, nome dado em função da sua posição de princesa do Rádio, no concurso de 1953. A *Cotação da semana* dava uma avaliação como “ótimo” para o programa de Ângela na Mayrink, dizendo que ela estava cantando cada vez mais, a “estrela morena” (Nº 232, p. 10, 20/02/1954). Parece confuso, pela data e por estarmos no mês da coroação de Ângela como Rainha, não obstante em breve o programa mudaria para *A Rainha Canta*.

A Mayrink proibia Ângela de apresentar suas músicas no *Parada dos Maiores*⁴¹, dentro do programa de César de Alencar, na Rádio Nacional, no quadro onde se apresentavam as canções da “parada de sucessos”, entre as 10 canções da semana. Essa falta era sentida antes mesmo de Ângela tornar-se Rainha, contudo, o receio da Mayrink era evitar que ela fosse contratada em definitivo na Nacional. Enquanto Ângela estava proibida de ir ao programa de César de Alencar⁴², Ellen de Lima e Alaíde Costa cantavam suas músicas, mas isso foi resolvido a partir da pressão do patrocinador de Ângela, a Colírios Moura Brasil⁴³, que exigiu do diretor da Mayrink, Gilson Amado, que a cantora se apresentasse e tivesse um programa próprio na Nacional⁴⁴. Assim, em abril de 1954, Ângela estreou na Nacional seu programa *A Rainha Canta*, escrito por Nestor de Holanda e animado por Hamilton Frazão⁴⁵, aos sábados, às 14h30 (FAOUR, 2015, pp. 150-151).

O texto de abertura lido em *A Rainha Canta*, na Rádio Nacional declarava:

Sua Majestade Ângela Maria, canta para os seus súditos de todo o Brasil. Majestoso momento este em que a Soberana vai cantar. Empolgante essa hora em que acariciando nossas almas, sua voz, que é toda ternura, a Rainha canta para todos os seus vassallos. Alegre instante

⁴¹ Hélio Soveral entrou na Rádio Nacional em 1949 e ficou na emissora até 1964, pois não deu certo Fernando Lobo e César de Alencar juntos. César escolheu Hélio para trabalhar com ele. *Parada dos Maiores* foi inspirado no *Hit parade* americano, pois César tinha ido aos Estados Unidos e voltado com a ideia e Hélio deu o título e fez as adaptações. Segundo Hélio, ele mesmo ia às casas de discos saber das vendas. O número da *Parada* cresceu mais nos anos 1950. Os dois trabalharam juntos até 1964, quando eles se afastaram, sem briga, como disse o depoente (VIEIRA, 1993, pp. 76-77).

⁴² Para se ter uma ideia da diversidade de artistas no *Programa César de Alencar* na Rádio Nacional do Rio de Janeiro, aos sábados, em uma tarde de 1954 apresentaram-se os seguintes artistas: Francisco Carlos, Vera Lúcia, Ivon Curi, João Dias, Jorge Veiga, Norma Sueli, Orlando Silva, Lúcio Alves, Garoto, Ângela Maria, Garoto, Chiquinho e sua orquestra, Nelson Gonçalves, Ellen de Lima, entre outros, além, da sua artista principal, Emilinha Borba. O apresentador tinha outro programa aos domingos e segundas, em São Paulo, além de comandar espetáculos em bairros de outras cidades e estados brasileiros, em uma média de três shows por semana. Essas apresentações eram um pouco do que ele fazia nos auditórios, acontecendo em espaços como teatros, clubes, circos, cinemas, praças e estádios de futebol (VIEIRA, 1990, p. 87).

⁴³ Quem estreou na Rádio Nacional, em 30 de maio 1955, com patrocínio do Colírios Moura Brasil e Cillion, foi Almirante, com novo formato para o programa *História do Rio pela Música*. O programa estreou, mas apresentado por Paulo Gracindo, pois Almirante estava febril e rouco, passando 15 dias afastado dos microfones. Restabelecido, voltou com dois programas semanais na emissora, o *História do Rio pela Música* e *Recolhendo o folclore* (CABRAL, 1990, p. 293).

⁴⁴ Dois anos antes, a matéria “Os Irriquietos e Tranquilos do Rádio” (escrito dessa maneira, sem autoria do texto, com imagens do arquivo), em 1952, dizia que Ângela estava recusando várias ofertas para não sair da Mayrink (Nº 165, pp. 32-33, 04/11/1952). Naquele início de carreira dela pode ser apenas especulação da reportagem, pois nas oportunidades contratuais surgidas, ela assinou contrato com a Nacional e se tornou uma das principais cantoras das duas emissoras.

⁴⁵ Reportagem de uma página, com fotos de Hamilton Frazão, citando, entre outras coisas, ele como narrador do *Programa Ângela Maria* e locutor comercial no *Programa César de Alencar* (Nº 302, p. 05, 25/06/1955).

em que em um gesto de pura democracia sua Majestade dirige-se com simplicidade a todos os seus súditos. Ângela Maria, Rainha do Rádio nesse seu programa semanal (CALABRE, 2002, p. 245).

Um exemplo de texto cheio de adjetivos, próprios do rádio naquele momento, falando da cantora, colocando-a como Rainha e os vassallos eram seus fãs. Para encerrarmos esse ano de coroação de Ângela como Rainha, citamos algumas notas da RR em variadas notícias e colunas: *Flagrantes do Rádio*, foto de Ângela, portando uma faixa com a seguinte frase: “PRINCESA DE ONTEM, RAINHA DO AMANHÃ”, um presente dos fãs de Campinas, São Paulo (Nº, 224, p. 10, 26/12/1953).

Figura 16 – Ângela Maria é coroada por Emilinha Borba como Rainha do Rádio, em 1954.



Fonte: Revista do Rádio, nº 236, p. 03, 20/03/1954. Disponível em: memoria.bn.br/pdf/144428/per144428_1954_00236.pdf. Acesso em: 05 de jul. de 2022.

Entre a artista e os fãs, citamos dois exemplos nos quais a RR deu voz a Ivone Lima, presidente do fã clube de Ângela Maria: o primeiro na coluna *Mexericos da Candinha*, para desmentir o roubo sofrido por Ângela, a acusada não fazia parte do clube de fãs da cantora, como tinha dito a RR (Nº 241, p. 10, 24/04/1954); o segundo, na *Galeria das Fan...áticas*⁴⁶, na

⁴⁶ Uns dos poucos trabalhos sobre o rádio citando a *Galeria das Fan...áticas* são os de Goldfeder (1980, p. 154) e Calabre (2002, p. 245). A oportunidade de nominar uma desconhecida, com foto na RR, deve ter desencadeado uma corrida para enviar mensagens, na esperança de serem publicadas, pois no *Correio dos Fans*, esclareceram as leitoras que não adiantava mandarem cartas com fotos, no intuito de aparecer na *Galeria*, lembrando a escolha por visitas nos auditórios. Na segunda página do *Correio*, na mesma edição, resposta para o tom agressivo das declarações de Helenice Ferreira, edição nº 229, contra a cantora Marlene, na *Galeria das Fan...áticas*, o que causou reação imediata de várias leitoras da cantora,

qual Ivone foi entrevistada, com foto, e teve sua vida retratada, dizendo-se fã de Emilinha, antes de Ângela, mas os admiradores da primeira não entenderam seu gosto e começaram a vaiar Ângela e sendo fã de Emilinha, não poderia ser mais de nenhuma (Nº 250, p. 37, 26/06/1954). É sintomático Ivone aparecer nesse momento em que ela coordenava o fã-club e Ângela era a Rainha do Rádio do ano.

Quando Ângela estreou na Nacional, seu diretor geral ainda era Victor Costa, que ficou na emissora até 1954. Até meados dessa década, a emissora tinha um corpo de 240 funcionários administrativos, 8 diretores, 10 maestros e arranjadores, 30 locutores, 120 músicos em 3 orquestras, 55 radioatores, 40 radioatrizes, 50 cantores, 45 cantoras e 18 produtores (GOLDFEDER, 1980, p. 43). Nesse momento da Nacional era o segundo governo de Getúlio Vargas, ainda uma emissora de qualidade, com boa estrutura e bons números, como visto, mesmo com a televisão começando a atrair a atenção do público (FAGUNDES HAUSSEN, 2001, p. 119).

Quando Vargas cometeu suicídio, em 24 de agosto de 1954, a carta-testamento deixada por ele foi lida por Heron Domingos, na Rádio Nacional. A mensagem que o presidente deixou, escrita em 1ª pessoa, aproximou o ouvinte no ato da escuta, estabelecendo um elo entre o que foi dito pelo locutor e escrito pelo autor. Cantores e atores foram apreensivos para a Rádio Nacional em busca de informações. Os funcionários do radioteatro da Nacional, abalados, não sabiam o que iria acontecer com eles. Para Heron, no ano de 1954, concomitantemente a morte de Vargas, se encerrava um período do rádio brasileiro (BAUMWORCEL, 2004, pp. 20-22; 26-27). A autora citou os cantores e atores apreensivos com a morte, sem especificar quais os nomes. Todavia, não devemos nos esquecer de artistas como Dercy Gonçalves, Mário Lago, Nora Ney e Goulart, não tão próximos ao Palácio do Catete, mas que não desejavam a morte do presidente de forma tão trágica.

Nesse tempo entre Princesa e Rainha do Rádio, de 1953 e 1954, Ângela foi capa a primeira vez na RR na edição nº 196 (09/06/1953), sem créditos para o fotógrafo na folha editorial, mas com um texto comum para a artista representada, chamando-a de “revelação dos últimos tempos”, relembrando seu contrato exclusivo com a Rádio Mayrink Veiga e a gravadora RCA Victor. Depois, no ano seguinte, a cantora apareceu com a coroa de Rainha do Rádio (Nº 241, 24/04/1954), com crédito para a foto Ávila, exclusiva para a RR. A terceira capa trouxe Ângela e Emilinha abraçadas, cada uma com sua faixa de “Rainha do Rádio” (Nº 259,

todas citadas nominalmente, com a indicação das cartas de protesto entregues a Helenice (Nº 234, pp. 28-29, 06/03/1954).

28/08/1954), sem créditos para a capa, quando as duas cantoras tinham contratos com a Mayrink e a Nacional; na quarta, Ângela estava com a faixa de “MELHOR CANTORA”, de 1953, no *Prêmio Chico Viola*, escolhida pelos críticos e voto popular, com foto atribuída ao acervo da RR. A artista segura o busto do prêmio em bronze⁴⁷, da premiação que levava o nome em homenagem ao saudoso cantor Francisco Alves (Nº 272, 27/11/1954).

Vamos citar algumas passagens dos pedidos dos fãs e da passagem de Ângela pela Bahia. Uma das primeiras fãs de Ângela a pedir capa da cantora foi Alma Costa, de Salvador, através do *Correio dos Fans* (Nº 185, p. 30, 24/03/1953) embora sua solicitação fosse atendida apenas na edição nº 196, de 09/06/1953, como mencionamos a pouco. Dentro do mesmo estado, a coluna *Flagrantes* mostrou uma foto de Ângela em Salvador, com uma faixa de “Favorita da Bahia” (Nº 324, p. 09, 26/11/1955); avançando para a década seguinte, o *Correio dos Fans* informou, através do Clube de Correspondências que Ângela Maria mostraria suas faixas e troféus recebidos na Bahia, dando o endereço Rua Visconde de São Lourenço, nº 50, Salvador-Bahia, a quem tivesse interesse (Nº 659, p. 40, 05/05/1962); nesse mesmo endereço anterior, reformulando o nome para *Correio dos Fãs*, Guilherme Kasten, de Salvador, informava a criação do Clube de Correspondência Ângela Maria⁴⁸ (Nº 681, p. 43, 06/10/1962).

Quando formos falar em repertório, cinema e/ou TV, daremos exemplos de outros estados e emissoras de rádio e televisão. Vimos alguns trechos do que os fãs eram capazes de fazer e das brigas travadas, achando inadmissível um admirador gostar de duas artistas, como no relato de Ivone Lima, presidente do fã-club de Ângela. Ivone era entusiasta da Emilinha, mesmo assim se viu cobrada pelos admiradores de Emilinha e deixou de fazer parte desse grupo. Nosso próximo passo são os momentos de Ângela Maria com seus fãs, em ambientes e épocas diferentes, até 1964, desde uma visita ao Recife, Pernambuco, até o auditório da Mayrink Veiga. Sem nos esquecermos da relação da cantora com artistas como Cauby Peixoto e Marlene, em momentos inusitados de preconceito, como quando Ângela foi atingida por um tomate, durante a apresentação do programa Manoel Barcelos, no teatro João Caetano, em comemoração ao retorno da turnê de Marlene, em Paris. Nesse tempo, violência física, roupas rasgadas e mediatização desse vínculo artista e fã eram comuns.

Os artistas do rádio tinham seus admiradores, da mesma forma, seus defensores em muitas situações e acompanhantes ao máximo em suas viagens através da imprensa. A RR

⁴⁷A exemplificação do prêmio Chico Alves, com o busto do saudoso cantor em bronze, entre outras coisas, foi parte da reportagem “Dia 4, a Grande Festa” (escrito dessa maneira), com menção dos vitoriosos/as dos/das “Melhores de 1953” (Nº 240, p. 49, 17/04/1954).

⁴⁸ Substituição de *Correio do Fan* por *Correio do Fã*, com ausência da coluna nas edições 679 e 680.

usando dos seus nomes e eles usando a RR para aumentar seu prestígio na época, se valiam das notas, reportagens e toda sorte de fotografias entre os admiradores, pois isso alimentava a curiosidade ao redor dos ídolos, o que faziam e como tinha sido a repercussão das suas viagens. Esse ponto do nosso trabalho exemplifica com imagens, cinco passagens da carreira de Ângela e sua relação com seus fãs.

Figura 17 – Visita de Ângela à empresa J. Isnard S/A Comércio e Indústria, em 1954.



Fonte: Revista do Rádio, nº 256, p. 46, 07/08/1954. Disponível em: memoria.bn.br/pdf/144428/per144428_1954_00256.pdf. Acesso em: 09 de jul. de 2022.

Uma das imagens demonstra como os artistas do rádio tinham uma agenda diversificada. A figura 17 é um registro da visita da cantora à empresa J. Isnard S/A Comércio e Indústria. Dentre as várias imagens da reportagem, destacamos uma foto de Ângela autografando discos na discoteca da empresa. Bom para a empresa, melhor para a artista, vendendo discos, em um ano importante da sua carreira. Desde o segundo ano de sua carreira profissional, em 1952, a cantora fez uma viagem ao Recife, Pernambuco. Há menção na RR quando a Rádio Jornal do Comércio apresentou a cantora, além de artistas como Marion, Chocolate e Blecaute (Nº 122, p. 50, 02/01/1952). Ângela iniciou sua carreira em 1951 e três anos depois era a Rainha do Rádio. É interessante observar na fotografia, a fã da ponta esquerda, em pé, segura uma RR, justamente a capa que Ângela está de Rainha do Rádio (nº 241, de 24/04/1954).

Figura 18 - Ângela na Rádio Jornal do Comércio, visitando o fã-club de Dea Soares.



Fonte: Revista do Rádio, nº 261, p. 46, 11/09/1954. Disponível em: memoria.bn.br/pdf/144428/per144428_1954_00261.pdf. Acesso em: 09 de jul. de 2022.

Uma foto que deve ser tomada apenas como especulação da RR, mesmo Ângela sendo Rainha do Rádio em 1954 e a imprensa tendo se voltado para ela, da vitória até a festa de coroação. Em 1952, Ângela fez uma estreia significativa para sua carreira, no show *Cousas e Graças da Bahia*, ao lado de Dorival, na boate Casablanca (CAYMMI, 2001, pp. 290). Ângela estava entre um dos maiores nomes do rádio, noticiavam esses contatos e shows, então não nos parece um nome abandonado, não naquele ano, muito menos em 1953. Depois dessa fase, ao lado de um compositor reconhecido, a iniciante entraria em um ano significativo para sua carreira, com a eleição de Rainha do Rádio.

Então, pensamos em duas vertentes para nos justificar a imagem a seguir: a primeira, nos parece que o protesto dos fãs como abandono ao nome da cantora, como algo premeditado para provocar os demais admiradores da cantora e ventilar ainda mais o nome da artista para além das capas e reportagens; a segunda, uma forma de aproveitar uma imagem do acervo, incluindo nela, esse movimento na porta dos jornais em algo não necessário para o momento, visto a circulação midiática em torno do nome da cantora, pelo ápice para uma cantora popular como Rainha do Rádio, apesar das manobras do concurso. Segundo texto da imagem abaixo, as fãs protestam nas portas dos jornais, com o abandono do nome de Ângela Maria, que está no centro.

Figura 19 - Coluna *Flagrante do Rádio*, em 1954.



Fonte: Revista do Rádio, nº 270, p. 33, 13/11/1954. Disponível em: memoria.bn.br/pdf/144428/per144428_1954_00270.pdf. Acesso em: 09 de jul. de 2022.

Uma matéria inusitada foi a “*Ângela Maria foi cantar na casa da fã*”, através do *Programa José Messias*, da Emissora Metropolitana, que sorteou uma visita de um artista a uma casa de uma fã. Neide Costa Ganardelli foi a sorteada, no bairro do Benfincá. A matéria dizia que Ângela cantou “vários números de sucesso recente” (várias músicas) e Neide era leitora da *Revista do Rádio*. Marlene e Dalva foram as primeiras artistas na casa das fãs. Ângela era a terceira artista e, desde o portão da vila, até a casa da sorteada, ficou pequena para vê-la.

Imaginamos que as cantoras que fizeram parte dessas visitas na casa das fãs, antes e depois, devem ter movimentado as cartas para as redações, caixa postal das rádios, credibilizando ainda mais o Programa do *José Messias*, na Emissora Metropolitana, por essa proximidade mais íntima das artistas, além das capas, reportagens sobre o dia a dia, viagens, casamentos, gravidez, separações. Em suma, provocando os fã-clubes, dando notoriedade a uma casa em um bairro, com nomes do rádio na sua região, fora dos grandes shows coletivos, comuns na época. Das seis imagens da matéria com Ângela visitando a fã, a mais destacada, com um maior número de pessoas é a seguir:

Figura 20 – Da esquerda para a direita: o apresentador José Messias; de branco, a fã, Neide e Ângela ao centro.



Fonte: Revista do Rádio, nº 504, p. 16, 16/05/1959. Disponível em: [per144428_1959_00504.pdf](https://per144428.1959.00504.pdf) (bn.br). Acesso em: 09 de jul. de 2022.

Quando as fãs deliravam, os auditórios tremiam em aplausos, gritos e/ou vaias aos artistas rivais, mas é preciso lembrar que nem tudo era sempre de forma natural. Esse apelo midiático na figura de artistas como Cauby Peixoto, com essa roupa alinhavada, contratando moças para rasgá-la para fazer reportagens para a imprensa internacional, é citado por Goldfeder (1980, p. 147). Neste fervor das fãs, a RR trouxe uma reportagem de uma folha com a chamada: “ROUPAS RASGADAS! AS FANS ESTÃO RASGANDO TUDO! ASSIM É DEMAIS! DELÍRIO EXCESSIVO!”, com fotos individuais de Cauby, Emilinha, Ângela e Francisco Carlos.

O texto sem autoria declarada, começa a dizer de outro momento, quando Ângela Maria teve que ser escoltada pela polícia para não ter suas roupas rasgadas; Cauby teve o rosto ferido em Belo Horizonte; Emilinha andava escoltada pelo esposo, Timbira, para não ser atingida e Francisco Carlos estava aterrorizado com as camisas dilaceradas pelas fãs, no auge da euforia. O texto terminava solicitando às moças mais sensatas como conselheiras às fãs mais exaltadas, exaltando seus ídolos, mas respeitando os outros. Em frases curtas, abaixo do texto da reportagem, mencionou-se uma das soluções dos depoentes, no caso de Ângela, que era andar com roupas esportivas e simples (Nº 438, p. 03, 01/02/1958).

O artista do rádio poderia ter contrato com duas estações ao mesmo tempo. Em uma das capas de Ângela com Emilinha, segundo a legenda da folha editorial, as duas cantavam na Mayrink e na Nacional. Uma das voltas de Ângela para a Mayrink, depois de romper contrato foi em novembro de 1959, com a reportagem com duas fotos e a seguinte chamada: “ÂNGELA MARIA DE VOLTA À MAYRINK”. Naquele momento ela estreou o *Musical Antônio Maria*, às quartas-feiras. O texto mencionava seu início de artista na emissora, e que se “tornaria um dos nomes mais queridos do público” e do pessoal da emissora, os contratados mais antigos, como Zé Trindade, Estelita Bell, Altivo Diniz e Pery Borges, que receberam Ângela “carinhosamente” (Nº 530, p. 51, 14/11/1959).

Figura 21 - Ângela no auditório do seu programa na Rádio Mayrink Veiga.



Fonte: Revista do Rádio, nº 781, p. 37, 05/09/1964. Disponível em: memoria.bn.br/pdf/144428/per144428_1964_00781.pdf. Acesso em: 09 de jul. de 2022.

A imagem acima mostra Ângela um tempo depois, em 1964, sem citar o nome do programa da artista, a qual fazia parte da reportagem intitulada "*ÂNGELA E CAUBY: SUCESSO NA MAYRINK*". Em uma página com três fotos, contando da ampliação do elenco musical da emissora, com sua programação noturna, ao vivo. Ângela se apresentava às quartas, às 20h30, sem dizer qual o nome do programa, e Cauby, às sextas, às 22h. Terminando a matéria falando dos diretores da emissora, José Leuzzi, Renato Baptista e Jair de Taumaturgo, "em atividade intensa para que a sua emissora continue merecendo cada vez mais o prestígio dos grandes anunciantes", mencionando as Lojas Helal e Rádios e Televisores Philco. De todas as

imagens apresentadas, montadas ou não, o mais inusitado dessa imagem foi a legenda da RR: “Ângela Maria recebe os aplausos entusiastas de suas fãs”. As admiradoras estavam lá, todavia o texto da imagem pecou ao falar em entusiasmo.

No auditório da Mayrink, capas da RR na parede, abaixo do nome “ABSOLUTA”, uma delas parece a capa de Ângela com Leny Eversong (Nº 431, 14/12/1957) sem que nos permita reconhecer a maioria dos artistas retratados, por conta da digitalização. Retratar essas imagens e outros encontros ou episódios da Ângela rodeada de fãs, daria um outro trabalho vasto, mas pensamos que o recorte nacional é importante para a artista no auge dos anos 1950, além de um dos seus retornos à Mayrink. Mais uma vez, entre imagens e/ou texto, mencionaremos a cantora nos espaços políticos em recepções e encontros com/para homens influentes do seu tempo, ao lado do presidente Juscelino Kubitschek, bem como as das campanhas eleitorais, dando apoio ou supostamente opinando sobre os candidatos. Em meio ao contato com homens influentes, algumas imagens das viagens internacionais e shows da cantora por países como: Argentina, Portugal e República Dominicana.

3.2 A ARTISTA E O PODER

De shows a encontros sociais no Brasil ou fora dele, Ângela Maria apareceu em muitas fotos ou foi mencionada, uma delas, na coluna *Rádio em Revista Rio*, duas notificações, uma delas, mencionando que a 1ª Dama (Sara Kubitschek) foi a casa de Ângela, na época “Melhor cantora de 55” (1955) para convidá-la para um banquete no Itamarati. Ângela não aceitou pois teria viagem de compromisso no mesmo dia (Nº 337, p. 45, 25/02/1956). Ângela não foi, entretanto, a primeira-dama sabia da importância da sua presença no evento e como JK alimentava a convivência com pessoas públicas das artes.

Da convivência da cantora em espaços onde o presidente estava, reportagem com foto, do “*INCIDENTE DE ÂNGELA MARIA COM IBRAHIM SUED*”, na casa de Roberto Marinho, com o presidente e general português Craveiro Lopes (Nº 410, p. 03, 20/07/1957). O incidente foi o atraso de Ângela, única artista convidada para cantar músicas brasileiras. O colunista não gostou e eles tiveram uma leve indisposição. Apesar disso, Ângela retrucou e disse que iria cantar, foi até o presidente e em pouco tempo todos eles estavam em um andar superior da casa, ouvindo a cantora. No repertório das músicas da cantora, acompanhada pelo violonista Manoel da Conceição, a RR destacou *Orgulho* (Nelson Wederkind/Waldir Rocha) como a música mais

agradável a JK e *Intenção* (Getúlio Macedo/Lourival Faissal)⁴⁹ ao General Craveiro. Inclusive Ibraim, colunista de *O Globo*, zangado com o atraso da cantora, ouviu a artista cantar.

Figura 22 - Ângela Maria com o presidente JK no Palácio do Catete, no Rio de Janeiro.



Fonte: Revista do Rádio, n° 358, p. 07, 21/07/1956. Disponível em: memoria.bn.br/pdf/144428/per144428_1956_00358.pdf. Acesso em: 12 de jul. de 2022.

O rádio premiava seus melhores e eles eram recebidos pelos presidentes. Encontramos um desses eventos com Ângela na reportagem “JK RECEBE OS MELHORES”. Os artistas foram recebidos no Palácio do Catete, então sede do governo federal. *Os Melhores do Rádio de 1956* foram “eleitos” em concurso provocado pela RR, com participação dos fãs, através de cupons vindos da RR. Ângela apareceu ao lado do presidente em quatro momentos com outras pessoas, uma delas é a figura acima (N° 358, pp. 07- 09, 21/07/1956). Sobre esse encontro dos artistas com JK, com sinalização na reportagem para a mensagem de Anselmo Domingos, em tom elogioso, que abria sua coluna de mensagem final da edição, apenas com o nome “*PRESIDENTE*”:

Demorou um pouco a realizar-se a audiência do Presidente com os Melhores do Rádio. A nós chegava a notícia de que o sr. Juscelino fora informado de que boa parte dos eleitos era simpatizante do sr. Ademar de Barros, com *ê*le votara — e de que esta própria revista mantinha suas

⁴⁹ A matéria da RR não trazia o nome dos compositores, como era hábito não fazer nas reportagens, quando se tratava de matérias falando dos artistas em suas apresentações. Essas menções aos idealizadores das canções eram citadas entre as canções *Mais Vendidas no Rio ou em São Paulo*, nas propagandas dos discos ou nas reportagens quando falavam dos seus/suas compositores/compositoras. Para tanto, ao mencionar os compositores, pesquisamos seus nomes no site do Instituto Memória Musical Brasileira (IMMuB), na página de Ângela.

simpatias tombadas por esse lado. Até que chegou, finalmente, o dia marcado. E então, desmentindo os rumores, o sr. Juscelino Kubitschek abriu a porta pesada do salão luxuoso e foi cumprimentando a um por um, sorrindo leal, abraçando, agradecendo, posando, sem pressa, alastrando respostas e fazendo perguntas. A alguns dos Melhores do Rádio o sr. Presidente chamou pelo primeiro nome, singelamente, sem apresentações, dando a conhecer que a quase todos já conhecia (REVISTA DO RÁDIO, N° 358, p. 50, 21/07/1956).

O texto acima destaca que alguns dos presentes votaram em Ademar de Barros, mas em nome dos ganhos eleitorais e do interesse do presidente em mostrar-se como receptivo a todos, até os que não o apoiaram, mostrando seu jogo político em receber todos *Os Melhores*. Na edição seguinte, para alimentar a informação dos *Melhores do Rádio de 1956* e vender revista, dizendo ser “um grato prazer voltar ao assunto, com novos flagrantes”, novas imagens e muitas repetidas do número anterior da RR, com texto curto, e a chamada: “PRESIDENTE VAI ENTREGAR AS MEDALHAS”, para dizer que na próxima vez JK entregaria pessoalmente as medalhas de ouro aos/as escolhidos/as (N° 359, pp. 48-49, 28/07/1956).

Em 1959, reportagem com fotos individuais das cantoras Marlene, Ângela, Emilinha, outras mulheres do rádio em imagem maior, ao lado do presidente, a citar: Anilza Leoni, Daisy Lúci, Nádia Maria, Neusa Maria e Ilza Lôbo, com a seguinte chamada: “PRESIDENTE JUSCELINO NÃO TÊM PREFERÊNCIAS/ ENTRE MARLENE, EMILINHA, ÂNGELA, DALVA, ETC, O PRESIDENTE FICA INDECISO” (N° 487, pp. 26-27, 17/01/1959). Era oportuno e sábio o presidente não defender nenhuma artista, assim como a RR não mencionar predileção dele por nenhuma, mesmo porque a reportagem citava as quatro cantoras de fã-clubes ativos e organizados, os quais não teriam receio de brigas para defender sua predileta com a defesa do presidente para qualquer uma delas.

Terminado sua gestão como presidente, Juscelino foi eleito senador pelo Rio de Janeiro. Tempos depois, realizou festa com a presença de Dircinha Batista, chamada pela RR de “excelente relações públicas do ex-Presidente”, além de artistas como Virgínia Lane, Vicente Celestino, Elza Soares, bem como políticos a exemplo do ex-ministro Fernando Nóbrega e o Deputado Amando da Fonseca. A matéria com pontos curtos sobre a festa, disse que Ângela foi convidada por Dircinha para cantar, todavia não o fez, conversando em particular com a colega. Uma das imagens do encontro tinha o Sr. Abraham Medina, Dircinha, JK e Ângela (N° 704, pp. 24-25, 16/03/1963).

Em uma das viagens internacionais de Ângela à República Dominicana, ela apareceu ao lado do presidente e ditador Rafael Leónidas Trujillo Molina. A matéria lembrou que a cantora

era convidada pelo governo do país para participar do *Festival Pan-Americano*, sendo ela a primeira a se apresentar no evento. Das músicas interpretadas por Ângela, *Escuta* (Ivon Curi), *Flor de Madri* (Eduardo Patané), *Inspiração* (Bruno Marnet) e *Terra Seca* (Ary Barroso), onde foi aplaudida ao ar livre por mais de 30.000 pessoas. Não há fotos para comprovar, em partes, a apresentação para essa multidão. Ela foi ao lado do ator Wilson Viana, apresentando-se e cantando *Cidade Maravilhosa (André Filho)*⁵⁰ (Nº 416, p. 18, 31/08/1957). Segundo os *Mexericos da Candinha*, 5.000 pessoas esperaram Ângela no Aeroporto da República Dominicana (Nº 415, p. 18, 24/08/1957).

Figura 23 – Ângela Maria se apresentando para General Trujillo, ao centro, e seus convidados.



Fonte: Revista do Rádio, nº 416, p. 18, 31/08/1957. Disponível em: memoria.bn.br/pdf/144428/per144428_1957_00416.pdf. Acesso em: 12 de jul. de 2022.

A notícia foi amplamente divulgada, antes mesmo da sua realização, a exemplo: a coluna *Rádio em Revista Rio*, falando do convite recebido por Ângela, para cantar na República Dominicana (Nº 399, p. 63, 04/05/1957). “CHORO” E “FARRA” NA DESPEDIDA DE ÂNGELA E WILSON”, foi outra matéria, citando a festa no apartamento de Wilson Viana, com Ângela presente, em muitas fotos. Ele iria para o México e ela para a República Dominicana (Nº 414, pp. 07-08, 17/08/1957). Por outro lado, na reportagem anterior a essa da

⁵⁰ Mais uma vez recorremos ao Instituto Memória Musical Brasileira (IMMuB) para acrescentar os nomes dos compositores, os quais a reportagem costumava não apresentar neste tipo de matéria.

apresentação de Ângela, no entanto, vimos ele se apresentando com ela na República Dominicana. Na mesma edição dessa festa de despedida, a coluna *TV São Paulo*, de Mário Júlio, subseção “ÂNGELA MARIA”, informou o convite do próprio presidente Trujillo a cantora, para se apresentar em seus país. A cantora se hospedou na casa da atriz mexicana Ninon Sevilla. Naquele momento, Ângela estava licenciada da TV-Record por 15 dias (Nº 414, p. 57, 17/08/1957).

Dos ritmos musicais da República Dominicana, com a chamada “SÃO BRÔTOS, AINDA, OS REIS DO MERENGUE”, texto e fotos de Waldemar Paiva. Em tom conservador, próprio da RR, e com todas as ingerências para exaltar um militar, a reportagem disse, entre outras coisas: “Mas, graças aos esforços do Generalíssimo Doutor Rafael Leónidas Trujillo Molina. Benfeitor e Pai da Pátria Nova, em seu empenho pela difusão cultural e engrandecimento do seu país”. A notícia mencionou quando Ângela Maria esteve no país, ficou encantada com o ritmo e não saía do pátio do Hotel Pax, “merengando” com Wilson Viana (Nº 434, pp. 42-43, 04/01/1958).

As notícias informavam como certa a viagem de Ângela para Portugal, vieram na coluna *Rádio em Revista Rio*, noticiando para fevereiro a cantora em Punta Del Leste, depois para França e Portugal, devendo seguir depois para a Rússia (Nº 433, p. 63, 28/12/1957). Passado um ano, a preocupação eram os altos impostos futuramente cobrados a Ângela, na reportagem com fotos do jantar oferecido pela artista aos *Melhores do Rádio* e a chamada: “ÂNGELA TERIA QUE PAGAR UMA FORTUNA PARA IR A PORTUGAL”.

Ela iria pagar uma fortuna de imposto sobre a renda em quase 2 milhões de cruzeiros. Adiou a viagem, mesmo querendo ir e pagar os tributos. Citaram a visita do presidente português Craveiro Lopes e a mediação do empresário José da Gama fez a oferta e a cantora aceitou (Nº 447, pp. 08-09, 05/04/1958)⁵¹. Tempos depois, a mesma RR noticiava a desistência do empresário José da Gama de levar Ângela. Ele estava no Brasil à procura de outros nomes brasileiros que pudesse levar para Portugal, segundo a coluna *NOTÍCIAS DE RÁDIO E TV RIO* (Nº 464, p. 63, 02/08/1958).

⁵¹ Essas ameaças de impostos para outros artistas foram matérias e notas várias vezes na RR, a citar na mesma edição, reportagem noticiando: “AMEAÇADA EMILINHA- O Imposto de Renda faz exigências enérgicas”, dentre os que estavam com problemas com impostos, citação ao caso mais grave de Assis Chateaubriand. O primeiro nome citado na matéria foi Ângela, que adiou sua viagem a Portugal (Nº 447, p. 71, 05/04/1958).

Figura 24 - Da esquerda para a direita: Craveiro Lopes, o cantor João Dias e Ângela Maria.



Fonte: Revista do Rádio, nº 421, p. 08, 05/10/1957. Disponível em: memoria.bn.br/pdf/144428/per144428_1957_00421.pdf. Acesso em: 12 de jul. de 2022.

A foto acima faz parte da reportagem “*Ângela Maria convidada pelo presidente de Portugal*”, mas da viagem do presidente português ao Brasil, em 1957. Na imagem, de frente, da esquerda para a direita, Craveiro Lopes, o cantor João Dias e Ângela Maria.

Posteriormente, os *Mexericos da Candinha* criticaram o empresário pelo cancelamento da viagem da cantora a Portugal (Nº 480, p. 15, 26/04/1958). Ângela levou o empresário aos tribunais, exigindo indenização de 200 mil cruzeiros por quebra de contrato (Coluna *Notícias*, nº 480, p. 63, 29/11/1958). O desfecho seria favorável para Ângela, com a reportagem “*ÂNGELA DERROTOU O SEU EMPRESÁRIO/NÃO FOI A PORTUGAL*⁵² (,) *MAS GANHOU 200 MIL*”, recuperando Ângela contratada para cantar em Lisboa, Porto e outras cidades portuguesas, mas quando a cantora estava prestes a embarcar, o empresário pediu para ela não ir.

A artista ficou na expectativa de uma nova chamada, pedindo dispensa da Rádio Nacional, entretanto isso não ocorreu. Havia a possibilidade de o empresário recorrer ao STF (Supremo Tribunal Federal), mas pontuava-se que seria outra vitória da cantora (Nº 510, p. 51, 27/06/1959). O pagamento para a cantora se deu pela penhora dos bens do empresário, informado disso quando estava em São Paulo, no valor de 202 mil, sendo 200 mil para pagar a multa à cantora. Essa informação foi dada na matéria “*ÂNGELA PENHOROU O*

⁵² Na chamada da reportagem, não existe vírgula na frase.

EMPRESÁRIO/ JOSÉ DA GAMA VAI TER QUE PAGAR!”, ou ele pagava, ou perderia os objetos (Nº 595, p. 47, 11/02/1961). Apesar de ser um nome reconhecido desde a década seguinte, este é apenas um exemplo das brigas judiciais na trajetória da cantora, em suas relações empresariais.

A viagem de Ângela a convite do presidente e mediada pelo empresário José da Gama deu erro e processo judicial em 1959, com finalização em 1961. Tempos depois, a RR noticiava na nota final *ÚLTIMAS*, Ângela, Cauby Peixoto e Ivon Curi estavam em entendimento para excursionar a Portugal no começo de 1963 (Nº 692, p. 54, 22/12/1962). Essa viagem aconteceu, pois no ano seguinte, Ângela foi para Portugal, não sabia da sua gravidez e perdeu um filho “*ÂNGELA MARIA PERDEU O FILHO!*”. A notícia veio daquele país através da ANI (Agência Nacional de Informação) e a cantora tinha deixado a maternidade na cidade do Porto. Ela havia cancelado shows no Japão e outros compromissos, para evitar desgaste na gestação (Nº 721, p. 03, 13/07/1963).⁵³

No artigo da área de comunicação, de autoria de Socik (2006), a autora fala de Ângela, das gravações da artista nos anos 1950, da história do rádio, citando, em alguns momentos, Dalva de Oliveira, pela inspiração que foi para Ângela, entretanto distinguindo-a, além da diferença de arranjo com mais violinos, para Ângela e menos metais, como nos anos 1930 e 1940 para Dalva. A autora ainda pontua brevemente cantoras como Marlene e Emilinha, pensando a construção da identidade cultural brasileira, com Silviano Santiago, citando Mário de Andrade, além de Caetano Veloso, da Bossa Nova e dos compositores do rádio, como: Assis Valente, Ary Barroso, Noel Rosa, Pixinguinha, Dorival Caymmi e José Maria de Abreu. Do repertório romântico de Ângela, Socik cita e discute as letras de gravações importantes de *Orgulho*, *Fósforo Queimado* e *Vida de Bailarina*, pensando o papel feminino e conservador da época. Uma ressalva ao trabalho é pensar Ivete Sangalo hoje, semelhante como Ângela Maria foi na mídia, desconsiderando a especulação e midiaticização de Emilinha Borba, citada apenas uma vez, para se referir ao embate com Marlene no jogo das capas na *RR* e *Radiolândia*.

Ao longo da viagem de Ângela no início dos anos 1960, por países como Portugal, Angola e Moçambique, recortando as notícias da imprensa daqueles países, Silva e Guerra (2017) fizeram um artigo de levantamento dessas críticas e da ovação da cantora em determinados espaços dos países citados, bem como o desapontamento por seu repertório ruim ou ultrapassado para alguns, quando se esperava dela, por ser brasileira, uma modernidade nas

⁵³ No ponto 3.4 deste capítulo entraremos no quesito materno e nos relacionamentos da cantora.

suas apresentações. Uma curiosidade desse momento, segundo Silva e Guerra (2017), foi a apresentação de Ângela na TV espanhola, em Madri, com nota na imprensa portuguesa para a volta da artista. Sem menção para as demais cantoras da Rádio Nacional como Marlene e Emilinha Borba ou Dalva de Oliveira. Em nenhum momento do texto os autores citam que “Ângela reinava”, além de ser chamada da mais popular. Ela reinou ao lado de outras, cresceu muito na década de 1950, quando surgiu, mas não foi única.

Os autores citam Portugal em guerra com suas colônias, no período do governo de António Salazar (1933-1968), todavia o Estado Novo português não reconhecia suas colônias africanas, Angola e Moçambique, depois, em 1964, em ataque terrorista. Nesse momento, Ângela foi para Angola. Silva e Guerra (2017) especificam o jornal *A província de Angola*, chamando a cantora brasileira de “*prima donna do samba-canção*”. Em Moçambique ela fez 17 apresentações em Maputo e Beira, sendo escolhida como Madrinha de Guerra dos portugueses, ladeada por eles, nos lugares que percorreu. Os empresários portugueses tiveram medo que os shows dela não fossem lotados como os de Lisboa e contrataram apenas cinco shows na África. Ainda assim os shows deram certo e, cinco apresentações, se tornaram vinte.

A RR lembrou em reportagem: “MUITOS MILHÕES PARA ÂNGELA CANTAR EM PORTUGAL E ÁFRICA”, sem mencionar quanto ela receberia ou quanto custou os contratos assinados, mencionou-se a morte da irmã da cantora⁵⁴, como a cantora ficou com a saúde abalada, pela outra que morreu de parto em uma maternidade no Rio de Janeiro e, no campo das superstições, lembrando a figa contra mau-olhado recebido por Ângela, com foto na matéria (Nº 715, pp. 16-17, 01/06/1963). Ainda falando do atrito entre Portugal e suas colônias, uma suposta mensagem de Ângela para Salazar, na qual a artista afirmava que o governo brasileiro caminhava por um lado, em desacordo com as ideias da sua população. A coluna *CANAL RR RÁDIO, TELEVISÃO, BOATE, DISCO, CINEMA, TEATRO, ETC*, segundo seu próprio texto, a mensagem direta e indiretamente dizia:

⁵⁴ A reportagem da viagem da cantora não mencionou o nome da sua irmã falecida por complicações de parto, o que foi feito em edição anterior, nº 710, com a chamada: “ÂNGELA MARIA ACUSA: - DEIXARAM MINHA IRMÃ MORRER NO HOSPITAL”. Neste número se menciona a morte de Abeamil, na Maternidade Ilka Peçanha. A cantora e Rodolfo Valentino, seu esposo na época, estavam apurando com rigor a morte ocorrida em março de 1963. Aumentando a especulação do sentimento coletivo, uma foto de Ângela com os pais e a família, outra consolando a mãe. Em parte do texto a RR mencionou sobre a irmã da artista: “Estava no oitavo mês de gestação e necessitava de cuidados especiais. Contam os familiares de Abeamil que os médicos, mesmo sabendo que ela estava padecendo de anemia aguda, aplicaram-lhe uma dose fortíssima de barbitúrico, Isso teria provocado a morte da irmã de Ângela, que soube do falecimento de Abeamil *sòmente* 36 horas depois!” (Nº 710, PP. 04-05, 27/04/1963).

Ângela Maria dirigiu carta ao Sr. Oliveira Salazar, a propósito do problema das províncias ultramarinas *portuguesas* e do voto do Brasil nas Nações Unidas. Num trecho da carta, Ângela diz que "o *Govêrno* do meu país assume na ONU uma atitude absolutamente em desacordo com o pensamento e a convicção, a sensibilidade e o coração de minha gente" (Revista do Rádio, nº 732, P. 47, 28/09/1963).

Reportagem da RR, com texto e fotos de Waldemir Paiva, dizendo que Ângela tinha saído para passar três meses e acabou passando oito, na Europa. Em Lisboa, ela se apresentou no Cassino Estoril, Teatro Monumental, Cinema Roma e TV, com apresentações na Espanha, além de supostos contratos para apresentações na Itália e no Olympia de Paris. Na *Noite do Fado*, no Teatro Coliseu, Ângela se apresentou, como única cantora não fadista. Naquele dia, ganhou um chalé de fadista das mãos da famosa Márcia Condensa. Reportagem da RR citou a cantora brasileira com recortes dos jornais portugueses, chamando-a de "*Monstro Sagrado da Música Brasileira*", mais uma vez o "*Prima Dona da Canção Brasileira*", "*Rouxinol do Brasil*", "*Ângela, A Maior Maior*⁵⁵" e outros elogios (Nº 758, pp. 12- 15, 22/03/1964).

Posteriormente, a coluna *AQUI PORTUGAL*, de Manoel Domingos, falou dos números favoráveis em vendas de discos em Lisboa, para Ângela Maria, Maysa e Cauby Peixoto e Agostinho dos Santos (Nº 746, p. 41, 04/01/1964); o mesmo correspondente disse na edição seguinte, da reunião de Ângela para os "grandes nomes" do rádio e da televisão (em Portugal), no Cinema Roma, o quanto ela adorava a "Terra de Camões" e pretendia passar 06 meses de cada ano ali (Nº 747, p. 24, 11/01/1964).

Candinha falou das futilidades de Ângela Maria, esperando a bagagem vinda por via marítima, de Portugal, com cerca de 50 malas (Nº 758, p. 18, 22/03/1964). Em uma reportagem da época, Déa Silva citou os artistas brasileiros que faziam sucesso em Portugal, mencionando Ângela, Dóris Monteiro, Cauby e Juca Chaves (Nº 762, p. 24, 25/04/1964). Quando Nora Ney fez uma viagem para a Europa, ela contou à RR dos artistas brasileiros ouvidos por lá, principalmente em Portugal, como Ângela, Carmélia Alves, Ivon Curi e Miltinho, Miltinho (Nº 868, p. 20, 07/05/1966).

Em tom de nostalgia, a reportagem com fotos "BRASILEIROS DESCOBREM PORTUGAL" começava falando das relações históricas entre os dois países, desde o descobrimento. O texto cita vários artistas brasileiros fazendo sucesso em Portugal, como Bibi Ferreira, Ivon Curi, Cauby e Agostinho dos Santos, com menção para três fotos do comediante Juca Chaves, uma delas com Ângela e Luciene Franco, mas não se reconhece nenhum dos relatados, pela escuridão das imagens (Nº 749, pp. 12-13, 25/01/1964). Ainda neste tom de

⁵⁵ Escrito dessa maneira, com *Maior* repetido duas vezes.

tentar igualar as culturas dos dois países, com a proximidade, que seria fator de facilitação para a recepção dos artistas brasileiros e portugueses em nosso território, retomamos a coluna *AQUI PORTUGAL*, de Manoel Domingos, ao afirmar “uma prova evidente de que portugueses e brasileiros são quase a mesma raça, é que os gostos são idênticos”. Fala dos artistas de cada país agradando em cada lugar, citando os brasileiros Ângela Maria e Cauby Peixoto, além dos portugueses Tony Matos, Francisco José e Tristão da Silva (Nº 751, p. 33, 08/02/1964).

Retornando ao início da década de 1960, a ala esquerda dos artistas eleitores do Marechal Henrique Teixeira Lott tinha nomes como Nora Ney, o compositor Antônio Maria e Jorge Goulart. Do outro lado, Ary Barroso e Ângela Maria fizeram campanha para o presidente eleito Jânio Quadros. Ainda em campanha, em 11 de agosto Ângela ofereceu um jantar em sua casa para Jânio, onde Ary foi um dos oradores, além dos 200 convidados, dos quais, Carlos Lacerda, candidato a governador do então estado da Guanabara (Rio de Janeiro) e o candidato a vice da chapa de Jânio, Milton Campos. Nos jornais, os colunistas previam Jânio eleito e Ary, diretor da Rádio Nacional (CABRAL, 1993, p. 413).

A RR trouxe informações sobre este período eleitoral, como na coluna os *Mexericos da Candinha* que informava Ângela em campanha, assim como muitos famosos, para eleger seus candidatos, sem citar outros nomes, e que a cantora iria cantar de graça no comício de Jânio Quadros, o “homem da vassoura” (Nº 574, p. 26, 17/09/1960). O vice era eleito diretamente, e a reportagem da RR declarava: “*AO LADO DOS TRABALHADORES OS ARTISTAS VÃO JANGAR!*”, em campanha para João Goulart, não citam Ângela, entretanto mencionam César de Alencar, Isaurinha Garcia, Elizeth Cardoso, Luiz Vieira, Dircinha Batista e Altamiro Carrilho, que, com sua bandinha e o Conjunto Farroupilha gravaram o jingle *Vamos Jangar* de Miguel Gustavo (Nº 576, pp. 56- 57, 01/10/1960)⁵⁶. João Goulart foi eleito vice e Jânio o presidente, para isso, matéria de uma página, sem autoria do texto, anunciando: “*ÊLES QUERIAM MESMO JÂNIO QUADROS*”, citando algumas artistas, Virgínia Lane pediu voto aos seus companheiros de teatro e fãs; Ângela e outros pediram aos fãs; Marlene pediu votos aos amigos por telefone (Nº 581, p. 61, 05/11/1960).

⁵⁶ A RR mencionou parte do *jingle* da campanha do vice da seguinte forma:

Na hora de votar/ Eu vou Jangar /Eu vou Jangar/ Eu vou Jangar/É Jango! / É Jango! / É o Jango Goulart! / Pra vice-presidente/ Nossa gente vai Jangar/ É Jango! / É Jango! / É o Jango Goulart!", contudo na versão que encontramos, existem variações aonde os artistas se apresentam e declaram seu voto, como Jorge Veiga, além de convocações para mineiros, nordestinos, donas-de-casa, paulistas. **Coletânea de Jingles "Vamos Jangar" - Jingles de João Goulart (Eleições 1960)**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DVvvZbTFIqg>. Acesso em: 20 jul. 2022.

Nosso próximo passo é retomar algumas imagens da cantora nas colunas *Flagrantes* e a *Foto da Semana*, entre os fãs e artistas do seu tempo de rádio. Para isso, selecionamos três imagens de cada coluna, contabilizando seis figuras, as quais trazem Ângela ao lado das cantoras Marlene, Emilinha Borba, Carmélia Alves, Carmen Miranda e do apresentador da Rádio Nacional, César de Alencar. Além de uma imagem dos estúdios da Rádio Record de São Paulo, onde Ângela teve contrato, em uma foto coletiva de várias cantoras como Elza Laranjeira, Elizeth Cardoso, Ademilde Fonseca e Isaurinha Garcia, ao lado de Renato Consorte. Para essa fotografia, veremos o texto explicativo dizendo que Renato, o homem ladeado por mulheres e artistas, tinha sorte sim. Algo comum para as legendas conservadoras da RR, atribuindo a sorte de homens a presença das mulheres.

3.3 AS COLUNAS *FLAGRANTES* E A *FOTO DA SEMANA*

Fora suas reportagens de uma página e até mais que isso, em cinco, seis ou sete páginas, com essa última numeração, vimos a finalização da biografia *Tôda Vida de Ângela Maria* no capítulo 01. Agora nós sairemos das grandes matérias para destacarmos algumas notas para Ângela na coluna *Flagrantes do Rádio*, que posteriormente seria apenas *Flagrantes*, além de *A Foto da Semana*, as duas vinham com pequeno texto explicativo sobre a fotografia apresentada. Uma das primeiras notificações de Ângela na coluna *Flagrantes do Rádio* foi em 1953, quando ela era Princesa do Rádio, em início de carreira (Nº 217, p. 26, 07/11/1953). Por seu turno, enquanto *Flagrantes* era uma foto pequena, dividindo imagens com outros artistas em uma só página, *A Foto da Semana* era em folha inteira. As duas colunas retomavam momentos premeditados dos artistas, pois não podemos dizer, naquele momento das décadas de 1950 e fim dos anos 1960, que os artistas eram tomados de surpresa, com o tamanho das câmeras fotográficas da época.

César de Alencar tinha um dos programas mais populares da Rádio Nacional, no qual a estrela principal era Emilinha Borba. Afora isso, foi em seu programa, no quadro *Parada dos Maiores*, onde se defendia as 10 canções mais tocadas e, dentre elas, o repertório de Ângela, quando ela ainda era contratada exclusiva da Rádio Mayrink Veiga e eles não permitiam sua participação em emissora concorrente. Tudo isso para justificarmos a presença e convívio entre os dois, antes mesmo do contrato da artista com a emissora.⁵⁷

⁵⁷ Angela (sem acento, de acordo com a folha editorial) e César de Alencar fizeram uma capa juntos na RR, edição número 819, em 29/05/1965. O apresentador apareceu mais vezes com Emilinha Borba, um pouco menos com Marlene e, até, com Manoel Barcelos em outras capas.

Figura 25 - Ângela Maria e César de Alencar.



Fonte: Revista do Rádio, nº 478, p. 64, 15/11/1958. Disponível em: memoria.bn.br/pdf/144428/per144428_1958_00478.pdf. Acesso em: 12 de jul. de 2022.

A convivência de Ângela com César de Alencar não se resume a imagem acima, na Rádio Nacional do Rio de Janeiro. Precisamos lembrar os espetáculos com o apresentador, tão amplos de participação popular e, em um dos momentos, a Rádio Nacional entendeu as limitações do auditório para comemorar a festa dos *10 Anos do Programa César de Alencar*, nem o Teatro João Caetano seria suficiente para o público (VIEIRA, 1993, pp. 106-107). A RR falou dessa comemoração na reportagem “23.141 PESSOAS NO MARACANÃ VENDENDO E OUVINDO O RÁDIO!”, assinada por Borelli Filho, com fotos de Hélio Mello. Fomos à fonte do periódico, e vimos, assim como o autor disse, que a reportagem fotografou, em primeira página, os 30 moços e moças sorteados/as de várias partes do Brasil, para participarem da festa do *Programa*, ao lado do seu apresentador. Em uma das imagens, Ângela, em outra Emilinha Borba e políticos como Ademar de Barros (Nº 304, pp. 03-06, 09/07/1955).

Dessa festa de 10 anos do *Programa César de Alencar*, no ano seguinte, em 1956, o *Correio dos Fans* disse que Ângela não cantava mais em seu programa, entretanto voltaria a fazê-lo (Nº 334, p. 35, 04/02/1956). Se Ângela imitava Dalva de Oliveira, outras pessoas a imitavam da mesma maneira, foi na reportagem do *Programa César de Alencar*, agora na TV, menção e foto do imitador de Ângela, William Forneau (Nº 407, pp. 54-55, 29/06/1957). Dessa forma, nós avançamos para o fim dos anos 1950, quando Ângela teve uma crise de amigdalite,

ausentou-se do rádio nas Rádio Nacional do Rio de Janeiro e da Record de São Paulo. Dessas idas e vindas de Ângela Maria com o apresentador, recortamos uma das voltas da cantora, fotografada ao lado de César de Alencar, os dois ganhando publicidade na imprensa e a RR vendendo essas e outras notas através dos seus editoriais.

Era comum à RR trazer supostas avaliações de outros artistas, focalizando um colega em especial, por um motivo banal, em respostas diversas, para citar os casos com Emilinha, com anúncio desde a capa “*A OPINIÃO DAS OUTRAS CANTORAS SOBRE EMILINHA BORBA- UMA REPORTAGEM SENSACIONAL*”, além da reportagem anunciando: “*As cantoras dizem o que pensam de Emilinha Borba!*”, com texto de Borelli Filho, imagens das cantoras do arquivo do periódico, as quais falaram o quanto gostavam de Emilinha Borba, com fotos individuais de Carmélia Alves, Rosita Gonzales, Ester de Abreu, Lourinha Bittencourt. Ângela Maria opinou sobre a colega. O texto a lembrou usando “menores classificações andaram pela casa dos formidáveis, espetacular, fabulosa, sem concorrentes”. Nos parece duvidoso Ângela ter dito que Emilinha não tenha concorrentes, pois ela sabia do retorno pesado dos fãs de Marlene contra ela por tal afirmação (Nº 151, pp. 04-07, 29/07/1952).

Vimos Emilinha e Ângela na festa de 10 anos do *Programa César de Alencar*, no Maracanã, elas participavam de outras festas, como na Rádio Difusora de Rio Bonito, Rio de Janeiro, onde vemos as duas entre Zoelzer Poubel, diretor-presidente da emissora. As duas artistas foram capas da RR ao menos em três momentos: nº 259, 28/08/1954; nº 409, 13/07/1957 e nº 706, 30/03/1963. Na imagem abaixo, da esquerda para a direita, vemos Ângela, Zoelzer Poubel e Emilinha Borba, na festa de aniversário da fundação da Rádio Difusora de Rio Bonito, Rio de Janeiro. Os artistas do rádio se desdobraram nas festas internas da Nacional, em shows, gravações e nas demais emissoras.

Figura 26 - Da esquerda para a direita: Ângela Maria, Zoelzer Poubel e Emilinha Borba.



Fonte: Revista do Rádio, nº 653, p. 34, 24/03/1962. Disponível em: memoria.bn.br/pdf/144428/per144428_1962_00653.pdf. Acesso em: 12 de jul. de 2022.

Nove anos após o falecimento de Carmen, a RR recuperou uma das fotos dela em sua última viagem ao Brasil, no mesmo ano de 1955, com Ângela Maria. Nós escolhemos essa figura para lembrar como Candau (2016, p. 74), uma história de vida, rica em experiências, para todos que recordam, domesticando o passado, se apropriando e incorporando uma espécie de selo memorial, atuando como significante da identidade. Assim como era uma espécie de memória da artista que não estava entre nós e da importância da imagem para agradar aos fãs de Ângela, consumidoras da RR e dos produtos relacionados a artista.

Figura 27 - Ângela Maria à esquerda, ao lado de Carmen Miranda, no Rio de Janeiro, em 09 de fevereiro de 1955.



Fonte: Revista do Rádio, nº 752, p. 44, 15/02/1964. Disponível em: memoria.bn.br/pdf/144428/per144428_1964_00752.pdf. Acesso em: 12 de jul. de 2022.

Agora nós entramos em *A Foto da Semana*, com texto e maior destaque para o artista, justamente por se diferenciar da coluna *Flagrantes*, comumente trazendo vários artistas em pequenas fotos na mesma página. A RR citava o primeiro contrato exclusivo de Ângela com a Rádio e TV Record de São Paulo, assinado com prazo para dois anos, que foi noticiado pela coluna *Rádio em Revista São Paulo* (Nº 400, p. 62, 11/05/1957). Em dois números da mesma edição da RR, os *Mexericos da Candinha* elogiaram o vestido de estreia da cantora. O valor mensal do contrato de 150 mil cruzeiros da artista foi informado na subseção *RONDA*, com as Rádios e TV Record (Nº 402, p. 57, 25/05/1957); com a subseção do mesmo nome, o mesmo colunista mencionou a mudança dos estúdios do programa da cantora em São Paulo (Nº 405, pp. 11; 57, 15/06/1957). Nessa mesma coluna, a vimos quando ela foi para a República Dominicana e se licenciou da TV Record por 15 dias (Nº 414, p. 57, 17/08/1957).

De Mário Júlio, destacamos algumas notas: a primeira, noticiou que Ângela estava em temporada de shows na Argentina, mas viajava toda semana para São Paulo, para não deixar as apresentações na Rádio e TV-Record. O cronista encerrava dizendo: “*Sapoti*” dá um bonito exemplo, satisfazendo integralmente os compromissos assumidos com emissoras das duas capitais” (Nº 429, p. 29, 30/11/1957); a segunda, subseção *SENSAÇÃO*, mencionando a apresentação de Ângela e Louis Armstrong, transmitidos pelas Rádio e TV-Record, com

aplausos da multidão no Ginásio do Ibirapuera (Nº 432, 21/12/1957, p. 56); na mesma emissora, a programação de TV *O QUE AS TVS PAULISTAS TÊM DE MELHOR/Vejam estes*, nos canais paulistas, informação ao horário para Ângela, às terças-feiras, às 20h35 (Nº 486, p. 45, 10/01/1959)⁵⁸.

No livro sobre a vida do diretor pioneiro Victor Berbara, no qual se fala dos seus trabalhos na televisão, há referência de um dos programas da cantora na TV Paulista (Globo, São Paulo), *O Show de Ângela Maria*, um musical semanal com orquestra, em 1956 (CARVALHO, 2008, p. 203). Outra diferença de um ano, para rever a afirmação de Lenharo (1995, pp. 137; 139), pois ele afirmou a Rádio Nacional como refratária com a televisão e apenas em 1957 liberou seus artistas para se apresentarem na TV Rio e TV Record de São Paulo.

Figura 28 - Da esquerda para a direita: Isaurinha Garcia, Renato Consorte e Ademilde Fonseca; sentadas, Elizeth Cardoso, Ângela Maria e Elza Laranjeira, na Rádio Record de São Paulo, em 1955.



Fonte: Revista do Rádio, nº 315, p. 19, 24/09/1955. Disponível em: memoria.bn.br/pdf/144428/per144428_1955_00315.pdf. Acesso em: 12 de jul. de 2022.

Os contratos entre os artistas mudavam. Como vimos em alguns momentos, as artistas tinham contratos no Rio e em São Paulo, além das saídas para shows em turnês. Nesse momento, Ângela e Elizeth foram capa da RR, na folha editorial que acompanhava cada edição

⁵⁸ Em dado momento, na página da programação televisiva, sugeria-se ao leitor em caixa alta: “CORTE ESTA PÁGINA E DEIXE-A JUNTO AO SEU APARELHO” (Nº 581, p. 34, 05/11/1960).

havia um pequeno texto informando quem eram os/as artistas na capa e qual emissora/gravadora eles/elas faziam parte. No caso de ambas, estavam na gravadora Copacabana, a primeira era contratada da Nacional e da TV-Record; a segunda na Mayrink Veiga e da TV-Rio (Nº 453, p. 66, 17/05/1958)⁵⁹. As contratadas se alternavam, e em uma das saídas de Ângela da Mayrink, Elizeth renovou com a emissora e ocupou o lugar da outra, no mesmo horário, às quartas, às 20h30, dito pela *Rádio em Revista Rio* (Nº 402, p. 63, 25/05/1957).

Na ausência de Ângela em viagens, Elza Laranjeira, Neide Fraga, Bianca Belini e Luely Figueiró substituíram em seu programa na TV-Record, de acordo com *NOTÍCIAS DE RÁDIO E TV SÃO PAULO* (Nº 463, p. 59, 26/07/1958). Dessa fase dela na emissora paulista, recuamos para uma imagem de 1955, em que vemos no plano superior, da esquerda para a direita: Isaurinha Garcia, Renato Consorte e Ademilde Fonseca; sentadas: Elizeth Cardoso, Maria e Elza Laranjeira, em 1955.

Ângela esteve envolvida em jogos midiáticos com seu nome, principalmente após sua eleição como Rainha do Rádio, mas ao longo da mesma década, isso pode ser observado com a tentativa de aproximá-la dos fãs paulistas, como na reportagem da *Operação Sapoti*, com fotos, dos 15 dias dela no estado, com a chamada: “*OPERAÇÃO DE ÂNGELA MARIA DEIXOU SÃO PAULO EM SUSPENSE/ DURANTE 15 DIAS A ESTRÊLA AGITOU TODA A CAPITAL BANDEIRANTE*”. Em uma das imagens, Ângela apareceu ao lado do seu então esposo na época, Rodolfo Valentino. O sujeito de fala do texto foi Getúlio Macedo, compositor conhecido em São Paulo na época, que teve a ideia de levar a cantora para lá, pois ao chegar em Taubaté, cidade do interior do estado, além de outras, as quais não fez menção nominalmente, percebeu a necessidade de aproximar Ângela daquele público. Getúlio mencionou a visita da cantora em asilos, estações de rádio e televisão (Nº 500, pp. 06-09, 18/04/1959). Antes dessas fotografias em uma reportagem mais extensa, a *Operação Sapoti* foi noticiada na coluna *Notícias* (Nº 498, p. 63, 04/04/1959).⁶⁰

Das idas e vindas das cantoras entre Rio e São Paulo, além das viagens internacionais e dos contratos com as estações de rádio e TV que começavam e terminam no mesmo ano, em alguns momentos, mostramos Ângela e Elizeth, entre artistas de São Paulo, nos auditórios da Rádio Record. Das cantoras acima, na foto da Rádio Record, Ângela e Elizeth eram do estado

⁵⁹ Na desistência do contrato de Elizeth Cardoso com a TV Record de São Paulo, foi a oportunidade para a contratação de outra cantora substituta, Maysa (LOGULLO, 2007, pp. 81; 83-84).

⁶⁰ “*NADA DE OPERAÇÃO COM MAYSÁ*”, não era nada cirúrgico no corpo, mas apenas para afirmar a recusa da cantora em fazer a mesma jogada midiática, como a de Ângela, em São Paulo, embora o rádio tenha noticiado que a primeira faria a investida midiática. A *Operação Maysa* surgiu como ideia dos seus amigos, entretanto ela refutou a possibilidade desde o início (Nº 503, p. 03, 09/05/1959).

do Rio de Janeiro; Elza, Isaurinha e Renato, de São Paulo; Ademilde Fonseca, do Rio Grande do Norte, mas vivia há muito tempo no Rio de Janeiro. Isaurinha era uma das poucas artistas paulistas conhecidas no Rio; e, desse tempo o casal Nora Ney e Jorge Goulart do Rio trabalhavam em São Paulo. Para esses dois últimos, o clima paulista era menos vertiginoso e mais organizado, as estações de rádio não tinham o mesmo alcance das cariocas. Elza Laranjeira, Hebe Camargo, Leny Eversong e Inezita Barroso, paulistas, quase não chegavam ao Rio de Janeiro (LENHARO, 1995, p. 139).

Marlene e Ângela eram artistas midiáticas do rádio, a primeira começou a carreira bem antes, contudo isso não impedia um artista de uma fase anterior ter reportagem, capas e matérias com outros mais novos. Nesse momento, nosso recorte vai por algumas notas das duas cantoras, para chegarmos em *A Foto da Semana*. Ângela foi uma das fotografadas no casamento de Marlene com Luiz Delfino, reportagem com 06 páginas, com texto de Eugênio Lyra Filho, fotos de Hélio Brito e Eufrosino Mello. Em uma das fotos com Ângela, Rogéria, Nora Ney, Marlene e Delfino (Nº 206, pp. 04-09, 18/08/1953).

Quase sempre em tom comparativo, com uma matéria grande em número de páginas e aos moldes especulativos, a RR perguntou: “AFINAL DE CONTAS, QUEM É A MAIOR?”. Com texto de Borelli Filho e fotos do arquivo, a reportagem começa falando das brigas dos fãs nos auditórios dos programas de Paulo Gracindo, Manoel Barcelos, César de Alencar, defendendo sua preferida. No início o texto cita algumas veteranas como Emilinha, Marlene, Dalva, Linda, Dircinha, para no próximo parágrafo incluir: “Emilinha, Marlene, Dalva, Dircinha, Dóris Monteiro, Carmélia Alves, Nora Ney, Ângela Maria, Adelaide Chiozzo ou Linda Batista? Ou mesmo alguém que não figure nessa relação? A resposta é indecisa.” Com texto individual para ressaltar a carreira de cada artista, no momento de menção a Ângela, seu surgimento em pouco mais de dois anos e meio no rádio, uma viagem para a Argentina e turnê na Europa (Nº 198, p. 04-07, 23/06/1953).

Avançando para 1958, a festa de 25 anos de rádio de Carlos Frias no Maracanãzinho, na reportagem “*NA FESTA DE CARLOS FRIAS CANTARAM, JUNTAS, AS CINCO GRANDES*”, Ângela, Emilinha, Dircinha, Marlene e Dalva de Oliveira pela primeira vez cantaram juntas *Deus salve a América*. Cada artista fez uma entrada grandiosa. Por exemplo, Marlene chegou em um cavalo branco e Ângela no para-brisa de um jipe. A foto clássica de Marlene, Dalva, Ângela, Linda e Emilinha, Dalva e Ângela cada uma em uma ponta da foto, pois elas estavam estremecidas nessa época e, sobre isso, falaremos adiante.

A matéria elogiava os vestidos de Ângela e Marlene Branco, bem como através de imagens mencionavam a presença de Roberto Inglês, Jamelão, Ivon Curi, Blecaute, a Rainha

do Rádio na época, Julie Joy e a do ano anterior, Dóris Monteiro. A Rádio e TV Tupi transmitiram a festa e não há menção para o jornalista da reportagem ou fotógrafo (Nº 434, pp. 08-11, 04/01/1958). Na RR há outros tantos momentos de Ângela com Marlene, um deles foi o aniversário da segunda, em 27 de novembro de 1959, no Programa Manoel Barcelos, irradiado do teatro Carlos Gomes, em “NUNCA MARLENE GANHOU TANTOS PRESENTES/ UM ANIVERSÁRIO NATALÍCIO REPLETO DE EMOÇÕES”, com o pessoal do rádio, dentre eles, Bill Farr, Nora Ney, Jorge Veiga, Vera Lúcia, Ângela, Ivon Curi, José Messias, Washington Fernandes, Araci Costa, Rogéria e, mais uma vez o apresentador César de Alencar. Com Ângela, apenas menção ao seu nome, sem assinatura do texto e fotos (Nº 485, pp. 64-65, 03/01/1959).

Depois dos encontros presenciais ou apenas em reportagens as quais Ângela e Marlene eram mencionadas juntas, destacamos essa foto inusitada em *A FOTO DA SEMANA*. A primeira aponta uma arma para a segunda, ressaltando ser uma brincadeira, pois as duas eram amigas e, enquanto Ângela fez uma operação de apendicite, Marlene cantou um dos sucessos de carnaval gravados pela colega. Um fato curioso entre as duas, muito porque, embora a TV tivesse surgido no início dos anos 1950, ainda assim muitas pessoas não conheciam a figura dos artistas do rádio, foi assim que, segundo os *Mexericos da Candinha*, Ângela e Marlene foram barradas na porta da Rádio Globo, pois o porteiro não as conhecia (Nº 402, p. 11, 25/05/1957).⁶¹

⁶¹ Por falar em bagunça nas estações e desconhecimento dos porteiros sobre quem estava diante deles, lembramos as Emissoras Associadas e a ordem de Almirante para organizar aquilo e impedir a entrada de pessoas estranhas na rede. Certa vez um porteiro não reconheceu o dono do grupo, Assis Chateaubriand, e o barrou na portaria. Outras pessoas entrevistaram, o porteiro estava certo da sua demissão, mas Almirante pôs um fim na conversa de dias daquela atitude, dizendo a Chateaubriand para se demitir se o dono da Rede Tupi não fizesse um elogio público ao porteiro. A partir dali a Tupi passaria a ter um aspecto de empresa organizada (CABRAL, 1990, p. 262).

Figura 29 - Ângela aponta uma arma para a cantora Marlene.



Fonte: Revista do Rádio, nº 596, p. 47, 18/02/1961. Disponível em: memoria.bn.br/pdf/144428/per144428_1961_00596.pdf. Acesso em: 12 de jul. de 2022.

Carmélia Alves, a Rainha do Baião, começou a carreira antes de Ângela, nunca foi Rainha do Rádio, embora tenha concorrido⁶², mas esteve entre as fotografadas no Baile de Coroação de Ângela, no Teatro João Caetano, em 1954. As duas nunca foram capas da RR juntas. Ângela sempre apareceu com fantasias inusitadas nos carnavais, inclusive de *nêga maluca*, onde, segundo os *Mexericos da Candinha*, ela mal pode ser reconhecida (Nº 443, p. 13, 08/03/1958). No Baile dos Artistas, no Hotel Glória, em 1962, a reportagem era taxativa: “*FRACASSO GRANDE DO BAILE DOS ARTISTAS*”, mesmo com o texto inicial, sem autoria, citando a reclamação das pessoas na festa, com 4.000 pessoas presentes, entre brigas, empurrões e artistas barrados na porta, por falta de ingressos, além da ausência de fantasias luxuosas, artistas e pouca alegria. Próximo a reportagem do Baile dos Artistas, por outro lado, ao Baile do Rádio, se exaltava sua organização, onde Ângela repetira a fantasia de *nêga maluca*, agora com imagem, ao lado de Paulo Gracindo (Nº 653, p. 03-04, 24/03/1962).

⁶² "Briga entre artistas por causa do Rei do Rádio", com texto de Borelli Filho, as cantoras apareciam ao lado dos seus escolhidos, Carmélia estava em foto ao lado do seu marido, Jimmy Lester (o qual o nome difere de Lester para *Léster*, um erro da RR, na menção textual de uma página para a seguinte, pp. 05-06). Na menção a Carmélia, Renato Murce justificou o mal-estar causado por ela, com a transferência de votos da cantora para eleger Mary Gonçalves, o motivo da derrota de Adelaide Chiozzo, naquele ano de 1952 (Nº 860, pp. 04-07, 08/04/1952).

Nos carnavais de Ângela ela “lançava” moda, a reportagem com fotos "*ÂNGELA MARIA LANÇA A FANTASIA DE "SPUTNIK" NO CARNAVAL!*", sem autoria do texto ou das imagens, ela aparecia com as duas fantasias, encerrando dessa forma: “Vamos formar no bloco de Ângela Maria⁶³, de "*Sputnik*"⁶⁴, de havaiana— usando uma das sugestões que ela nos oferece?” (Nº 440, pp. 22-23, 15/02/1958). Na imagem abaixo, na década seguinte, ela aparecia em uma festa carnavalesca, vestida de baiana, ao lado de Carmélia, fantasiada de baiana.

Figura 30 - Ângela Maria e Carmélia Alves fantasiadas no carnaval de 1966.



Fonte: Revista do Rádio, nº 860, pp. 30-31, 12/03/1966. Disponível em: memoria.bn.br/pdf/144428/per144428_1966_00860.pdf. Acesso em: 12 de jul. de 2022.

Depois desse lado carnavalesco e inusitado das colunas *Flagrantes* e *A Foto da Semana*, dos contratos com as estações de rádio e TV, agora nós vamos entrar em um dos temas mais recorrentes na RR, os maridos/namorados, quase sempre alçados à condição de empresário de Ângela, depois agressores, exploradores e caluniadores, mesmo que, diferente das mulheres da sua época, ela pudesse recomeçar antes mesmo da Lei do Divórcio no Brasil, da década de 1970. As insinuações sobre os relacionamentos amorosos e como ela, mulher do seu tempo, desejava/prendia a maternidade, além de ressaltar seus dotes domésticos. Não a colocamos

⁶³ Entre a chamada da matéria e a finalização do texto, o nome de Ângela foi escrito de duas maneiras.

⁶⁴ De acordo com o site Brasil Escola: "Sputnik foi o nome do programa, desenvolvido pelos soviéticos, responsável por enviar o primeiro satélite artificial, nomeado Sputnik 1, para a órbita terrestre em 1957. Esse acontecimento foi resultado de anos de estudos realizados por cientistas do país e um marco histórico, porque é considerado o evento que iniciou a corrida espacial.", fato importante para a Guerra Fria entre os russos e os Estados Unidos, em uma época de disputa pela hegemonia mundial.

como primeira artista explorada entre as cantoras e os homens daquele período. A imprensa e a mídia da época podem mostrar um pouco do que viveu em seus relacionamentos conturbados e publicizados, a exemplo de Nora Ney, Dalva de Oliveira e Grande Otelo. Todavia, nosso foco é Ângela, com breve menção para outros artistas, quando a reportagem ou as notas assim o fizerem.

3.4 A VIDA PRIVADA DA CANTORA

Partindo das premissas de Matos (1996) ao falar das funções consideradas femininas, atribuídas às empregadas domésticas das classes populares, desde muito pequenas as meninas cozinham, lavam e cuidam dos irmãos menores. Assim eram os irmãos de Ângela Maria, por sua herança pobre, além dela mesma ter feito trabalhos domésticos em casas onde foi maltratada. Voltando para a autora, essas ocupações, desde sempre, são consideradas atividades femininas, às quais não precisam muito de aprendizado anterior, podendo ser realizadas “por qualquer um”, principalmente se fosse mulher. Essas atividades eram vistas como menor esforço físico, repetitivo, com desprestígio social para suas executoras, além de serem praticamente invisíveis aos olhos dos membros da família. As mulheres estavam submetidas a um atributo supremo da feminilidade, mas isso pode ser revisto se levar em consideração as lavadeiras, carregando pesadas trouxas de roupa, depois passavam em ferros de carvão, rachavam lenha e carregavam água para lavar louça e limpar casa (MATOS, 1996, pp. 140-141).

Ainda segundo a historiadora, essas mulheres sofriam quedas, fora e dentro de casa; queimaduras com água fervida, gordura, querosene ou álcool, quando eram cozinheiras. Quando se casavam, mudavam as relações trabalhistas dessas mulheres, preferindo a função de diaristas, ao invés de dormirem na casa dos patrões. Caso fossem uma empregada eficiente de forno e fogão, lhe era permitido trazer seus filhos para a casa dos patrões, muitas vezes com redução salarial. Algumas vezes, em famílias ricas, conseguiam uma melhor alimentação e moradia, melhor que muitos operários. A violência era uma questão corriqueira entre patrões e empregados, ocorrendo até agressão física e sexual, algumas vezes denunciadas por vizinhos ou pelos próprios empregados da casa. Embora tenha acontecido a Abolição da Escravidão em 1888 e os imigrantes no Brasil tenham modificado a relação entre os amos e criados, continuou existindo a figura do patrão como tutor dos empregados, consciente ou inconsciente, esses dispositivos de coerção entre os dois, mesclavam adesão, gratidão e envolvimento dos criados (MATOS, 1996, pp. 142-144).

A imprensa feminina dos anos 1950 quase sempre condenava o trabalho das mulheres fora de casa. Foi essa a pesquisa de Paula Rafaela da Silva (2010), na revista *Lady: a companheira da mulher*, entre 1956 e 1959. Quando o citado periódico tocava em temas polêmicos para a época, como divórcio, inseminação artificial ou superexposição das artistas de cinema, chamando de industrialização do sexo. Embora se pondo como neutra, a autora percebeu a posição da revista, apesar de ter ocorrido mudanças sutis, não a ponto de perder a característica de abordar temas culturais, mas cedendo para temas “tradicionalmente femininos”, dividindo espaço entre esporte, cultura e moda, com culinária, cuidados com a casa, beleza, conselhos sentimentais e até humor. Das reportagens analisadas pela pesquisadora, as mulheres saíam de casa ao menos metade do turno diário, para execução de funções em locais determinados.

Construído através de reportagens, matérias e trechos das matérias falando do trabalho feminino, focando o pioneirismo das policiais em São Paulo, em fotorreportagem dizendo que elas estudavam muito, recebiam diplomas e eram chamadas para ocorrências envolvendo mulheres e crianças, com requisitos acima da formação intelectual, passando pela moral, pois as policiais eram mostradas acolhendo crianças nas ruas e auxiliando idosos. Essas mulheres eram mostradas como as “outras” que faziam os trabalhos domésticos, dizendo que elas tinham os mesmos direitos dos homens, todavia não podiam abdicar das funções do espaço privado. As mulheres de elite nas reportagens da *Lady* não eram santas da Igreja, nem estrelas de Hollywood, quase sempre, diferente das demais, podiam escolher suas funções por uma satisfação pessoal, diferente das donas de casa, retratadas na publicidade como felizes, mas que não tinham acesso às novidades e ao consumo (SILVA, 2010, pp. 128-131; 142-143).

Após essa interlocução da mulher trabalhando fora de casa, voltamos a RR para seu discurso tradicional, com Ângela fazendo serviços domésticos, tudo muito bem forjado para disciplinar suas leitoras, vendo a artista com “prazer” ao executar funções comuns em suas casas, mesmo em uma carreira atarefada. A reportagem fotográfica *24 horas na vida de um artista*, com texto e imagens de Eugênio Lyra Filho, retratou o dia a dia com Ângela em seu apartamento, desde o despertar até o fim do dia. O texto ressalta suas habilidades femininas e domésticas, como o hábito de leitura ao acordar, tocar piano quando chegava em casa, ao fim da noite, entre canções novas e velhas. Da inabilidade das funções masculinas, em uma das fotos a legenda era a seguinte: “Ela gosta de entrar na cabine de *contrôle*, mas, quase sempre, exclama: “Que coisa complicada!” (Nº 146, pp. 28-29, 24/06/1952). Essa cabine parecia uma sala de sonorização do rádio ou dos técnicos das gravadoras, função quase sempre exercida por homens.

Figura 31 - Ângela em seu apartamento no Rio de Janeiro.



Fonte: Revista do Rádio, nº 146, p. 28, 24/06/1952. Disponível em: memoria.bn.br/pdf/144428/per144428_1952_00146.pdf. Acesso em: 19 de jul. de 2022.

A RR vendia essa imagem de artista capaz de executar funções domésticas, não apenas para Ângela, mas para outras tantas mulheres artistas e das artes. A revista *Lady* tentava vender um aspecto da mulher moderna em seus editoriais, entretanto continuava no discurso tradicional (SILVA, 2010, p. 143). Destacamos o tradicionalismo recorrente nos dois periódicos, para fazer pensar a mulher moderna, tentando mesclar a vida do lar com a modernidade do seu tempo. De certo modo, Ângela era essa “mulher moderna”, que saía de casa, trabalhava, desejava um casamento, filhos, marido, como veremos em seguida. A artista trabalhava fora de casa, entretanto sabia e tinha habilidades na cozinha, como uma mulher do seu tempo.

Ângela não era apenas uma artista famosa, mas uma mulher que sabia “estralar” (fritar) ovos (*Mexericos da Candinha*, nº 681, p. 24, 06/10/1962). Nada mais inútil e representativo do papel tradicional em uma nota requeitando valores tradicionais, mirando a cozinha como espaço de ocupação feminina. Como não faltava assunto ou motivo para se especular, opinar, buscar informações sobre o artista na RR, no *Correio dos Fans*, Ângela Maria Lôbo, do Rio, perguntava sobre a filha da cantora e eles respondiam com promessa de uma boa reportagem sobre o assunto (Nº 214, p. 31, 13/10/1953). Não devemos pensar reportagens, notas de casamentos, noivados, nascimentos de filhos e filhas de cantores, atores, diretores, apresentadores como algo pensado por Ângela e os demais, mas como algo que beneficiava a figura dos artistas diante daquilo que o periódico vendia, normas e tradição nos costumes.

Selecionamos algumas notas como no *Correio dos Fans* e pontuamos a reportagem “A MODA AGORA É ARRANJAR UM BEBÊ...”, com texto de Borelli Filho, fotos do arquivo da RR, uma delas com Ângela triste, olhando para a foto de Rosângela, sua filha adotiva, por um tempo, pois sua mãe biológica reapareceu e levou a menina.

Ângela Maria, por exemplo, já foi mamãe (adotiva) de Rosângela, uma criança linda que esteve em sua companhia por muito tempo. A pequena, depois, foi-lhe tirada pela mãe legítima. Até hoje, entretanto, Ângela chora a ausência da pequenina, não contendo as lágrimas quando lhe falam de seu nome (REVISTA DO RÁDIO, Nº 296, pp. 47-49, 14/05/1955).

Dentro da revista, uma reportagem sem autoria do texto ou das fotos: “*SERÁ QUE VOCÊ AINDA NÃO DESCOBRIU? O QUE ESTÁ FAZENDO FALTA A ÂNGELA MARIA*”, a cantora aparece entre crianças por duas vezes, das quatro imagens disponíveis, uma delas, reproduzida na figura 32. A matéria cita o desejo da artista de ser professora “só para sentir o encanto afável da infância”, pura insinuação da RR para acentuar o lado maternal da cantora. Além de operária de fábrica de lâmpadas, tecelã e empregada doméstica, não temos lembrança de menções ou depoimentos com Ângela sendo professora ou desejando tal função. Ainda sobre a reportagem, menção para sua coleção de bonecas, a quem ela dedicava seu amor “maternal” (Nº 601, pp. 16-17, 25/03/1961).

Em outros momentos, o buscador da Hemeroteca Digital não reconhecia algumas ocorrências, como na chamada da capa: “*ÂNGELA MARIA PEDIU UMA FILHA A PAPAÍ NOEL!*”, edição 538, assim como a duplicação da digitalização para o *Correio dos Fans* (pp. 51 e 53, 09/01/1960). No interior, a matéria anunciava: “*Seu grande sonho é ser mamãe/ÂNGELA MARIA PEDIU UMA FILHA A PAPAÍ NOEL*”. Em uma das primeiras legendas da foto, na qual Ângela aparece com seu então esposo e empresário, escreveram: “A felicidade fez morada com Ângela e Rodolfo. Acham os *fans* que só lhes falta, mesmo, é uma filhinha”. Ressalta-se sua primeira felicidade com o reconhecimento do público; a segunda, foi o pedido de uma criança para Papai Noel.

Figura 32 - Reportagem fotográfica com Ângela.



Fonte: Revista do Rádio, nº 538, p. 23, 09/01/1960. Disponível em: memoria.bn.br/pdf/144428/per144428_1960_00538.pdf. Acesso em: 19 de jul. de 2022.

Outros artistas foram representados na reportagem, como Luz del Fuego, Bidu Reis, Josefina Baker, com a criança adotada na Colômbia, Emilinha, Nelson Gonçalves e sua esposa Lourdinha Bittencourt, com sua filha adotiva Elizabeth Tadeu, tamanha pressa deles em não esperar “a cegonha”; Dalva de Oliveira e Tito Clement, com sua filha biológica Dalva Lúcia. Ângela abraça uma boneca na capa da RR, com a chamada “*O QUE ESTÁ FAZENDO FALTA À ÂNGELA MARIA*”. Na imagem a seguir, vemos a cantora entre crianças, sem citar o local ou quem elas eram. Na legenda, menção para a “falta de uma herdeira de verdade”.

Figura 33 – Ângela Maria entre crianças.



Fonte: Revista do Rádio, nº 601, p. 17, 25/03/1961. Disponível em: [per144428_1961_00601.pdf](https://per144428.1961.00601.pdf) (bn.br). Acesso em: 19 de jul. de 2022.

Três anos depois, em 1964, continuava o pedido da cantora: “O PRESENTE QUE PAPAÍ NOEL NÃO TROUXE PARA ÂNGELA MARIA”. Nessa época Ângela vivia em Portugal. Tinha ido para passar dois meses e estava a quase seis, com seu marido Rodolfo. Para o Natal de 1963, mencionando os projetos da artista para uma árvore de Natal, com um berço de uma criança próximo, ela havia pensado em vários nomes para o menino. Na ausência de um filho, supondo uma carência da artista, não se desmentiu, nem pode confirmar se ela traria uma criança de Portugal, pois tinha feito várias visitas em orfanatos, encerrando o texto assim: “Quem sabe?, pode ser que no 25 de dezembro de 1964 a estrela esteja com um filho sangue de seu sangue, adormecendo-o carinhosamente em meio a uma canção de ninar”. Depois das supostas visitas do casal aos orfanatos portugueses, nos parece informação negando uma adoção, ao citar o "sangue de seu sangue", especulando sobre a possibilidade de terem um filho biológico. Apesar de ser um texto de apenas duas páginas, há uma imagem de Ângela com uma “portuguesinha” lhe oferecendo flores (Nº 747, pp. 12-13, 11/01/1964).

Passados 11 anos desde a primeira vez em que foi retratada na reportagem de duas páginas em *24 horas na vida de um artista*, a matéria era a mesma, agora no ano de 1963, entretanto o nome mudava para *24 HORAS DE ÂNGELA MARIA*, com quatro páginas, afirmando ser às 07h o despertar “para um dia cheio de sonhos, felicidades e canções”. Mais uma vez, em uma das imagens, ela estava supostamente tocando piano. “Ângela “arranha” as

teclas, ensaiando suas músicas, aprendendo outras, formando novo repertório. É uma artista que não se descuida nunca”; lendo as cartas dos fãs, dizendo não gostar de deixar isso atrasado. Ressaltando-se os dotes culinários da cantora com os seguintes trechos: “Quando há tempo, Ângela se esmera na cozinha”, além de “A *122strela* cuida dos dentes, do estômago... e mostra que é boa cozinheira. Ela sabe preparar uma feijoada com o toque de um especialista no assunto. São feijoadas gostosas e famosas”. Nessa época, segundo a reportagem, Ângela tinha contratos com a TV Tupi, a Rádio Mayrink Veiga e era casada com Rodolfo (Nº 695, pp. 08-11, 12/01/1963).

Figura 34 – Ângela Maria em sua casa, provando comidas.



Fonte: Revista do Rádio, nº 695, p. 09, 12/01/1963. Disponível em: memoria.bn.br/pdf/144428/per144428_1963_00695.pdf. Acesso em: 19 de jul. de 2022.

Se a artista tem casa, participa de matérias e reportagens citando seus dotes de dona de casa, essa mulher provavelmente tem relacionamento amoroso, namorado e futuro marido. O primeiro namorado de Ângela, Othon Russo, foi compositor das suas primeiras gravações, a citar os discos de 78 rotações: *Sabes Mentir* (Othon Russo), em 1951; *Mestre Da Vila* (Othon Russo/Paulo Marques), *Desejo* (Othon Russo/Paulo Marques), *Eterno Amargor* (Othon Russo/Paulo Marques) em 1952; *Só Vives Pra Lua* (Othon Russo/Ricardo Galeno), *É Ilusão* (Bizet/Othon Russo/Renato César) em 1953. O relacionamento dos dois foi nota do *Correios do Fans*, na segunda mensagem de Clorinda Sgobbi, de Presidente Prudente, perguntou quem era o príncipe de Ângela Maria. Responderam o compositor Othon Russo (Nº 156, p. 30,

09/09/1952). Essa parceria entre a cantora e Othon abastecerá seu repertório em canções e versões (AGUIAR, 2010, p. 83).

O rompimento de Ângela e Othon foi informado na Coluna Discos, subseção BRIGAS E COISAS: Othon Russo teve várias *paginas*⁶⁵ gravadas na voz da Ângela, inclusive *Só Vives pra lua*, em parceria com Ricardo Galeno (Nº 200, p. 35, 07/07/1953). Requentando polêmica para a cantora e interesse para as leitoras, Márcia Leal, do Rio de Janeiro, escreveu ao *Correio dos Fans* falando que Ângela e Othon Russo foram casados. Cortando as insinuações da fã, responderam a ela: “Que deve haver um desquite ou coisa parecida. E que espera uma resposta muito esclarecedora. Resposta: casados, *123les?* Você é exagerada, Márcia. Exagerada!” (Nº 211, p. 31, 22/09/1953). Sem mostrar fotos entre Ângela e Othon na RR, passados quase dois anos do fim, o ex-namorado de Ângela mencionava em 3º lugar para a gravação da cantora para *Orgulho*, gravadora Copacabana Discos, entre *Meus cinco favoritos*, uma coluna onde artistas diziam quais músicas e vozes, masculinas e/ou femininas, preferiam (Nº 293, p.25, 23/04/1955).

O segundo relacionamento assumido da cantora, com Milton Ferreira de Carvalho, foi mais fotografado. Uma reportagem com fotos sem autoria declarava: “Cauby Peixoto homenageou os colegas de rádio”, em evento ocorrido na casa de Di Veras, com a presença do cronista Salviano Cavalcanti, o cineasta José Carlos Burle, Marli Sorel, naquela época Rainha do Cinema; em uma das imagens, Ângela, Milton, Osvaldo Sandim e Henrique Batista (Nº 250, p. 40, 26/06/1954). No *Correio dos Fans*, Arlinda Augusto De Oliveira, do Guarujá, perguntou quem era o dono do coração de Ângela Maria, responderam ser Milton (Nº 254, p. 34, 24/07/1954). Nada mais apropriado para o paternalismo e tradição conservadora da época, um homem ser dono do coração de uma mulher. Um mal-estar foi resolvido nos *Mexericos da Candinha*, pois as pessoas imaginavam Ângela namorando o goleiro Castilho (Carlos José Castilho), mas ele apenas se parecia muito com Milton, o verdadeiro namorado de Ângela (Nº 276, p. 06, 25/12/1954).

Como a artista estava namorando Milton, os fãs supunham outras relações amorosas, noivados, todavia os *Mexericos da Candinha* insistiam e desmentiam mais uma vez um suposto romance de Ângela com o jogador Pavão (Marcos Cortez), do Flamengo, lembrando que ela ainda era “toda Milton” (Nº 284, p. 10, 19/02/1955). Talvez essas insinuações sejam por conta da presença da cantora, rica e ainda sem casamento, algo tão obrigatório para homens e

⁶⁵ Erro de ortografia da RR.

principalmente para as mulheres, ao lado do compositor Ary Barroso, quando o Flamengo foi Tricampeão, no Maracanã, em 1955 e, conseqüentemente, ao lado de outros homens.⁶⁶

Figura 35 - Da esquerda para a direita: Elizeth Cardoso, Milton e Ângela Maria.



Fonte: Revista do Rádio, nº 334, p. 09, 04/02/1956. Disponível em: memoria.bn.br/pdf/144428/per144428_1956_00334.pdf. Acesso em: 19 de jul. de 2022.

Voltando ao Milton e Ângela, os *Mexericos da Candinha* citaram o encontro do casal com Aérton Perlingeiro, na casa de Carlos Galhardo. Alguma coisa foi comemorada, mas ela não sabia o quê (Nº 289, p. 44, 26/03/1955). Saltando algumas edições da RR, *A Foto da Semana* mostrava o encontro na casa de Carlos Galhardo, o qual *Candinha* tinha citado, Ângela com Milton e Aérton Perlingeiro (Nº 295, p. 19, 07/05/1955). Reportagem sem autoria das fotos ou texto, com a seguinte manchete: “O JANTAR OFERECIDO POR ÂNGELA MARIA FOI UMA FESTA DE NOIVADO”, Ângela ao lado de Milton, seu companheiro na época, e dos futuros padrinhos do casal, Elizeth Cardoso e Armando Louzada, além de outras fotografias, uma com a sobrinha e outros artistas como Sivuca e Zilá Fonseca (Nº 334, pp. 07-09, 04/02/1956).

No clima desse prometido enlace do casal, o local onde eles iriam morar foi motivo de uma reportagem, com menção da autoria do texto, Borelli Filho e das fotos, Hélio Brito, com a

⁶⁶ A imagem da cantora e do compositor pode ser vista no livro de Cabral (1993, p. 328).

chamada: “O PARAÍSO DE MILTON E ÂNGELA MARIA- A CASA EM QUE ÊLES VÃO MORAR, DEPOIS DE CASADOS”. A cantora estava na maioria das fotos, nos vários cômodos do apartamento em Copacabana, com foto panorâmica do prédio. O texto dizia do suposto casamento a ser realizado em Portugal, sem citar a cidade, afirmando que a decisão seria do casal, em viagem próxima à Europa. Uma pose inusitada de Ângela é quando ela aparece deitada “na sala de estar, embaixo da mesa suspensa por dois elefantes negros” (p. 03) e outra com uma tela na parede, retratando a cantora (p.05), imagem essa conservada até o fim da vida da cantora, em sua casa em São Paulo (Nº 344, p. 03-06, 14/04/1956)⁶⁷. Por sua semelhança de imagens apresentando a casa, cozinha, banheiro e despensa, além de outros locais, lembra muito as matérias *24 horas na vida de um artista/24 HORAS DE ÂNGELA MARIA*.

Avançando mais uma vez para os relacionamentos da cantora, depois de dois anos após o fim com Milton, em 1958, noticiava o casamento entre a cantora e Rodolfo Aleksitch. Na mesma edição em que o casal fez uma das capas ao longo da convivência entre os dois, uma reportagem anunciava: “*NÃO SERÁ POR DINHEIRO O CASAMENTO DE ÂNGELA E RODOLFO- ELE É RICO, ELA TAMBÉM*”, porém por qual razão se anunciava que ele tinha dinheiro? Milton e Othon Russo eram exploradores financeiros da artista? As matérias da RR em nada tocaram nesse assunto. Por outro lado, veremos logo adiante que o moço rico não estava tão desinteressado do dinheiro e dos benefícios ao lado da cantora. A reportagem recém citada tinha quatro folhas, entrevistando Rodolfo, com muitas imagens do casal, lembrando o noivado, marcado para 13 de maio, data do aniversário da cantora. Não há menção direta na reportagem para os autores do texto e das imagens, entretanto, na folha editorial, menção para Hélio Brito como autor da imagem do casal (Nº 455, pp. 62-65, 31/05/1958).

Mas essa não foi a primeira matéria com fotos do casal. “CASAMENTO DE ÂNGELA, BREVE!”, com texto de Max Gold, trazia a cantora entre a família do noivo, contando que Rodolfo era de nacionalidade egípcia, naturalizado brasileiro, e tinha 30 anos. Em um dos trechos, mencionaram: “Segundo fomos informados, o noivo não se opõe, absolutamente, à carreira artística de Ângela.”, além da menção para as fotos feitas na casa da cantora, quando ela recebeu os sogros e cunhados, sem mencionar o autor, por solicitação da artista, até que o romance “pegasse”. O casamento seria realizado no Uruguai, pois Rodolfo era desquitado (Nº

⁶⁷ Em nossos anexos 3 e 4 há uma troca de mensagens entre o autor e o moderador Rodrigo Giglio da página *Ângela Maria Oficial*, rede social *Facebook*, confirmando essa tela na casa da cantora, até sua morte. Tempos depois, em uma das capas da RR, Nº 632, 28/10/1961, há outra foto de Ângela com essa tela ao fundo.

452, pp. 06-07, 10/05/1958). Nos parece estranho antes do relacionamento se encaminhar, com tanto segredo, ela tenha permitido tantas imagens e feito o encontro com presença da imprensa.

O desejo da maternidade é novamente lembrado em "ÂNGELA MARIA QUER SER MAMÃE/ UM CASAL DE FILHOS, PELO MENOS, É O SEU GRANDE SONHO", texto de Borelli Filho e fotos de E. Mello⁶⁸. Há muitas imagens de Ângela e Rodolfo, na primeira delas, o texto: "A foto é um verdadeiro quadro de felicidade". Foto com Manoel da Conceição (Nº 468, pp. 06-09, 30/08/1958). O texto inicial ressaltando os cuidados maternos da cantora, ainda criança, mesmo quando ela não era famosa:

DESDE que se entende, Ângela Maria adora crianças. Em pequena, ao invés de brincar com as bonecas, preferia fazer as vezes de mãezinha das crianças da rua onde morava. Afagava-as com ternura e amor, separando-se a muito custo daquele *peçoalzinho*⁶⁹ miúdo que tomara conta de seu coração. Mais tarde, quando o seu nome já se projetava no rádio, Ângela teve a felicidade de receber uma criança, que passou a criar com o carinho mais profundo, a dedicação mais pronunciada. Solteira, porém, não pôde ficar com a menina. E sofreu, angustiada, com a separação (REVISTA DO RÁDIO, nº 468, p. 07, 30/08/1958).

A criança levada da cantora foi Rosângela, filha adotiva que a mãe biológica veio buscar. Ângela desejava dois, três ou quatro filhos. Edições depois da RR, ao menos por hora, não se falava mais em filhos, em: "CANTAR NO EGITO, SIM! MAS... FILHOS AGORA, NÃO!", como um trocadilho apelativo para dar sensacionalismo a reportagem, pois era o avesso do afirmado, não era verdade que ela cantaria no país de nascimento de Rodolfo, ao menos por hora; a segunda pergunta era se a cantora seria mãe, descrevendo uma tristeza da artista ao responder. Para a reportagem, Ângela ponderou: "A cegonha não lhe mandou avisos", contudo, quando o fizesse, ela seria "a mulher mais feliz do mundo" (Nº 479, pp. 14-15, 22/11/1958).

Neste tempo ao lado de Rodolfo, o casamento e seus frutos matrimônios de casal eram algo recorrente nesta edição e na anterior. Os *Mexericos da Candinha*, em seu *muito confidencial*, noticiava uma suposta ousadia para Ângela, desfilando com biquini. Porém, a coluna declarou que muita gente foi ao "FESTIVAL DO MAIÔ", em São Paulo, pois anunciaram Ângela desfilando de biquini. Entretanto, ela apareceu com um maiô dos anos 1920, cobrindo até os joelhos (Nº 529, p. 21, 07/11/1959). Na mesma edição em que foi capa com Rodolfo, uma reportagem com fotos dela do 1º Festival Nacional do Maiô, evento paulista, com a

⁶⁸ Abreviado nos créditos da matéria, talvez Eufrosino Mello, como em outras reportagens com imagens creditadas a ele.

⁶⁹ Mantivemos a palavra conforme escrita na reportagem, bem como o início do texto com a palavra inteira em caixa alta.

chamada: “*TODOS QUERIAM VER ÂNGELA DE BIQUÍNI..., MAS A CANTORA PREFERIU UM MAIÔ DE 1920*” (Nº 530, pp. 16-17, 14/11/1959).

Figura 36 - Ângela Maria e Rodolfo Valentino Aleksitch.



Fonte: Revista do Rádio, nº 530, 14/11/1959. Disponível em: memoria.bn.br/pdf/144428/per144428_1959_00530.pdf. Acesso em: 19 de jul. de 2022.

Dois anos depois, uma reportagem perguntava: *CANTORA DEVE MOSTRAR AS PERNAS?* Perguntavam, respondendo às opiniões divididas. Dentre as cantoras, Emilinha afirmava não condenar, mas não seria capaz de fazê-lo; Ângela, por sua vez, concordava em parte com Emilinha, assim como Ester de Abreu e Zezé Gonzaga. Carminha Mascarenhas não via problemas em mostrar seu talento físico, Marlene pensava mais ou mesmo como ela e as pernas deveriam ser cobertas se elas fossem feias (Nº 627, p. 17, 23/09/1961).

Uma página única declarava depois: “*CONFISSÕES DE ÂNGELA MARIA-QUANDO MEU FILHO NASCER...*”. O nome da filha seria seu nome artístico e, se fosse menino, seria Rodolfo Valentino Júnior. Entre os supostos padrinhos do menino, apesar dos muitos amigos do casal, ela mencionou o casal Carlos Lacerda ou Jânio Quadros (Nº 594, p. 03, 04/02/1961). Nada mais oportuno para essas figuras políticas em destaque, o casal, o todo famoso. A criança teria todos os brinquedos, menos canhões, soldados de plástico ou tanques “Nada que fizesse o meu filho sentir a maldade que há na destruição consciente do homem pelo homem!”.

O buscador da Hemeroteca não reconheceu a chamada de capa: “UM BEBÊ PARA ÂNGELA MARIA!”, na qual ela apareceu apontando o dedo para a foto de um menino. O título da reportagem era quase como o da capa: “UM BEBÊ PARA ÂNGELA”. A cantora estava em uma foto com um bebê e em outra com uma menina, mais uma vez ela desejando ter um filho e o “velho” sonho de criar uma instituição para cuidar de crianças. A cantora estava convocando os artistas para trabalharem em amparo às crianças desprotegidas, “tudo, porém, teria que ser feito anonimamente, para que não se pensasse que Ângela e os demais artistas estariam procurando publicidade.” A convocação por si só, em citação para na RR, neste e em outros casos, era incoerente para a suposta publicidade que os artistas diziam não querer (Nº 632, p. 16, 28/10/1961)⁷⁰.

Mencionamos a viagem de Ângela para Portugal, onde ela perdeu o filho esperado com Rodolfo, com a chamada: “ÂNGELA MARIA PERDEU O FILHO!”, além de ter cancelado shows para não se desgastar na gestação (Nº 721, p. 03, 13/07/1963). Para manter o sensacionalismo, a RR fez reportagem com o babalaô “-NÃO FIZ DESPACHO CONTRA ELZA SOARES/ QUEM AFIRMA É O FAMOSO BABALAÔ BAIANO DERÊ”, pois Elza, no Programa de Manoel Messias, na Rádio Guanabara, havia acusado o religioso de ter feito algo contra ela. O babalaô pediu direito de resposta, negou as declarações da cantora e afirmou: “Ângela Maria perdeu o filho em Portugal por conta de uma “*moamba*”. Ângela é vítima de macumba, embora seja boa *espôsa* e ótima filha.” (Nº 728, pp. 04-05, 31/08/1963).

No princípio da TV a programação era ao vivo, vimos quando Maysa ocupou a vaga de Elizeth Cardoso na TV Record de São Paulo. Na década seguinte, quando as coisas melhoram um pouco no quesito tecnológico, os artistas poderiam gravar seus programas e viajar para outras localidades, foi a informação da *Coluna TV* de Borelli Filho, subseção “ÂNGELA VAI, MAS FICA”, para venda e uso do vídeo-tape às emissoras de TVs do Rio, São Paulo e Brasília, enquanto a cantora estava em Portugal. Material produzido em São Paulo e vendido por seu

⁷⁰ Quando o caso se invertia, no caso do desejo da maternidade, a RR citava a cantora numa reportagem, “A vida cópia das novelas do rádio”, com a ex-secretária de Ângela Maria, May de Souza Oliveira, que perdeu o filho em uma lotação ao tentar descer, foi atirada na calçada. Chegando em casa, começou o sangramento, May percebeu que estava perdendo o filho. Depois, revoltada, pegou o revólver do companheiro Lirton Monasser e tentou matar o motorista da condução, dando sete tiros contra o motorista, dois deles atingiram seu alvo, na Praça General Osório, um no olho e outro no braço. O chofer reagiu com seus companheiros e quase lincharam May, entretanto ela foi salva por um oficial de Justiça que passava no local. A ex-secretária foi detida na delegacia, depois foi transferida para um hospital, em virtude dos cuidados médicos necessários. De acordo com o texto, Ângela soube, ficou emocionada e se prontificou a ajudar a ex-funcionária imediatamente e ligou para a mulher. As duas apareciam separadas na foto da reportagem. Um industrial não identificado por vontade própria, assumiu os custos financeiros do processo, além custos do advogado de May (Nº 684, pp. 04-05, 27/10/1962).

esposo Rodolfo. Ele tentou negociar com a Excelsior em São Paulo, todavia acabou fechando com os Diários Associados. Ela ganhou uma pequena fortuna e pagou impostos na hora (Nº 717, p. 46, 15/06/1963).

De acordo com Faour (2015, p. 293), Rodolfo Aleksitch adicionou o sobrenome de um artista italiano do cinema mudo, Rudolph Valentino, ao seu sobrenome, se tornando Rodolfo Aleksitch Valentino⁷¹. Para não cessar a oportunidade de desfrutar do nome da cantora, sem nenhuma habilidade para o rádio, lembrando os “abacaxis” contratados da Rádio Nacional, por indicação política e essas pessoas deveriam ser suportadas, pensando a partir das afirmações de Lago (1977, p. 118). Se isso acontecia na Nacional, com os profissionais do rádio em constante aperfeiçoamento, devemos incluir no mesmo bloco, em estações diferentes, a reportagem da estreia de Rodolfo na Rádio Mauá, no Rio de Janeiro, com fotos da presença dos seus “incentivadores” Ângela, Fausto Gomes, David Nasser e Aerton Perlingeiro, na matéria “PORQUE RODOLFO ENTROU PARA O RÁDIO”. Segundo o texto: “Fausto Guimarães (e depois outros homens de rádio) insistiram para que *êle* apresentasse programas de estúdio. Sabendo escolher músicas e vaticinando certo *sobre* os *êxitos* de discos, Rodolfo era um autêntico “disc-jockey”. O programa era apresentado por ele na Rádio Record, em São Paulo. No início da matéria, lembraram onde Rodolfo conheceu a cantora, no Canal 13 (TV Rio) (Nº 510, pp. 14-15, 27/06/1959).

Aproveitando a entrada de Rodolfo, agora seu irmão, Silvano Vittório, era chamado de novo galã no rádio e TV, com duas fotos dele em uma única página, sendo chamado de “boa estampa, estudioso, voz timbrada”. Atuou como apresentador na TV Carioca, apareceu em programa da TV Tupi, sem especificar em quais funções e estava fazendo testes para o cinema e, para encerrar a pequena matéria do desconhecido, ele era apresentado como promessa. Nada melhor que um texto encerrando da seguinte forma: “Como detalhe final, uma curiosidade para os leitores: é que Silvano Vittório é cunhado de Ângela Maria, irmão que é de Rodolfo Valentino” (Nº 547, p. 51, 12/03/1960).

Cinco anos se passaram, apenas em uma página, com texto dividido em cinco pontos informativos, noticiavam: “ÂNGELA E RODOLFO SEPARADOS”. Eles estavam casados desde 1958, moravam na casa dos pais de Rodolfo em Copacabana, porém, depois da separação, o casal conversou e a cantora estava morando em um hotel. Dos seus trabalhos profissionais,

⁷¹ Sobre o artista italiano, encontramos a seguinte reportagem: O ÚLTIMO ADEUS: O INSANO VELÓRIO DE RUDOLPH VALENTINO, ÍDOLO DO CINEMA MUDO. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/o-ultimo-adeus-insano-velorio-de-rudolph-valentino-cinema-mudo.phtml>. Acesso em: 21 jul. 2022.

uma ampliação, pois além do seu programa semanal na Rádio Mayrink Veiga, ela tinha passado por estações de TV em Belo Horizonte e Recife. Além disso, ela estava com novo relacionamento, não era segredo para ninguém, com o jornalista Kléber Lisboa. Na mesma edição, nos *Mexericos da Candinha*, Rodolfo confirmava a separação com Ângela, todavia, dizendo que eles serão bons amigos (Nº 807, pp. 03; 18, 06/03/1965).

Quando o romance é bonito aos olhos sensacionalistas das lentes da RR, a foto de casal feliz, as viagens, a amizade do ex-casal não andou e, depois de sete anos juntos, terminou em briga na justiça, com: “ÂNGELA E RODOLFO DISCUTEM NA JUSTIÇA”. Machista como seu próprio tempo, Rodolfo deixava de ser o galã, bom esposo da artista para acusá-la de vício em tóxicos, acusando a cantora de usuária na casa de Nelson Gonçalves e, por isso, ele seria levado aos tribunais. Rodolfo se explicou e negou ao cantor, que aceitou seu relato. Entretanto, a cantora, não, motivo pelo qual seu ex seria levado à justiça. Na única foto dos dois, sorrindo, a legenda dizia: “Apesar dos pesares, Ângela Maria e Rodolfo Valentino sorriem. Mas, nunca um para o outro” (Nº 812, p. 03, 10/04/1965).

Rodolfo foi entrevistado no programa *Noite de Gala*, do Flávio Cavalcanti, na TV Tupi, citando o empresário Kléber Lisboa como o responsável pela saída da cantora do seu lar. A matéria lembrou a afirmação da cantora, prometendo tirar tudo do ex, principalmente o que estava sob o domínio de Rodolfo. Assim o fez, ao denunciá-lo na Delegacia de Defraudações, os agentes foram à casa dele com uma lista das acusações da cantora. No local foram retirados um telefone, quatro sofás de veludo, mesa, baú com troféus e promissória no valor de dois milhões e 500 mil cruzeiros.

Rodolfo protestou e prometeu recuperar seus objetos, negando serem da sua ex-esposa, acusando ainda a motivação das buscas, pois a cantora desejava se reconciliar, e ele, não. Ângela fez outras acusações contra Rodolfo (Nº 816, pp. 06-07, 08/05/1965). Ela deu o controle das suas finanças e carreira a ele e, como todo ex, terminava em briga. Mas com a possibilidade que as mulheres da sua época não tinham, ela pode ser ouvida e reaver suas coisas. Acusações iam e viam e o seguinte trecho destaca ainda outras acusações entre o ex-casal:

Durante todo aquele tempo, assumira o controle de sua fortuna, gastando inclusive dez milhões (dela) em roupas para o seu uso pessoal. Iria assim, garantiu Ângela, pedir à Justiça que tirasse dele até os seus ternos... Acusou-o também de infidelidade conjugal, arrematando por dizer que ganhava perto de cinco milhões mensais e não via a *côr* do seu dinheiro, enquanto a loja de decorações de Rodolfo Valentino progredia... Ele, em entrevista na TV, disse que não vivia do dinheiro de Ângela e que muito antes de 130onhece-la fundara um negócio

(decorações) que acusava saldo altamente compensador (REVISTA DO RÁDIO, N° 816, PP. 06-07, 08/05/1965).

Nesta mesma edição, ao falar do programa *Noite de Gala*, Canal 2, a coluna *TV*, de Borelli Filho, subseção *CRÍTICA*, lembrou a fala de Rodolfo, mencionando sua separação com a artista. A coluna afirmou não analisar suas declarações, pois ele tirou vingança da ex, ao dizer que ela estava com 36 anos de idade (N° 816, p. 46, 08/05/1965). O texto termina com reticências, sem mais nenhuma observação. Certamente Rodolfo estava chamando a cantora de velha e Borelli Filho não iria alimentar a audiência do ex-marido.

Depois de Rodolfo, agora era um novo relacionamento, a matéria anunciava: “ÂNGELA MARIA VAI SE CASAR DE NOVO”. A cerimônia seria em setembro, no Rio de Janeiro, apenas no civil, com o jornalista Kléber. O texto de uma das fotos lembrava seu casamento com seu ex, Rodolfo, apenas no religioso. Nos contornos dos esposos e namorados e maridos insinuando, mandando e opinando sobre coisas indevidas. Com a liberdade da cantora, ela afirmou o desejo do seu atual noivo, reduzindo o ritmo do seu trabalho de artista, mas, logo em seguida, ela fazia uma série de referências de trabalho no seu programa na Rádio Mayrink Veiga; na TV Itacolomi e Rádio Guarani em Belo Horizonte; aos sábados, em Recife; além de uma temporada na TV em Porto Alegre, sem especificar qual emissora, às segundas e terças (N° 813, pp. 03-05, 17/04/1965).

“*QUEM ÂNGELA MARIA REALMENTE AMA*”, era tema da matéria trazendo-a como entrevistada do Programa *Noite de Gala*, do Flávio Cavalcanti, na TV-Excelsior, no qual ela confirmava ter encontrado o verdadeiro amor, elogiando as qualidades do novo companheiro. A artista ainda citou a briga com o ex-marido Rodolfo, na justiça (N° 819, p. 06, 29/05/1965). Ela comemorou seu aniversário em 13 de maio, ao lado do novo amor, Kléber, em nota atrasada dos *Mexericos da Candinha* (N° 822, p. 18, 19/06/1965). Em um dos momentos em que ela mais uma vez foi capa da RR, a chamada dizia: “*ÂNGELA E SEUS SONHOS DE “MÔÇA*”, o imaginário ideal e discursivo direcionado para a cantora, voltava a versar sobre casamento, na reportagem com fotos: “*SONHO DE ÂNGELA MARIA: CASAMENTO NO BRASIL E NOVA VIAGEM À EUROPA*”. Ela desejava muitos filhos, inicialmente seria um casal e eles se chamariam Kléber Júnior e Ângela Maria (N° 824, pp. 12-13, 03/07/1965).

Figura 37 - Ângela Maria e Kléber Toledo.



Fonte: Revista do Rádio, nº 839, p. 03, 16/10/1965. Disponível em: memoria.bn.br/pdf/144428/per144428_1965_00839.pdf. Acesso em: 19 de jul. de 2022.

A cantora apareceu no Hospital Rocha Maia, de Botafogo, Rio de Janeiro, com o pulso esquerdo cortado, no dia 11 de setembro. Noticiaram um suposto rapto dela, pelo noivo Kléber Lisboa, na reportagem com fotos "*ACIDENTE OU NÃO?... ÂNGELA MARIA CONTA TÔDA A VERDADE/ AGORA ÂNGELA MARIA ATÉ ACHA GRAÇA DO QUE OS JORNAIS DIZEM SÔBRE O QUE HOUBE*". A cantora não estava no Rio de Janeiro e o texto citou procurá-la por vários locais, tendo a encontrado em São Paulo, quando ela voltava de Rio Preto. Ela respondeu a reportagem da RR noticiando o casamento para breve. Sobre o corte sofrido no pulso, disse estar com um frasco de perfume no banheiro, caiu no chão, quebrou e ela escorregou entre os estilhaços. Mais uma vez citou sua vontade de ser mãe, mas aquilo não aconteceria agora. Depois da lua-de-mel em Buenos Aires, voltaria para gravar os programas da TV Record e como não tinha gravações para o Carnaval do ano de 1966, faria uma viagem para a Europa (Nº 839, pp. 03-05, 16/10/1965).

Depois do suposto corte no pulso, o nome da cantora estava de novo envolvido em outra polêmica, a matéria anunciava: "A mãe da cantora pede ajuda e intervém/ *ÂNGELA MARIA INTERNADA PARA NÃO MORRER!*". Dona Julita, mãe da cantora, foi à delegacia pedir que achassem sua filha. A cantora foi encontrada em São Paulo, onde afirmou estar bem com seu marido. O casamento com Kléber, que foi anunciado para o fim de outubro não aconteceu, em razão do atraso nos documentos, bem como a negativa de suicídio, pois a cantora se dizia feliz

ao lado do noivo. Antes, Kléber tinha contado a RR sobre distúrbios da artista, em razão de uma feijoada que comeu dias atrás. Ao final do texto, confirmaram esse mal-estar recorrente dela, provocando desmaios, causando curiosidade dos populares e especulações na imprensa, desejando paz de espírito a cantora (Nº 853, pp. 03-04, 22/01/1966).⁷²

Em outra capa com Ângela, agora dividindo com Carlos Galhardo, uma reportagem comum ao fim de ano, falando das comemorações dos artistas ou seus desejos ao Papai Noel. Dentre os participantes estavam Maria Pompeu, Dercy Gonçalves, Ivon Curi, Adelaide Chiozzo e outros/outras. Ângela pediu a Noel pressa nos documentos do casamento. E, o mais importante para ela, no ano de 1966, seria um filho (Nº 851, pp. 06-07, 08/01/1966). Depois do sumiço da cantora, quando sua mãe foi à delegacia e dos documentos que não andaram para o casamento, mais um rompimento para a vida sentimental da cantora em: “ACABOU O NOIVADO DE ÂNGELA MARIA”. Outra vez se dizia da dificuldade de encontrar a artista para confirmar, sem saber se ela estava viajando ou tentando se esconder da imprensa, para comentar o fim do relacionamento com Kléber Lisboa.⁷³ Ela foi encontrada no Hotel Normandie, em São Paulo, mas não quis comentar sobre o fim, desejando “esquecer o passado” (Nº 864, p. 03, 09/04/1966).

Em breve Ângela entraria em um novo relacionamento, alertado nos *Mexericos da Candinha*, na subseção *CONFIDENCIALMENTE*, declarando o seguinte: “MUITA GENTE VAI FICAR SURPRESA com esta notícia. A verdade é que a minha amiga Ângela Maria já está de *nôvo* amor! Posso até dizer o nome dele. Chama-se Luizinho. É alto, moreno, bronzeado, um verdadeiro "pão"!...” (Nº 869, p. 19, 14/05/1966)⁷⁴. A única foto de Ângela com Luizinho, mesmo ele não mencionado, foi quando ela fez tratamento rigoroso, com dieta, para controlar os sintomas recentes da cantora. Em uma página a matéria noticiava: “*Tireóide* leva Ângela

⁷² Esta polêmica com a família da cantora não ficaria sem resposta ou especulação da RR, com a reportagem: “ÂNGELA MARIA DESABAFA: - MINHA FAMÍLIA ESTÁ ERRADA”. Dentre outras, o texto do periódico dizia saber que Ângela estava na casa de Adelino Moreira, em Teresópolis. Em frase atribuída a artista, ela mencionou um jornal, sem citar qual, afirmando por suas irmãs a ausência da cantora, há muito não lembrando delas e da mãe. A artista desmentiu (Nº 855, pp. 04-05, 05/02/1966).

⁷³ Duas edições depois da RR, a reportagem intitulada: “ELZA SOARES E GARRINCHA NÃO ESTÃO SEPARADOS” trazia o nome do empresário Kléber Lisboa, envolvido em uma polêmica onde ele era acusado de fazer cartas falsas da cantora Elza e do jogador Mané Garrincha. Kléber não era íntimo de Elza, segundo ela, pois ele foi apenas empresário de alguns shows dela em Belo Horizonte. Uma das cartas pedia 15 milhões de cruzeiros em troca de um silêncio. O conteúdo da carta falava de uma traição da cantora, contudo ela tinha ido a uma Delegacia no estado da Guanabara (Rio de Janeiro). Kléber se defendia, dizendo ser falsa sua assinatura e a questão era saber o suposto subordinador de Elza (Nº 867, p. 03-05, 30/04/1966).

⁷⁴ Essa é a última edição da RR digitalizada pela Hemeroteca Digital, do ano de 1966, nº 869. No ano seguinte, apenas uma edição está disponível, a nº 1064, com esse espaço de ausência.

Maria ao hospital!". O público exigia uma boa cantora e uma mulher elegante, com elogios ao guarda-roupa da artista (Nº 1054, p. 03, 29/11/1969).

A ausência de notas da RR sobre Luís Adolfo, talvez aconteça em virtude dos anos finais da RR e da Digitalização da Hemeroteca, com ausência de números entre 1966 e 1970. Para saber mais de Luizinho de Ângela, recorremos à biografia da cantora, feita por Faour (2015, p. 460-461; 528-529), ele era um homem moreno, cabelos lisos, de família do bairro de Copacabana. Da personalidade dele, ressaltou-se Luizinho como boa praça, falastrão e alegre. Em março de 1960 eles se separaram, dizendo-se bons amigos. Sem ele, a cantora passou uma fase ruim na carreira de shows em churrascarias, problemas de laringite e organização da carreira e na mesma época ela tinha adotado duas meninas.

Faour (2015) mencionou uma suposta ameaça do ex da cantora, na mesma obra, agora levantando um lado dono de si e frio. Essa reviravolta de adjetivos perfeitamente compreensível para Luizinho, pois a obra retrata a vida da cantora e seria pouco provável na narrativa de golpes financeiros ou exploração dos maridos/empresários, esses homens fossem postos do início ao fim com as mesmas qualidades iniciais. Eles foram e fizeram com a permissão dela, Ângela teve oportunidade de trilhar, recomeçar, diferente das mulheres da sua época, lembrando esse desejo para as mulheres da época ou pressão social dos pais e da mídia, as direcionavam para um casamento, como caminho ou necessidade para uma “vida feliz”.

Figura 38 - Ângela e seu namorado, Luís Adolfo.



Fonte: Revista do Rádio, nº 1054, p. 03, 29/11/1969. Disponível em: memoria.bn.br/pdf/144428/per144428_1969_01054.pdf. Acesso em: 19 de jul. de 2022.

Chartier (2002, p. 17) nos chama atenção para as representações no mundo social e como elas são construídas. Embora fundadas na razão, são sempre determinadas pelos

interesses dos grupos que as forjam. Neste meio é interessante aproximar a forma romantizada como a RR construiu a trajetória de Ângela, dentro da cultura de massa, catalisando a construção da imagem da artista. Ainda de acordo com o autor, as percepções sociais não são neutras, “produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas”. Quando o periódico se punha a falar do cotidiano, das preferências da artista pelo casamento, por um lar com filhos, da falta que sentia deles, da vontade de ser professora para estar mais perto de crianças, as leitoras absorviam esse discurso conservador, massificado para dominá-las, através da autoridade editorial e da figura da cantora.

A RR construiu a imagem da cantora a partir de estereótipos de gênero e de demandas comerciais, promovendo a venda de sua figura em uma sociedade mediatizada, em uma nascente cultura de massa, com a comercialização da vida privada das cantoras, como entretenimento para os fãs. A maratona de viagens, shows, de programas de rádio e de televisão, de entrevistas e de publicidade para as revistas leva ela a uma exaustão - ao suposto consumo de drogas e a tentativa de pôr fim a sua própria vida, em meio a disputas familiares e fracassos amorosos, tudo isso explorado pela imprensa, além dos seus namorados e maridos, “que cuidavam da sua carreira”.

Essa maneira de falar da cantora no periódico, da sua ascensão de menina simples e pobre, para estrela do rádio, entre as maiores artistas do seu tempo, se encaixa nas premissas de Bourdieu (1996, p. 293), embora usando para o campo literário, ao falar das trajetórias intergeracionais ascendentes cruzadas com outras trajetórias intrageracionais, do simbólico dominante, a artista e poder de persuasão da imprensa conservadora, para os dominados, as fãs, leitoras. Como o autor falar dos escritores das classes populares ou assalariadas nas trajetórias ascendentes, podemos pensar a vida pobre da artista, para ser uma cantora com fama e reconhecimento em ascensão no seu meio.

Citamos algumas canções e seus compositores das apresentações de Ângela na casa do empresário Roberto Marinho, cantando para o presidente da República Dominicana, mas não dissemos como essas e outras canções estavam em seu repertório. Como a RR trazia entre os discos mais vendidos e não nos aprofundamos nas letras da coluna *Vamos Cantar*, em alguns momentos traziam letras das canções gravadas pela *Sapoti*. Neste meio de gravações, exemplificaremos outras citações de artistas e pessoas do rádio, para os *Meus cinco favoritos*, apresentamos brevemente quando um dos ex-namorados da cantora, o compositor Othon Russo, pôs a canção *Orgulho* em 3º lugar, entre as cinco prediletas.

Em dado momento as canções eram apenas as *Mais vendidas no Rio* (de Janeiro), depois em São Paulo, além de menções breves das vendas dos discos em Porto Alegre e outras localidades. Quando a cantora entrou entre os sucessos da semana, no seu primeiro ano de carreira, em 1951, as canções mais ouvidas/tocadas, era um espaço dominado pelos artistas do rádio. Com o avançar da década, os novos artistas e ritmos musicais foram incluídos e, algumas vezes, Ângela esteve ao lado deles. Neste espaço a seguir veremos quais as críticas e elogios foram feitos aos seus programas de TV. *Meus cinco favoritos*, *Vamos Cantar*, *Disco em Revista* e as *Mais vendidas* eram parte da subseção *Discos*, com diversas notas para letras, gravações e gravadoras.

4. DESDOBRAMENTOS NA CARREIRA DE ÂNGELA MARIA ALÉM DO RÁDIO

Jair Amorim chamou atenção para a gravação de Ângela, em sua coluna *Disco em Revista*:

O último disco da Ângela Maria para a Vitor (gravadora, grifos nossos) "Recusa" e "Desejo" — foi gravado meio *borocochô*. Isto é: a parte técnica não repetiu o bom desempenho de, por exemplo, "Não tenho você". **A bonita voz da Ângela foi deixada em nível muito baixo e o acompanhamento, por isso mesmo, a prejudica sensivelmente.** Hoje mesmo vamos falar com aquele americano de lá *pra* não fazer mais isso com ela, não. Ângela é uma cantora que a gente quer sempre ouvir em primeiro plano... (REVISTA DO RÁDIO, n° 156, p. 37, 09/09/1952).⁷⁵

A coluna *Discos na Revista*, de Jair Amorim, trazia as cinco canções mais destacadas da semana, pondo a gravação da cantora para *Nem Eu* (Dorival Caymmi), das gravadoras Odeon e Victor, na 2ª posição entre *Os campeões da popularidade*, em 08 de abril (N° 189, p. 35, 21/04/1953). Na semana seguinte iria para o 1º lugar (N° 190, p. 29, 28/04/1953); nas outras duas edições 191 e 192, ficaria na 4ª posição. No mesmo ano, *Fósforo Queimado* (Paulo Menezes/Milton Legey/Roberto Lamego), da gravadora Copacabana, estava entre *Os campeões*, ocupando o 5º lugar (N° 210, p. 37, 15/09/1953). Depois de duas edições da coluna sem nenhuma gravação de Ângela, a canção voltaria a ser mencionada, subindo para o 4º lugar (N° 213, p. 37, 06/10/1953). Novamente some na edição seguinte e reaparece na posterior, em outra posição à frente, no 3º lugar (N° 215, p. 37, 20/10/1953).

Outro número seguinte do periódico trazia a interpretação de *Orgulho* (Nelson Wederkind/Waldir Rocha) pela gravadora Copacabana, estava em 3º lugar (N° 216, p. 37, 27/10/1953) e descia uma posição na edição seguinte, ficando em 4º (N° 217, p. 37, 07/11/1953). Não apareceu entre *Os campeões da popularidade* no número seguinte, entretanto, manteve-se na mesma posição, 4º lugar, quando reapareceu na edição (N° 219, 21/11/1953), voltava na 3ª posição (N° 220, 28/11/1953) e, por fim, terminou na 4ª colocação (N° 221, 05/12/1953).

Não era um lugar dispensável estar entre as mais populares, embora com algumas ausências entre edições. Essas afirmativas de gravações e representatividade das canções brasileiras podem ser confirmadas, para o repertório de Ângela e de outras/outras artistas, nas obras de Jairo Severiano e Zuza Homem de Mello volumes 1 (1997) e 2 (1998). Por exemplo, na obra dos autores, vol. 1 de 1997, há menção para as canções citadas, a exemplo de: *Nem Eu*,

⁷⁵ O texto original foi mantido com seus respectivos desvios gramaticais.

entre as gravações representativas (p. 294) de 1952, para o seu compositor Dorival Caymmi; *Fósforo Queimado* (p. 299), mencionada duas vezes entre outros sucessos e as gravações representativas de *Orgulho* (p. 300), entre os exemplos de gravações, no ano de 1953.

Voltando a RR, nas *FRASES QUASE HISTÓRICAS*, uma crítica ao repertório de Ângela, na seguinte afirmativa, atribuída a Maria Helena de Aguiar: "Ângela Maria, **nem sempre feliz em escolher suas músicas**" (Nº 249, p.25, 19/06/1954). *Sapoti* ofereceu alguns jantares, almoços e/ou coquetel para a crítica especializada, noticiou *Rádio em Revista São Paulo*, na época era o mesmo momento do retorno de Ângela à Rádio Nacional de SP (Nº 328, p. 44, 24/12/1955)⁷⁶. Na mesma coluna *Discos*, de Jair Amorim, em várias subseções, a primeira, chamada de *CRÍTICA*, faz uma ressalva ao disco da cantora, com a seguinte afirmativa:

Aqui está, pois, o primeiro disco a ser analisado: Ângela Maria em "*Só Melancolia*", Samba-canção de Pedro Rogério e Lombardi Filho e "*Amor, coisa estranha*", toada de Baby e Amaury Medeiros. **Não é das melhores gravações** de Ângela Maria, mas está sendo bem recebida pelo público. O samba-canção "*Só Melancolia*", comercialmente é o lado mais forte do disco, mas a toada, artisticamente é melhor. Cotação: duas estrelas (REVISTA DO RÁDIO, nº 347, p. 33, 05/05/1956).

O que Jair Amorim não gostou muito no Rio de Janeiro, parecia agradar em São Paulo, na subseção *COQUETEL*, ele **fala das boas vendas** de *Amor, coisa estranha*, além do coquetel oferecido para a crítica e Ângela, por Amaury Medeiros, Baby e a Editora *Cêmbra*, autores e editores da música. A terceira menção para a cantora, agora com o cantor João Dias, foi a gravação de Natal dos dois, na Copacabana, com boas vendas. Agora a gravadora iria fazer outro disco com eles, gravando duas canções, de um lado a música *Mamãe* (Herivelto Martins/David Nasser), do outro *Não te esqueças* (Herivelto Martins/David Nasser/Ary Ellis), encerrando dando prognóstico de **sucesso certo para o novo disco**, na subseção *Uma dupla que vale ouro* (Nº 347, p. 33, 05/05/1956).

Nossa televisão brasileira passava por um amadorismo próprio dos iniciantes, e, mencionada na coluna *TV*, de Hélio Tys, subseção *CÂMERAS, AÇÃO!* crítica aos programas mistos de rádio e TV de Ângela, os quais **não estavam dando certo** (Nº 351, p. 15, 02/06/1956). Depois, sabe-se por qual motivo, em pouco tempo a cantora parecia ter aprendido

⁷⁶ A RR tinha outras colunas de perguntas rápidas em única página, como por exemplo *O que eu penso do Rio* (de Janeiro), com perguntas variadas para um/uma artista. Uma delas foi com o diretor paulista Miroel Silveira, que elogiava a bela voz de Ângela como cantora, apenas ela, deixando uma ressalva para "**o repertório quase todo tenebroso**" (Nº 281, p. 35, 29/01/1955).

algo diferente e, o mesmo crítico elogiava a Ângela e Elizeth Cardoso na TV, como a dupla melhor adaptada ao meio de comunicação (Nº 359, p. 15, 28/07/1956). No ano seguinte, a ausência da *Sapoti* no estado do Paraná foi motivo de críticas, como escreveu o correspondente Júlio. O. Lara, mencionando a recusa das emissoras de **Curitiba, não mais permitindo apresentações da artista por lá, pois ela tinha faltado a dois contratos firmados**. A imprensa a criticou muito (Nº 386, p. 18, 02/02/1957). Duas edições adiante, agora em *Rádio em Revista RIO*, mais uma vez, houvenotas e críticas da imprensa paranaense em razão dos contratos firmados e da ausência de Ângela (Nº 388, p. 63, 16/02/1957).⁷⁷

Fora da capacidade da artista, Borelli Filho, coluna *TV do RIO*, subseção *ASSIM NÃO*, condenou o cenário do programa de Ângela na TV-Tupi, dentre outra, arrematando com a seguinte assertiva: **“Paupérrimos os cenários que emolduram Ângela Maria**, no seu programa dominical na TV-Tupi (...) Ângela merecia decoração além de garranchos de crayon (?), postos ao fundo do palco onde se apresentava. Chegam a causar espécie.” (Nº 408, p. 56, 06/07/1957). Como os artistas tinham contratos em diferentes estações de rádio e TV ao mesmo tempo, a coluna *TV São Paulo*, de Mário Julho, subseção *QUANDO ÂNGELA MARIA CANTA (TV-RECORD)*, **crítica favorável** ao programa pela interpretação da cantora, sem afetações ou imitando ninguém, encerra com um elogio a concepção e direção do programa como um todo (Nº 411, p. 56, 27/07/1957).

A *VAMOS CANTAR*, que era uma pequena coluna com uma letra de uma canção do momento, se tornou uma revista do grupo RR. Em dois exemplos dessa menção ao repertório de Ângela, no ano do auge da popularidade por sua eleição de Rainha do Rádio, a coluna enalteceu o repertório da artista, por sua gravação de *Outros natais* (Nº 274, p. 40, 11/12/1954). Na edição seguinte, na mesma coluna, a canção agora era *Não chore, linda criança* (Nº 275, p. 14, 18/12/1954). Não foram as únicas menções, para isso, ilustramos as canções da cantora nessa coluna:

⁷⁷ Quebra de acordo não parecia algo comum para Ângela, pois, como vimos, até nos momentos mais conturbados do fim dos seus relacionamentos, ela entrava em uma série de apresentações em vários locais ao mesmo tempo, como vimos em algumas menções da sua fala. Assim, talvez para amenizar a imagem da artista entre os curitibanos, na nota seguinte, na mesma edição, ou apenas como uma das contratadas/os da Tupi, em uma reportagem com os demais artistas da mesma emissora, ao lado do cantor iniciante do Paraná, chamado Léo Vaz, no Rio de Janeiro. Entre eles, Marlene, Jackson do Pandeiro, Ademilde Fonseca e Carminha Mascarenhas estavam na reportagem **“ÊXITO DA INICIATIVA DA “REVISTA DO RÁDIO” A TUPI CONTRATOU LÉO VAZ”** (Nº 388, pp. 53-54, 16/02/1957).

Tabela 1 - Lista das canções do repertório de Ângela Maria em *Vamos Cantar*, na coluna *Discos*.

CANÇÃO/AUTORIA	NÚMERO/PÁGINA/DATA
<i>Vida de Bailarina</i> (Chocolate/Américo Seixas)	Nº 234, p. 36, 06/03/1954;
<i>Encantamento</i> (Othon Russo/Nazareno de Brito)	Nº 252, p. 18, 10/07/1954;
<i>Outros natais</i> (Cláudio Luis)	Nº 274, p. 40, 11/12/1954;
<i>Não chore, linda criança</i> (Guido Medina/Harry Marques)	Nº 275, p. 14, 18/12/1954;
<i>Lábios de Mel</i> (Waldir Rocha)	Nº 304, p. 14, 09/07/1955;
<i>Adeus, querido</i> ⁷⁸ (Eduardo Patané/Floriano Faissal)	Nº 306, p. 28, 23/07/1955;
<i>Caminhos Diversos</i> ⁷⁹ (Haroldo Barbosa / Bidú Reis)	Nº 311, p. 15, 27/08/1955;
<i>Fel</i> (Heitor Carillo / Betinho)	Nº 339, p. 39, 10/03/1956;
<i>A chuva caiu</i> ⁸⁰ (Tom Jobim / Luiz Bonfá)	Nº 340, p. 25, 17/03/1956;
<i>Dia de festa</i> (Claudionor Cruz / J. Borges)	Nº 343, p. 31, 07/04/1956;
<i>Moral da história</i> (Heitor Carillo / Betinho)	Nº 363, p. 29, 25/08/1956;

⁷⁸ A RR errou e nós desconfiamos dessa canção chamada *Querida*, quando na verdade era *Adeus, querido*.

⁷⁹ Por essa gravação, a coluna disse que Ângela estava com a “**bola branca**”, insinuação de boas vendas, dito na edição anterior (Nº 310, p. 39, 20/08/1955), na qual Armando Louzada lembrou as gravações da cantora e o futuro sucesso de vendas.

⁸⁰ Repete a mesma letra na edição nº 342, p. 25, 31/03/1956.

<i>Pepe</i> ⁸¹	Nº 603, p. 33, 08/04/1961;
(Daniel Lemaitre / Vrs. A. Santana)	
<i>A noiva</i>	Nº 613, p. 21, 17/06/1961;
(La Novia) (Vrs. Fred Jorge / Joaquim Prieto)	

Fonte: pesquisa direta, Revista do Rádio (1954-1961).

As canções importantes no repertório de Ângela não se resumem a essas, contudo, neste momento, estamos nos centrando nas menções à coluna *Vamos Cantar* da RR. A partir da edição nº 678 (15/09/1962) até a 793 (28/11/1964) a RR repercutiu várias vezes a publicidade textual da revista *Vamos Cantar*, citando Ângela, Cauby Nelson Gonçalves, Emilinha, Elvis Presley, Anísio Silva, Neil Sedaka, Dalva de Oliveira, artistas nacionais e internacionais. Apenas para citar dois exemplos, o título da coluna *Vamos cantar* antes vinha em cima do pequeno texto explicativo da canção e do/da artista, e, em seguida, a letra da música. Vimos a inversão e a canção começou a vir primeiro, sem nome da coluna, agora com texto final, abaixo da letra, mencionando “sensações da música popular, na revista *Vamos Cantar*” (Nº 406, p. 45, 22/06/1957 e 407, p. 45, 29/06/1957).⁸²

Para além das menções das canções nas colunas e/ou na Revista *Vamos Cantar* e notas dos mais vendidos ou tocados, existiam publicidades maiores para outros artistas na RR? Sim, em uma delas, encontramos um anúncio de meia página para o anúncio da gravadora Copacabana, para o disco de Ângela com os Canarinhos de Petrópolis, em 45 RPM (Rotações por minuto) (Nº 546, p. 40, 05/03/1960). Além da cantora, vimos outra propaganda de página inteira para um disco de Nelson Gonçalves, pela gravadora RCA Victor (Nº 549, p. 68,

⁸¹ A canção *Pepe* ficou várias vezes entre as 10, na *PARADA DE SUCESSOS*. Ocupando o 8º lugar (Nº 604, p. 44, 15/04/1961); sobe para o 5º lugar (Nº 605, p. 42, 22/04/1961); na mesma edição foi menção em *SÃO PAULO NÃO PODE PARAR*, de Mário Júlio, na subseção *DISCOS*, entre as mais queridas das paradas populares (Nº 605, p. 46, 22/04/1961). Desceu para o 7º lugar (Nº 606, p. 22, 29/04/1961); recuou em outra posição e terminou na 8ª colocação, como tinha começado quando apareceu na *PARADA DE SUCESSOS*. O 6º lugar também era gravação de Ângela, mas com outra música, *A noiva* (Nº 608, p. 34, 13/05/1961).

⁸² Na edição nº 406, a coluna *Rádio em Revista RIO* anunciava o lançamento em diversas estações do Rio e São Paulo do *jingle* da *Revista do Rádio*, gravado por Ângela e Carlos Galhardo, com a banda do Altamiro Carrilho (P. 63, 22/06/1957). E, para não se pensar que a gravação ficou restrita ao eixo Rio/São Paulo, apenas um exemplo da menção de Demóstenes Gonzalez, falando do *RÁDIO GAÚCHO*, subseção *CONTANDO HISTÓRIAS*, a Rádio Farroupilha todo dia irradiava o “jingle” da RR, com Ângela e Carlos Galhardo (Nº 421, p. 48, 05/10/1957). A letra dizia o seguinte: “Revista do Rádio/Que toda semana eu espero/-Hei, jornaleiro!/É esta que eu quero!” (AGUIAR, 2007, p. 137).

05/03/1960). Se gastam mais em espaço de publicidade com imagens maiores, certamente isso tem relação com as vendas dos artistas e os lucros dos empresários, donos de gravadoras e lojas de discos.

Em nosso Anexo 2 há uma lista de nomes de pequenas menções de cantoras, diretores e compositores dos *Meus cinco favoritos*, nas quais eles mencionavam cinco gravações, e/ou, duas ou várias vozes femininas/masculinas da sua preferência, das quais Ângela poderia ser citada entre as intérpretes e canções, ou apenas em uma delas. Apesar do destaque das gravações de Ângela entre as canções mais destacadas da época, essas listas refletem um pouco por onde esses artistas depoentes estavam e como ficaria um mal-estar não citar uma das suas contratadas entre *Meus cinco favoritos*.

Falando da saúde da artista nessa mesma época, duas notas na mesma edição para tais menções: a primeira, nos *Mexericos da Candinha*⁸³ informando as orientações médicas para a cantora ter cuidado com os agudos e baixar o tom de algumas músicas; a segunda, na coluna *TV do Rio*, de Hélio Tys, subseção “*CÂMERAS, AÇÃO!*”, citando o retorno de Ângela a TV e ao rádio, quando ela falou da pneumonia recente, não escondendo seu cansaço. A coluna perguntou por que não a deixam descansar (Nº 364, pp. 06; 34, 01/09/1956). Nesse mesmo ano das notas de seu cansaço e da saúde da artista, ela estava **com duas músicas em destaque no seu novo disco**, lançado pela Copacabana, elas eram o tango *Mentindo* e o samba *Inspiração*, de acordo com a coluna *Discos*, de Jair Amorim, subseção *NOTAS SÔLTAS* (Nº 368, p. 24, 29/09/1956).

No ano seguinte, reportagem com várias fotos da *Sapoti*, com a manchete: *COMO AS ESTRÊLAS CANTAM- ÂNGELA “SENTE” SUAS MÚSICAS*, o texto inicial lembrou como as cantoras se transfiguravam quando cantavam, perguntando se os fãs achavam que Ângela abria a boca demais, ou fazia caretas. O mesmo texto respondia como a cantora sentia as músicas interpretadas, entre alegria, tristeza e nostalgia (Nº 406, pp. 46-47, 22/06/1957). Avançando dois anos, para 1959, a coluna *Crítica do Rádio e Televisão* **elogiou o retorno de Ângela** à Rádio Mayrink (PRA-9), “em plena forma”, depois das internações no Hospital dos Radialistas. Chamaram de boatos alarmantes e ridículos, a tentativa de suicídio atribuído a cantora (Nº 525, p. 62, 10/10/1959). A coluna *Discos* disse dos comentários favoráveis (sem especificar de onde)

⁸³ Citamos algumas alterações nas colunas da RR ao longo da temporalidade da nossa pesquisa e citaremos outras, o mesmo se deu com os *Mexericos*, por um tempo elas foram numeradas, com as notas intercaladas por cores, a imagem da mulher se alterava, da esquerda para a direita, em algum canto superior da coluna, além do surgimento dos *Mexericos Paulistas*, falando dos artistas de São Paulo, à título de exemplo (Nº 851, pp. 18-19, 08/01/1966).

ao disco gravado na Copacabana, o LP *Ângela Maria apresenta Fernando César e seus amigos*, destacando a Canção do desejo (Jair Amorim/Georges Moran) (Nº 537, p. 45, 02/01/1960).

O repertório de carnaval era mencionado na matéria “As músicas que ganharam o Carnaval- Gilberto Alves e Walter Levita os vencedores”, com votação e **elogios para as gravações da marcha** *A lua é dos namorados* (Armando Cavalcanti / Klécio Caldas / Brasinha) em 2º lugar, entre as três apresentadas. Na mesma edição do periódico, a coluna *SÃO PAULO NÃO PODE PARAR!*, de Mário Júlio, na subseção *Discos*, elogiava o LP *Ângela Maria e os sucessos do mundo*, entre nas paradas de sucesso (Nº 601, pp. 20; 46, 25/03/1961). Em agosto do mesmo ano, a coluna *DISCOS*, menção para o disco de Ângela, “*nêle* figuram sambas, boleros e baladas, tudo *esplêndidamente* interpretadas pela artista”, **a voz que valoriza qualquer música**. Era o disco *Não tenho você*, da gravadora Continental (Nº 623, p. 41, 26/08/1961).

Coluna *DISCOS*, subseção *PARADA DE SUCESSOS*, em 5º lugar, dentre as 10 para *Borrasca* (Adelino Moreira), de Ângela na Continental (Nº 625, p. 21, 09/09/1961), que ficou seis semanas entre as 10. Adelino Moreira seria um dos compositores mais criticados e gravados por Ângela, assim, na reportagem “*-FLÁVIO CAVALCANTI ME PERSEGUE*”, Adelino Moreira desabafa rebatendo as críticas do apresentador Flávio Cavalcanti, **para o mau gosto de Ângela em gravar as 12 canções do compositor e que nenhuma delas prestava**. Para rebater a crítica, Adelino lembrou como *Garota Solitária* estava em todas as paradas, vendendo 50.000 discos, além de afirmar: “**Ângela Maria não precisa gravar minhas músicas para fazer sucesso. Ela faz sucesso com qualquer música que grava**”. O compositor mencionou a tentativa de afastarem Nelson Gonçalves dele para que ele não gravasse mais suas músicas, porém não deu certo e Flávio parecia desejar o mesmo, entre Ângela e ele (Nº 668, pp. 30-31, 07/07/1962).

Esse código de bom gosto ausente nas letras de Adelino, na visão do apresentador Flávio, pode se incluir no pensar de Néstor Garcia Canclini (1983, pp. 52-53), ao falar da distância entre os padrões estéticos elitistas e a competência artística das classes subalternas, dentro de um código de bom gosto, controlado pela classe dominante, em uma distinção de massificação cultural. Canclini fala do jogo da cultura e do folclore, nós estamos no repertório da música popular, de igual forma, se sobrepõe e vendia muito, bom para o compositor,

Adelino, péssimo para o elitismo de Flávio Cavalcanti condenando as doze músicas de um LP lançado.⁸⁴

Voltando aos programas televisivos da *Sapoti*, a coluna *TV*, de Borelli Filho, na subseção *CRÍTICA- PROGRAMA DE ÂNGELA MARIA*, no Canal 6, TV Tupi, em texto de uma coluna, começa falando **do jeito fácil e identificado pelo telespectador**, com uma receita de como uma artista famosa poderia comandar um programa, **sem receitas difíceis ou palavras complicadas, elogiando-a por não deixar o programa caído no pieguismo**. Naquele momento, ela recebia em seu programa os artistas Roberto Silva, Marlene, Janete Jane, Abílio Martins, Rui Rei e outros. Ângela não se pôs a elogiar os convidados/das, sem bajulações, em clima carnavalesco, em cordialidade, coisa impensável em outros tempos. Sobrou elogios ainda aos cortes da TV precisos e a iluminação de Manoel Trindade atingindo cada artista. A única ressalva foi aos agudos da “simpática” Janete Jane, uma característica da Ilza Lobo (Nº 706, p. 48, 30/03/1963).

Retornando às gravações da cantora entre os discos *Mais vendidos da semana*, desde 1953, com a canção *Nem Eu*; depois, quando os discos *Mais vendidos de São Paulo e do Rio* traziam as 5 canções mais executadas e os discos mais comprados na semana, sem especificar como esse levantamento era feito, separando em duas páginas as cidades, a lista se uniu em um só página, com as mesmas cinco canções para cada cidade. Dos discos *Mais vendidos*, entre a edição nº 468 (30/08/1959), quando Ângela voltou a ter o repertório notificado entre as mais, a coluna agora se chamava *Parada de Sucessos*, nº 490 (07/02/1959), ainda com predominância

⁸⁴ As críticas e polêmicas do apresentador Flávio Cavalcanti não se resumiam aos compositores populares, como Adelino Moreira, mas antes, no Canal 06, TV Tupi, ele criticou David Nasser, não como jornalista, mas como compositor, por sua música *Mamãe*, gravada por Ângela, em seu trecho “o avental todo sujo de ovo” (Herivelto Martins é outro compositor, entretanto a matéria não citou); além de Ary Barroso, por sua *Aquarela do Brasil* e a inclusão da palavra “inzoneiro”. Os dois citados responderiam ao apresentador, de acordo com a matéria “Ari Barroso e David Nasser ACUSADOS de maus letristas” (a palavra em destaque está escrita dessa maneira originalmente na matéria, em letras maiúsculas, de forma premeditada, certamente para levantar a polêmica e comentários) (Nº 400, p. 51, 11/05/1957). A resposta e entrevista com o jornalista viria em: “DAVID NASSER CONTESTA FLÁVIO CAVALCANTI/ E REVELA PORQUE NÃO COMPARECERÁ AO PROGRAMA DA TV TUPI”. Dentre outras, ele rebateu o apresentador, permitindo Flávio falar aquilo que desejasse em seu programa, pois era preciso distinguir crítica de opinião. Perguntado se Flávio tinha razão ao falar das letras, Nasser afirmou não se lembrar das mãos preparando festas na cozinha, empoeiradas de farinha no avental. Depois ele alfineta as mãos do *pif-paf*, dizendo que elas nunca entraram em uma cozinha, nem sujam seus aventais. Ele ainda citou a crítica do apresentador Cavalcanti a Carlos Gardel, por conta da palavra “otário” em uma canção, afirmando **que não se fazia crítica limitando** os termos de um compositor. Por fim, anunciou sua ausência no programa do apresentador, pois não mudaria a opinião sobre a crítica (Nº 402, p. 51, 25/05/1957). Ao nosso ver, o compositor alfinetando a fala do Flávio ao afirmar sua relação com as letras era uma opinião pessoal e não uma crítica.

de Rio e São Paulo. Contudo, isso não é motivo para afirmar suas vendas apenas nessas duas cidades, em nosso Anexo 1, fizemos uma lista com levantamento das canções, gravadoras e correspondentes para os discos mais vendidos em Porto Alegre, por Demóstenes Gonzalez; no Paraná, por Júlio O. Lara, além de outras localidades e como essa coluna se alterou ao longo do tempo, com presença em várias colocações para as músicas e/ou discos de Ângela.

A programação dos canais de TV vinham em uma página, como em “TV “TELEVISÃO DE SÃO PAULO/Vejam êstes”, com menção para Ângela Maria, na TV Record, às terças-feiras, às 20h30, sem separação para as emissoras, por dias da semana, em programação iniciada no fim da tarde para os dias da semana, finalizada entre às 22h/ 23h, e, aos finais de semana, começava mais cedo, às 13h aos sábados, até às 23h e no domingo, das 11h30 até às 22h10 (Nº 473, p. 4, 11/10/1958).

Avançando no tempo e voltando para o Rio de Janeiro, a programação agora vinha em duas páginas, com uma diversidade maior de horários, ainda intercalando os canais, em *Revista do Rádio APRESENTA: HORÁRIOS DE TV GUANABARA – EMISSORAS DO RIO* (CANAL 6, TV-TUPI; CANAL 9, CONTINENTAL (não tem o TV na menção); CANAL 13, TV-RIO. O programa de Ângela Maria (VT)- C (Canal) 13, era no domingo, às 18h30. A programação da semana começava mais cedo, no horário vespertino, e, aos fins de semana, iniciava durante as manhãs. Recuperamos neste capítulo dois, quando Ângela era casada com Rodolfo, que eles produziram fitas gravadas para permitir as viagens da cantora, sem deixar vago seus horários na televisão, além dos ganhos financeiros com essas fitas para serem rodadas em vídeo-tape, com a diferença que se falou em negócio com os Diários Associados, TV Tupi e, aqui, o horário era no Canal 13 (Nº 729, pp. 48-49, 07/09/1963).

Os contratos de Ângela com a Rádio Nacional e seu retorno não ficaram restritos a década de 1950 e início dos anos 1960, contudo a coluna *CANAL RR (RÁDIO, TELEVISÃO, BOATE, DISCO, CINEMA, TEATRO, ETC.)* mencionava Ângela assinando contrato com a Rádio Nacional, sem “ que as bases fossem” (valores do contrato) divulgadas, para uma série de apresentações (Nº 825, p. 43, 10/07/1965), mas essa estreia seria adiada por orientação médica, de acordo com a mesma coluna (Nº 827, p. 43, 24/07/1965). O motivo desse adiamento foi a artista “dodói da garganta”, de acordo com os *Mexericos da Candinha*, chamando seu amor na época, sem nominar Kléber Toledo (Nº 829, p. 18, 07/08/1965). No mesmo ano, ela seria contratada para estrear na festa de aniversário da TV Record de São Paulo, de acordo com a coluna *SÃO PAULO NÃO PÁRA!*, por Mário Júlio, na subseção *Cirandinha Noturna* (Nº 841, p. 43, 30/10/1965).

Depois das canções e de algumas referências do modo de Ângela cantar, se apresentar e as canções que escolhia para seus discos, traremos outras referências das artistas iniciantes, supostamente inspiradas na veterana. Além das menções para crianças, filhos dos artistas, se dizendo admiradores de Ângela, e cantoras noticiadas como mulheres de vozes parecidas com a da *Sapoti*. Há de mencionar esses textos, com tantas menções para Ângela, sem desabonar a capacidade artística das demais cantoras, fora do eixo artístico Rio e São Paulo, possam ser usados como maneira de alcançar notoriedade na imprensa das duas cidades, principalmente, nos locais para onde iriam todos os artistas, desejosos de uma carreira artística nacional consolidada.

4.1 A ARTISTA E A VOZ COMO INSPIRAÇÃO

No jogo de pequenas respostas atribuídas a uma pessoa, entre medidas do corpo, profissão, o *Buraco da Fechadura* entrevistou Miriam Moema, que afirmou ser *fan* de Ângela Maria e Nora Nei (Ney) (Nº 252, p. 41, 10/07/1954). Em outro momento, sem foto, a RR trazia algumas biografias pequenas da radioatriz Marilene Pereira da Silva, da Rádio Comércio do Recife. Nascida em Alagoas, era *fan* de Ângela, Dircinha e Manoel Barcelos e um dos momentos mais importantes da sua vida foi quando atuou na Rádio Nacional do Rio de Janeiro (Nº 257, p. 22, 14/08/1954). Mais um fã de Ângela, reportagem falando do Irvando Luís, *fan* incondicional de Oswaldo Moles, Paulo Roberto, Paulo Leblon, Ângela Maria e outros nomes do rádio. O texto era de autoria de Mário Júlio, com fotos de Arroio (Nº 281, pp. 36-37, 29/01/1955). Na coluna *Tudo é Brasil*, notícias dos outros estados, Sandra Maria, fã de Natal, coleciona discos dos seus artistas prediletos, dentre eles, Ângela Maria (Nº 291, p. 34, 09/04/1955).

Em outros pequenos textos informativos sobre as estações de rádio, na coluna *TUDO é BRASIL*, com biografias curtas, escritas por Machado Gomes, dentre elas, Aquilina Ferreira, baiana, artista do rádio, iniciou sua carreira na Rádio Excelsior da Bahia, se dizia *fan* de Ângela, Emilinha, Carlos Augusto e Nelson Gonçalves (Nº 295, p. 14, 07/05/1955). De autoria do mesmo Machado, Adalgisa Sena, cantora mirim da Rádio Sociedade da Bahia, era *fan* de Ângela Maria, Francisco Carlos e Ivon Curi. Como costume da época para um artista do rádio, o texto finaliza dizendo algo comum atribuído aos artistas daquele tempo: “Adalgisa Sena, que é aluna do Instituto Normal da Bahia costuma responder às cartas dos *fans* e envia fotografias.” (Nº 315, p. 34, 24/09/1955).

Na mesma edição na qual Machado Gomes falou de Aquilina Ferreira, outra coluna se chamava *O que eu penso de São Paulo?*, no jogo de respostas rápidas no qual os entrevistados eram os artistas do Rio de Janeiro. Por outro lado, havia o inverso na RR para *O que eu penso do Rio?*, no qual o depoente era um paulista, chamado Júlio G. Atlas, afirmando gostar de Ângela, Nora Ney e Dóris Monteiro, entres as cantoras, além da menção para outros artistas homens (Nº 295, p. 29, 07/05/1955)⁸⁵. Neste mesmo número, na coluna *Discos*, de Jair Amorim, subseção *A OUTRA HELEN*, com menção para a cantora iniciante da Rádio Mayrink Veiga, Helen de Lima (depois o nome da artista seria Ellen), que tinha a voz muito parecida com a de Ângela, lhe causando transtornos no início da carreira (Nº 295, p. 38, 07/05/1955)⁸⁶. Sobre a mesma cantora, mencionamos os *Mexericos da Candinha*, dizendo que Helen de Lima ganhou o apelido de Óleo de Lima. Mais uma vez cita sua voz parecida com a de Ângela (Nº 298, p. 10, 28/05/1955).

Enquanto Ellen tinha sofrido em início de carreira para se desvencilhar do repertório de Ângela ou tinha a voz comparada à da veterana, a coluna *TV* de Borelli Filho fazia uma crítica a Delora Bueno, na TV Tupi. Segundo ele, ela usava um sorriso convencional de quem andou pelos Estados Unidos e aprendeu a se apresentar para o público. Agradava ao piano, floreira com “sambinhas”, todavia, cantando, não. Talvez lhe faltasse a autenticidade de Elizeth Cardoso e a brejeirice de Ângela. Além do mais, Borelli lembrou a necessidade de cuidar da respiração, pois os microfones da TV eram sensíveis e capitavam seus arfar, no pós-música (Nº 665, p. 47, 16/06/1962). O que a *Sapoti* foi inspiração para Ellen, era ausência de habilidade e popularidade para Delora Bueno.

Reportagem com texto e fotos de Waldemir Paiva, traziam a cantora amazonense, mas famosa em São Paulo, Leila Silva, considerada por alguns a nova Ângela Maria. A matéria começa falando da vida simples da cantora, que se mudou com a família para o Rio de Janeiro aos 16 anos, mas que, entretanto, logo foi morar em Santos, São Paulo. Era a mesma narrativa de muitos artistas e da simplicidade ou vida humilde para a maioria deles, através da RR. Como era comum as titulações, coroas e reinados, “melhores”, “maiores” com eleição ou não, em

⁸⁵ No jogo de respostas menos elaboradas, provavelmente “*Eu gosto/Eu não gosto*”, foi precursor para *O que eu penso de São Paulo* ou *Rio?* Do exemplo mais antigo, citamos Lúcio Alves, da Rádio Tupi e Lígia Sarmiento, da Rádio Nacional, respondendo na mesma edição, em páginas diferentes (Nº 38, pp. 10-11, 30/05/1950).

⁸⁶ Este comparativo que às vezes era um elogio ou uma busca por seu próprio repertório em meio a tantas cantoras, no ano anterior, na mesma coluna, se chamava atenção de Ellen, para o complexo de Ângela Maria, assim como esta última tinha com Dalva de Oliveira (Nº 271, p. 41, 20/11/1954).

diversas categorias, Leila foi chamada entre outras coisas pelo próprio periódico, de “Revelação feminina” de 1960 (Nº 595, pp. 34-35, 11/02/1961)⁸⁷.

A reportagem com o ator italiano Gabrielle Ferzetti, com texto atribuído a Waldemar Paiva, suposto “enviado especial à Europa”, conheceu pessoalmente o ator no Festival Internacional Cinematográfico realizado em Veneza. Entre as perguntas e respostas, afirmando ter discos de artistas brasileiros e os mais agradáveis eram os de Emilinha Borba, Ângela, Sílvio Caldas, Dorival Caymmi e Odete Amaral (Nº 387, p. 19, 09/02/1957). Outra matéria, agora com a iniciante do rádio, dizia: *DOIS TÍTULOS PARA UM BRÔTO- MARIA HELENA ANDRADE É O CARTAZ DOS GAÚCHOS*, com texto de Demóstenes Gonzalez e fotos de Jáiro Bradeburski, Maria Helena, na época com 15 anos, além de ser eleita *Rainha do Carnaval*, tinha gravado dois discos 78 RPM, pela gravadora Mocambo. Ela se dizia fã de Ângela e Cauby Peixoto. Em uma das imagens, ela aparece abraçada ao cantor Jamelão (Nº 487, pp. 52-53, 17/01/1959).

Por falar em brotos, se referindo aos novos nomes do cenário artístico, outros ritmos musicais começavam a disputar espaço nas gravadoras e mídias, com os artistas do rádio, a exemplo da Bossa Nova, que não agradou ao grande público, pois nas camadas mais populares muita gente não gostava por estarem acostumados com as grandes vozes do rádio como Ângela, Nelson Gonçalves e Franciscos Carlos. Nossa música estava dividida entre o samba antigo e o moderno. Entretanto, o samba moderno da Bossa Nova ganhou as elites, ouvintes do jazz americano e da música erudita. O novo ritmo se espalhava entre os jovens universitários, interessados por música popular. Além do mais, ao longo de 1959, os shows nas universidades do Rio de Janeiro e São Paulo foram impactantes e a imprensa correu atrás do movimento, entre manchetes e notícias. A canção popular para a juventude da época era algo além da contemplação diante do rádio (NAPOLITANO, 2001, pp. 30-33).

Ao falar do sucesso do cantor do Jorge Goulart, Lenharo (1995, pp. 80-81) disse que aos olhos do público o artista bem-sucedido era motivo de comentários e interrogações, sendo uma referência mítica de ascensão social, com o público notando que o artista “chegou lá”, além das notas na imprensa, para reafirmar tal feito. Guardadas as proporções dos comentários

⁸⁷ Apenas como exemplo, para não pensarmos apenas Ângela como inspiração ou comparação para as cantoras ou artistas surgidas depois dela, a reportagem sem autoria do texto ou das fotos declarava: "UMA NOVA MAYSA DÁ CONFUSÃO EM S. PAULO". Dentre outras, citou o pai de Maysa, Alcebíades Monjardim protestou, dizendo ser uma exploração do seu nome, contudo a novata era Mayza Teddys e fazia "strip-tease". Seu nome era Teresa Brzozowsky, tinha 21 anos, nascida em Santa Catarina. Ela não se parecia pessoalmente com a cantora, porém a maquiagem da novata parecia ser "feita de propósito", finalizou a reportagem com insinuações (Nº 671, pp. 06-07, 28/07/1962).

feitos para Ângela, devemos pensar essa narrativa de pessoas conhecidas do eixo Rio-São Paulo ou de outros estados do país, ao citarem o nome da cantora como as vozes prediletas, como artista bem-sucedida. Entre 1959 e 1962, a Bossa Nova ganhou mais destaque, não tanto por vendas, mas pelo espaço que a música americana estava perdendo, depois da perda da música latina, vinda de Cuba, até a Revolução de 1959. Nos Estados Unidos, a Bossa Nova seria o *latin-jazz* deles (NAPOLITANO, 2001, pp. 30-33).

Entrando na década de 1960, outra menção para uma iniciante nos *Mexericos da Candinha*, Silvana, dona de uma voz como a de Ângela, estava de romance com Jairo Aguiar (Nº 637, p. 19, 02/12/1961). No ano seguinte, a mesma principiante era citada na coluna *TV*, de Borelli Filho, subseção *CANTA POR UMA E POR OUTRA*, pois sabia imitar Ângela, Elizeth Cardoso e Dolores Duran. As pessoas pensavam que o jingle da “casa da Banha” era a voz de Ângela, quando na verdade era Silvana (Nº 642, p. 47, 06/01/1962). Agora a novata não era mais apenas notas textuais, mas uma reportagem, *UM “JINGLE” REVELOU NOVA GRANDE CANTORA: Silvana*, com a mesma menção para a proximidade da voz com a da veterana, mesmo que a principiante quisesse “cantar de forma diferente” (Nº 646, pp. 30-31, 03/02/1962).

Os filhos das cantoras tinham seus gostos musicais, reportagem com Nora Ney e os filhos, texto de Max Gold, fotos de E. Mello, afirmando em uma roda de conversas no Bar da Rádio Nacional no Rio de Janeiro e “sua fortuna” eram seus filhos, a menina Vera Lúcia, com 13 anos e Hélio, com 9 anos. Nora não se opunha à carreira artística da filha, se assim ela quisesse⁸⁸; o filho gostava de instrumentos, principalmente bateria, mas todos tinham em comum serem *fans* de Ângela Maria (Nº 390, pp. 30-33, 02/03/1957). Com Artur Emílio, filho de Emilinha, com a chamada: “*FILHO DE EMILINHA É FÃ DE ÂNGELA E MARLENE...*”, depois da sua mãe, dentre outras perguntas, além de ser fã das duas cantoras. Em uma das fotos, segundo a legenda, Artur apontava para a foto da sua “cantora favorita”, de fato e direito, sua mãe, Emilinha (Nº 711, pp. 06-07, 04/05/1963).⁸⁹ Mesmo que essas afirmativas possam ser contestadas, pois nos parece estranho crianças gostarem desse repertório, não condizente com a fase de vida. Escutar, talvez eles escutassem, pois suas mães faziam parte das emissoras de rádio, todavia gostar desta maneira, ainda na infância, nos parece estranho.

⁸⁸ Enquanto Nora supostamente apoiaria a carreira artística da filha, Dalva de Oliveira também o fez com seu filho, Pery Ribeiro. Ao contrário do seu pai. O cantor e compositor Herivelto Martins desejava o filho na carreira militar, sem lhe dar apoio algum para a carreira artística. Contra a vontade do pai, Pery foi ajudado pelo cantor Nelson Gonçalves, que o apresentou em um show na cidade de Santos, em São Paulo, como um apoio decisivo para o iniciante (DUARTE E RIBEIRO, 2009, pp. 82-83).

⁸⁹ Há um erro de digitalização da Hemeroteca, não nos mostrando a página original da reportagem, invertendo capa e matérias iniciais. Sendo assim, paginamos de acordo com o arquivo disponível.

Após este contexto sobre a música, em tempo das notas da RR para Ângela, entre pessoas famosas e filhos de artistas, entre colunas curtas ou reportagens, com respostas igualmente breves em que se citava a cantora, as incidências não se pautavam apenas nessas trazidas aqui, além do repertório, dos discos e gravações. Após estas menções para Ângela através de terceiros, vamos aos filmes insinuando participação ou o qual ela de fato participou, citando algumas empresas cinematográficas do Brasil e no exterior, indagando: quem dirigiu os filmes dos quais a cantora participou? Quais artistas foram chamados e/ou mencionados como parte do elenco? Em algum momento Ângela chegou a negar a importância do cinema na sua carreira? Ela fez algum filme fora do Brasil, em comum acordo com outro país? Algumas informações da RR eram especulações e insinuações? Também faremos menção a esses projetos.

4.2 ÂNGELA NO CINEMA

A mudança urbana gerida pelos transportes modernos deixava os burros como animais de tração, incompatíveis com a realidade moderna da cidade de São Paulo. Em 1901, a imprensa do jornal *O Comércio de São Paulo* lembrou a necessidade de substituição dos “burricos” por trilhos. No ano de 1904, essas mudanças chegaram à cidade e, com os trilhos, a primeira filmagem, onde os temas eram a força econômica local, na perspectiva da agricultura e da exportação cafeeira. A cidade moderna e sua população em expansão buscavam uma inserção nesta modernidade e nesta fase inicial do século XX. Agora no Rio de Janeiro, em 1930, era inaugurada o *Studio Cinédia Companhia Cinematográfica*, de Adhemar Gonzaga, com proposta inicial de produção como os norte-americanos (MACIEL, 2011, pp. 41-43).

Assim como vimos sobre a carência de mão de obra especializada para o início da TV no Brasil, da mesma forma isso acontecia na produção dos filmes. Entre as décadas de 1940 e 1950, foram várias as tentativas frustradas para implementação dessas empresas no país, neste meio, uma produção em escala industrial foi apenas nas companhias Cinédia e Vera Cruz. Falando dessa última, o escritório da empresa ocupava o segundo andar do TBC (Teatro Brasileiro de Comédia), sendo que os diretores, atores, autores e demais contratados, além das suas adaptações do teatro, como a peça *Paiol Velho* de Abílio Pereira de Almeida, faziam o filme *Terra é Sempre Terra*. A Vera Cruz rechaçava as comédias musicais famosas da *Atlântida* dos anos 1940, além de concorrerem uma com a outra, a primeira queria uma produção de cinema mais sério, em contraposição às chanchadas cariocas da segunda, as quais recebiam críticas cinematográficas severas, apesar do sucesso de público (MACIEL, 2011, pp. 43-49).

A Vera Cruz funcionou em uma antiga chácara transformada em estúdio de cinema, apesar das críticas severas de Glauber Rocha, Maciel (2011, pp. 81; 87-88; 97-98), que acreditavam que a empresa cumpriu sua missão, pela ousadia em fundar uma fábrica de filmes em São Paulo, ao lado do passado e do poder agrícola conservador ainda presente. Todavia, quando o filme *O Cangaceiro*, de 1952, lhe deu mais lucro, teve os direitos entregues à Columbia Pictures, empresa americana. Aquilo que seria a esperança, que daria para sanar as dívidas da companhia, fez lucrar uma empresa estrangeira, além dos empréstimos, juros bancários e benevolência de Franco Zampari, dono da Vera Cruz, de acordo com sua viúva, Débora. Entre o lançamento do primeiro filme em 1950 até 1954, a empresa lançou 18 filmes. Dentro desse número, algumas notas para eles na imprensa, mas sequer chegaram aos dias atuais.

Falando em cinema é preciso pontuar outro pioneirismo de uma produtora no Brasil, o da Cinédia, empresa de Adhemar Gonzaga, construída em um terreno de chácara de sua família, em São Cristóvão, Rio de Janeiro. Uma das primeiras cenas noturnas do carnaval, gravadas com a equipe de Adhemar e os refletores do Exército, foram para o filme *O carnaval cantado de 1932*, produzido e exibido por Vital Ramos de Castro. O negativo e o filme se perderam para sempre, contendo a primeira cena de Carmen Miranda no cinema, mas no fim do mesmo ano e janeiro do próximo, ela cantaria *Good-bye*, no musical da Cinédia *Voz do Carnaval*. Adhemar e Humberto Mauro, os diretores, conseguiram captar o som das ruas, permitindo aos cariocas ouvirem os ruídos, disseram os anúncios. Este foi o primeiro filme brasileiro usando o sistema alemão Movietone, com o som óptico gravado direto da película, sendo usado pela primeira vez em 1926, por Fritz Lang, em *O anel dos nibelungos (Die Nibelungen)* (CASTRO, 2005, pp. 46-47; 78; 88).

Seguindo para o fim dos anos 1940, o Brasil era um país recém-democrático. Não havia uma preocupação com a modernização e industrialização, acumulados ao longo da II Guerra Mundial, quando o país foi fornecedor de produtos para os aliados, sobretudo agrícolas e matéria-prima industrial. Getúlio Vargas voltou ao poder pelo voto popular, em 1950, em que ele prometia libertar o Brasil do subdesenvolvimento econômico. Neste período, estamos falando do concurso de Rainha do Rádio, quando em 1949 Marlene venceu Emilinha Borba, patrocinada pela empresa de refrigerantes Antártica. O rádio era um fenômeno de massa desde os anos 1930 e nos anos 1940 ele estava consolidado, na mesma época das chanchadas, quando o carnaval, o rádio e o cinema consolidaram a audiência popular, embora nos anos 1950 tenham percebido a crescente contradição da cultura brasileira, as classes populares eram vistas pelas elites como subdesenvolvidas. Para a elite o problema não era o rádio com suas novelas ou

cinema, porém o conteúdo (NAPOLITANO, 2001, pp. 11-17). Vimos essa mesma preocupação do conteúdo com o pioneiro do rádio, Roquette Pinto, em momento anterior.

Esse conceito de cultura de massa no Brasil surgiu com o rádio nos anos 1930, em um conjunto diversificado de meios produtores de cultura, tendo o rádio como um ponto de apoio e convergência. Com o fechamento dos cassinos, o teatro de revista, as chanchadas cinematográficas e o rádio foram o tripé básico da produção massiva, mas foi o rádio que teve o papel mais destacado. A partir dele, convergiam a indústria do disco, as editoras de músicas, as revistas especializadas e a publicidade (LENHARO, 1995, pp. 134-135).

Falando das produtoras cinematográficas, parte da elite social do Brasil passou a gestar um novo projeto de cultura, enquanto o Rio de Janeiro falava de tipos populares como a baiana e o sertanejo; em São Paulo, o tipo consagrado pelos filmes foi o caipira, no filme *Candinho*, da Vera Cruz, em 1954, interpretado pelo comediante Amácio Mazzaropi. No ano de 1963, o comediante fundou sua própria produtora e continuou fazendo sucesso entre as camadas populares. Os jovens dramaturgos e cineastas atuavam fora dos grandes centros comerciais, o que fez surgir um novo olhar sobre o povo brasileiro, destacando-se a figura do operário. A Vera Cruz, fundada em 1949, era uma resposta ao cinema carioca e preenchia este vazio. Para a esquerda intelectual da época, as produções deveriam se distanciar do modelo comercial e Alex Vianny se destacou como crítico de cinema de estúdio, além de ter sido diretor em um dos filmes que Ângela participou em 1954, como veremos adiante. Para a esquerda do PCB (Partido Comunista Brasileiro), o conceito de cinema deveria ser extremamente nacionalista, dos equipamentos, produção, direção, além de buscar um homem brasileiro do povo (NAPOLITANO, 2001, pp. 17-19; 25-26).

Essa preparação carnavalesca pelo cinema para o artista do rádio, era importante, como fazer parte da Rádio Nacional, ter um bom contrato, das melhores boates, ser requisitado para viagens. Assim eram as lembranças do casal Jorge Goulart e Nora Ney, pensando este tempo não pelas filmagens, mas pelo clima externo. Para ele, o cinema aconteceu por conta do seu crescimento artístico, em sua fase de afirmação de cantor popular e carnavalesco. Dessa fase, ele lembra a produtora *Atlântida* oferecendo emprego, apesar de alguns afirmarem que ela pagava mal, ela contratava seus artistas com exclusividade e pagavam como a Rádio Nacional e o Cassino do Copacabana, entre seis e dez mil cruzeiros mensais. O efeito multiplicador dos empregos era o que interessava aos artistas e atores das revistas, muito embora, depois do incêndio de 1952, os contratos exclusivos foram encerrados, eles agora eram pagos por trabalho, entretanto, nem por isso, deixaram o interesse em aparecer nas telas (LENHARO, 1995, pp. 115-116).

Os críticos de cinema da época no Brasil estavam voltados para o cinema de Hollywood e, apesar da indiferença deles, o cinema “pobre” da Atlântida sobrevivia, mesmo sendo chamado de cópia folclórica dos americanos. As chanchadas cariocas eram altamente rentáveis, vivendo do público interno, em mais de uma década, mesmo que os filmes da primeira produtora fossem mais criticados e os da segunda, mais elogiados pela crítica. As produções da Atlântida eram feitas com “limites técnicos”, seus atores iam para os estúdios alimentados, os equipamentos de segunda mão. Os personagens das chanchadas estavam mais associados à malandragem carioca, buscando outras formas de vida, sem voltar às características dos malandros dos anos 1930. Esses novos malandros eram mais viradores, criadores de situações, figurados por atores como Grande Otelo, Oscarito e depois Zé Trindade. Eles diferiam radicalmente dos filmes americanos, quase sempre loiros e glamourizados (LENHARO, 1995, pp. 117-118).

Estes números musicais com os artistas do rádio eram feitos para cenários fixos, com pouco movimento cênico, que ficava para a iniciativa de figurantes e cantores. Embora, quase sempre, a participação dos cantores do rádio não tenha vínculos mais profundos com as narrativas das chanchadas, pois eles faziam parte do espírito de cada filme, para um público comum desejoso de ver a presença dos artistas e saber um pouco da vida artística do Rio de Janeiro. O apelo popular vinha desde Carmen Miranda e Almirante, Linda, Dircinha e Emilinha, que nos anos 1950 criou sua própria constelação de estrelas, assim como o disco, o rádio e as revistas. Mesmo assim, não podemos negar a importância das aparições dos artistas nas cenas das músicas carnavalescas, além do mais, essas aparições movimentavam seus fã-clubes nas principais cidades do país, proporcionando apresentações locais aos artistas em evidência (LENHARO, 1995, pp. 119-121).

Avançando para os anos 1960, os cineastas mais notórios nesta época eram jovens, entre eles: Glauber Rocha, Arnaldo Jabor, Ruy Guerra, além do veterano Nelson Pereira dos Santos. Eles tinham uma ideia diferente em relação a forma de conteúdo, pois acreditavam que o nosso cinema copiava falsamente os padrões hollywoodianos, fosse nas chanchadas da Atlântida, ou os dramas da falida Vera Cruz. No mesmo período do barquinho e violão da Bossa Nova, o Cinema Novo defendia uma simplicidade formal, com “uma ideia na cabeça e uma câmara na mão”, para um Brasil violento, arcaico e opressor, representado nos filmes *Barravento*, *Vidas Secas*, entre outros. Ainda nesta virada para a década de 1960, o governo era o de Juscelino Kubistchek e nesta febre do ritmo musical destacado, ele era o presidente bossa-nova. A imprensa não se furtava de usar este termo para apresentar produtos anunciados nas peças

publicitárias, direcionados às classes mais abastadas, nas quais o ritmo musical tinha boa receptividade (NAPOLITANO, 2001, pp. 30-32).

Vale dizer, nem sempre as ideias de esquerda no cinema eram bem recebidas e o trato do Partido Comunista do Brasil (PCB), com os artistas e intelectuais eram arbitrários e desrespeitosos, nos anos 1950. Em dado momento, o secretário-geral do partido, Luiz Carlos Prestes, suspendeu uma discussão acalorada. Contudo, Nelson Pereira dos Santos disse que a maioria do Comitê Cultural protestou contra a suspensão, votou por sua continuação, mas depois foi bloqueada. Nelson foi promovido a alcunha de comunista, mesmo não sendo. Seu filme, *Rio 40 graus*, lançado em 1956, foi considerado o precursor do Cinema Novo. A filmagem retrata a vida nos morros, onde o cineasta frequentava e não foi proibido pela censura, mas pelo chefe da polícia do Distrito Federal, pois mostrava uma imagem degradante do Rio de Janeiro. Este mesmo filme foi usado pela campanha presidencial de Juscelino Kubitschek (RIDENTI, 2014, pp. 50-51).⁹⁰

Em reportagem “*O que êles esperam do ano novo*”, com texto de Waldemir Paiva, fotos individuais dos artistas atribuídas ao arquivo da RR, Ângela disse almejar o seguinte: “Em 1954 espero obter, no rádio, melhores e crescentes sucessos. Embora muitos digam o contrário já comprovei que no cinema não sou fotogênica e, por isso, **não penso em filmes**” (Nº 225, p. 20, 02/01/1954). Se ela disse isso, estava na contramão dos demais artistas do rádio, além dos ganhos financeiros e de imagem. No mesmo ano, isso mudava, na insinuação para Mário del Rio, o qual faria um filme sobre a vida de Ângela (Nº 243, p. 03, 08/05/1954). No entanto, o trabalho não deu certo, foi o que disse a coluna *Ronda das Estrelas*. Ao perguntar a Ângela sobre o filme, ela se interessou, entretanto, por falta de fitas virgens no país, o projeto seria adiado (Nº 258, p. 47, 21/08/1954). No *Correio dos Fans*, Isa Goma Jorge perguntava se não iriam filmar a vida de Ângela. Respondem apenas um não (Nº 275, p. 29, 18/12/1954).

Da suposta negativa da artista em não pensar em filmes ao anúncio da sua participação na película *Carnaval em Marte*, noticiado pela coluna *Um punhado de notícias* (Nº 277, p. 08, 01/01/1955). De fato, ela fez parte desse filme, de Watson Macedo, uma comédia que falava sobre os habitantes do planeta Marte que resolveram levar o carnaval carioca para seu planeta.

⁹⁰ Embora o governo JK tenha usado essa peça publicitária para sua campanha, em seu governo, dito democrático, a censura também existia, em certa medida, de acordo com o homem do rádio e TV, Max Nunes afirmou que toda a produção deveria ser submetida à censura, pois havia temas intocáveis no rádio, nas revistas e, mais tarde, na TV. Em uma época na qual o país sofria com racionamento de água, não podia se falar neste tema. Os palavrões eram vetados (FAOUR, 2002, pp. 99-100). Sobre os impropérios, em momento anterior, falamos de como Almirante e Casé driblaram a censura, com uma publicidade no rádio para o *Purgativo Marion* (CABRAL, 1990, pp. 96-97).

No elenco estavam Anselmo Duarte, Ilka Soares, entre outros. Nele, Ângela cantou a música *Rio é amor* (FAOUR, 2015, p. 773). O *Rádio em Revista*, na subseção *Ângela no cinema*, menção para o convite recebido por ela para fazer o filme *Fugitivos da vida*. Ela seria proprietária de uma cantina e cantaria para os fregueses (Nº 314, p. 45, 17/09/1955). Desse último, ao menos com este título, ela não participou e foi lançado no ano seguinte.

Contudo, no ano anterior de 1955, a cena do filme não era nada de cantina, mas um cabaré, em *O rei do movimento* (Brasil, 1955), com direção de Victor Lima, no elenco Ankito, Janete Jane e Emilinha Borba, esta última, por menção de Ferreira e Armel (2005, p. 228). Na primeira aparição de Ângela ela foi personagem, cantando diante de um casal a canção *Escuta* (Ivon Curi). Não havia público ou aplausos, apenas um balé. Sua segunda interpretação para a música *Francisco Alves* (Herivelto Martins / David Nasser), sim, era um caso de típica participação do artista do rádio no cinema.

Em vídeo no lançamento da biografia da cantora, em 2016, com o jornalista e pesquisador Faour, autor da obra em 2015, Ângela o corrige, dizendo ter feito 23 filmes, quando o livro mostra 20. O cinema foi lembrado na sua carreira, para chegar nos locais onde ela não era vista, onde não tinha TV. A cantora falou das suas aparições, insinuando suas participações cantando, porém ela esqueceu e o jornalista, embora tenha colocado na obra de 2015, não a corrigiu. Logo em seguida, ela mesmo o fez, pois tinha participado de um “como estrela” (atriz), em *Caminho da Esperança* (Rumo a Brasília) e *Rio, Zona Norte*, confirmado pela cantora como os dois filmes mais importantes da sua vida.

Falamos de Alex Viany como crítico, todavia ele foi diretor do filme *Rua sem Sol*, de 1954, no qual Ângela cantou uma canção com o mesmo título do filme e *Vida de Bailarina* (FAOUR, 2015, p. 773). A RR na coluna *AQUI CINEMA* noticiou Ângela e Carmen Costa como intérpretes na produção (Nº 269, p. 28, 06/11/1954). Na edição seguinte, na mesma coluna, reafirmava a participação de Ângela no filme de Alex, como filha de Carmen Costa (Nº 270, p. 28, 13/11/1954). Este filme de Viany seria mencionado no *Correio dos Fans*, para M. A. Gissousi, de São Paulo, lhe responderam se não lhes falhavam a memória, parece que Ângela trabalhou em três filmes, citando *Rua sem sol*, sem dúvida, como o principal. E deveria participar de um outro, em breve, chamado *Lamparina* (Nº 315, p. 29, 24/09/1955).

Para este último, seria o mesmo diretor em *Lamparina*, empolgado com a participação de Ângela no primeiro filme, mas este não se concretizou. Jorge Goulart fez alguns testes para os filmes, entretanto as encenações não passavam de desdobramentos de um clima esperado para chegar ao número musical. Isso não tinha importância, fosse em filmes ou chanchadas, o cinema queria artistas emprestando, por um momento, seus prestígios pessoais para ganharem

o público (LENHARO, 1995, pp. 122-123). Nós discordamos do autor, por mais que a fórmula fosse gasta, segundo ele, a cantora não participou de poucos filmes⁹¹, como ele afirmou e isso não correspondia a sua popularidade entre o público. Faour (2015, pp. 773-774) contrapõe e mostra que, após *Rua sem sol*, Ângela fez mais dezessete filmes, até 1974, vinte, no total. Para *O Lamparina*, encontramos uma referência de 1964, estrelado por Mazzaropi, sem a cantora. No ano seguinte, a coluna *AQUI CINEMA* disse que Ângela estava na Europa e o diretor Alex procurava “outra estrela” para seu *Lamparina* (Nº 349, p. 29, 19/05/1956).

No ano seguinte, a coluna *CINEMA NA RR*, por Adolfo Cruz, menção ao filme *Metido a bacana*, com os números musicais feitos por Ângela Maria, Caubi (Cauby), Carlos Galhardo, Dircinha Batista, Dora Lopes, Jorge Veiga, Linda Batista, Nelson Gonçalves, Chiquinho e sua orquestra. **Os artistas do rádio levariam seu quinhão** de simpatia e popularidade (Nº 393, p. 29, 23/03/1957). No mês seguinte, a coluna “CAUBI CONTA SUA VIDA NA AMÉRICA”, ele falou em primeira mão de filme próximo, com Ângela, sem menção à direção ou título do projeto (Nº 396, p. 10, 13/04/1957). Adolfo Cruz, critica o filme de Carlos Manga, chamando de mais um “abacaxi” nacional, com participação de Ângela, na coluna *CINEMA NA RR*, subseção *CO...PIADA* (Nº 399, p. 29, 04/05/1957).

Ainda no *CINEMA NA RR*, de Adolfo Cruz, citação para Ângela, participando de um filme nas Produções de Herbert Richers, com Carequinha, Fred, Quinzinho, Zequinha e outros (Nº 403, p. 45, 01/06/1957). Em reportagem com Murilo de Alencar, menção para sua participação do filme *Rio, Zona Norte*, com Ângela, Emilinha, Dalva e Grande Otelo (Nº 411, p. 21, 27/07/1957). Esta película contava a história de um compositor de escola de samba acidentado por um trem, que, a partir disso, recorda sua vida enquanto agoniza (LENHARO, 1995, p. 212). Na produção, Ângela cantou *Malvadeza Durão* (Zé Keti) e *Pretexto* (Horondino Silva “Dino” / Augusto Mesquita). Reportagem com texto de Max Gold, fotos de Hélio Brito, anunciando: **ÂNGELA SERÁ ESTRÊLA DE UM FILME!** Seria colorido, em Cinemascope, o galã seria Miro Cerni. Em uma das legendas das fotos, no tom de sempre, a RR afirmava ser um sucesso (Nº 426, p. 10, 09/11/1957).

⁹¹ Se a conta de Lenharo (1995) foi feita através das participações de Emilinha Borba em filmes, a qual fez mais de 40 produções, entre 1939 e 1986, em dados da sua experiência de pesquisa na época, pela grandiosidade do nome de Emilinha entre as cantoras populares, confirmamos este número de filmes em Ferreira e Armel (2005, pp. 227-228). Faour (2015) mencionou Ângela em 20 produções. Por outro lado, Marlene participou de 16 películas, de acordo com Aragão (2016, pp. 237-249). Não devemos esquecer da participação desta última em teatro e novelas, com sua versatilidade. Em suma, em cinema, com a figura de Emilinha, a concorrência era pesada, no entanto, Ângela não fez poucos filmes assim, depois de *Rua sem sol*, como afirmou Lenharo.

A produção *Rio, Zona Norte* foi dirigida por Nelson Pereira dos Santos na mesma linha do seu filme *Rio, 40 graus*, que foi censurado e teve sua exibição proibida, por meses, com a acusação que ele exaltava os delinquentes, marginais e viciosos, denegrindo a imagem do Rio de Janeiro. Uma campanha pública de jornalistas e intelectuais fez o filme ser liberado, em 1955. Era a primeira vez no cinema que se falava de forma realista e direta dos dramas urbanos. Na mesma linha, *Rio, Zona Norte* falava de um favelado, compositor de sambas, mas constantemente enganado por oportunistas, que termina morrendo em um acidente de trem (NAPOLITANO, 2001, pp. 26-27).

Regressando às participações e insinuações da cantora no cinema, em uma reportagem com fotos do Irvando Luis, com a chamada: *ÂNGELA MARIA SERIA ESTRELA DE UM FILME*, se chamaria *Uma canção de amor*, baseado em uma estrela do rádio, contudo, ela não gostou das muitas modificações na história (Nº 451, pp. 52-53, 03/05/1958). O único filme dela no período foi o *Quem roubou meu samba?*, dirigido por Hélio Barroso e José Carlos Burle, quando cantou *Poesia das favelas* (Janine Perez e A. Ramos).

Entrando em um novo ano, matéria com Cauby Peixoto dos Estados Unidos, através das supostas cartas que ele escrevia de lá, dizendo que ele cantou para os índios, viu um filme em que se focalizava o Carnaval carioca. Nele, passaram Ângela, Emilinha Borba, Ivon Curi, Jorge Veiga (Nº 496, pp. 32-33, 21/03/1959). Mudando para publicidade, nos *Mexericos da Candinha*, Ângela recusou 50 contos para fazer um pequeno filme de propaganda, sem interesse de discutir o preço (Nº 529, p. 21, 07/11/1959). Mas não podemos esconder a propaganda protagonizada pela cantora no ano anterior, em 1958, quando estampou a publicidade da Sardinha Coqueiro (Nº 442, p. 19, 01/03/1958).

Ângela era uma artista requisitada, como outras poucas, para a massificação da imagem e esta relação público-estrela, segundo a tese de manipulação, reduz a multiplicidade de processos e práticas a um sentido único que abarca e explica em sua totalidade. Todavia, isso reduz a dinâmica dos processos e movimentos operados dentro das emissoras e dos meios associados a elas, como as revistas especializadas, a indústria do disco e o público, garantindo um funcionamento da radiofonia dos anos 1950, enquanto complexo cultural. Essas esferas de singularidade e articulação entre as estrelas e a radiofonia dos anos 1950 constituem uma dinâmica em que se inserem as revistas especializadas e as estrelas do rádio ganham corpo, na relação com o público (AVANCINI, 1996, p. 22).

Reportagem com muitas fotos para: “*Ângela SERÁ MULHER DRAMÁTICA*”, a cantora iria aparecer em um filme em cores, no México, com o galã Tony Aguilar, no qual ganharia quase três milhões em cachê. Seu marido na época, Rodolfo, faria parte do elenco, com direção

de Mauricio de La Serna (Nº 562, pp. 34-36, 25/06/1960). O filme era *Caminho da Esperança* (Rumo a Brasília), de 1961, uma produção do México e Brasil. Das menções da RR em reportagem dos filmes, uma imagem da atuação da cantora no momento da gravação de *Caminhos da Esperança*. Sem autoria do texto ou das imagens, em uma delas Ângela disse “umas ao galã mexicano” Rock Hudson, por sua grosseria que saiu na imprensa local, dando razão a cantora brasileira. O texto confirmou a participação de Rodolfo e atuação da cantora, no qual ela elogiou a produção cinematográfica do país, sobre a facilidade em trabalhar com o diretor, sem maiores problemas.

Figura 39 - Ângela com Antonio Aguillar e o garoto brasileiro, Antônio Carlos Pereira.



Fonte: Revista do Rádio, nº 569, p. 10, 13/08/1960. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/144428/per144428_1960_00569.pdf. Acesso em: 24 de ago. de 2022.

Na última pergunta sobre quanto teria ganhado por sua atuação, na última pergunta, desconversou, dizendo ser “outros quinhentos” (Nº 569, pp. 10-11, 13/08/1960). Mas essas especulações financeiras não ficariam sem resposta nos *Mexericos da Candinha*, com a afirmação dos quase 3 milhões de cruzeiros ganhos por Ângela, pelo filme no México. Rodolfo, seu marido, recebeu 600 mil (Nº 571, p. 26, 27/08/1960).

No *ÁLBUM GIGANTE DO RÁDIO*⁹², foto número 2 com Ângela, em duas folhas, o texto da imagem lembrava ela cantando na Mayrink, aguardando o lançamento do filme feito no México, como “atriz dramática” (Nº 581, pp. 34- 35, 05/11/1960). Nesta obra ela cantou mais músicas, como: *Inspiração* (Bruno Marnet), *Suíte brasileira*, *Meus canarin*, *Os olhinhos do menino* (Luiz Vieira), *Esse coco é meu*, *Oração triste* (Amauri Medeiros/Baby), *Cielito lindo* (Tradicional), em dueto com Antonio Aguilar e *Apaixonada* (Lourival Faissal).⁹³

O interessante da reportagem além dos bastidores e da entrevista dada pela cantora e o enredo do filme, sobre *Caminho da Esperança* (Rumo a Brasília) dizia:

A película conta a história dramática de uns emigrantes italianos que partem do Nordeste para Brasília, em pau-de-arara, fazendo Ângela Maria o papel da aventureira que seduz o ator principal, Tony Aguillar e Rodolfo Valentino o italiano que se vai estabelecer com uma pastelaria na *Novacap* (erro da RR, quando deveria ser “nova capital”). O produtor Jesus Grobas queria um tipo feminino bem brasileiro para o time, tendo-se decidido então por Ângela Maria (Nº 569, p. 11, 13/08/1960).

A terceira menção para Rodolfo, esposo de Ângela, recebeu um convite para ser galã em um filme mexicano (Nº 637, p. 18, 02/12/1961); a quarta, Ângela não gostou da falta de publicidade do seu filme no Rio de Janeiro. Se tivesse feito direito, o filme seria um sucesso de bilheteria (Nº 640, p. 18, 23/12/1961). Neste mesmo ano, o único filme perdido, sem saber qual canção ela gravou, chamava-se *América de Noite* (America di notte), de 1961, uma produção da Itália, França, Brasil e Argentina, um documentário com direção de Giuseppe Maria Scotese e Carlos Alberto de Souza Barros, tendo no elenco Carlos Machado, Silveira Sampaio, Marly Tavares, Nathália Timberg e outros/as (FAOUR, 2015, p. 774). A participação de Elizeth Cardoso neste filme nós confirmamos através da página Base de Dados de Filmes na Internet (Internet Movie Database), logo, se *Candinha* quis justificar a dispensa de Ângela pelo valor alto que cobrou no cachê, isso não aconteceu a Elizeth, participante da mesma obra.

Reportagem com fotos: “ÂNGELA MARIA ABANDONA TUDO (Rádio, discos, etc.) PELO CINEMA!”, sem autoria dos textos ou fotos, falando do filme *Caminho da Esperança*, a cantora contou do contrato para um filme no México, no qual seria par com Rodolfo, seu marido na época. Se a cantora tinha dito no passado não pensar em cinema, agora perguntando

⁹² Nos parece que o *ÁLBUM GIGANTE DO RÁDIO* foi uma substituição de *A foto da semana* na RR. A 1ª imagem da edição foi com o cantor Orlando Dias (Nº 580, pp. 34- 35, 29/10/1960). Nossa figura 29, com Ângela e Marlene, se chamava *A foto da semana* (Nº 596, p. 47, 18/02/1961).

⁹³ Nas canções nas quais não constam os nomes das/dos compositoras/res, não encontramos seus nomes no Instituto Memória Musical Brasileira (IMMuB).

se deixaria o rádio por este novo meio, ela disse que um auxiliava o outro, e, em certos momentos, ficaria com o cinema, sem explicar a razão. Na mesma reportagem, do mesmo ano de 1961, não havia falta de investimentos e divulgação para o filme, como disse *Candinha* anteriormente, Ângela agora dizia do resultado financeiro da bilheteria, na qual ela tinha uma boa porcentagem (Nº 641, pp. 04-05, 30/12/1961).

No ano seguinte, reportagem com fotos individuais e frases atribuídas a artistas e intelectuais brasileiros, dizia: "TV BRASILEIRA INVADIDA POR FILMES AMERICANOS!", além de Ary Barroso, Marlene, Abraham Medina dentre os depoentes, Ângela criticava a falta de apoio ao artista do Brasil, da apresentação de filmes nacionais para dar trabalhos aos profissionais internos, restando a eles, apenas, ocupação na TV de outros países (Nº 691, pp. 12-13, 15/12/1962). Segundo Faour (2015, p. 747), neste ano de 1962 ela não fez nenhum filme, até 1966, quando participou da comédia musical *007 ½ no Carnaval*, de 1966, produção do Brasil, em preto e branco, com direção de Victor Lima. No elenco, Chacrinha, Costinha, Marivalda, Lúcio Mauro e outros. Ela cantou *Juvenal no Municipal* (Rutinaldo/Milton de Oliveira).

No ano seguinte, em 1967, realizou-se a comédia musical *Carnaval Barra Limpa* (Brasil, colorido), com direção de J. B. Tanko. No elenco, Jotta Barroso, Costinha, Carlos Eduardo Dolabella, Emiliano Queiroz e outros. Ângela interpretou *Barra limpa* (T. Sampaio/M. Santos/A. Maria). Voltamos ao tempo para 1964, na coluna *CANAL RR RÁDIO, TELEVISÃO, BOATE, DISCO, CINEMA, TEATRO, ETC*, quando se noticiou Ângela em negociação para “tomar parte” no filme em Portugal (Nº 752, p. 43, 15/02/1964). A RR acabou em 1970 e este suposto filme com o citado país não saiu. Para algo próximo, a comédia *Portugal... Minha Saudade*, de 1974 (Brasil, colorido), com direção de Amácio Mazzaropi e Pio Zamuner. No elenco, Mazzaropi, David Neto, Pepita Rodrigues e outros. Ângela interpretou *Fim de ano* (Francisco Alves / David Nasser).

Depois destas produções cinematográficas com a participação de Ângela nós voltamos ao tempo para lembrar a inspiração que Dalva de Oliveira teve na carreira da novata e como essa relação se deu através das imagens, depois de notas especulativas, negando a possibilidade de qualquer proximidade entre as duas. Mas como as brigas através da RR davam um tom maior para os fãs, consumidores dos seus escritos informativos e especulativos, é preciso lembrar não só a proximidade, mas a posterior indiferença das duas também foi mote do periódico. Como quase todas as indiferenças entre os artistas tinham início, meio e fim ou não passavam de especulações. Ao menos através das imagens entre as duas, quando ainda eram próximas, Dalva parabenizou Ângela por seus 25 anos, na Rádio Mayrink Veiga, em 1954. Depois de acusações

e mentiras, uma imagem esperada por anos, esta celeuma entre as duas teve um fim, agora com imagens de 1966.

4.3 DALVA E/VERSUS ÂNGELA

As relações entre Dalva e Ângela, através das notas e reportagens, datam de quando elas não tinham sequer convivência pessoal, ao surgirem os supostos nomes para o concurso de Rainha do Rádio de 1952, na coluna de encerramento de Anselmo Domingos, subseção *RAINHA DO RÁDIO*. Dalva foi a eleita de 1951, porém a RR começou a insinuar quem seria a próxima no fim do ano, dentre elas Emilinha Borba, Ângela, Isis de Oliveira e Dalva desejando ser reeleita (Nº 170, p. 50, 09/12/1952). Ela não tentou reeleição, a eleita de 1952 foi Mary Gonçalves, seguida de Emilinha e Ângela nos anos seguintes.

Indo ao jogo comparativo entre as vozes das cantoras, algo comum para se defender ou discordar em dada medida, na coluna *Discos na Revista*, subseção *Seu primeiro disco* de Jair Amorim, defendendo a diferença entre as vozes de Ângela e Dalva, a voz da segunda era “mais molhada e mais nervosa”. A similaridade entre as duas estava no repertório da veterana, cantado quase todo por Ângela no início de carreira, lembrando o sucesso da novata, com *Não tenho você* (Nº 186, p. 35, 31/03/1953).

Com texto de Borelli Filho, fotos do acervo na RR, a reportagem *AFINAL DE CONTAS, QUEM É A MAIOR*, perguntava ao leitor quem seria entre as cantoras a preferida deles, com textos curtos e fotos, a citar: Dalva, Marlene, Emilinha, Linda. Sobre Ângela, ela estava “na casa dos vinte anos”, era “revelação” da emissora Mayrink Veiga, tinha começado a dois anos e pouco no rádio, levada por Jayme Moreira Filho. Na época, era a Princesa do Rádio, dentre outras, citando sua viagem marcada para a Argentina (Nº 198, pp. 04-07, 23/06/1953).

A reportagem com Dalva, sem autoria para o texto ou fotos, anunciava: “*FANS E COLEGAS, EMOCIONADOS, PRESTARAM UMA APOTEOSE A DALVA DE OLIVEIRA*”, depois de seis meses de viagem dela entre Argentina e Chile, em uma festa no teatro João Caetano. Em duas das imagens, Ângela estava ao lado dela. Na legenda da foto abaixo, a mensagem dizia *Sapoti* considerar a veterana a maior cantora e os fãs vendo aquela cena gritavam o nome das duas. Dentre os colegas de Dalva no encontro, compareceram Carlos Galhardo, Eledir Pôrto, Odete Amaral e Rosângela (Nº 230, pp. 26-27, 06/02/1954).

Figura 40 - No centro, Dalva de Oliveira, à esquerda, abraça Ângela Maria no Teatro João Caetano.



Fonte: Revista do Rádio, nº 230, p. 27, 06/02/1954. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/144428/per144428_1954_00230.pdf. Acesso em: 24 de ago. de 2022.

Da festa e dos encontros, vamos ao inusitado para a época, na coluna *Rádio em Revista*, subseção *ACONTECIMENTOS REALMENTE SENSACIONAIS*, fazendo uma brincadeira perguntando se a nova Rainha do Rádio Ângela abandonasse a coroa, se Dalva e Herivelto se reconciliassem (Nº 237, p. 47, 27/03/1954), chamando os leitores para se atentarem para isso na próxima edição. Naquele momento, Dalva estava casada com Tito Clement e não temos informação de nenhuma cantora eleita Rainha do Rádio abdicando da sua coroa.

Na edição seguinte, eles cumpriam a promessa com a reportagem *Acontecimentos que parecem impossíveis agitam os artistas do microfone DEU A "LOUCA" NO RÁDIO*, com texto de Fernando Luiz, fotos do acervo da RR, especificando aquelas e outras variantes inusitadas para os artistas, dentre outros, Carmen Miranda voltaria dos Estados Unidos para não mais voltar e César e Emilinha teriam ficado noivos. Para não fugir ao esquema paternalista e machista das suas linhas, depois do compromisso para casamento, a “cegonha” visitava o casal Luiz Delfino e Marlene; para Ângela, mais uma vez, a informação do abandono a coroa de Rainha do Rádio, passando para Vera Lúcia (Nº 238, pp. 20-22, 03/04/1954).

Figura 41 - Dalva de Oliveira, à esquerda, canta com Ângela Maria, na Rádio Mayrink Veiga.



Fonte: Revista do Rádio, nº 249, p. 17, 19/06/1954. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/144428/per144428_1954_00249.pdf. Acesso em: 24 de ago. de 2022.

Reportagem de uma página, com muitas fotos, sem autoria alguma, falava dos 25 anos de Ângela, inclusive uma das imagens com Dalva, quando foi abraçá-la e cantou com a novata na Mayrink (Nº 249, p. 17, 19/06/1954). A RR fazia várias apurações e concursos com a suposta participação das leitoras através dos cupons, como a exemplo da 3ª apuração em “Quem são os mais queridos do rádio?”. Ângela estava em 4º lugar; Dalva, em 1º; Marlene, em 2º e Emilinha em 3º (Nº 255, p. 52, 31/07/1954). Como as votações mudavam, as chamadas das apurações seguintes provocavam o público para uma participação, como quando anunciaram: “*Quem são os mais queridos do rádio? Emilinha ainda em 2º lugar*”, Ângela estava em 3º (Nº 263, p. 07, 25/09/1954).

Na edição seguinte, por fim, Emilinha subia ao 1º lugar, e o texto da apuração confirmava em caixa alta: “*EMILINHA NA FRENTE COM CÉSAR DE ALENCAR!*”, estava feita a virada na votação, e sabe-se lá como, ela saltava do segundo lugar, com quase 18.000 votos, para 38.517, na edição seguinte, com uma diferença de mais de 9.000 votos para Marlene, segunda colocada; quase 20.000 para Ângela, a terceira (Nº 264, p. 57, 02/10/1954).

Inicialmente, a RR ficava apenas em insinuações e recados, como ao de Corina dos Santos, de Nilópolis, fã de Emilinha na *Opinião dos Fans*, que pediu o fim das brigas entre os fãs de Dalva e Ângela (Nº 258, p. 32, 21/08/1954). No ano seguinte, a coisa esquentava, em suas alcunhas tão comuns ao período, Delice Marta Oliveira de Ubatã, acusou Ângela de usar o título de *Rainha da Voz*, pertencente a Dalva. Na resposta, desconversaram, finalizando com a promessa de atender aos seus pedidos, sem citar quais (Nº 306, p. 33, 23/07/1955). As artistas

estavam separadas e sobre a agressão a qual Ângela acusou Dalva de mandante, falaremos logo mais. Mesmo assim, neste período elas participaram de shows, não dividindo o palco, ou fotografias, mas em benefício da família do falecido contrarregista da Tupi, citado na reportagem “SUCESSO DA CAMPANHA DA SOLIDARIEDADE DUAS CASAS PARA OS FILHOS DO HERÓI”, do show no Tijuca Tênis Clube, arrecadando quase 300 mil cruzeiros, com fotos de Dalva, Luiz Gonzaga, Ângela, Emilinha, César Ladeira, Manoel da Conceição, Dorival Caymmi (Nº 418, pp. 10-11, 14/09/1957).

Elas até estiveram juntas em uma foto, entretanto cada uma em uma ponta na imagem, no período da reportagem "NA FESTA DE CARLOS FRIAS CANTARAM, JUNTAS, AS CINCO GRANDES". Elas cantaram *Deus salve a América*, na festa de 25 anos de rádio de Carlos Frias no Maracanãzinho. Marlene, chegando no cavalo branco; foto de Ângela chegando no para-brisa de um jipe e das demais em cada momento apoteótico, sendo elas: Emilinha, Dalva, Linda, Dircinha, em uma foto clássica de Marlene, Dalva, Ângela, Dircinha e Emilinha. Elogios ao vestido branco de Ângela, sem autoria do texto ou imagens (Nº 434, pp. 08-11, 04/01/1958).⁹⁴

Requentando coisas conhecidas no meio radiofônico, motivo de especulação e interesse para vender revista, uma reportagem dizia: “DE RELAÇÕES CORTADAS ÂNGELA E DALVA”. O repórter afirmou não conseguir uma foto das duas, na festa de Carlos Frias, como vimos em momento anterior, além de afirmar que nunca evitaram “tanto quando pode *êstes* assuntos”. A reportagem lembrou a ausência de flagrante das duas juntas, em uma das imagens, relembrou a foto das artistas nos 25 anos de Ângela, e mesmo acontecendo “coisas”, naquele momento elas nem se cumprimentavam (Nº 435, pp. 06-07, 11/01/1958). Tanto a RR não evitava os assuntos espinhosos como disse, pois em cinco edições posteriores, uma reportagem com fotos, anunciava: *ÂNGELA ATACADA PELAS FANS... DE DALVA* na saída da Rádio Nacional, com foto separada das duas e uma imagem da segunda com rosto sério. A RR disse no texto estar firme no intuito de aproximar as artistas (Nº 440, p. 07, 15/02/1958).

Vale destacar o seguinte trecho da matéria sobre como se deu a agressão das fãs de Dalva e como foi evitado algo mais grave:

Ângela Maria foi vítima de um desses equívocos, quando algumas fãs de Dalva de Oliveira investiram contra a "Sapoti", à saída da Rádio Nacional. Qual o motivo? Acreditou-se que Ângela estaria prejudicando à Dalva, inclusive artisticamente. E quase Ângela sofreu

⁹⁴ Essa fotografia pode ser vista no próprio periódico, além de uma das imagens do livro de Comengo (2010, p. 239) e no primeiro bloco das fotografias de Ângela, no livro de Faour (2015).

nas mãos de moças inquietas que, felizmente, mais tarde compreenderam o equívoco e se penitenciaram do erro. A intervenção de outras pessoas, na hora em que Ângela sofreria o "calor" das exaltações de ânimos, impediu que o fato assumisse *conseqüências* mais sérias. O principal, porém, e que a moda não "pegue". Ou as cantoras terão que deixar as emissoras seguidas de um batalhão de "guarda-costas"... (Nº 440, p. 07, 15/02/1958).

Sobre este incidente, de acordo com Lenharo (1995, p. 183), Dalva era estrela do programa Manoel Barcelos, mas Ângela começou a se apresentar nele e a dividir o palco com a outra cantora. Um dia, chegando ao edifício *A Noite*, ela foi agredida por uma fã, chegando a insinuar Dalva como mandante. Mais cinco edições da RR à frente, uma reportagem com as amigas de Dalva, em: *DALVA DE OLIVEIRA REVELA: - ESTAS SÃO AS MINHAS AMIGAS*, com texto de Waldemir Paiva, e fotos E. Mello.

Em uma das imagens, o texto é finalizado, lembrando nenhuma menção para Ângela. As demais cantoras com Dalva eram Emilinha Borba, Adelaide Chiozzo, e as irmãs Linda e Dircinha Batista, essas últimas com Dalva, tidas no passado como “ferrenhas inimigas” (Nº 445, pp. 08-09, 22/03/1958). Na edição seguinte, *Candinha* voltava à cena para lembrar até o momento a insistência de Anselmo Domingos, entretanto ele não podia unir Ângela e Dalva em um almoço. Quando não era um que não podia, era a outra e, naquele momento, apenas quando Ângela voltasse de Portugal.

Na ausência de uma foto das duas dentro da RR, desde 1954, o *Correio dos Fans*, responderam a Guida (sem mencionar sobrenome), do Rio, que teriam o maior prazer em publicar uma capa de Ângela com Dalva, mas será que elas aceitariam? (Nº 477, pp. 54-55, 08/11/1958). A reportagem “PORQUE DALVA E ÂNGELA CORTARAM RELAÇÕES”⁹⁵ afirmou ser frequente as perguntas sobre por que não faziam uma reportagem com as duas; se elas não se falavam?; se elas estavam brigadas?; pedindo capa com as duas, por isso justificaram a matéria. No texto, as duas cantoras respondiam a perguntas breves. Ângela disse não ter nada contra a veterana e essa, por sua vez, disse que não desejava mexer no incidente (Nº 483, pp. 14-15, 20/12/1958).

⁹⁵ Pelo título, Lenharo (1995, p. 183) disse que esta reportagem foi em 20 de dezembro de 1955, quando na verdade foi três anos depois, em 20/12/1958.

Figuras 42 e 43 - Dalva de Oliveira, à esquerda e Ângela Maria, à direita, em reportagem sobre a indiferença das duas.



Fonte: Revista do Rádio, nº 483, pp. 14-15, 20/12/1958. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/144428/per144428_1958_00483.pdf. Acesso em: 24 de ago. de 2022.

Esquentando ainda mais os embates dentro do rádio, na edição seguinte, uma reportagem com fotos individuais para: “ESSAS DUPLAS NÃO AFINAM...”, com pequeno texto para os motivos do afastamento entre eles/elas, como por exemplo para: Paulo Guimarães e Marlene; Virgínia Lane e Walter Pinto; Carlos Machado e Sérgio Porto; Tônia Carrero e Paulo Francis. Dalva e Ângela eram parte dessas duplas indiferentes, mas agora o motivo da indiferença entre as duas não foram as acusações das agressões no passado, contudo, Dalva não gostou quando Ângela a substituiu, com a Orquestra de Roberto Inglês, na Rádio Mayrink Veiga e, ao seu turno, Ângela não teria gostado de algumas declarações de Dalva (Nº 484, pp. 14-15, 27/12/1958).

Uma reportagem com fotos individuais, chamando as cantoras novatas de “brotos”, perguntando se elas ameaçavam as veteranas como Ângela, Marlene, Dalva e Emilinha. O texto finaliza afirmando sim, as veteranas, chamadas de estrelas, tivessem espaço entre as artistas novatas, artistas do amanhã, pois seria oportuno o tempo parar, dando espaço para os dois lados. Dentre outras perguntas, indagavam se Marlene perderia espaço para Celly Campelo; se Sônia Delfino seria a substituta de Emilinha, mencionando ainda Ângela e Dalva, sem contrapor seus nomes com outras artistas, como nos casos de Marlene e Emilinha (Nº 602, pp. 04-05, 01/04/1961).

Nos *Mexericos da Candinha*, nota para a tristeza de Ângela com o apresentador Flávio Cavalcanti, por ele ter dito que ela ainda imitava Dalva de Oliveira (Nº 831, p. 18, 21/08/1965). Se passaram 14 anos do início da carreira de Ângela e 11 anos que ela e Dalva não tinham uma foto lado a lado. Nos parece uma especulação da *Candinha* ou prenúncio de uma proximidade entre as duas. A mesma *Candinha*, na subseção *confidencialmente* mencionava as superstições dos artistas e como eles eram “cismados”, pois em determinado lugar, sem citar qual, todos os artistas apresentados ali sofreram acidente de um jeito ou outro. Luciene Franco desmaiou e foi operada de apendicite; Dalva cantou, antes de sofrer o acidente de automóvel; Ângela machucou-se, quase perdendo a vida e Bibi Ferreira teve uma crise violenta de entorse (Nº 843, p. 21, 13/11/1965).

Figura 44 - Da esquerda para a direita: Dalva de Oliveira sendo entrevistada por Dircinha Batista, Ângela Maria e Kléber Lisboa, no baile de carnaval do Clube Sírio Libanês.



Fonte: Revista do Rádio, nº 860, p. 04, 12/03/1966. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/144428/per144428_1966_00860.pdf. Acesso em: 24 de ago. de 2022.

Depois do tempo distante entre Dalva e Ângela, sem nenhuma foto muito próximas, a imagem foi conseguida por Dircinha Batista, naquele momento, entrevistadora para o baile no Clube Sírio Libanês, na reportagem *Carnaval dos artistas: QUANTO MAIS QUENTE MELHOR...* sem autoria do texto ou das fotos, muitas imagens dos artistas e famosos, dentre eles: Elvira Pagã, César de Alencar, Zilá Fonseca, Cauby Peixoto, Orlando Dias e outros. Na época, Ângela estava com Kléber Lisboa, em uma das fotos, ela o beijava na boca. Como ainda

existiam seus tronos, Dalva foi homenageada, sendo a rainha da festa (Nº 860, pp. 03-09, 12/03/1966).

Observando o encontro das duas, visivelmente Dalva não estava contente com a fotografia, mas devemos tomar a imagem como uma especulação da RR para a matéria seguinte, na mesma festa, agora com as duas sorrindo, embora não abraçadas, como era comum às imagens de Dalva e Ângela com “suas amigas”. Usando algumas imagens do mesmo baile de carnaval, a reportagem *LUTA DE DALVA É PARA FICAR BOA*. A melhora era em referência ao acidente sofrido por Dalva, em 1965. Ela caminhava com certa dificuldade naquele momento, passando muito tempo acamada.

Era a imagem esperada por anos, um encontro público das duas, lado a lado. Depois de tantas especulações, de festas e encontros próximos, as duas se evitaram, e até foram às reportagens comuns para os episódios, com elas e outras duplas que não se davam, alimentando a curiosidade dos fãs, dando lucros aos Grupo RR. Não podemos tomar o jeito sisudo de Dalva na fotografia ao pé da rivalidade de anos, pois ela poderia evitar Ângela, como evitou. Na imagem 45 veremos as duas sorrindo.

As imagens publicadas traziam Dalva ao lado de outras cantoras como Luciene Franco, Wanderléa e Emilinha Borba, nas quais percebemos Dalva mais sorridente, de braços dados com as primeiras artistas. Para a menção ao reencontro com Ângela, Dalva sorria, entretanto elas não se encaravam ou se tocavam. Em uma imagem dessa matéria Dalva não sorria, justamente quando focalizava a cicatriz no seu rosto de frente, ao lado de Araci Costa (Nº 861, pp. 28-29, 19/03/1966).

Dessas fotos, depois de anos de esfriamento entre as duas, a imagem passada seguinte, com Ângela e Dalva, não nos permite afirmar, com fatos, que a primeira renegou ou deixou de citar o nome da veterana como inspiração para o seu início de carreira. Dalva faleceu em 1972 e Ângela em 2018. A segunda foi ao velório da primeira, tempos depois, e, em 1997, lançou, pela Sony Music, o CD *PELA SAUDADE QUE ME INVADE - UM TRIBUTO A DALVA DE OLIVEIRA*, com participação de artistas como Simone, Martinho da Vila e o filho de Dalva, Pery Ribeiro. O dueto não feito por elas enquanto a primeira era viva, fez parte de uma gravação posterior da marcha *Bandeira Branca* (Max Nunes/Laércio Alves), um dos últimos sucessos de Dalva, quase no fim da vida, oportunizada pela sobreposição de vozes.

Figura 45 - Da esquerda para a direita: Dalva, Dircinha e Ângela.



Fonte: Revista do Rádio, nº 861, p. 29, 19/03/1966. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/144428/per144428_1966_00861.pdf. Acesso em: 24 de ago. de 2022.

Da convivência, passando pela indiferença, depois a proximidade breve entre as cantoras recém citadas, é interessante observar que diferente da rivalidade de Emilinha e Marlene, na qual elas dividiam capas, fotos e reportagens juntas, em certos momentos, além das apresentações em auditórios tumultuados com a presença das duas, não conseguimos encontrar, com Dalva e Ângela, fotos das duas lado a lado, depois do estremecimento das relações. Do rompimento público entre as duas, e, ao que parece, até do social, do almoço que não aconteceu, ao baile em que Dalva foi homenageada, pós-acidente de carro em 1965, as duas, quando estavam em ambientes comuns, apareciam em mesas separadas, ou uma e outra em cada ponta da fotografia, como na festa de 25 anos de rádio de Carlos Frias, no Maracanãzinho.

Entre idas e vindas na convivência das artistas, nosso próximo passo ainda será o ambiente político, os movimentos culturais que chegam nos anos 1960, o Golpe Militar e o fechamento da Rádio Mayrink Veiga, em 1965. O período era outro, em tom ameno, a RR mencionou a arbitrariedade do Decreto de Costa e Silva, bem diferente dos tons elevados, quando a RR se dirigia aos governantes do passado. Anselmo Domingos não assinou ou não assinaram aquela queixa contra o prejuízo que teria, principalmente, com os empregados da emissora, pois ele sabia não ser a hora oportuna de críticas e não falaria com tom incisivo, para não ser censurado.

4.4 O GOLPE MILITAR DE 1964 SOBRE O RÁDIO, OS NOVOS ÍDOLOS E O FIM DA REVISTA DO RÁDIO

Falando dessa fase dos anos 1960 e, principalmente, da sua estada em Portugal, quando teve o golpe de 1964, em 1988 Ângela contou no programa *Cara a Cara*, da TV Bandeirantes, citou Jorge Goulart, Nora Ney e o fechamento da Rádio Mayrink Veiga. Ângela ficou reclusa um tempo, ao voltar ao Brasil e depois das coisas se normalizarem, os “shows voltaram”. Contestando essa normalidade do trabalho e entendendo seus silenciamentos, por outro lado, muitos artistas de esquerda estiveram em períodos difíceis internamente, como nos citados casos de Nora Ney, Jorge Goulart e Mário Lago. Pensando a atuação dos artistas perseguidos para além destes três citados, os Comitês culturais do PCB, antes e depois de 1964, estavam em outras cidades, como em Recife, em torno do governador Miguel Arraes e em cidades como Porto Alegre, Salvador e Belo Horizonte (RIDENTI, 2014, p. 55).

Integrando e desenvolvendo os problemas da televisão no Brasil, os governos militares, contemporâneos ao início das transmissões, viram na TV Globo, a partir da segunda metade dos anos 1960, a vedete da televisão aberta. O estado, a partir de 1964, estava como este agente de expansão e aceleração das relações capitalistas no país, e essa valorização dos setores das telecomunicações representou um importante papel tecnológico sofisticado, acompanhando e possibilitando o crescimento de outros setores considerados importantes ao Regime. Essa preocupação foi uma decisão política e não apenas técnica ou administrativa. Dos momentos anteriores no Brasil, como o pós-1930, não teve este planejamento de recursos para os planos saírem do papel, ocorrido apenas com os governos militares. A autora lembra 1951, quando “os altos dirigentes brasileiros subestimavam a propaganda para a TV como veículo ideal”, no entanto ela afirma, em momento posterior, o estado brasileiro reconhecendo a força da TV no Ibope, na mesma década (WANDERLEY, 2006, pp. 439; 441).

Entre a primeira e segunda década da TV no Brasil, lembrando Dori Caymmi, filho do cantor e compositor Dorival Caymmi, reclamou os aumentos salariais, pois o pai não era contemplado por Assis Chateaubriand, dono da Rádio e TV Tupi e dos Diários Associados, todavia outros artistas, sim,. Pensando por outro lado, por todas as dúvidas da informação posterior, a reportagem *REVOLUÇÃO NOS ORDENADOS! TV-EXCÉLSIOR VALORIZA O ARTISTA PAGANDO O QUE ELES MERECEM*, citando o canal carioca como algo sacudindo o ambiente televisivo. Para São Paulo, citou a *Excelsior* local, os movimentos administrativos da capital, contratando artistas do Rio e de outras capitais. As outras emissoras paulistas, para não perder seus artistas e técnicos, ajustaram um melhor padrão de pagamento.

A TV Tupi de São Paulo, percebendo-se sem artistas para seus programas musicais, reagiu, contratando artistas do Rio, como Emilinha, Marlene, Ângela, Carminha Mascarenhas, dentre outras. Eles fariam um programa semanal e receberiam salário de 250 mil a 400 cruzeiros mensais, uma média de 70 a 100 mil cruzeiros por programa, quando recebiam menos da metade anteriormente. A TV-Record de São Paulo contratou Nora Ney e Rosana Toledo, além de outros movimentos contratuais nas demais emissoras (Nº 720, pp. 16-18, 06/07/1963).

Em 1967, o governo brasileiro criou a Assessoria Especial de Relações Públicas (AERP), para conquistar a opinião pública e legitimar suas ações. Depois dessa empresa, as propagandas seriam feitas pela Assessoria de Relações Públicas (ARP), em 1976, valendo-se da provocação e adesão às propostas da ditadura militar, através do impacto visual e sonoro da televisão (WANDERLEY, 2006, p. 441). Regressando ao período do Golpe de 1964, para falar da TV Globo, a cantora Marlene lembrou o rádio em decadência e assim como Ângela ela também fazia viagens, mas voltando a Rádio Nacional e perguntando por artistas contratados da emissora, sabia que eles não estavam mais ali. Marlene dizia não entender de política naquele momento, e alguns dos demitidos da Nacional foram para a Globo, como os atores Mário Lago e Paulo Gracindo. Sobre o dono da emissora, Roberto Marinho, Marlene lembrou uma frase do dirigente: “Desses comunistas quem toma conta sou eu.” (ARAGÃO, 2012, p. 122).

De março até o fim de abril de 1964, Anselmo Domingos, na coluna chamada *PRESTÍGIO*, falou do prestígio dos artistas antigos, como Aracy de Almeida, Isaurinha Garcia, Elizeth Cardoso e outros artistas requisitados, pois "nossos valores tradicionais continuam em plano destacado". Por outro lado, apesar da propaganda para a Bossa Nova e seus artistas, não se negava seus talentos, citando Roberto Carlos, Wilson Simonal, Nara Leão, tão talentosos, em tão pouco tempo. Assim, para conseguir os favores do público, eles precisavam se identificar com o povo, zelar por seus nomes e ter autenticidade (Nº 761, p. 54, 18/04/1964). Com autenticidade ou não, os artistas novatos tiveram seus espaços e seus grupos de admiradores. Nos parece duvidoso esses artistas do rádio com tamanha popularidade em uma época em que o rádio perdia espaço para a TV.

Chamando atenção para os novos artistas surgidos, frente ao “prestígio dos veteranos”, sem assinatura de Anselmo, entretanto no mesmo local de encerramento das edições, na coluna final chamada *CARNAVAL 65*, atenção para a baixa qualidade, as “letras de mau gosto e as melodias sem qualquer originalidade” no IV Centenário do Carnaval. Segundo a crítica, era uma superprodução de músicas carnavalescas não agradáveis, provocando sociedades de compositores e editores para protestarem contra a baixa qualidade, pois isso seria mostrado a personalidades estrangeiras, sem citar quais seriam os jurados ou ouvintes de fora. A coluna

lembrou as canções sendo mostradas desde o final do ano anterior e as medidas deveriam ser tomadas pelas entidades de compositores e editores, para evitar tanto mau “*gôsto*”. Não tomando essas decisões, o carnaval continuaria com o baixo nível das músicas (Nº 790, p. 54, 07/11/1964).

Falando da regulamentação da radiodifusão no Brasil, sem assinatura de Anselmo, a coluna final denunciava a morosidade dos outros governos, sem citar nomes e pedia a nova administração da aplicação das regras, pois havia muita legislação. Contudo, pouca coisa era aplicada. Acusando os ex-governos de João Goulart e Jânio Quadros, ele acusou a gestão de pretender “encapar” todas as emissoras de rádio e televisão. Isso seria o fim da democracia e se uma emissora fosse manipulada pelo governo, seria o “adeus a liberdade”. Anselmo não negava os abusos do rádio, mas era preciso preparar o código democrático para disciplinar a matéria. Talvez falando indiretamente da rede de emissoras da legalidade de 1961⁹⁶, alfinetava as “pseudo-emissoras” e os alto-falantes clandestinos, não prestando nenhum serviço a coletividade, na coluna *REGULAMENTAÇÃO* (Nº 762, p. 54, 25/04/1964). Há um tom de alarmismo nessa nota e cobrança de separação entre o poder público e as emissoras de rádio e televisão, como se quase sempre elas tivessem contato direto com os interesses e programas de governo, desde que bem pagas.

Opondo-se ao golpe de 1964, a Rádio Mayrink Veiga irradiava pronunciamentos políticos e era legalista, sendo censurada. Seu fechamento definitivo foi em 1965, através do Mandado de Segurança nº 16.132/6, do presidente Castelo Branco. Sobre isso, a coluna final, sem assinatura de Anselmo, com a chamada *MAYRINK*, mencionava a cassação do canal, alegando caducidade pela infração da lei, não cabendo discussão sobre a legalidade, porém os motivos pelo ato do Presidente, com um castigo a infração aplicada tardiamente. Para ele, a punição deveria ter sido do tempo imediato, no passado, e a medida iria transformar a emissora em mártir.

A Mayrink estava com a “casa em ordem”, organizada, em favor da coletividade e, assim como a *Panair do Brasil* (empresa área, grifos nossos), os mais prejudicados seriam os funcionários, pegos de surpresa, ficando aflitos quando os funcionários fecharam os transmissores de “uma das estações mais populares do país”. A empresa Contel estava vendo uma possibilidade de permitir a emissora voltar ao ar, com transmissão precária em um período

⁹⁶ Quando Jânio Quadros renunciou, em 1961, Leonel Brizola instalou no Rio Grande do Sul a Rede da Legalidade, responsável por irradiar um golpe contra a posse do vice, João Goulart. Os trabalhadores sustentaram a ordem democrática e se posicionaram a favor da posse de Goulart (NEGRO E SILVA, 2019).

de três meses, para ajudar seus funcionários. Aos necessitados de encontrar novo emprego, poderiam fazê-lo, mas a coluna perguntava: e se não arranjassem? O caso era complexo, e, para ele, com boa vontade, sem demora, o governo poderia solucionar a questão (Nº 832, p. 54, 28/08/1965).⁹⁷

No início de 1966, fazendo um balanço do ano anterior em *ANO NÓVO*, registro para o acontecimento desagradável do fechamento da Rádio Mayrink Veiga, lastimando o ocorrido, e destacando a emissora como “uma tradição do Rádio Brasileiro; uma escola onde se formaram alguns dos mais famosos e talentosos profissionais do microfone”. Diferente da coluna protestando contra o fechamento da emissora, em 1965, agora citavam outra emissora, a Rádio Marconi de São Paulo; uma do estado do Pará e outra de São Paulo, sem citar seus nomes. Afirmando que apesar dos destaques, “o rádio procurou servir à coletividade a seu modo”, o texto encerrava dizendo não se ver “certa tibieza ao enfrentar a televisão” (Nº 852, p. 54, 15/01/1966). Essa acusação de morosidade e vistas grossas em relação a TV nos parece uma calúnia, pois quando o sistema de comunicação foi implantado no Brasil nos anos 1950, o Estado foi provedor da infraestrutura tecnológica que seria explorada por empresas privadas. Dessa forma, o governo era concessionário único, concentrando poder sobre as redes nacionais de televisão. Com o Golpe de 1964, o Estado baixou decretos e leis, portarias que disciplinavam a regulamentação das profissões de artistas, técnicos, além dos incentivos às atividades culturais. A censura, nesse momento de repressão, adquiriu um significado político para centralizar a autoridade do Regime (ORTIZ, 1985, pp. 88-89).

Retroagindo ao último ano da RR, com seus números inteiros digitalizados pela Hemeroteca, na coluna *SÃO PAULO NÃO PARA*, de Mário Júlio, subseção *Cirandinha Noturna*, para as apresentações de fim de semana de Ângela, na boate Oasis, com aplausos demorados, sem citar quais canções. Do mesmo Mário, agora na subseção *TV*, menção para um contrato de Ângela com a TV-Record, estreando no programa de aniversário da emissora (Nº 841, p. 39, 30/10/1965).

O ano de 1965 deu início aos festivais de canção televisionados, não que isso fosse novidade, entretanto, no início dos anos 1960, os artistas do rádio dividiam o público. Os musicais semanais, a exemplo do *Fino da Bossa*, *Bossaudade* e *Ensaio Geral* traziam uma nova linguagem televisiva. No primeiro programa, Elis Regina apresentava ao lado de Jair Rodrigues e agravada ao gosto musical dos ouvintes do rádio, introduzindo as novidades e estilos musicais

⁹⁷ Nas edições finais 793 (p. 54, 28/11/1964) tem assinatura e na 801 (p. 52, 22/01/1965) desaparece mais uma vez, pelas ausências das digitalizações da Hemeroteca para os números 330, (número físico no acervo do autor), além das edições 870 até a 1053 e da 1055 até 1063.

da Bossa Nova. Os gestos e sorrisos de Elis eram considerados exagerados, mas cabíveis a TV, criando simpatia e sensibilidade com o público mais amplo (NAPOLITANO, 2001, p. 55).

Ao lado do *Fino da Bossa*, com estreia em maio de 1965, o *Bossaude* com Elizeth Cardoso e Ciro Monteiro, estreou em julho do mesmo ano e, em setembro, começava o *Jovem Guarda*, com Roberto Carlos, Erasmo Carlos e Wanderleia. Este último ganhou notoriedade maior em 1966, com um tipo de rock ingênuo, próximo das baladas norte americanas do final dos anos 1950. O cantor e compositor Roberto Carlos se transformou em um fenômeno de popularidade, com suas músicas consideradas alienadas para a esquerda. A *Jovem Guarda* propagava um comportamento jovem, principalmente para o uso de roupas e cabelos extravagantes, contra o posicionamento moral em ascensão da classe média (NAPOLITANO, 2001, p. 55).⁹⁸

O aparato tecnológico da TV, que ganhou novos recursos e aprimoramentos tecnológicos, na produção e transmissão de programas e os *Festivais da Canção* agitaram o Brasil em 1966 e 1968. Neste período, os festivais imperaram na TV, mas foi na Record que o gênero se consagrou, reunindo um conjunto de músicas inéditas, entre 36 e 40, dependendo da emissora, que escolhia as finalistas para disputarem os principais prêmios. O mais cobiçado era o prêmio de “melhor canção”. Neste período, os festivais serviam para manifestação das canções engajadas e nacionalistas, discutindo problemas da sociedade brasileira. A TV não foi apenas o veículo de ampliação de consumo da MPB renovada, mas serviu a uma ampliação da audiência nas demais camadas sociais, inclusive ao público do rádio, dos anos 1940 e 1950, mais ligado às tradições musicais, passando a consumir uma música chamada de “moderna” (NAPOLITANO, 2001, pp. 55-58).

Voltando ao ano de 1965, foi neste período que surgiu a sigla MPB, com letras maiúsculas, como se fosse um gênero musical específico, sintetizando a tradição da música popular. Na verdade, essa nova MPB incorporou nomes da Bossa Nova, como Nara Leão, Edu Lobo e outros nomes novos, como Chico Buarque e Elis Regina, se apropriando e se confundindo com a memória musical e popular do Brasil. Essa nova MPB pretendia uma associação entre a nacionalização da Bossa Nova, buscando a popularidade, sem abandonar as

⁹⁸ O sucesso do programa *Jovem Guarda* na TV Record, aliado às vendas dos discos, na segunda metade dos anos 1960, seria a oportunidade e não o oportunismo, como disse Tinhorão, ao falar de Roberto Carlos, com a guinada universalista de 1968, abrindo campo para a entrada da guitarra elétrica no último reduto do rock, que eram os nacionalistas dos movimentos culturais da UNE. É preciso entender o cantor como voz de um ritmo comercial da época, mesmo que de inspiração estrangeira, no qual a guitarra era cabível e aceitável desde sempre. Nos parece que negar o instrumento era impossível e chamar o líder do grupo de oportunista, exagerado (TINHORÃO, 2010, p. 359).

“conquistas” do novo lugar social da canção. A origem desta nova canção era anunciada em vários LPs e eventos que apontavam para uma “tradição-ruptura”. O impacto da participação dos tropicalistas Caetano Veloso e Gilberto Gil no *Festival da Canção da Record*, em 1967, e, ao longo do ano seguinte, o movimento deles exigiu uma revisão dos valores culturais da MPB. Esse movimento de renovação foi ambíguo pois, por um lado, incorporou outros estilos, materiais sonoros e procedimentos de composição, por outro, iniciou um movimento de adesão, nem sempre bem resolvido (NAPOLITANO, 2002, pp. 65-69).

Avançando para o ano de 1969 na RR, no único número digitalizado pela Hemeroteca, na coluna final, chamada de *CENSURA*, agora falando das novelas, a RR se punha em favor dos cortes, chamando a medida de cabível. Entretanto, não deviam generalizar, pois existiam programações necessitando mudar os horários, “longe da curiosidade infantil”. No entanto, outras não deveriam ser alteradas em seu horário, no qual a audiência era maior. As novelas não são iguais, algumas são vistas por adultos. Todavia, outras não causariam nenhuma complicação ou “prejuízo a formação da juventude”. A nota esperava o mesmo rigor se aplicasse aos filmes, com suas cenas mais pesadas de morte e violência, transmitidas sem nenhuma ressalva, na faixa infantil da TV. Para a RR, não era justo dois pesos e duas medidas, pois os filmes estrangeiros não sofriam a mesma cobrança. Essas proibições às novelas iria prejudicar apenas os produtores, diretores e técnicos brasileiros (Nº 1054, p. 50, 29/11/1969).

Com seus pulos em digitalizações, o número disponível na Hemeroteca, do ano seguinte, em 1970, ressaltava a RR e sua história como *UMA REVISTA HERÓICA*, falando do período para os artistas do rádio, depois da TV, “apresentando os seus ídolos em estado de encantamento, intimidade e até mesmo ternura”. Seu público fiel eram as donas de casa, com seu indiscutível poder aquisitivo. Além do mais, seu crescimento despertou a cobiça e a cópia de seções e títulos da RR, imitada por outras revistas, citando algumas das poucas colunas, das quais: “*Eu gosto, eu não gosto*”, o “*Álbum-gigante*”, “*24 horas na vida do artista*”, os “*Mexericos da Candinha*”.

Em tom nostálgico por sua história e, talvez, respondendo aos boatos e verdades dos desmandos internos em sua administração, em seu ano final, o texto afirmava o quanto a RR resistiu contra aqueles que a cobiçavam, vendo-a apenas como “galinha dos ovos de ouro”. Das lutas, novas forças, com apoio dos artistas, a fidelidade das leitoras, eles iriam a frente, “sem o *marronismo* que impera por ai...”. Além do acréscimo para um *Ponto final*, uma última menção para alguns assuntos envolvendo TV e/ou rádio, artistas, órgãos reguladores e suas críticas (Nº 1064, p. 34, 12/05/1970).

Este termo *marronismo* talvez seja alfinetando as revistas similares a RR, indo além das especulações, muitas vezes, trazendo a vida dos artistas, assim como ela, mas em tom mais agressivo, na chamada imprensa marrom. Quando Nora Ney sofreu acusações nos impressos sobre o término do seu primeiro casamento, principalmente por esse ramo adjetivado, no momento em que Nora se tornou “colunista”, era a ocasião dela inverter os papéis, de observada para observadora (LENHARO, 1995, pp. 08; 179). Nós vimos que as cantoras, na maioria delas, não eram colunistas e as colunas/diários atribuídas a elas eram escritos por terceiros, como forma de credibilizar a produção diante dos leitores.

Retroagindo às últimas notas para cada edição da RR sobre as críticas e mensagens costumeiras envolvendo o rádio, a TV, o mau repertório ou a popularidade dos artistas veteranos, a partir do número 1064, em 12/05/1970, essa coluna diminui e, de certa forma, desaparece com suas críticas maiores, para se tornar apenas menção e informações em pequenas notas, todas elas chamadas de *RESENHA*. Como houve redução do espaço para as notas curtas, agora as críticas, todas elas, se chamavam o citado *Ponto final*. Nessa última, chamando atenção para os que enfrentavam as câmeras de TV e diziam coisas massacrando o “idioma pátrio”, pedindo as emissoras e contratados, entre animadores, artistas e produtores respeito a língua, pois, se não fosse assim, muita gente seria convidada a frequentar as salas de aula. Os rapazes incultos e semianalfabetos, comumente usuários de “dialetos” e pseudo formas de comunicação na TV, teriam de sumir. Era preciso levar inteligência ao telespectador, ou a TV não teria mais lugar entre seu público. A mesma observação se pedia aos anúncios e suas linguagens em Rádio e TV (Nº 1073, p. 74, 04/08/1970).

Assim como a imprensa carioca se modernizou, veículos apareceram e desapareceram. Entre 1945 e 1950, a conjuntura pós-Guerra e o final do Estado Novo de Vargas ampliaram o número de jornais. No fim da década de 1950 a 1960, os diários cariocas foram reduzidos para menos da metade e vários jornais tradicionais desapareceram como *O Diário da Noite*, *Correio da Manhã*, *Diário de Notícias*, entre outros, além das revistas *O Cruzeiro*, *A Manhã*, *Carioca*, *Vamos Ler* e etc. Por circunstâncias próprias esses jornais e revistas sucumbiram e, em alguns casos, deu-se em razão da má administração dos seus diretores e proprietários.

Contudo, isso deve ser levado em conta, para uma nova configuração do mercado jornalístico e sua correlação de forças em seu interior, pois não se refere apenas à falência, mas a um processo de reconfiguração do mercado de imprensa, com mudanças nos campos econômicos e técnico-profissionais (RIBEIRO, 2006, p. 429). A autora não cita a RR, entretanto, ela começou em 1948 e encerrou em 1970, na mesma linha destes jornais com o fim.

Entre as tiragens dos jornais nos anos 1950, eles circulavam na então capital federal, o Rio de Janeiro, com tiragem bastante próxima, entre números médios, abaixo ou acima, de 60 mil exemplares e o mesmo acontecia com os vespertinos, com uma pequena mudança de tiragem para 100 mil. Com o governo militar de 1964, assim como no Estado Novo, o governo pressionava para que as verbas publicitárias recusassem determinados veículos, não simpáticos ao regime. Do ponto de vista econômico, isso causou uma concentração empresarial, desaguando em uma aguda crise na imprensa, em um conjunto de fatores, entre as macroestruturais e conjunturais, além da queda do volume de publicidade, o desenvolvimento da televisão e o preço do papel de jornal. Entre 1960 e 1964, reduziu-se as verbas de publicidade para imprensa, direcionando-as para a TV, com reflexos imediatos para os veículos mais populares e da classe média, de acordo com Ribeiro (2006, pp. 429-431), os quais a autora não cita, mas se encaixa a RR, entre os populares de classe média.

A partir dos desmandos financeiros e da má administração, causando desordem na vida de Anselmo Domingos, não sabemos ao certo quando ele entrou nas drogas, do lança perfume, a cocaína, e quando não tinha mais dinheiro, foi para o vício do éter. Por isso, em dado momento, ele deixou de assinar suas colunas finais na RR. Se as colunas posteriores vieram atribuídas a ele, foram escritas, talvez, por Borelli Filho e os demais diretores da RR. Da sua descrição e revolta quando se insinuava sua homossexualidade, batendo da mesa, saiu de homem correto dos negócios para entregar cheques sem fundo aos seus credores, de acordo com depoimento do cantor Jorge Goulart (FAOUR, 2002).

Para o cantor, Anselmo vivia escondido de si mesmo, andando sempre de óculos escuros, um homem de “cabeça no lugar... um pensador e escritor”. Nos anos 1950, apesar do ambiente festivo do rádio, os gays passavam por perseguições e humilhações, Anselmo era católico praticante e essas suposições, para a vida moralista do seu tempo, devem ter mexido com sua cabeça. Nos anos 1960 a RR cresceu muito, fez muitas festas, contudo o diretor não teve tempo para gerenciar a revista, com essa vida dupla, com pessoas perigosas ao seu lado e mesmo Borelli Filho o alertando, não adiantava (FAOUR, 2002, pp. 152-155).

A mesma década que significou crescimento para a RR, foi a fase em que as músicas do repertório internacional, como o rock, tornaram-se a música da juventude e, com isso, o momento para expulsar os ritmos vindos do período da II Guerra, e os ritmos nacionais como samba, choro, baiões e marchas, além da Bossa Nova, das elites locais. A estratégia do mercado industrial do som seria favorecida por uma circunstância cultural no Brasil, com a aceleração do crescimento da população, desde o fim da citada Guerra, com as cidades em expansão e os jovens, quase sempre filhos de gente das localidades rurais, para incluírem-se entre os jovens

das cidades, principalmente nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. Era um ajustamento cultural provocado pela música de consumo, que começou nos anos 1950 e se estendeu para o meio da década, passando para a seguinte (TINHORÃO, 2010, pp. 353-354).

Os jovens que não eram politizados e estavam mobilizados foram a oportunidade para os produtores de disco, rádio, cinema e televisão. No contexto do governo militar, foram absorvidos pelo Estado e ao interesse econômico, pois os profissionais modernos da publicidade se valiam do ingresso prematuro da “categoria jovem” na indústria e no comércio. O jovem interiorano Roberto Carlos despontou no Rio de Janeiro, com as versões norte-americanas de música, antes o rock americano brasileiro, ganhando disco em 1958, com discos da dupla de irmão paulistas Celly e Tony Campello, como primeiros roqueiros das versões brasileiras para os sucessos americanos, naquilo que seria “música de juventude”, dos anos iniciais na década de 1960. O *iê-iê-iê* de Roberto e Erasmo Carlos seria a forma empobrecida do rock americano (TINHORÃO, 2010, pp. 354-357).⁹⁹

Vimos a mudança da RR em 1965 para a Rua São Luís Gonzaga, em São Cristóvão, com a sede paga à vista. Entretanto, depois das suas dívidas, os credores não atendiam mais seus telefones. Com esses atrasos dos compromissos e dos salários dos funcionários, eles entraram em uma ação contra Anselmo. Sua secretária Ilka, também, mas depois, segundo ela, retirou a queixa, pois compreendia um dinheiro demorado, talvez nunca saísse e, para ela, em gratidão ou sabendo do estado de Anselmo, ele “não merecia mais essa decepção, já que sempre confiou em mim” (FAOUR, 2002, p. 152). Por falar em mudança na sede da RR, há menção dela, em 1965, a partir da edição nº 833 (p. 51, 04/09/1965), com as seguintes informações:

Redação, oficinas, etc.

no mesmo prédio da

REVISTA DO ESPORTE

Rua São Luís Gonzaga, 601 e

Rua de Santana, 136 — Rio

43-0537 e 43-1045

Na última edição disponibilizada pela Hemeroteca para o ano de 1966, Anselmo ainda era o diretor da folha editorial. Como ele estava no uso das drogas, nos parece estranho a promessa de lançamento de um novo periódico do grupo RR, a *Revista de Portugal*, citando em quatro comentários, dentre outras, “Porque sua missão principal será a de mostrar o Portugal

⁹⁹ Assim como citamos Baena (2016) e Lenharo (1995) no primeiro capítulo falando do Rock no Brasil e, nas páginas da RR, com os respectivos artistas do rádio como Nora Ney e Cauby Peixoto, Tinhorão (2010) também o fez, todavia achamos oportuno não repetir as informações parecidas.

que os brasileiros desconhecem e que os portugueses recordam com saudade.” (Nº 869, p. 50, 14/05/1966). Diferente da *Revista dos Fans*, também do grupo RR, no auge do surgimento de Ângela, este periódico para falar de Portugal, parece não ter existido pelas circunstâncias mencionadas. Pulando dois anos por ausência de números digitalizados, na única edição disponível para o ano de 1969, a direção da RR agora estava com J. Oliveira Filho e Pascoal Tramontano (Nº 1054, p. 50, 29/11/1969).

No ano seguinte, Pascoal Tramontano sairia da direção para ser distribuidor da Guanabara (estado do Rio de Janeiro), ocupando seu antigo cargo de diretor Almir Francesconi e Sílvio Filho. Em todas as mudanças, o secretário/editor ainda era Borelli Filho (Nº 1064, p. 34, 12/05/1970). Nesses últimos anos da RR, os valores foram alterados de 150 para 200 CR\$, para as vendas avulsas; de 200 para 250, para os números atrasados entre as edições (Nº 797, p. 54, 26/12/1964 para a Nº 797, p. 50, 01/01/1965) justificando na primeira, as alterações como uma notícia não agradável aos leitores. Contudo, os aumentos no valor do papel, tinta, filmes, mão de obra, impostos, pedindo compreensão dos leitores e apoio, que nunca tinha faltado, prometendo um esforço para apresentar uma revista cada dia melhor. Outros ajustes vieram entre 1969 e 1970, o valor da avulsa; atrasados tiveram uma variação de 1.00 para 1.20 NCR\$, a assinatura anual de 50.00 para 60.00; a assinatura semestral de 25.00 para 30.00.

Em 1970, a RR encerrava suas publicações. Das referências para Ângela, neste último ano, a primeira: coluna *Flagrantes*, mudando suas letras e formatações, citando o provérbio que "tamanho não é documento" com foto do cantor Nelson Ned e sua baixa estatura, menção para Ângela, igualmente pequena na estatura, mas “ são grandes como intérpretes populares” (Nº 1064, p. 32, 12/05/1970); a segunda menção foi na *Ficha completa* com Elis Regina, admiradora confessa de Ângela¹⁰⁰, nas perguntas e respostas curtas, para ela, um cantor: Cauby;

¹⁰⁰ Como menção da admiração da cantora Elis Regina por Ângela Maria deixamos três vídeos disponíveis no YouTube: no primeiro vídeo, da década de 1960, ao vivo, Elis Regina imitou Ângela Maria e cantoras como Isaura Garcia, Maysa, no citado Programa *Fino da Bossa*, da TV Record. Elis lembrou sua admiração musical em discos, recortes, por Ângela e sua família pedia que ela imitasse a veterana. Em seguida, Elis cantou *Orgulho* (Nelson Wederkind/Waldir Rocha), nas mesmas notas de Ângela (disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=RvBI_WUw6YU. Acesso em: 12 nov. 2022); o segundo momento foi uma apresentação de Ângela Maria e Elis Regina, em 1972, em que ela diz, entre outras coisas, considerar a veterana como a maior voz do Brasil. Elis começa cantando a música *Vida de Bailarina* (Chocolate e Américo Seixas) e Ângela entrou em cena em seguida, para um curto dueto (disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0fyYKjcCtpM&t=165s>. Acesso em: 12 nov. 2022); o terceiro vídeo foi extraído da *Série Grandes Nomes*, da TV Globo, em 1980. Elis lembrou: "Comecei a minha carreira de cantora, imitando, descaradamente (com extrema felicidade que eu confesso isso) Ângela Maria (...). Até hoje, em certos momentos das minhas apresentações, eu saco na minha voz, a voz da Ângela Maria e tenho profundo orgulho disso (...)" (disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9TIPNIHKZdg>. Acesso em: 12 nov. 2022).

uma cantora: Angela Maria (sem acento) (Nº 1065, pp. 18-19, 19/05/1970); a terceira, na citada *Resenha* da folha editorial, referência a festa de aniversário de Angela (sem acento), em sua casa paulista, recebendo seleto grupo de amigos (Nº 1066, p. 42, 30/05/1970).

A quarta menção, em *A elegância de Ângela* (volta o acento no A) *Maria*, com três imagens da artista, ela “ignorava” a moda dos grandes centros como Paris, New York e Londres e tinha contratado uma costureira de forma exclusiva para mostrar ““*modêlos*” dentro de um “*gôsto*” e de elegância exótica” (Nº 1071, p. 23, 21/07/1970). Elegância exótica parece ser uma crítica no passado, como a de Borelli Filho, na coluna *TV*, subseção *ÂNGELA MARIA COM A PERUCA LOURA*, lembrando o estranhamento dos fãs e críticos para a cantora que foi uma das mais elegantes do rádio e da TV, aquilo estava “destoando por completo da “*moreneza*” da artista”. Era horrível, ela jogasse fora a peruca e ficasse com seus cabelos naturais (Nº 668, p. 47, 07/07/1962).

5. CONCLUSÃO

Você, já bem sabe, prezado leitor, que *esta* sua revista é a segunda, em todo o Brasil, no que diz respeito à tiragem e à circulação. Em qualquer recanto deste país imenso, onde haja um aparelho de rádio, haverá, não resta a menor dúvida, um leitor a mais (...) (*Bilhete Aberto*, RR n° 229, p. 50, 30/01/1954).

No século XX, uma cadeia de aperfeiçoamento provocou uma série de alterações nos jornais e nas revistas. A RR tornou-se a segunda revista mais lida no Brasil, perdendo para *O Cruzeiro*, inspiração para a primeira, pois nos anos 1940 ela se especializou em serviços de vários departamentos, seguindo os moldes da revista *Life*. A RR surge no fim da mesma década, se aperfeiçoando ao longo dos anos, suas colunas aumentavam, diminuía, eram numeradas, como os *Mexericos da Candinha*, depois estes números desapareciam, mudavam de página. Os correspondentes internacionais em um primeiro momento eram apenas insinuações para credibilizar a RR, talvez como *O Cruzeiro*.

Em dado momento, alguns correspondentes dos outros estados referenciavam a importância e/ou inspiração de Ângela Maria, assim como ela foi inspirada por Dalva de Oliveira e como, da proximidade, ao afastamento e, depois, uma foto das duas juntas, muitos anos depois em 1966, dividia e alimentava a curiosidade dos fãs das duas artistas. Antes deste entrave entre as duas cantoras, citamos como as estações de rádio foram pensadas, os temas proibidos, como os palavrões nas publicidades e como Almirante, homem pioneiro do rádio, criou uma história para contornar a censura e conseguir patrocínio, em uma época em que não se acreditava no meio de comunicação como instrumento de publicidade eficaz. Ela foi artista da última geração, da famosa fase de ouro do rádio, envolvida por uma mídia impressa, sonora e visual, na construção de uma imagem Hollywoodiana que o rádio criou.

Das brigas entre as cantoras, não poderíamos deixar de citar a famosa celeuma entre Emilinha e Marlene, forjada pela imprensa e pontuada por nós como um dos momentos importantes da cultura popular dos auditórios. Sobre estes espaços tidos como festivos, mencionamos as censuras e silenciamentos aos fãs mais entusiasmados, através de Goldfeder (1980), não encontrando uma crítica antirepressiva. Foi neste embalo entre os fãs de Marlene e Emilinha que os fãs de Dalva e Ângela se envolveram em brigas, agressões e na suposta acusação de Dalva como mandante de uma agressão à Ângela, motivo pelo qual se esfriou a relação das duas. Esses atritos entre as artistas do rádio, que nos anos seguintes também fizeram parte da televisão, dividiam a cena na imprensa com os novos ídolos, em notas menores. O repertório delas dividia espaço com novos ídolos.

No seu aspecto conservador, com a direção de Anselmo Domingos, a RR surgiu em 1948 e foi importante para focalizar a vida, as contratações e demais curiosidades dos artistas do rádio. *Radiolandia*, sem acento, era uma revista argentina da década de 1920; posteriormente foi coluna da RR, como vimos em menção para o contrato de Ângela Maria na Rádio Mayrink Veiga, em 1951; e, por fim, nome de periódico do grupo Globo e, para essas duas últimas referências, *Radiolândia*, com acento. Muitas vezes na RR não havia menção da autoria para as fotos e reportagens, com uma palavra inteira destacada em letra maiúscula para chamar a atenção, intercalada com outras fontes para as letras; cores e numerações, como no caso dos *Mexericos da Candinha*, apareciam e desapareciam, a RR mesclava e reafirmava sua narrativa fútil, engessada por suas ideias tradicionais.

O roteiro insistia nas narrativas jornalísticas com notas e reportagens sobre os embates entre os artistas, dos shows, encontros, desencontros, especulação das candidatas, patrocinadores, coroações das Rainhas do Rádio, romances, artistas dotadas de qualidades domésticas próprias da fase a qual o casamento era um caminho comum, posto e repostado, com mulheres desejando a maternidade e como isso repercutiu em torno da trajetória de Ângela Maria, predestinando sua vida da pobreza ao estrelato, por insistência ou persistência da menina de família evangélica, cantando música popular escondida da família que era contra.

Segundo o enredo que a homenageou em 1994, na Escola de Samba Rosas de Ouro, em São Paulo, a “tecelã de fato” é uma menção ao seu trabalho em fábrica. Ela também foi empregada doméstica na fase pobre da sua infância e na separação entre os irmãos, quando teve oportunidades, fugiu para se apresentar em programas de calouros, dentre eles o “*Hora do Pato*”, de Jorge Curi na Rádio Nacional, ocultando seu nome de batismo, Abelim Maria da Cunha, alterando para Marina Cunha, até ser descoberta. Ela não ficou apenas neste programa e participou de outros, como o *Pescando Estrelas*, de Arnaldo Amaral e *Papel Carbono*, do Renato Murce e o de Celso Guimarães. No mundo das alcunhas dos artistas do rádio, sejam por seus fãs, apresentadores, por menção dos ritmos que cantavam, das suas características físicas, por sua cor e voz doce, Ângela era a *Sapoti*, apelido dado pelo então presidente Getúlio Vargas.

Pontuando algumas mudanças da RR ao longo do tempo, além das pequenas alterações das colunas, mesmo com as primeiras fotografias nas capas em seus números iniciais, vemos como a RR usou desenhos de Zé Luiz para retratar as artistas Linda Batista e Heleninha Costa, nas edições nº 189 e 210, de 1953. As datas erradas em alguns trabalhos acadêmicos ou de pesquisadores apresentados aqui, para as eleições das Rainhas do Rádio, unindo com outros historiadores/historiadoras não deixam de acrescentar às discussões do período, fundamentando a construção social dos artistas, políticos e homens públicos no jogo de interesses. O

profissionalismo da Rádio Nacional, além da sua proximidade com Getúlio Vargas, bem como o profissionalismo dos seus diretores e departamentos culturais, além da afirmação de Mário Lago (1977) sobre os padrinhos políticos que jogavam “os abacaxis” dentro da emissora.

A RR “construía” a história das suas “estrelas” predestinadas, alimentava o interesse dos fãs e respondia aos anseios provocados pelas figuras famosas, do mundo da arte para o mundo real. Embora tenhamos usados muitas vezes a palavra biografia para nos referimos aos trabalhos feitos sobre a vida de outras cantoras brasileiras, e da própria Ângela, dentro do periódico como fonte, focalizamos sua trajetória no contexto do rádio, através da música, da indústria fonográfica, do rádio, do cinema, percorrendo suas colunas, notas e reportagens até 1970. Falando da artista, abordamos as questões raciais através dos adjetivos aos artistas negros, como Ângela, em *colored*, morena, pretinha e moreninha, citando outros artistas como Elizeth Cardoso, Grande Otelo e Ruth de Sousa, entre o periódico e o contexto cultural do momento. As imagens de quando Ângela foi *Princesa do Rádio*, em 1953, ao ano seguinte, quando foi “eleita” Rainha, com ajuda da empresa paulista Guaraná Antártica, de Armando Louzada e de outros homens importantes.

O periódico sabia como alimentar a curiosidade dos fãs e provocar manifestações no concurso de *Rainha do Rádio*, que desde o fim dos anos 1940 era organizado pela ABR e não pela RR, como vimos em momento posterior. Era um momento de destaque da cantora, embora houvesse Rei do Rádio, como o citado Jorge Goulart, eleito em 1952, o concurso feminino era mais publicizado. Para Ângela, a vitória no concurso era um momento de maior publicidade, de aparições públicas recorrentes, como na empresa J. Isnard S/A Comércio e Indústria, onde autografou discos; ou visitando o fã-clubes de Dea Soares, no Recife, tudo isso no ano de 1954. Avançando os anos, ao lado de outros artistas, Ângela foi a jantares oficiais, como na casa de Roberto Marinho, recebendo o presidente de Portugal, Craveiro Lopes, ao lado do cantor João Dias, em 1957; ou cantava na República Dominicana, para o presidente e ditador Rafael Leónidas Trujillo Molina, em 1957. Como se a ocupação dos artistas do rádio fosse pouca e as distâncias geográficas do país fossem fáceis de serem vencidas, a cantora ainda foi à casa de uma fã, mediada pelo programa Manoel Messias, em 1959.

Se a vida a dois era conturbada, a cantora feliz, desejando algo mais, como filhos, ser professora para estar próximo de crianças, esteve durante um tempo significativo entre as canções mais vendidas, mais tocadas, mesmo com a qualidade das canções quase sempre combatida pelos críticos. A artista popular vendia sua imagem também na TV, por vezes elogiada, como na potência da sua voz, perdidas em canções de letras ruins. Algumas vezes se chamava atenção para a pobreza dos cenários do programa da cantora na TV Tupi, em 1957,

em algo que não era culpa da artista e sim da emissora. De outro modo, no mesmo ano, elogiava-se a apresentação da cantora sem afetações ou sem imitar ninguém. Ela foi uma das primeiras artistas da TV a produzir conteúdo gravado em forma de VT (vídeo-tape), para vender as emissoras, enquanto viajava, aparecia em vários canais e ganhava mais dinheiro, em 1963.

Assim como Dalva foi sua inspiração, Ângela inspirou outras artistas como Ellen de Lima, mas, para outras, como Delora Bueno, faltava a autenticidade de Elizeth Cardoso e brejeirice de Ângela. Leila Silva, famosa em São Paulo, vinda do estado do Amazonas com toda a família para morar em Santos, era a nova Ângela, com as mesmas menções de pobreza e vida simples, como os demais artistas.

Recuperamos a queda de interesse pelo rádio, os novos ritmos musicais, os choques e crises políticas, a censura no governo JK, as campanhas eleitorais com a participação dos artistas, assim como Ângela fizeram para Jânio Quadros, a renúncia dele, a posse de João Goulart, sua deposição, o Golpe Militar de 1964, a revoada e perseguição sobre os artistas tidos comunistas como Mário Lago, Jorge Goulart e Nora Ney, demitidos da Rádio Nacional, supostamente acusados por César de Alencar. Um dos momentos de destaque foi quando a RR criticou os militares em sua coluna final, não colocando a assinatura de Anselmo Domingos e a crítica era em relação ao fechamento da Rádio Mayrink Veiga, em texto de 1965, através do Mandado de Segurança nº 16.132/6, no governo do presidente Castelo Branco. Esses sumiços da assinatura, antes recorrentes, não foram apenas para essa crítica, contudo em outros momentos anteriores, elas ocorreram de forma intercalada ou, na verdade, assinavam usando o nome de Anselmo para credibilizar a fala final de cada edição.

No período inicial da ditadura militar, quando Ângela voltou de Portugal, ficou algum tempo em seu apartamento, em silêncio, até que tudo se regularizou e os “shows voltaram”, afirmação de entrevista posterior, em 1988, a apresentadora Marília Gabriela. Para ela, a normalidade não se aplicava aos artistas tidos como comunistas, demitidos e perseguidos durante o período. A artista viveu as crises políticas do segundo governo Vargas, da posse de João Goulart, da Ditadura Militar, contudo, alinhada ao pensamento político de direita. Foi presença entre os presidentes Vargas, JK, além da campanha eleitoral para Jânio Quadros.

Na sua carreira, muitas vezes Ângela esteve entre os discos mais vendidos, embora recebesse muitas críticas por ser repertório, por boa parte das canções mais executadas ou vendidas em listagem no periódico. Apesar das poucas edições de 1966, com ausência dos dois anos seguintes nas digitalizações de Hemeroteca, voltando aos anos de 1969 e 1970, com suas falhas nos anos de 1953, 1956, 1963 e nos anos finais da RR, nos causou um impedimento de

descobrir até quando suas gravações estiveram entre as mais vendidas nas listagens. No entanto foi, durante muito tempo, uma artista de boas vendas, apesar das críticas especializadas.

REFERÊNCIAS

- ABREU, João Batista de; BERTOLINI, Júlia. **Histórias de vida e aprendizagem: A memória do rádio a partir do relato de ouvintes septuagenários.** In: REVISTA DO ARQUIVO GERAL DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO, n.4, 2010, p.139-157. Disponível em: http://wpro.rio.rj.gov.br/revistaagcrj/wp-content/uploads/2016/10/e04_a4.pdf. Acesso em: 1 jun. 2022.
- ALMEIDA, Silvio. **O que é racismo estrutural?** In: Feminismos Plurais, Belo Horizonte, Letramento, 2018.
- AVANCINI, Maria Marta Picarelli. **Nas tramas da fama: as estrelas do rádio em sua época áurea, Brasil, anos 40 e 50.** 1996. 140f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1583299>. Acesso em: 1 jun. 2022.
- BACZKO, Bronislaw. **Imaginação Social.** In: ROMANO, Ruggiero (org) Enciclopédia Einaudi. Lisboa: Imprensa Nacional, pp. 296-332. 1985.
- BAENA, Pâmela Keiti. **O papel da Revista do Rádio na difusão do Rock.** 2016. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/343229094_O_papel_da_Revista_do_Radio_na_difusao_do_Rock. Acesso em: 1 jun. 2022.
- BARBOSA, Marialva. **Entre o jornalismo e a história/A entrevista como articulação narrativa do tempo.** In: MAUAD, Ana Maria. História oral e mídia: Memórias em movimento. São Paulo, Letra e Voz, 2016, pp. 11-25.
- BAUMWORCEL, Ana. **1954: um retrato do rádio na época de Vargas,** pp. 19-34. In: BAUM, Ana (org). Vargas, agosto de 54: a história contada pelas ondas do rádio. Rio de Janeiro. Garamond. 2004b.
- BORGES, Paola Giuliana. **Cantoras do rádio e mulheres: um estudo sobre representações femininas no Brasil da década de 1950.** 2017. 1 recurso online (233 p.) Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1631412>. Acesso em: 6 ago. 2022.
- BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário.** São Paulo: Cia das Letras, 1996.
- CALABRE, Lia. **Na sintonia do tempo: Uma leitura do cotidiano através da produção ficcional radiofônica (1940-1946).** 1996. 242 f. Dissertação de Mestrado. Curso de História da Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro. Disponível em: [NA SINTONIA DO TEMPO: Uma leitura do cotidiano através da produção ficcional radiofônica. \(1940 - 1946\) \(uff.br\)](http://uff.br). Acesso em: 31 maio. 2022.

_____, Lia. **No tempo do rádio: radiodifusão e cotidiano no Brasil, 1923-1960**. 2002. 276 f. 1v. Tese (Doutorado em História) Curso de História da Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: [NO TEMPO DO RÁDIO: Radiodifusão e Cotidiano no Brasil. 1923 - 1960. \(uff.br\)](#). Acesso em: 31 maio. 2022.

_____, Lia. **A era do rádio**. 2ª. Edição. Jorge Zahar. Rio de Janeiro. 2004a.

_____, Lia. **CONSPIRAÇÕES SONORAS: A RÁDIO GLOBO E A CRISE DO GOVERNO VARGAS (1953-1954)**, pp. 35-44. In: BAUM, Ana (org). Vargas, agosto de 54: a história contada pelas ondas do rádio. Rio de Janeiro. Garamond. 2004b.

_____, Lia. **O RÁDIO DOS ANOS 1920 A 1940: Formação de novas práticas cotidianas**, pp. 113-131. In: MAUAD, Ana Maria. História Oral e mídia: Memórias em movimento. São Paulo. Letra e Voz. 2016.

CANCLINI, Néstor Garcia. **As culturas populares no capitalismo**. 1983. Tradução de Cláudio Novaes Pinto Coelho. São Paulo, Editora Brasiliense, 1983.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo, Selo Negro, 2011.

CEDRO, Marcelo. **O governo Juscelino Kubitschek (1956-1961): estabilidade política e desenvolvimento econômico**, pp. 188-221. In: O BRASIL REPUBLICANO 3: O TEMPO DA EXPERIÊNCIA DEMOCRÁTICA: DA DEMOCRATIZAÇÃO DE 1945 AO GOLPE CIVIL-MILITAR DE 1964: TERCEIRA REPÚBLICA (1945-1964) / organizado por Jorge Ferreira e Lucília de Almeida Neves Delgado. – rev. e atual. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019. (O Brasil republicano; 3) recurso digital. Formato: Epub.

CHARTIRER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 2002.

CONTIER, A. D. Villa-Lobos: o selvagem da modernidade. **Revista de História**, [S. l.], n. 135, p. 101-119, 1996. DOI: 10.11606/issn.2316-9141.v0i135p101-119. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/18798>. Acesso em: 1 jun. 2022.

_____, A. D. Memória, História e Poder: A Sacralização do Nacional e do Popular na Música (1920-50). **Revista Música**, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 05-36, 1991. DOI: 10.11606/rm.v2i1.55016. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revistamusica/article/view/55016>. Acesso em: 1 jun. 2022.

CORRÊA, Thomaz Souto. **A ERA DAS REVISTAS DE CONSUMO**. In: LUCA, T. R de.; MARTINS, A L. (org). História da imprensa no Brasil. 2. ed. 1ª reimpressão. São Paulo. Contexto, 2013, pp. 173-194.

DÂNGELO, Newton. **INTELECTUAIS, REVISTAS RADIOFÔNICAS E MÚSICA POPULAR NO BRASIL: O RÁDIO POR ESCRITO – 1924-1954**. In: XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA: Conhecimento histórico e diálogo social. ANPUH BRASIL. 2013. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1363386092_ARQUIVO_textocompleto.pdf. Acesso em: 1 jun. 2022.

DIAS, L. M.; ADAMI, A.; SANDE, M. Revistas especializadas de rádio no Brasil e a espetacularização (décadas de 1920 a 1950). **Acervo - Revista do Arquivo Nacional**, v. 34, n. 3, p. 1-16, 2021. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/163475>. Acesso em: 01 jun. 2022.

DUARTE, Regina Horta. **A biologia militante: o Museu Nacional, especialização científica, divulgação do conhecimento e práticas políticas no Brasil- 1962-1945**. Editora da UFMG, Belo Horizonte, 2010.

ESPIG, Márcia Janete. **Ideologia, Mentalidades e Imaginário: Cruzamentos e Aproximações Teóricas**, pp. 151-167, Anos 90, N° 10, 1998.

FERNANDES, C. M.; DIAS, L. C. M. Revista do Rádio: espetáculo e entretenimento na Magazine da década de 50. **Animus. Revista Interamericana de Comunicação Midiática**, [S. l.], v. 21, n. 45, 2022. DOI: 10.5902/2175497764992. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/animus/article/view/64992>. Acesso em: 1 jun. 2022.

FERREIRA, Jorge. **O governo Goulart e o golpe civil-militar de 1964**. PP. 365-424. In: O BRASIL REPUBLICANO 3: O TEMPO DA EXPERIÊNCIA DEMOCRÁTICA: DA DEMOCRATIZAÇÃO DE 1945 AO GOLPE CIVIL-MILITAR DE 1964: TERCEIRA REPÚBLICA (1945-1964) / organizado por Jorge Ferreira e Lucília de Almeida Neves Delgado. – rev. e atual. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019. (O Brasil republicano; 3) recurso digital. Formato: Epub.

FONSECA, Pedro Cezar Dutra; SALOMÃO, Ivan Colangelo. **O nacional-desenvolvimentismo em tempos de Getúlio Vargas (1951-1954)**, pp. 140-161. In: O BRASIL REPUBLICANO 3: O TEMPO DA EXPERIÊNCIA DEMOCRÁTICA: DA DEMOCRATIZAÇÃO DE 1945 AO GOLPE CIVIL-MILITAR DE 1964: TERCEIRA REPÚBLICA (1945-1964) / organizado por Jorge Ferreira e Lucília de Almeida Neves Delgado. – rev. e atual. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019. (O Brasil republicano; 3) recurso digital. Formato: Epub.

GIANELLI, Carlos Gregório dos Santos. **O ACERVO DIGITALIZADO DA REVISTA DO RÁDIO NA HEMEROTECA DIGITAL DA BIBLIOTECA NACIONAL: REFLEXÕES E USOS DA HISTÓRIA DIGITAL NO TEMPO PRESENTE**. Revista Escritas, v. 8, n. 2, p. 8-27, 13 jan. 2017. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/escritas/article/view/2452>. Acesso em: 1 jun. 2022.

HAUSSEN, Doris Fagundes; BACCHI, Camila Stefenon. **A Revista do Rádio através de seus editoriais (década de 50)**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DA COMUNICAÇÃO, 24., Campo Grande, 2001. **Anais [...]**. Campo Grande: Intercom, 2001. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/435>. Acesso em: 31 maio 2022.

_____, Doris Fagundes. **Rádio e política: tempos de Vargas a Perón**. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. (Coleção Comunicação, 9).

KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo: estudos sobre história**. Tradução Markus Hediger. 1 ed, pp. 19-72, Rio de Janeiro, Contraponto: PUC-Rio, 2014.

LAGO, Mário. **Bagço de beira-estrada**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1977.

LUCA, Tania Regina. **História dos, nos e por meio dos periódicos**. In: Fontes Históricas. PINSKY, Carla Bassanezi (org.). 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

MACIEL, Ana Carolina de Moura Delfim. **“Yes, nós temos bananas”- Cinema industrial paulista: a Companhia Cinematográfica Vera Cruz, atrizes de cinema e Eliane Lage. Brasil, anos 1950**. São Paulo, Alameda, 2011.

MATOS, Maria Izilda Santos de. **NA TRAMA URBANA: DO PÚBLICO, DO PRIVADO E DO ÍNTIMO**. PROJETO HISTÓRIA, v. 13, p. 129-149, 1996a.

MAUAD, A. M. Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 133-174, 2005. DOI: 10.1590/S0101-47142005000100005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/5417>. Acesso em: 1 jun. 2022.

MEIRELLES, Regina. **O SAMBA-CANÇÃO: A ELOQUÊNCIA DE UM GÊNERO MUSICAL**. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tecap/article/view/12633>. Acesso em: 29 ago. 2022.

MOREIRA, Adilson. **Racismo recreativo**. In: Feminismos Plurais. São Paulo, Pólen, 2019.

NAPOLITANO, Marcos. **CULTURA BRASILEIRA UTOPIA E MASSIFICAÇÃO (1950-1980)**. São Paulo, Contexto, 2001.

_____, Marcos. **História & Música- História cultural da música popular**. Autêntica. Belo Horizonte. 2002.

_____, Marcos. **A música brasileira na década de 1950**. *Revista USP*, (87), 56-73 (2010). Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i87p56-73>. Acesso em: 29 ago. 2022.

_____, Marcos. **Arte e cultura na República de 1946**, pp. 276-309. In: O BRASIL REPUBLICANO 3: O TEMPO DA EXPERIÊNCIA DEMOCRÁTICA: DA

DEMOCRATIZAÇÃO DE 1945 AO GOLPE CIVIL-MILITAR DE 1964: TERCEIRA REPÚBLICA (1945-1964) / organizado por Jorge Ferreira e Lucília de Almeida Neves Delgado. – rev. e atual. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019. (O Brasil republicano; 3) recurso digital. Formato: Epub.

NEGRO, Antonio Luigi; SILVA, Fernando Teixeira da. **Trabalhadores, sindicatos e política (1945-1964)**, pp. 43-88. In: O BRASIL REPUBLICANO 3: O TEMPO DA EXPERIÊNCIA DEMOCRÁTICA: DA DEMOCRATIZAÇÃO DE 1945 AO GOLPE CIVIL-MILITAR DE 1964: TERCEIRA REPÚBLICA (1945-1964) / organizado por Jorge Ferreira e Lucília de Almeida Neves Delgado. – rev. e atual. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019. (O Brasil republicano; 3) recurso digital. Formato: Epub.

OLIVEIRA, M. R. de. Pituca/Mozart Régis nas páginas da Revista do Rádio. **Resgate: Revista Interdisciplinar de Cultura**, Campinas, SP, v. 22, n. 1, p. 79–90, 2014. DOI: 10.20396/resgate.v22i27.8645770. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/resgate/article/view/8645770>. Acesso em: 1 jun. 2022.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. Leituras Afins. 1985

_____, Renato. **Mundialização e Cultura**. São Paulo. Editora Brasiliense. 2007.

PARANHOS, Adalberto de Paula. **Os desafinados: sambas e bambas no "Estado Novo"**. 2005. 208 f. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: [INTRODUÇÃO \(pucsp.br\)](https://repositorio.pucsp.br/handle/11362/11362). Acesso em: 1 jun. 2022.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **MODERNIZAÇÃO E CONCENTRAÇÃO: A IMPRENSA CARIOCA DOS ANOS 1950-1970**. PP. 426-435. In: História e imprensa: representações culturais e práticas de poder. Lúcia Maria Bastos P. Neves; Marco Morel; Tânia Maria Bessone da C. Ferreira (orgs). Faperj, Rio de Janeiro, 2006.

RIDENTI, Marcelo. **A GRANDE FAMÍLIA COMUNISTA NOS MOVIMENTOS CULTURAIS DOS ANOS 1960**. In: Em busca do povo brasileiro: artistas da revolução, do CPC à era da TV. São Paulo: EDUNESP, 2014, pp. 45/118.

SANTOS, Adriana Alves dos. **Carmen Miranda, o sistema de radiodifusão e o samba**. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – São Paulo - SP – 05 a 09/09/2016.

SEVERIANO, Jairo; MELLO, Zuza Homem de. **A canção no tempo: 85 anos de músicas brasileiras, vol. 1: 1901-1957 (1997) e vol. 2: 1958-1985 (1998)**, São Paulo, Ed. 34.

SILVA, Paula Rafaela da. **Ladies no batente: a representação do trabalho feminino na revista Lady: a companheira da mulher (1956-1959)**. 2010. 157 f. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/2354>. Acesso em: 07 ago. 2022.

SILVA, Leandro; GUERRA, Paula. **ENCRUZILHADAS ATLÂNTICAS: REPRESENTAÇÕES SOBRE ÂNGELA MARIA EM PORTUGAL, ANGOLA E MOÇAMBIQUE. ARTIGO - DOSSIÊ.** In: Projeto História, São Paulo, v.59, pp.74-104, Abri.-Jul. 2017. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/28404/23439>. Acesso em: 1 jun. 2022.

TINHORÃO, José Ramos. **História social da música popular brasileira.** São Paulo: Editora 34, 2ª ed. 2010.

TRESCENTTI, João Lucas Poiani. Quem paga a conta? Os principais anunciantes da Revista do Rádio (RJ, 1948-1959). In: **XXV Encontro Estadual de História ANPUH-SP: História, Desigualdades e Diferenças.** 2020. Disponível em: https://www.encontro2020.sp.anpuh.org/resources/anais/14/anpuh-sp-erh2020/1600800334_ARQUIVO_bdd037128efc55cf89ea21533ab0522e.pdf. Acesso em: 1 jun. 2022.

_____. João Lucas Poiani. **Propagandas na Revista do Rádio (RJ, 1948-1959).** João Lucas Poiani Trescentti. Assis, 2022. 214 f. : il. Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis Orientadora: Profa. Dra. Tania Regina de Luca. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/236528>. Acesso em: 22 out. 2022.

Revista do Rádio (RJ, 1948-1959). Disponível on-line na Hemeroteca Digital Brasileira, da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://hemerotecadigital.bn.br/acervo-digital/revista-radio/144428>. Acesso em: 1 jun. 2022.

VELLOSO, Mônica. **Mário Lago: boemia e política.** Rio de Janeiro. Fundação Getúlio Vargas, 1ª ed. 1997.

WANDERLEY, Sonia. **História e TV: produção e difusão do saber- a televisão como cenário de representação política.** In: História e imprensa: representações culturais e práticas de poder. Lúcia Maria Bastos P. Neves; Marco Morel; Tânia Maria Bessone da C. Ferreira (orgs). Faperj, Rio de Janeiro, 2006.

WESCHENFELDER, Viviane Inês; SILVA, Mozart Linhares da. **A cor da mestiçagem: o pardo e a produção de subjetividades negras no Brasil contemporâneo.** In: Análise Social, LIII (2.º), 2018 (n.º 227), pp. 308-330. Disponível: <https://revistas.rcaap.pt/analisesocial/article/view/22302/16429>. Acesso em: 06 ago. 2022.

MEMÓRIAS, BIOGRAFIAS E DEPOIMENTOS:

A TURMA OK - DESDE 1961, O PRIMEIRO COLETIVO GAY DO BRASIL NA ARTE DO TRANSFORMISMO (PARTE 1): ARQUIVOS DA CENA LGBTQI+ CARIOCA, ELAINE PARKER (César Amâncio, presidente da TURMA OK) e LADY BYNYDYDITCHA. Janeiro de 2021. [S.l.]. Canal Rodrigo Faour Oficial. 1 vídeo (27 min 18 seg). Publicado por Rodrigo Faour Oficial. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xGLIEItYhRY&t=1346s>. Acesso em: 31 maio 2022.

AGUIAR, Ronaldo Conde. **Almanaque da Rádio Nacional**. Casa da Palavra. Rio de Janeiro. 2007.

_____, Ronaldo Conde. **As divas do rádio nacional: vozes eternas da Era de Ouro**. Casa da Palavra. Rio de Janeiro. 2010.

ARAGÃO, Diana. **Marlene: a incomparável**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2012.

CABRAL, Sérgio. **No tempo de Almirante: uma história do rádio e da MPB**. Rio de Janeiro: Francisco Alves Ed., 1990.

_____, Sérgio. **No tempo de Ary Barroso**. Rio de Janeiro. Lumiar Editora. 1993.

_____, Sérgio. **A MPB na era do rádio**. São Paulo. Editora Moderna. 1996.

_____, Sérgio. **Grande Otelo: uma biografia**. Editora 34. 2007.

_____, Sérgio. **Ataulfo Alves: vida e obra**. São Paulo. Companhia Editora Nacional. 2009.

CARVALHO, Tania. **A história da publicidade, rádio, televisão e teatro brasileiros na visão de Victor Berbara: o homem das mil faces**. São Paulo, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008.

CASTRO, Ruy. **Carmen uma biografia**. São Paulo. Companhia das Letras. 2005.

CAYMMI, Stella. **Dorival Caymmi- O mar e o tempo**. São Paulo. Editora 34. São Paulo. 1ª edição. 2001.

COMO ERA SER GAY NA RÁDIO NACIONAL, NA CINELÂNDIA E BAILES CARNAVALESCOS NO RIO DOS ANOS 50 E 60? ARQUIVOS DA CENA LGBTQI+ CARIOCA, CÉZAR SEPÚLVEDA, o CEZINHA. Janeiro de 2021. [S.l.]. Canal Rodrigo Faour Oficial. 1 vídeo (46 min 19 seg). Publicado por Rodrigo Faour Oficial. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9o4nvILGmSQ&t=1s>. Acesso em: 31 maio 2022.

DUARTE, Ana; RIBEIRO, Pery. **Minhas duas estrelas - Uma vida com meus pais Dalva de Oliveira e Herivelto Martins**. Globo. 2009.

FAOUR, Rodrigo. **Revista do Rádio: cultura, fuxico e moral nos anos dourados**. Editora Relume Dumará. Rio de Janeiro. 2002.

_____, Rodrigo. **Ângela Maria- A eterna cantora do Brasil**. Editora Record. Rio de Janeiro/São Paulo. 2015.

_____, Rodrigo. **HISTÓRIA DA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA SEM PRECONCEITOS: DOS PRIMÓRDIOS, EM 1500, AOS EXPLOSIVOS ANOS 1970**. Vol. 1. Editora Record. 2021.

FERREIRA, Ângela Cristina; ARMEL, Paulo. **Emilinha Borba: biografia autorizada**. Rio de Janeiro: Triângulo, Design e Produções Gráficas, 2005.

GOLDFEDER, Miriam. **Por trás das ondas da Rádio Nacional**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

HUPFER, Maria Luisa Rinaldi. **As Rainhas do Rádio: símbolos da nascente indústria cultural brasileira**. São Paulo. Senac Editoras. 2009.

LENHARO, Alcir. **Cantores do Rádio- a trajetória de Nora Ney e Jorge Goulart e o meio artístico de seu tempo**. UNICAMP. Campinas. 1995.

LOGULLO, Eduardo. **Maysa: meu mundo caiu**. Osasco, São Paulo. Novo Século Editora. 2007.

RODRIGUES, Patrícia. **Adelaide Chiozzo, o acordeom e o beijinho doce**. São Paulo, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2012.

VIEIRA, Jonas. **César de Alencar: A voz que abalou o rádio**. Rio de Janeiro: Valda Editora e Produtora Ltda, 1993.

CANÇÕES E DISCOS:

Ângela Maria. In: Instituto Memória Musical Brasileira (IMMuB). Disponível em: <https://immub.org/artista/Ângela-maria>. Acesso em: 29 ago. 2022.

"**Cantores do rádio**"/"**Revista do rádio**" - Maria Bethânia (1981). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=VtKCQH7X_1g. Acesso em: 29 ago. 2022.

MEXERICO DA CANDINHA==MOACYR FRANCO==1962.wmv. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sjghKKyKHTU>. Acesso em: 29 ago. 2022.

Roberto Carlos & José Menezes - Mexerico da Candinha (RCEsp-1976). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=-_kDirFtdc. Acesso em: 29 ago. 2022.

PELA SAUDADE QUE ME INVADE - UM TRIBUTU A DALVA DE OLIVEIRA, 1997, Sony Music. Disponível em: <https://immub.org/album/pela-saudade-que-me-invade-um-tributo-a-dalva-de-oliveira>. Acesso em: 29 ago. 2022.

[Sputnik 1: O primeiro satélite a orbitar a Terra - Brasil Escola \(uol.com.br\)](https://www.uol.com.br). Acesso em: 29 ago. 2022.

FILMES, ENTREVISTAS E PROGARMAS DE TV:

14 - Ângela Maria no Cinema - 1961 - Apaixonada - Filme: O Caminho da Esperança. <https://www.youtube.com/watch?v=kd6utA-ccSs>. Acesso em: 29 ago. 2022.

Ângela Maria – Escuta. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=V98-ICjNLcQ>. Acesso em: 29 ago. 2022.

América de Noite (1961). Disponível em: <https://www.imdb.com/title/tt0140805/fullcredits>. Acesso em: 29 ago. 2022.

CARA A CARA, ENTREVISTA DE ÂNGELA MARIA COM MARÍLIA GABRIELA. Band. 1988. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=WZIX_WgeTiU. Acesso em: 29 ago. 2022.

Rosas de Ouro 1994 - Sapoti. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hSOCdkRf2I8>. Acesso em: 29 ago. 2022.

ANEXOS

ANEXO 1

Tabela 2- Menção para os discos mais vendidos no repertório de Ângela Maria, na coluna *Discos*

CANÇÃO/ AUTORIA/ GRAVADORA ¹⁰¹	POSIÇÃO/ POSIÇÕES	NOME DA SUBCOLUNA	NÚMERO/ PÁGINA/DATA
<i>Nem Eu</i> , Dorival Caymmi (RCA Victor)	2ª posição, entre os 5	Os campeões de popularidade	Nº 189, p. 35, 21/04/1953
<i>Nem Eu</i>	3ª posição, entre os 5	Os campeões de popularidade	Nº 190, p. 29, 28/04/1953
<i>Nem Eu</i>	4ª posição, entre os 5	Os campeões de popularidade	Nº 191, p. 35, 05/05/1953
<i>Nem Eu</i>	4ª posição, entre os 5	Os campeões de popularidade	Nº 192, p. 34, 12/05/1953
<i>Nem Eu</i>	3ª posição, entre os 5	Os sucessos	Nº 194, p. 37, 26/05/1953
<i>Nem Eu</i>	3ª posição, entre os 5	Os sucessos	Nº 195, p. 34, 02/06/1953
<i>Nem Eu</i>	5ª posição, entre os 5	Os campeões de popularidade	Nº 197, p. 37, 16/06/1953
<i>Fósforo Queimado</i> , Paulo Menezes / Milton Legey / Roberto Lamago (Copacabana)	3ª posição, entre os 5	<i>Notas Soltas Discos</i> informa sobre os discos mais vendidos da gravadora Copacabana	Nº 209, p. 36, 08/09/1953
<i>Fósforo Queimado</i>	5ª posição, entre os 5	Os campeões de popularidade	Nº 210, p. 37, 15/09/1953
<i>Fósforo Queimado</i>	4ª posição, entre os 5	Os campeões de popularidade	Nº 213, p. 37, 06/10/1953
<i>Fósforo Queimado</i>	3ª posição, entre os 5	Os campeões de popularidade	Nº 215, p. 37, 20/10/1953
<i>Fósforo Queimado</i>	3ª posição, entre os 5	Os campeões de popularidade	Nº 216, p. 37, 27/10/1953
<i>Fósforo Queimado</i>	4ª posição, entre os 5	Os campeões de popularidade	Nº 217, p. 37, 07/11/1953
<i>Orgulho</i> , Nelson Wederkind / Waldir Rocha (Copacabana)	4ª posição, entre os 5	Os campeões de popularidade	Nº 219, p. 23, 21/11/1953

¹⁰¹ Em muitos momentos as colunas não traziam o nome dos compositores/compositoras ou das gravadoras, em outros, algumas informações desapareciam e reapareciam, no entanto resolvemos adicioná-las, na primeira menção para cada gravação, consultando a página do Instituto Memória Musical Brasileira (IMMuB).

<i>Orgulho</i>	3ª posição, entre os 5	Os campeões de popularidade	Nº 220, p. 23, 28/11/1953
<i>Orgulho</i> <i>Fósforo Queimado</i> (Copacabana)	4ª e 5ª posições, entre os 5 5ª posição, entre os 5	Os campeões de popularidade <i>Notas Soltas Discos</i> informa sobre os discos mais vendidos da gravadora Copacabana	Nº 221, pp. 22-23, 05/12/1953
<i>Orgulho</i>	5ª posição, entre os 5	Os campeões de popularidade	Nº 222, p. 37, 12/12/1953
<i>Orgulho</i>	4ª posição, entre os 5	Os campeões de popularidade	Nº 223, p. 37, 19/12/1953
<i>Orgulho</i>	3ª posição, entre os 5	Os campeões de popularidade	Nº 225, p. 37, 02/01/1954
<i>Orgulho</i>	4ª posição, entre os 5	Os campeões de popularidade	Nº 226, p. 37, 09/01/1954
<i>Vida de Bailarina, Chocolate e Américo Seixas</i> (Copacabana)	4ª posição, entre os 5	Os campeões de popularidade	Nº 227, p. 36, 16/01/1954
<i>Vida de Bailarina</i>	3ª posição, entre os 5	Os campeões de popularidade	Nº 231, p. 29, 13/02/1954
<i>Vida de Bailarina</i>	3ª posição, entre os 5	Os campeões de popularidade	Nº 238, p. 29, 03/04/1954
<i>Vida de Bailarina</i>	1ª posição, entre os 5	Os campeões de popularidade	Nº 239, p. 31, 10/04/1954
<i>Vida de Bailarina</i>	2ª posição, entre os 5	Os campeões de popularidade	Nº 240, p. 37, 17/04/1954 ¹⁰²
<i>Vida de Bailarina</i>	4ª posição, entre os 5	Os campeões de popularidade	Nº 241, p. 37, 24/04/1954
<i>Vida de Bailarina</i>	4ª posição, entre os 5	Os campeões de popularidade	Nº 242, p. 37, 01/05/1954
<i>Encantamento, Othon Russo /</i>	5ª posição, entre os 5	Os campeões de popularidade	Nº 248, p. 25, 12/06/1954

¹⁰² Nessa mesma edição, além dessa menção, uma publicidade maior em página inteira, com foto da cantora, anunciando os "ÚLTIMOS SUCESSOS DE ÂNGELA MARIA EM DISCOS COPACABANA", com dois sambas-canções: *Só desejo você* e *Foi um sonho* (P. 48, 17/04/1954).

<i>Nazareno de Brito</i> (Copacabana)			
<i>Encantamento</i>	4ª posição, entre os 5	Os campeões de popularidade	Nº 249, p. 25, 19/06/1954
<i>Encantamento</i>	5ª posição, entre os 5	Os campeões de popularidade	Nº 251, p. 21, 03/07/1954
<i>Encantamento</i>	5ª posição, entre os 5	Os campeões de popularidade	Nº 253, p. 35, 17/07/1954
<i>Recusa, Herivelto Martins</i> (Copacabana)	3ª posição, entre os 5	Os campeões de popularidade	Nº 266, p. 29, 16/10/1954
<i>Recusa</i>	1ª posição, entre os 5	Os campeões de popularidade	Nº 267, p. 27, 23/10/1954
<i>Recusa</i>	1ª posição, entre os 5	Os campeões de popularidade	Nº 268, p. 15, 30/10/1954
<i>Recusa</i>	2ª posição, entre os 5	Os campeões de popularidade	Nº 269, p. 25, 06/11/1954
<i>Recusa</i>	2ª posição, entre os 5	Os campeões de popularidade	Nº 270, p.25, 13/11/1954
<i>Recusa</i>	1ª posição, entre os 5	Os campeões de popularidade	Nº 271, p. 41, 20/11/1954
<i>Recusa</i>	1ª posição, entre os 5	Os campeões de popularidade	Nº 272, p. 25, 27/11/1954
<i>Recusa</i>	2ª posição, entre os 5	Os campeões de popularidade	Nº 273, p. 25, 04/12/1954
<i>Recusa</i>	3ª posição, entre os 5	Os campeões de popularidade	Nº 274, p. 41, 11/12/1954
<i>Recusa</i>	5ª posição, entre os 5	Os campeões de popularidade	Nº 275, p. 15, 18/12/1954
<i>Rio é Amor, Bruno Marnet</i> (Copacabana)	4ª posição, entre os 5	Os campeões de popularidade São Paulo	Nº 276, pp. 14-15, 25/12/1954
<i>Recusa</i>	3ª posição, entre os 5	Os campeões de popularidade Rio (de Janeiro)	

<i>Recusa</i>	3ª posição, entre os 5	Os campeões de popularidade Rio (de Janeiro)	Nº 277, p. 15, 01/01/1955
<i>Recusa</i>	3ª posição, entre os 5	Os campeões de popularidade Rio (de Janeiro)	Nº 278, p. 15, 08/01/1955
<i>Escuta, Ivon Curi (Copacabana)</i>	4ª posição, entre os 5	<i>Coluna Discos</i> , Jair Amorim, os discos mais vendidos em São Paulo	Nº 302, p. 24, 25/06/1955
<i>Escuta</i>	1ª posição, entre os 5	Os discos mais vendidos São Paulo	Nº 303, p. 36, 02/07/1955
<i>Lábios de Mel, Waldir Rocha (Copacabana)</i>	3ª posição, entre os 5	Os discos mais vendidos Rio	Nº 303, p. 37, 02/07/1955
<i>Lábios de Mel</i>	4ª posição, entre os 5	Os discos mais vendidos Rio	Nº 304, p. 15, 09/07/1955
<i>Escuta</i>	1ª posição, entre os 5	Os discos mais vendidos São Paulo	Nº 305, p. 38, 16/07/1955
<i>Lábios de Mel</i>	1ª posição, entre os 5	Os discos mais vendidos Rio	Nº 307, p. 39, 30/07/1955
<i>Lábios de Mel</i>	1ª posição, entre os 5	Os discos mais vendidos Rio	Nº 308, p. 29, 06/08/1955
<i>Lábios de Mel</i>	5ª posição, entre os 5	Os discos mais vendidos São Paulo	Nº 309, p. 24, 13/08/1955
<i>Escuta</i>	3ª posição, entre os 5	Os discos mais vendidos São Paulo	Nº 310, pp. 38-39, 20/08/1955
<i>Lábios de Mel</i>	3ª posição, entre os 5	Os discos mais vendidos Rio	
<i>Lábios de Mel</i>	4ª posição, entre os 5	Os discos mais vendidos Rio	Nº 311, p. 15, 27/08/1955
<i>Escuta</i>	1ª posição, entre os 5	Os discos mais vendidos São Paulo	Nº 312, pp. 24-25, 03/09/1955
<i>Lábios de Mel</i>	1ª posição, entre os 5	Os discos mais vendidos Rio	
<i>Lábios de Mel</i>	1ª posição, entre os 5	Os discos mais vendidos Rio	Nº 313, p. 33, 10/09/1955

<i>Lábios de Mel e Adeus, querido</i> , ¹⁰³ Eduardo Patané / Florianô Faissal (Copacabana)	1ª e 2ª posições, entre os 5	Os discos mais vendidos Rio	Nº 314, p. 33, 17/09/1955
<i>Lábios de Mel</i>	5ª posição, entre os 5	Os discos mais vendidos São Paulo	Nº 315, pp. 14- 14, 24/09/1955
<i>Adeus, querido</i>	1ª posição, entre os 5	Os discos mais vendidos Rio	
<i>Adeus, querido</i>	1ª posição, entre os 5	Os discos mais vendidos Rio	Nº 316, p. 29, 01/10/1955
<i>Adeus, querido</i>	3ª posição, entre os 5	Os discos mais vendidos São Paulo	Nº 317, pp. 32- 33, 08/10/1955
<i>Adeus, querido</i>	1ª posição, entre os 5	Os discos mais vendidos Rio	
<i>Adeus, querido</i>	2ª posição, entre os 5	Os discos mais vendidos São Paulo	Nº 318, pp. 24- 25, 15/10/1955
<i>Adeus, querido</i>	1ª posição, entre os 5	Os discos mais vendidos Rio	
<i>Adeus, querido</i>	1ª posição, entre os 5	Os discos mais vendidos São Paulo	Nº 319, pp. 24- 25, 22/10/1955
<i>Adeus, querido</i>	1ª posição, entre os 5	Os discos mais vendidos Rio	
<i>Adeus, querido</i>	2ª posição, entre os 5	Os discos mais vendidos São Paulo	Nº 320, pp. 38- 39, 29/10/1955
<i>Adeus, querido</i>	1ª posição, entre os 5	Os discos mais vendidos Rio	
<i>Adeus, querido,</i> (com Romeu Fernandes) (Sínter)	2ª posição, entre os 5	Os discos mais vendidos Rio	Nº 321, pp. 24-25 05/11/1955
<i>Adeus, querido</i>	1ª posição, entre os 5	Os discos mais vendidos São Paulo ¹⁰⁴	

¹⁰³ Na citação era “Adeus, querida”, quando na verdade deveria ser *Adeus, querido*, fizemos o ajuste. Vimos em outro momento quando a RR chamou a canção apenas de *Querida*.

¹⁰⁴ Nesta edição houve uma inversão entre São Paulo e Rio de Janeiro.

(com Romeu Fernandes (Sínter)			
<i>Adeus, querido</i>	2ª posição, entre os 5	Os discos mais vendidos São Paulo	Nº 322, pp. 24-25 12/11/1955
<i>Adeus, querido</i>	1ª posição, entre os 5	Os discos mais vendidos Rio	
<i>Adeus, querido</i>	1ª posição, entre os 5	Os discos mais vendidos São Paulo	Nº 323, pp. 24-25 19/11/1955
<i>Adeus, querido</i>	3ª posição, entre os 5	Os discos mais vendidos Rio	
<i>Adeus, querido</i>	3ª posição, entre os 5	Os discos mais vendidos São Paulo	Nº 324, pp. 24-25 26/11/1955
<i>Adeus, querido</i>	4ª posição, entre os 5	Os discos mais vendidos Rio	
<i>Adeus, querido</i>	2ª posição, entre os 5	Os discos mais vendidos São Paulo	Nº 325, pp. 28-29 03/12/1955
<i>Adeus, querido</i>	4ª posição, entre os 5	Os discos mais vendidos Rio	
<i>Adeus, querido</i>	5ª posição, entre os 5	Os discos mais vendidos Rio	Nº 326, p. 39 10/12/1955
<i>Adeus, querido</i> ¹⁰⁵ (com Gregório Bários)	1ª posição, entre os 5	Os discos mais vendidos São Paulo	Nº 327, p. 32 17/12/1955
<i>Adeus, querido</i>	4ª posição, entre os 5	Os discos mais vendidos Rio	Nº 328, p. 25 24/12/1955
<i>Adeus, querido</i>	5ª posição, entre os 5	Os discos mais vendidos Rio	Nº 329, p. 25 31/12/1955
<i>Adeus, Querido</i> ¹⁰⁶	3ª posição, entre os 5	Os discos mais vendidos São Paulo	Nº 330, p. 24 07/01/1956
<i>Adeus, querido</i>	2ª posição, entre os 5	Os discos mais vendidos São Paulo	Nº 331, p. 24 14/01/1956

¹⁰⁵ Acreditamos que houve um erro da RR ao não pôr o nome de Ângela Maria.

¹⁰⁶ Até aqui o periódico punha a canção sem a vírgula (,) entre as palavras, contudo ajustamos. Desse momento em diante, ela foi acrescentada. Única edição da coleção pessoal do autor, não disponível na Hemeroteca.

<i>Fala Mangueira</i> , Mirabeau/Milton de Oliveira (Copacabana)	2ª posição, entre os 5	Os discos mais vendidos São Paulo	Nº 335, p. 24 11/02/1956
<i>Adeus, querido</i>	4ª posição, entre os 5	Os discos mais vendidos São Paulo	Nº 336, p. 28 18/02/1956
<i>A Chuva Caiu</i> , Tom Jobim/Luiz Bonfá (Copacabana)	5ª posição, entre os 5	Os discos mais vendidos São Paulo	Nº 342, p. 24, 31/03/1956
<i>Amor, coisa estranha</i> , Baby/Amauri Medeiros (Copacabana)	3ª posição, entre os 5	Os discos mais vendidos São Paulo	Nº 344, pp. 24- 25, 14/04/1956
<i>Só melancolia</i> , Pedro Rogério/Lombardi Filho (Copacabana)	1ª posição, entre os 5	Os discos mais vendidos Rio	
<i>Amor, coisa estranha</i>	3ª posição, entre os 5	Os discos mais vendidos São Paulo	Nº 345, pp. 24- 25, 21/04/1956
<i>Só melancolia</i>	2ª posição, entre os 5	Os discos mais vendidos Rio	
<i>A Chuva Caiu</i>	4ª posição, entre os 5	Os discos mais vendidos São Paulo	Nº 346, p. 24, 28/04/1956
<i>Só melancolia</i>	4ª posição, entre os 5	Os discos mais vendidos Rio	Nº 348, p. 24, 12/05/1956
<i>Só melancolia</i>	4ª posição, entre os 5	Os discos mais vendidos São Paulo	Nº 349, p. 24, 19/05/1956
<i>Amor, coisa estranha</i>	5ª posição, entre os 5	Os discos mais vendidos São Paulo	Nº 350, pp. 24- 25, 26/05/1956
<i>Mamãe</i> , com João Dias Herivelto Martins/David Nasser (Copacabana)	5ª posição, entre os 5	Os discos mais vendidos Rio	
<i>Amor, coisa estranha</i>	5ª posição, entre os 5	Os discos mais vendidos São Paulo	Nº 351, pp. 24- 25, 02/06/1956

<i>Mamãe, com João Dias</i>	3ª posição, entre os 5	Os discos mais vendidos Rio	
<i>Amor, coisa estranha</i> (Copacabana)	3ª posição, entre os 5	Os discos mais vendidos São Paulo	Nº 352, pp. 24-25, 09/06/1956 ¹⁰⁷
<i>Mamãe, com João Dias</i> (Copacabana)	1ª posição, entre os 5	Os discos mais vendidos Rio	
<i>Mamãe, com João Dias</i> (Copacabana)	3ª posição, entre os 5	Os discos mais vendidos Rio	Nº 353, p. 33, 16/06/1956
<i>Amor, coisa estranha</i> (Copacabana)	4ª posição, entre os 5	Os discos mais vendidos São Paulo	Nº 355, p. 24, 30/06/1956
<i>Mentindo,</i> Eduardo Patané/Lourival Faissal (Copacabana)	2ª posição, entre os 5	Discos mais vendidos São Paulo ¹⁰⁸	Nº 371, p. 25, 20/10/1956
<i>Mentindo</i>	4ª posição, entre os 5	Discos mais vendidos São Paulo	Nº 372, p. 24, 27/10/1956
<i>Mentindo</i>	1ª posição, entre os 5	Discos mais vendidos Rio	Nº 373, p. 25, 03/11/1956
<i>Mentindo</i>	1ª posição, entre os 5	Discos mais vendidos São Paulo	Nº 374, p. 39, 10/11/1956
<i>Mentindo</i>	2ª posição, entre os 5	Discos mais vendidos São Paulo	Nº 375, pp. 24-25, 17/11/1956
<i>Mentindo</i>	3ª posição, entre os 5	Discos mais vendidos Rio	
<i>Mentindo</i>	2ª posição, entre os 5	Discos mais vendidos São Paulo	Nº 376, p. 48, 24/11/1956 ¹⁰⁹
<i>Mentindo</i>	2ª posição, entre os 5	Discos mais vendidos São Paulo	Nº 377, pp. 48-49, 01/12/1956
<i>Mentindo</i>	3ª posição, entre os 5	Discos mais vendidos Rio	

¹⁰⁷ A coluna *Discos* tinha a assinatura de Jair Amorim, ficou sem nenhuma autoria, ao menos por um período e, quando reapareceu, veio com o nome de Max Gold.

¹⁰⁸ Pequena alteração no nome da coluna.

¹⁰⁹ Mais uma vez desaparece o nome de Max Gold da autoria da coluna *Discos* e nenhum outro é posto em substituição.

<i>Mentindo</i>	2ª posição, entre os 5	Discos mais vendidos Rio	Nº 378, p. 49, 07/12/1956
<i>Mentindo</i>	2ª posição, entre os 5	Discos mais vendidos Rio	Nº 379, p. 49, 15/12/1956
<i>Mentindo</i>	3ª posição, entre os 5	Discos mais vendidos Rio	Nº 380, p. 49, 22/12/1956
<i>Mentindo</i>	3ª posição, entre os 5	Discos mais vendidos Rio	Nº 381, p. 49, 29/12/1956
<i>Mentindo</i>	2ª posição, entre os 5	Discos mais vendidos Rio	Nº 382, p. 49, 05/01/1957
<i>Dominó, Lupicínio Rodrigues/David Nasser (Copacabana)</i>	2ª posição, entre os 5	Discos mais vendidos em Porto Alegre, por Demóstenes Gonzalez	Nº 392, p. 14, 16/03/1957
<i>Amigo ciúme, Lupicínio Rodrigues/Onofre Pontes (Copacabana)</i>	2ª posição, entre os 5	Discos mais vendidos em Porto Alegre, por Demóstenes Gonzalez	Nº 400, p. 24, 11/05/1957
<i>Amigo ciúme</i>	1ª posição, entre os 5	Discos mais vendidos em Porto Alegre, por Demóstenes Gonzalez	Nº 401, p. 36, 18/05/1957
<i>Amigo ciúme</i>	3ª posição, entre os 5	Discos mais vendidos em Porto Alegre, por Demóstenes Gonzalez	Nº 403, pp. 24; 40, 01/06/1957
<i>Amigo ciúme</i>	3ª posição, entre os 5	Discos mais vendidos São Paulo	
<i>Amigo ciúme</i>	4ª posição, entre os 5	Discos mais vendidos São Paulo	Nº 404, p. 48, 08/06/1957
<i>Amigo ciúme</i>	3ª posição, entre os 5	Discos mais vendidos São Paulo	Nº 405, p. 40, 15/06/1957
<i>Intenção, Getúlio Macedo/Lourival Faissal, (Copacabana)</i>	2ª posição, entre os 5	Discos mais vendidos São Paulo	Nº 406, pp. 44; 45, 22/06/1957
<i>Flor de Madrid, Eduardo Patané, (Copacabana)</i>	5ª posição, entre os 5	Discos mais vendidos Rio	
<i>Intenção</i>	2ª posição, entre os 5	Discos mais vendidos São Paulo	Nº 407, pp. 44; 45,

<i>Intenção</i>	4ª posição, entre os 5	Discos mais vendidos Rio	29/06/1957
<i>Amigo ciúme,</i> Lupicínio Rodrigues / Onofre Pontes (Copacabana) <i>Intenção</i> <i>Intenção</i>	3ª posição, entre os 5 2ª posição, entre os 5 4ª posição, entre os 5	Discos mais vendidos em Curitiba Discos mais vendidos São Paulo Discos mais vendidos Rio ¹¹⁰	Nº 408, p. 18; 45, 06/07/1957
<i>Intenção</i> <i>Intenção</i>	2ª posição, entre os 5 4ª posição, entre os 5	Discos mais vendidos São Paulo Discos mais vendidos Rio	Nº 409, p. 29, 13/07/1957
<i>Intenção</i> <i>Intenção</i>	4ª posição, entre os 5 3ª posição, entre os 5	Discos mais vendidos Rio Discos mais vendidos São Paulo ¹¹¹	Nº 410, p. 37, 20/07/1957
<i>Intenção</i>	4ª posição, entre os 5	Discos mais vendidos Rio	Nº 411, p. 48, 27/07/1957
<i>Intenção</i>	5ª posição, entre os 5	Discos mais vendidos Rio	Nº 412, p. 41, 03/08/1957
<i>Intenção</i>	5ª posição, entre os 5	Discos mais vendidos Rio	Nº 413, p. 41, 10/08/1957
<i>Intenção</i> <i>Amigo ciúme</i> <i>Intenção</i>	4ª posição, entre os 5 4ª posição, entre os 5 4ª posição, entre os 5	Discos mais vendidos no Paraná, por Júlio. O. Lara Discos mais vendidos em Porto Alegre, por Demóstenes Gonzalez Discos mais vendidos em Porto Alegre, por Demóstenes Gonzalez	Nº 415, pp. 20; 44, 24/08/1957 Nº 419, p. 24, 21/09/1957
<i>Intenção</i>	1ª posição, entre os 5	Discos mais vendidos em Porto Alegre, por Demóstenes Gonzalez	Nº 423, p. 50, 19/10/1957
<i>Gênio Ruim,</i> Milton Legey/Edu Rocha/ Sebastião	3ª posição, entre os 5	Discos mais vendidos em Salvador, por Machado Gomes	Nº 441, p. 36, 22/02/1958

¹¹⁰ Os discos mais vendidos vinham em páginas separadas, agora aparecem em uma mesma página, mas ainda com a distinção para São Paulo e Rio.

¹¹¹ Invertem as posições de São Paulo por Rio, em relação a edição anterior e põe a tabela na mesma página.

Ramos (Copacabana)			
<i>Apaixonada</i> , Lourival Faissal (Copacabana)	3ª posição, entre os 5	Discos mais vendidos São Paulo	Nº 457, p. 37, 14/06/1958
<i>Babalú</i> , Margarita Lecuona (Copacabana)	4ª posição, entre os 5	Discos mais vendidos São Paulo	Nº 468, p. 59, 30/08/1958
<i>Balada Triste</i> , Dalton Vogeler / Esdras Pereira da Silva, com Agostinho dos Santos (RGE) e Ângela Maria (Copacabana)	5ª posição, entre as 5	Paradas de sucessos- Rio ¹¹²	Nº 490, p. 27, 07/02/1959
<i>Balada Triste</i>	5ª posição, entre as 5	Paradas de sucessos- Rio	Nº 491, p. 29, 14/02/1959
<i>Ontem e Hoje</i> , Getúlio Macedo/Irany de Oliveira (Copacabana)	5ª posição, entre as 5	Paradas de sucessos- Rio	Nº 501, p. 37, 25/04/1959
<i>Ontem e Hoje</i>	4ª posição, entre os 5	Discos mais vendidos em Porto Alegre, por Demóstenes Gonzalez	Nº 503, p. 49, 09/05/1959
<i>Ontem e Hoje</i>	5ª posição, entre os 5	Discos mais vendidos em Porto Alegre, por Demóstenes Gonzalez	Nº 507, p. 46, 06/06/1959
<i>Ontem e Hoje</i>	5ª posição, entre os 5	Discos mais vendidos, por Demóstenes Gonzalez ¹¹³	Nº 511, p. 48, 04/07/1959
<i>Piove</i> , Domenico Modugno / Verde (Copacabana)	2ª posição, entre as 5	Paradas de sucessos- São Paulo	Nº 515, p. 41, 01/08/1959
<i>Prece à chuva</i> , Carlos Schmidt / Marina Schmidt (Copacabana)	3ª posição, entre as 5	Paradas de sucessos- São Paulo	Nº 522, p. 45, 19/09/1959
<i>Prece à chuva</i>	5ª posição, entre os 5	Paradas de sucessos- São Paulo	Nº 525, p. 29, 10/10/1959
<i>Prece à chuva</i>	2ª posição, entre os 5	Discos mais vendidos em Porto Alegre, por	Nº 529, p. 44, 07/11/1959

¹¹² Antes o nome da coluna era *Os mais vendidos* em cada cidade, Rio ou São Paulo, agora são as *PARADAS DE SUCESSOS*, com menção para as mesmas cidades e o acréscimo de outras canções na revista *Vamos Cantar*.

¹¹³ Tiram o nome da cidade de Porto Alegre, mesmo falando das vendas na cidade.

		Demóstenes Gonzalez ¹¹⁴	
<i>Canção do desejo</i> , Jair Amorim / Georges Moran (Copacabana)	3ª posição, entre as 5	Paradas de sucessos-São Paulo	Nº 555, p. 18, 07/05/1960
<i>Ironia</i> , Adelino Moreira (Copacabana)	4ª posição, entre as 5	Paradas de sucessos-São Paulo	Nº 558, p. 49, 28/05/1960
<i>Ironia</i>	4ª posição, entre as 5	Paradas de sucessos-São Paulo	Nº 559, p. 49, 04/06/1960
<i>Ironia</i>	4ª posição, entre as 5	Paradas de sucessos em São Paulo ¹¹⁵	Nº 560, p. 37, 11/06/1960
<i>Ironia</i>	4ª posição, entre as 5	Paradas de sucessos em São Paulo	Nº 561, p. 37, 18/06/1960
<i>Outro amor por (para) toda vida</i> , Fernando César / Baden Powell (Copacabana) ¹¹⁶	5ª posição, entre as 5	Parada de sucessos em São Paulo	Nº 568, p. 29, 06/08/1960
<i>Noite chuvosa</i> , João Leal Brito “Britinho” / Fernando César (Copacabana)	4ª posição, entre as 5	Parada de sucessos em São Paulo	Nº 571, p. 39, 27/08/1960
<i>La violeteira</i> , José Padilla / Eduardo Montesinos (Copacabana)	5ª posição, entre as 10	Parada de sucessos ¹¹⁷	Nº 575, p. 43, 24/09/1960
<i>La violeteira</i>	9ª posição, entre as 10	Parada de sucessos	Nº 578, p. 36, 15/10/1960
<i>La violeteira</i>	10ª posição, entre as 10	Parada de sucessos	Nº 579, p. 40, 22/10/1960
<i>La violeteira</i>	10ª posição, entre as 10	Parada de sucessos	Nº 580, p. 29, 29/10/1960
<i>Quando a noite vem</i> , Mirabeau / Waldir Rocha (Continental)	2ª posição, entre os 06 mencionados	SÃO PAULO NÃO PODE PARAR! Por Mário Júlio, subseção Discos	Nº 591, p. 43, 14/01/1961

¹¹⁴ Reaparece o nome da cidade de Porto Alegre na coluna.

¹¹⁵ Inclusão do “em”, como termo de ligação na coluna.

¹¹⁶ O título correto da canção é *Outro amor para toda vida*, erro da RR;

¹¹⁷ Desaparece a menção entre São Paulo ou Rio, justificando essa “inovação” para as canções mais tocadas nas rádios e os discos mais vendidos nas principais capitais do país, como Rio, São Paulo, Belo Horizonte, Recife, Curitiba, Salvador e *Pôrto* Alegre. O número de canções que eram cinco por cidade, agora são dez, pelo todo, além de ficar no singular, como *Parada de sucessos*.

<i>Dom Quixote</i> (Don Quijote) (Augusto Algeró / A. Garcia Segura / Vrs. Nazareno de Brito) (Continental)	Menção de boas vendas, sem lista de posição	SÃO PAULO NÃO PODE PARAR! Por Mário Júlio, subseção <i>Discos</i>	Nº 592, p. 47, 21/01/1961
<i>A lua é dos namorados</i> , Armando Cavalcanti / Klécio Caldas / Brasinha (Continental) ¹¹⁸	5ª posição, entre as 10	Parada de sucessos	Nº 598, p. 38, 04/03/1961
<i>Pepe</i> Daniel Lemaitre / Vrs. A. Santana (Continental)	8ª posição, entre as 10	Parada de sucessos	Nº 604, p. 24, 15/04/1961
<i>Pepe</i> <i>Pepe e Dom Quixote</i>	5ª posição, entre as 10 Menção para os mais queridos do público	Parada de sucessos SÃO PAULO NÃO PODE PARAR! Por Mário Júlio, subseção <i>Discos</i>	Nº 605, pp. 2-46, 22/04/1961
<i>Pepe</i>	6ª posição, entre as 10	Parada de sucessos	Nº 606, p. 22, 29/04/1961
<i>A noiva</i> <i>Pepe</i>	6ª posição, entre as 10 8ª posição, entre as 10	Parada de sucessos	Nº 608, p. 34, 13/05/1961
<i>A noiva</i> <i>A noiva</i>	1º lugar para as paradas de sucessos, sem citar outros discos 4ª posição, entre as 10	SÃO PAULO NÃO PODE PARAR! Por Mário Júlio, subseção <i>Discos</i> Parada de sucessos	Nº 610, pp. 42-43, 27/05/1961
<i>A noiva</i>	4ª posição, entre as 10	Parada de sucessos	Nº 611, p. 45, 03/06/1961
<i>A noiva</i>	Reafirmando o 1º lugar para as	SÃO PAULO NÃO PODE PARAR! Por	Nº 612, pp. 29; 42, 10/06/1961

¹¹⁸ Ângela mudou de gravadora, antes de concretizado o contrato, foi uma das menções na coluna *Discos*, a quase saída de Ângela da Copacabana Discos, para a gravadora Continental (Nº 568, p. 29, 06/08/1960). Posteriormente, a confirmação da assinatura do contrato com a Continental, e um coquetel oferecido à Ângela pelos diretores da marca três sininhos (símbolo da gravadora), por menção da mesma coluna (Nº 585, p. 38, 03/12/1960).

	paradas de sucessos, sem citar outros discos	Mário Júlio, subseção <i>Discos</i>	
<i>A noiva</i>	1ª posição, entre as 10	Parada de sucessos	
<i>A noiva</i>	1ª posição, entre as 10	Parada de sucessos	Nº 613, p. 21, 17/06/1961
<i>A noiva</i>	1ª posição, entre as 10	Parada de sucessos	Nº 614, p. 28, 24/06/1961
<i>A noiva</i>	1ª posição, entre as 10	Parada de sucessos	Nº 615, p. 43, 01/07/1961
<i>A noiva</i>	2ª posição, entre as 10	Parada de sucessos	Nº 616, p. 40, 08/07/1961
<i>A noiva</i>	2ª posição, entre as 10	Parada de sucessos	Nº 617, p. 36, 15/07/1961
<i>A noiva</i>	5ª posição, entre as 10	Parada de sucessos	Nº 618, p. 41, 22/07/1961
<i>A noiva</i>	8ª posição, entre as 10	Parada de sucessos	Nº 619, p. 24, 29/07/1961
<i>Borrasca</i> , Adelino Moreira (Continental)	5ª posição, entre as 10	Parada de sucessos	Nº 625, p. 21, 09/09/1961
<i>Borrasca</i>	9ª posição, entre as 10	Parada de sucessos	Nº 626, p. 21, 16/09/1961
<i>Borrasca</i>	7ª posição, entre as 10	Parada de sucessos	Nº 627, p. 32, 23/09/1961
<i>Borrasca</i>	4ª posição, entre as 10	Parada de sucessos	Nº 628, p. 25, 30/09/1961
<i>Borrasca</i>	9ª posição, entre as 10	Parada de sucessos	Nº 629, p. 25, 07/10/1961
<i>Borrasca</i>	10ª posição, entre as 10	Parada de sucessos	Nº 630, p. 25, 14/10/1961
<i>Serenata</i> ¹¹⁹ , Adpt. René Bittencourt / Schubert (Continental)	5ª posição, entre as 10	Parada de sucessos	Nº 631, p. 20, 21/10/1961
<i>Serenata</i>	5ª posição, entre as 10	Parada de sucessos	Nº 632, p. 21, 28/10/1961
<i>Serenata</i>	10ª posição, entre as 10	Parada de sucessos	Nº 633, p. 21, 04/11/1961
<i>Serenata</i>	6ª posição, entre as 10	Parada de sucessos	Nº 634, p. 21, 11/11/1961
<i>Serenata</i>	9ª posição, entre as 10	Parada de sucessos	Nº 635, p. 29, 18/11/1961

¹¹⁹ O buscador não reconheceu essa notificação, desconfiamos dessa quebra de numeração, depois de tantas notificações recorrentes.

<i>Serenata</i>	9ª posição, entre as 10	Parada de sucessos	Nº 645, p. 25, 27/01/1962
<i>Serenata</i>	9ª posição, entre as 10	Parada de sucessos	Nº 646, p. 25, 03/02/1962
<i>Serenata</i>	6ª posição, entre as 10	Parada de sucessos	Nº 647, p. 21, 10/02/1962
<i>Não me pergunes</i> , Adelino Moreira (RCA VICTOR)	5ª posição, entre as 10	Parada de sucessos	Nº 648, p. 32, 17/02/1962
<i>Não me pergunes</i>	3ª posição, entre as 10	Parada de sucessos	Nº 649, p. 25, 24/02/1962
<i>Não me pergunes</i>	9ª posição, entre as 10	Parada de sucessos	Nº 650, p. 22, 03/03/1962
<i>Não me pergunes</i>	9ª posição, entre as 10	Parada de sucessos	Nº 651, p. 25, 10/03/1962
<i>Não me pergunes</i>	7ª posição, entre as 10	Parada de sucessos	Nº 653, p. 40, 24/03/1962
<i>Não me pergunes</i>	6ª posição, entre as 10	Parada de sucessos	Nº 655, p. 29, 07/04/1962
<i>Não me pergunes</i>	9ª posição, entre as 10	Parada de sucessos	Nº 656, p. 25, 14/04/1962
<i>Garota solitária</i> , Adelino Moreira (RCA VICTOR)	4ª posição, entre as 10	Parada de sucessos	Nº 657, p. 21, 21/04/1962
<i>Garota solitária</i>	3ª posição, entre as 10	Parada de sucessos	Nº 658, p. 24, 28/04/1962
<i>Garota solitária</i>	5ª posição, entre as 10	Parada de sucessos	Nº 659, p. 28, 05/05/1962
<i>Garota solitária</i>	3ª posição, entre as 10	Parada de sucessos	Nº 660, p. 21, 12/05/1962
<i>Garota solitária</i>	6ª posição, entre as 10	Parada de sucessos	Nº 661, pp. 21;37, 19/05/1962
<i>Incomparável</i> de Ângela Maria	Menção para três discos bem vendidos da RCA em 33 RPM, o primeiro deles para <i>Incomparável</i> de Ângela Maria	SÃO PAULO NÃO PODE PARAR! Por Mário Júlio, subseção <i>Discos</i>	
<i>Garota solitária</i>	6ª posição, entre as 10	Parada de sucessos	Nº 662, p. 21, 26/05/1962
<i>Serenata do assobiador</i> , Auf Engel Schiebt Man Nicht) (Martin Böttcher / Miguel Gustavo (RCA VICTOR)	8ª posição, entre as 10	Parada de sucessos	

<i>Garota solitária</i>	1ª posição, entre as 10	Parada de sucessos	Nº 663, p. 21, 02/06/1962
<i>Serenata do assobiador</i>	7ª posição, entre as 10	Parada de sucessos	
<i>Garota solitária</i>	4ª posição, entre as 10	Parada de sucessos	Nº 667, p. 21, 30/06/1962
<i>Serenata do assobiador</i>	10ª posição, entre as 10	Parada de sucessos	
<i>Garota solitária</i>	9ª posição, entre as 10	Parada de sucessos	Nº 668, p. 43, 07/07/1962
<i>Garota solitária</i>	9ª posição, entre as 10	Parada de sucessos	Nº 669, p. 21, 14/07/1962
<i>Meu ex-amor</i> , Adelino Moreira (RCA VICTOR)	2ª posição, entre as 10	Parada de sucessos	Nº 670, p. 21, 21/07/1962
<i>Meu ex-amor</i>	2ª posição, entre as 10	Parada de sucessos	Nº 671, p. 29, 28/07/1962
<i>O arlequim de Toledo</i> (L'Arlequin de Tolède) (Hubert Giraud / Jean Drejac / Vrs. Fernando Barreto) (VICTOR) ¹²⁰	4ª posição, entre as 10	Parada de sucessos	Nº 680, p. 33, 29/09/1962
<i>O arlequim de Toledo</i>	6ª posição, entre as 10	Parada de sucessos	Nº 681, p. 35, 06/10/1962
	Menção para o novo sucesso da cantora, com <i>O arlequim de Toledo</i> Em 4º lugar, entre os 05, <i>ÂNGELA MARIA CANTA PARA O MUNDO</i> (RCA VICTOR)	Discos em <i>tôdas</i> as rotações LPs mais procurados	Nº 682, p. p. 46, 13/10/1962

¹²⁰ Retiram o RCA da sigla da gravadora.

<i>Beijo Roubado</i> , Adelino Moreira (RCA VICTOR) ¹²¹	4ª posição, entre as 10	Parada de sucessos	Nº 684, p. 43, 27/10/1962
<i>Beijo Roubado</i>	6ª posição, entre as 10	Parada de sucessos	Nº 685, p. 25, 03/11/1962
<i>Beijo Roubado</i>	6ª posição, entre as 10	Parada de sucessos	Nº 686, p. 47, 10/11/1962
<i>O arlequim de Toledo</i>	6ª posição, entre as 10	Parada de sucessos	Nº 687, p. 21, 17/11/1962
<i>Beijo Roubado</i> ¹²²	3ª posição, entre as 10	Parada de sucessos	Nº 688, p. 25, 24/11/1962
<i>A lua é camarada</i> , Armando Cavalcanti / Klécius Caldas (RCA VICTOR) ¹²³	5ª posição, entre as 10	Parada de sucessos	Nº 689, p. 21, 01/12/1962
<i>Beijo Roubado</i>	6ª posição, entre as 10	Parada de sucessos	
<i>Beijo Roubado</i>	6ª posição, entre as 10	Parada de sucessos	Nº 690, p. 41, 08/12/1962
<i>Beijo Roubado</i>	9ª posição, entre as 10	Parada de sucessos	Nº 691, p. 25, 15/12/1962
	5º lugar para <i>Ângela Maria Canta Para o Mundo</i> (RCA Victor)	LPs mais procurados	Nº 692, p. 45, 22/12/1962
<i>Aprendiz de feiticeiro</i> , Haroldo Lobo / Milton de Oliveira	2ª posição, entre as 10	Parada de sucessos (músicas de Carnaval)	Nº 700, p. 24, 16/02/1963
<i>A lua é camarada</i> ¹²⁴	8ª posição, entre as 10	Parada de sucessos (músicas de Carnaval)	
<i>Aprendiz de feiticeiro</i>	4ª posição, entre as 10	Parada de sucessos (músicas de Carnaval)	Nº 701, p. 29, 23/02/1963

¹²¹ Eles não citam gravadora, porém pesquisamos no IMMUB e acrescentamos.

¹²² O buscador da Hemeroteca não reconheceu essa notificação.

¹²³ Eles não citam gravadora, porém pesquisamos no IMMUB e acrescentamos.

¹²⁴ Eles não citam gravadora, mas pesquisamos no IMMUB e acrescentamos.

<i>Aprendiz de feiticeiro</i>	4ª posição, entre as 10	Parada de sucessos (músicas de Carnaval)	Nº 704, p. 27, 16/03/1963
<i>A lua é camarada</i>	3ª posição, entre as 10	Parada de sucessos (músicas de Carnaval)	Nº 706, p. 45, 30/03/1963
<i>Aprendiz de feiticeiro</i>	8ª posição, entre as 10		
<i>Eu te amo</i> , Adelino Moreira / Nelson Gonçalves (RCA VICTOR)	3ª posição, entre as 10	Parada de sucessos	Nº 707, p. 25, 06/04/1963
<i>Ave Maria dos namorados</i> , Jair Amorim/Evaldo Gouveia ¹²⁵	5ª posição, entre as 10 8ª posição, entre as 10	Parada de sucessos	Nº 708, p. 29, 13/04/1963
<i>Eu te amo</i>			
<i>Ave Maria dos namorados</i>	8ª posição, entre as 10	Parada de sucessos	Nº 709, pp. 21; 46, 20/04/1963
<i>Eu te amo</i>	9ª posição, entre as 10	Parada de sucessos	
	3º lugar, entre os 5, para <i>ÂNGELA MARIA EM 16 SELEÇÕES DE SUCESSO</i> (Copacabana-Som)	LPS MAIS PROCURADOS	
<i>Eu te amo</i>	7ª posição, entre as 10	Parada de sucessos	Nº 710, p. 29, 27/04/1963
<i>Eu te amo</i>	7ª posição, entre as 10	Parada de sucessos	Nº 711, p. 29, 04/05/1963
<i>Falhaste coração</i> , (<i>Fallaste Corazón</i>) (Cuco Sanchez/Vrs. Luis Carlos Gouveia)	7ª posição, entre as 10	Parada de sucessos ¹²⁶	Nº 830, p. 41, 14/08/1965

¹²⁵ Não encontramos menção para essa canção na citada no repertório de Ângela, no IMMUB, no entanto como ela está citada nas *Paradas de sucessos* da RR, a buscamos através da referência da canção.

¹²⁶ Depois de mencionar as canções para execuções nas rádios e venda de discos em várias capitais, a coluna volta as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, sem separação.

<i>Falhaste coração</i>	9º entre as 10 músicas	Parada de sucessos	Nº 831, p. 37, 21/08/1965
<i>Falhaste coração</i> ¹²⁷	9º entre as 10 músicas	Parada de sucessos	Nº 832, p. 37, 28/08/1965
<i>Falhaste coração</i>	9º entre as 10 músicas	Parada de sucessos	Nº 833, pp. 30; 42, 04/09/1965
<i>Boneca</i> (Copacabana)	2º entre os 05 discos	LPS MAIS PROCURADOS	
<i>Boneca</i>	2º entre os 05 discos	LPS MAIS PROCURADOS	Nº 834, p. 46, 11/09/1965
<i>Falhaste coração</i>	6º entre as 10 músicas	Parada de sucessos	Nº 836, p. 43, 25/09/1965

Fonte: Pesquisa Direta, Revista do Rádio (1954-1965)

ANEXO 2-

Tabela 3- Repertório e/ou voz com menção para Ângela, em *Meus cinco favoritos*, na coluna *Discos*:

MENCIONADA (O) POR/ PROFISSÃO:	INTÉRPRETE SOZINHA OU AO LADO DE:	CANÇÃO E POSIÇÃO ENTRE AS CINCO:	NÚMERO/PÁGINA/DATA
Raul Moreno, cantor da Todamérica, vencedor do carnaval com <i>A fonte secou</i>	Única voz feminina entre as mulheres	Sem menção para Ângela	Nº 249, p. 25, 19/06/1954
Olivinha Carvalho, sem menção para qualquer atividade profissional e/ou gravadora;	Nelson Gonçalves, Ângela e Amália Rodrigues	<i>Não tenho você</i> , 4º colocada	Nº 265, p. 27, 09/10/1954
Caubi Peixoto, cantor, sem menção para emissoras e/ou gravadoras ¹²⁸	Sem menção para Ângela	<i>Recusa</i> , 4º colocada	Nº 274, p. 41, 11/12/1954
Heleninha Costa, cantora da Rádio Nacional e da gravadora Copacabana	Sem menção para Ângela	<i>Recusa</i> , 3º colocada	Nº 276, p. 15, 25/12/1954
Adelino Moreira, compositor	Nelson Gonçalves e Ângela Maria	Sem menção para Ângela	Nº 281, p. 15, 29/01/1955
Lourival Faissal, compositor e sonoplasta da Rádio Nacional	Sem menção para Ângela	<i>Estava Escrito</i> , 4º colocada	Nº 282, p. 14, 05/02/1955

¹²⁷ O buscador da Hemeroteca não reconheceu essa notificação.

¹²⁸ A escrita do nome do cantor nesse momento era Caubi.

Vítor Bacelar, cantor da gravadora Todamérica	Ângela e Sílvio Caldas	Sem menção para Ângela	Nº 284, p. 32, 19/02/1955
Ivan Alencar, cantor da Colúmbia e da Rádio Record	Ângela, Nora Ney e Nelson Gonçalves	<i>Joá</i> , 5ª colocada	Nº 287, p. 31, 12/03/1955
Renato de Oliveira, diretor artístico da Colúmbia do Brasil	Ângela Maria, Dircinha Costa e Sílvio Caldas	Sem menção para Ângela	Nº 288, p. 29, 19/03/1955
Nazareno de Brito, compositor	Ângela e Sílvio Caldas	<i>Eterno Amargor</i> , 3ª e <i>Escuta</i> em 5ª colocadas	Nº 289, p. 25, 26/03/1955
Othon Russo, compositor	Sem menção para Ângela	<i>Orgulho</i> , 3ª colocada	Nº 293, p. 25, 23/04/1955
Olivinha de Carvalho, cantora da Rádio Nacional e da gravadora Copacabana ¹²⁹	Ângela, Amália Rodrigues, Raul Mota e Nelson Gonçalves	<i>Escuta</i> , 3ª colocada	Nº 295, p. 39, 07/05/1955
Antônio Sergi (Totó), maestro da Rádio Gazeta	Sílvio Caldas, Ângela e Juanita Cavalcanti	Sem menção para Ângela	Nº 296, p. 38, 14/05/1955
Noélia Noel, cantora argentina, da gravadora na Copacabana	Sem menção para Ângela	<i>Orgulho</i> , 2ª colocada	Nº 297, p. 24, 21/05/1955
Ismael Neto, compositor	Heleninha Costa, Dolores Duran, Ângela e Neuza Maria	Sem menção para Ângela	Nº 298, p. 14, 28/05/1955
Orlando Ribeiro, cantor da Rádio Bandeirantes	Sílvio Caldas, Lúcio Alves, Leny Eversong e Ângela	Sem menção para Ângela	Nº 303, p. 37, 02/07/1955
Fausto Guimarães, da Rádio Mauá	Marlene, Lucho Gatica e Ângela	<i>Vida de Bailarina</i> , 2ª colocada	Nº 304, p. 15, 09/07/1955
Dilu Melo, cantora da Mayrink Veiga	Sílvio Caldas, Dorival Caymmi, Carlos Galhardo, Alcides Gerardi, Dircinha Batista, Ângela e Dolores Duran	Sem menção para Ângela	Nº 306, p. 29, 23/07/1955
João Uchoa, cantor da Rádio Tupi	Francisco Alves, Sílvio Caldas,	<i>Lábios de Mel</i> , 5ª colocada	Nº 309, p. 25, 13/08/1955

¹²⁹Apesar da ausência do “de” entre nome e sobrenome, acreditamos ser a segunda participação dela na coluna.

	Nelson Gonçalves, Orlando Silva e Ângela		
Roberto Amaral, cantor da Rádio Record e gravadora Odeon	Ângela, Sílvio Caldas e Neide Fraga	<i>Escuta,</i> colocada	5 ^a N° 312, p. 25, 03/09/1955
Carminha Mascarenhas, cantora da Copacabana Discos e da Rádio Nacional	Isaurinha, Dircinha, Sílvio Caldas, Ângela, Nora Nei (escrito dessa maneira) e Nelson Gonçalves	<i>Abandono,</i> colocada	5 ^a N° 324, p. 25, 26/11/1955
Newton Pinheiro, crítico da Revista do Disco	Ângela, Sílvio Caldas e Jane Froman	<i>Terra Seca,</i> colocada	1 ^a N° 328, p. 25, 24/12/1955
João Dias, cantor da gravadora Copacabana Discos	Sem menção para Ângela	<i>Escuta,</i> colocada	4 ^a N° 329, p. 25, 31/12/1955
Laércio Alves, programador e locutor da Rádio Guanabara	Sílvio Caldas e Ângela Maria	<i>Adeus, Querido,</i> 4 ^a colocada	N° 330, p. 25, 07/01/1956
Herivelto Martins ¹³⁰	Sem menção para Ângela	<i>Serenata à Virgem Maria,</i> Ângela Maria com João Dias, 2 ^a colocada	N° 334, p. 29, 04/02/1956
Walter Levita ¹³¹	Dolores Duran e Ângela	Sem menção para Ângela	N° 337, p. 15, 25/02/1956
Oswaldo Santos, compositor	Carlos Galhardo, Sílvio Caldas, Ângela e Araci de Almeida.	Sem menção para Ângela	N° 338, p. 25, 03/03/1956
Carlos Roberto, cantor	Nelson Gonçalves e Ângela	<i>Não tenho você,</i> 5 ^a colocada	N° 340, p. 25, 17/03/1956
Idalla Barros, radioatriz da Mayrink	Elizeth Cardoso, Dircinha Batista e Ângela	<i>Não tenho você,</i> 3 ^a colocada	N° 342, p. 25, 31/03/1956
Julinha Silva, cantora da Todamérica	Sem menção para Ângela	<i>Abandono,</i> colocada	5 ^a N° 343, p. 31, 07/04/1956
Paulo Tito, cantor da gravadora Sínter	Sílvio Caldas e Ângela	<i>Abandono,</i> colocada	3 ^a N° 344, p. 25, 14/04/1956
Virgínia de Moraes, locutora da TV Record	Sílvio Caldas, Roberto Luna, Ângela e Leny Eversong	<i>Abandono,</i> colocada	1 ^a N° 345, p. 25, 21/04/1956

¹³⁰ Cantor e compositor, sem menção às suas atuações profissionais.

¹³¹ Cantor e compositor, sem menção às suas atuações profissionais.

Jair Alves, cantor da gravadora RCA Victor	Nelson Gonçalves, Sílvio Caldas, Ângela, Lúcio Alves, Luiz Gonzaga	Sem menção para Ângela	Nº 34, p. 25, 28/04/1956
--	--	------------------------	--------------------------

Fonte: Pesquisa Direta, Revista do Rádio (1954-1956)

ANEXOS 3 e 4

Figuras 46 e 47- Capturas de tela de uma conversa com Rodrigo Giglio, moderador da página *Ângela Maria Oficial* no Facebook, confirmando a continuidade da tela na casa da cantora, desde os anos 1950, até sua morte, em 2018.



Fonte: Pesquisa Direta, Facebook (2022).



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br
Site: www.pucrs.br